

LUIZ ALBERTO SCIAMARELLA SANT'ANNA

A HISTÓRIA DO MENTAL DE LUCIEN FEBVRE: UMA COMPLEXIDADE REFLEXIVA

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História (Área de conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Prof.º Dr. Milton Carlos Costa

ASSIS  
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S231h Sant'Anna, Luiz Alberto Sciamarella  
A história do mental de Lucien Febvre : uma complexidade reflexiva / Luiz Alberto Sciamarella Sant'Anna.  
Assis, 2008.  
179 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. História social. 2. Complexidade (Filosofia).
3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Título.

**DD 901**

Dedico este trabalho a todos aqueles que escreveram uma tese de doutorado e sofreram as conseqüências de um incêndio criminoso no Departamento de Pós- graduação da UFPE, na cidade de Recife, provocado por grupos neonazistas. Estes grupos promoveram um pesadelo kafkaniano a todos os pós-graduandos que necessitaram de documentação comprobatória para apresentarem em outras universidades.

## AGRADECIMENTOS

Para me acompanhar nessa jornada, tive o privilégio de conviver com pessoas que me motivaram como meu orientador, professor Milton e a professora Rosa Godoy, que me apoiaram, incentivaram, inspiraram. Ele, com sua precisão e atenção aos detalhes, sempre chamou minha atenção para o que precisava ser feito, estudado, escrito e principalmente, compreendido. Ela, com a paciência respeitosa na árdua tarefa de orientar. Sem sua ajuda preciosa seria impossível concluir o trabalho.

Aos amigos, professor Odilon Pinto, pela disponibilidade, carinho e atenção dispensada, e também ao secretário Auro, da Biblioteca da UNESP/Campus de Assis, por sua preciosa ajuda e colaboração na localização e aquisição de artigos sobre (e de) Lucien Febvre.

Não posso deixar de agradecer aos novos amigos da pós-graduação, que além de me atenderem com muito carinho, sempre tiveram paciência para ouvir minhas queixas e dúvidas, darem sugestões e me acompanharem para um *chopp* quando as idéias não fluíam. Agradeço ao meu amigo e filho, Pedro, que soube compreender minha ausência e, mesmo sem entender muito do que se passa durante a elaboração de uma tese, sempre me apoiou.

## RESUMO

Esta tese aborda os engendramentos metodológicos e as noções elaboradas pelo historiador Lucien Febvre. A partir de seus artigos, aferiu-se o processo de construção do conhecimento histórico e as bases de todo seu trabalho historiográfico, inspirador de uma corrente de idéias no campo de estudo ligado à história do mental. Este estudo é provido de aquisições de outras áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia e a lingüística, a fim de conjugar o individual e o coletivo, reunindo, em uma mesma história, categorias de comportamentos muito diferentes. Em virtude da natureza do objeto, atenta-se para a complexidade reflexiva sobre as “alterações e mutações” no campo das idéias em determinada época, no qual a noção de *mentalidades* e os estudos sobre a história da sensibilidade tem papel relevante.

**PALAVRAS CHAVES:** MENTALIDADES, SENSIBILIDADES, MENTAL, PSICO-HISTÓRIA, HISTÓRIA INTELLECTUAL.

## ABSTRACT

This thesis shows a study about the methodological connections and notions built by the historian Lucien Febvre. Based on his articles, we analysed the process of elaboration of the historical knowledge and the basis of all his historiographic work, which inspires a tendency of ideas in the studies in this area, linked to a mental history.

This research has acquisitions of other areas of knowledge, like: psychology, anthropology, sociology and linguistics, with a proposal of joint the individual and the collective, and meet, in the same history categories of behaviors very different. Considering the nature of this object, we emphasize the reflexive complexity of this research about the “changing and mutations”, in this field in a specific period, which the notion of mentalities and the studies about history of Sensibility has a relevant position.

**KEY WORDS:** MENTALITIES, SENSIBILITIES, MENTAL, PSICO-HISTORY, INTELLECTUAL HISTORY.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO .....	9
Os questionamentos .....	13
Noção de mentalidades .....	17
Recortes na obra de Febvre.....	18
CAPÍTULO I: O FAZER METODOLÓGICO DE FEBVRE: EM BUSCA DE UMA NOVA POSITIVIDADE NA HISTÓRIA.....	21
1.1    Um fazer historiográfico: a complexidade reflexiva .....	24
1.2    A historia intelectual: postura crítica do historiador.....	28
1.3    Estruturalismo: uma dimensão sincrônica de análise .....	30
1.4    Um novo campo de conhecimento: a psico-história .....	35
1.5    Relações inteligíveis entre dois domínios de investigação: o domínio objetivo da Natureza e o domínio subjetivo do Espírito.....	39
1.6    Fatos de Mentalidade: Uma análise psico-antropológica .....	43
CAPÍTULO II: UMA PROSPECÇÃO E INTROSPECÇÃO NO UNIVERSO MENTAL DE UMA ÉPOCA: O ESTUDO DE UM VOCÁBULO.....	54
2.1    Na historicidade de um vocábulo: a dinâmica de uma noção de civilização. 56	
2.2    O geográfico na noção de civilização .....	59
2.3    O homem enquanto elemento de atração e difusão de uma civilização. ....	60
2.4    As experiências sociais reveladas: uma análise psico-antropológica e psico- histórica do homem renascentista francês .....	62

2.5	A “história-problema” revela os universos mentais .....	65
2.6	A história das técnicas: contribuições para novos entendimentos .....	70
2.7	Os aprofundamentos analíticos sobre os empreendimentos intelectuais de uma civilização. ....	72
CAPÍTULO III: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA HISTÓRIA INTELECTUAL: UM PONTO DE PARTIDA CRÍTICO PARA O ESTUDO DAS MENTALIDADES ...80		
3.1	A crítica a Delaruelle: contra os esquemas classificatórios .....	81
3.2	A crítica a Droz: contra o determinismo e a ação apenas individual.....	87
3.3	A apreciação da obra de Franz Borkenau: uma referência para a construção de uma história intelectual .....	91
3.4	Um estudo sobre as utopias: uma dinâmica das idéias no meio social.....	97
CAPÍTULO IV: PSICO-HISTÓRIA CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COLETIVA .....		
		104
4.1	O esforço na aquisição e produção estética .....	123
4.2	O esforço em direção ao divino .....	128
CAPÍTULO V: SENSIBILIDADE: UM ESPAÇO DE ÚLTIMA ANÁLISE DO CAMPO DO CONHECIMENTO SOBRE O MENTAL.....		
		136
5.1	Questões metodológicas .....	138
5.2	A iconografia revela a sensibilidade religiosa .....	142
5.2.1	A reforma religiosa: uma análise da produção intelectual sobre o tema .....	154
5.2.2	Uma análise dos sentimentos: os estados de espírito nas décadas anteriores à Reforma .....	158
5.3	A Reforma e sua contribuição: uma concordância com as aspirações sociais ...	162
5.4	História e Teologia no estudo da Reforma: esboço de um estudo pioneiro .....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....		167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		175
FONTES .....		178

## INTRODUÇÃO

O objetivo central deste trabalho é recuperar, a partir dos escritos de Lucien Febvre, as bases de todo seu longo trabalho historiográfico, inspirador de uma corrente de idéias no campo de estudo ligadas à história do mental. O primeiro objetivo é apresentar o processo de elaboração do conhecimento histórico sobre o mental, desenvolvido por Febvre. O segundo objetivo é guiar-se pelos questionamentos feitos sobre a sua produção historiográfica, buscando respostas para muitas destas questões em seu próprio discurso historiográfico. Além disso, pretendemos levantar ausências e imprecisões apontadas pelos questionamentos aos conceitos e noções apresentados em sua obra. Dessa forma, procura-se atingir um domínio, cada vez mais adequado, do processo de produção do conhecimento histórico deste autor. Isso traz mais contribuições metodológicas, presentes em sua produção sobre a história do mental. Isso leva o autor a ser mencionado em muitos artigos, alguns deles presentes no livro *Para uma História Cultural*, sobre a direção de Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli<sup>1</sup>.

Com esses propósitos, procura-se cumprir, primeiramente, as exigências de originalidade, supostas para um estudo em nível de doutorado. O objetivo complementar é destacar novas noções e novos campos de conhecimento contidos na obra de Febvre, ainda que elaborados de forma embrionária e tão presentes em nossos dias.

A história das mentalidades constituiu-se em um campo de pesquisa vasto dentro da pesquisa histórica. Não sendo objeto de definição e codificação rigorosas, esse domínio historiográfico se apresentou de modo fluído e possibilitou sua elaboração sob diversas abordagens e por diversos autores. Isso pode ter concorrido para lhe assegurar o êxito, em inúmeras práticas e versões. Por um lado, foi-lhe assegurada certa unidade, enquanto campo de conhecimento sobre determinados aspectos da sociedade. Por outro, observa-se que alternativas teórico-metodológicas diversas levam a respostas diferentes sobre um mesmo aspecto das sociedades<sup>2</sup>.

Por isso, o conceito de mentalidades exige a delimitação de territórios e a especificação de certas áreas deste conhecimento, uma vez que o âmbito de mentalidades

---

<sup>1</sup> RIOUX; SIRINELLI (orgs). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

<sup>2</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.526.

se constituiu num imenso continente, plasmado pela atividade mental dos homens, em suas vivências, na materialidade e no trato social. Portanto, impõe-se uma breve retomada da própria história do conceito de “mentalidades” na escola dos *Annales*.

Este campo de conhecimento teórico-metodológico das mentalidades foi antecedido pelos trabalhos pioneiros de Michelet<sup>3</sup> e Georges Lefèbvre<sup>4</sup>, na França; e, fora de lá, pelo historiador Johan Huzinga<sup>5</sup> e pelo sociólogo e historiador alemão Norbert Elias<sup>6</sup>. A unidade desse tema se deve ao fato de tais estudos estarem voltados para “os modos de sentir e de pensar” dos homens em sociedade. Entretanto, os objetos eleitos para esse tipo de prospecção diferem, ocasionando diferenças nos direcionamentos teórico-metodológicos. A história das mentalidades, no quadro da historiografia dos *Annales*, inclui diferentes momentos teórico-metodológicos, embora haja certo grau de continuidade nas concepções teóricas, a exemplo de Febvre e de Georges Duby.

Imprecisões e ambigüidades, no léxico e nos conceitos, marcam a história das mentalidades. O termo mentalidades foi, no começo do século XX, objeto de duplo uso. Em sua origem, na linguagem comum, qualifica comportamentos, sistemas de atitudes coletivas, “formas de espírito”, que evocam bem, segundo André Burguière, a *Weltanschauung*<sup>7</sup> alemã. O outro uso faz parte do vocabulário científico, dos estudos etnológicos de Lévi-Bruhl, dos tratados de psicologia sobre comportamentos emocionais e “pré-lógicos”, de Charles Blondel, e está presente nos artigos de H. Wallon. O termo

---

<sup>3</sup> Jules Michelet (1789-1874), historiador francês, autor de *La sorcière*, de 1862.

<sup>4</sup> Georges Lefebvre (1874-1959) foi um historiador francês, especialista na Revolução francesa, professor da Sorbonne. Em 1928, foi nomeado para a Universidade de Estrasburgo, se relacionava com Febvre e Bloch. Publicou a obra *La Grande Peur de 1789*, em 1933.

<sup>5</sup> Johann Huizinga (1872-1945) foi um professor e historiador holandês, conhecido por seus trabalhos sobre a Baixa Idade Média, a Reforma e o Renascimento. Sua obra clássica, e mais conhecida, foi traduzida como *O outono da Idade Média*, pela editora Erasmus em 1924, edição brasileira. Ver: HUIZINGA, J. *O Outono da Idade média*. Editora Erasmus, 1924.

<sup>6</sup> Norbert Elias (1897 -1990), sociólogo alemão, cuja obra mais importante foram os dois volumes de *O processo civilizatório*, (*Über den Prozess der Zivilisation*), originalmente publicado em 1939. Foi virtualmente ignorado até sua republicação em 1969, quando o primeiro volume foi traduzido para o inglês. Ver: ELIAS, N. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.

<sup>7</sup> - *Weltanschauung* (*Welt*, "mundo", e *anschauen*, "observar") é uma palavra de origem alemã que significa, literalmente, *visão de mundo* ou *cosmovisão*. Ela é adotada regularmente em diversas línguas com este significado. Pode ser usada para descrever a maneira como uma pessoa enxerga o mundo, a imagem que ela faz da vida e dos homens. Outro sentido no qual, é empregada é o de uma imagem do mundo que lhe é imposta, ou seja, uma ideologia. Suas origens etimológicas remetem ao século XVIII.

*mentalidades* caiu rapidamente em desuso no vocabulário científico, no final da primeira metade do século XX. Mas não deixa de traduzir uma tendência para abordagens antropológicas. Em seguida, foi reabilitado pelos historiadores Marc Bloch, G. Lefévre e, sobretudo, Lucien Febvre. O termo *mentalité* é usado para exprimir algo próximo de uma psicologia coletiva, sendo de difícil tradução em outras línguas, o que acarretou confusões quanto ao seu sentido. Trata-se de uma fórmula tipicamente francesa de pensar as questões. Segundo Roger Chartier<sup>8</sup>, tal fato demonstra a importância das reflexões psicológicas para a compreensão das grandes transformações históricas.

Na história das mentalidades, no âmbito da Escola dos Annales, certos referenciais teóricos foram mantidos durante sua trajetória no século XX. Entretanto, outros referenciais foram abandonados, como a concepção de síntese, norteadora dos estudos sobre as mentalidades de uma época e da própria História. A história das mentalidades apresentava transformações nítidas a partir dos anos 60. Desde então, a historiografia francesa não escolhe como objeto nem as idéias e nem os fundamentos sócio-econômicos das sociedades como referências básicas para os estudos sobre o mental. Ela, a historiografia, passaria a ser mais exercida que teorizada, segundo o próprio Chartier.

Dos anos 60 em diante, um novo campo de pesquisa se impôs. A mentalidade de uma época passou a ser definida, de acordo com Le Goff, como: “A mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem em comum com outros homens do seu tempo”<sup>9</sup>. Portanto, o nível da mentalidade é o do cotidiano e o do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história, porque revela o conteúdo impessoal do seu pensamento<sup>10</sup>. Tem-se uma história das mentalidades, segundo Roger Chartier:

(...) mais preocupada em sondar as manifestações dos condicionamentos não conscientes e interiorizados, que fazem com que um grupo ou uma

---

<sup>8</sup> CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, J. (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1995, p. 68-83.

<sup>10</sup> LE GOFF. Op. Cit., 1995, p. 71.

sociedade partilhe, sem que seja necessário explicá-lo, um sistema de representações e um sistema de valores.<sup>11</sup>

A história das mentalidades, assim pensada, utiliza novos referenciais teóricos, muito embora, grande parte deles seja proveniente das mesmas disciplinas (psicologia, antropologia, lingüística e sociologia) com os quais, no começo do século passado, Lucien Febvre arquitetou sua noção de mentalidades.

Essas disciplinas evoluíram em seus instrumentos de investigação e nos seus pressupostos teóricos. Ao reforçar seu espírito interdisciplinar, a disciplina História fez importantes aquisições teóricas, como o estruturalismo de Levi-Strauss, introduzido por Braudel na teoria histórica dos *Annales*, nos anos 50. O conceito braudeliano de *longa duração* levou a noção de mentalidades a ser concebida como estruturas de crenças e comportamentos, que mudam muito lentamente, tendendo, por vezes, à inércia e à estagnação.

Sob influência da tradição durkheimiana, o estudo das mentalidades, conforme Chartier, mudou a relação entre a consciência e o pensamento. Ou seja, os esquemas e os conteúdos de pensamento, embora anunciados sob o modo individual, são, de fato, condicionamentos não conscientes, interiorizados pela sociedade. Esses condicionamentos permitem que uma sociedade partilhe um sistema de representações e de valores. As categorias psicológicas, tais como os condicionamentos não conscientes e interiorizados, vividos por um grupo, ou uma sociedade, passaram a sobrepujar as categorias intelectuais, a exemplo das idéias, das construções conscientes de um espírito. Desse modo, promoveu-se um distanciamento entre a história das mentalidades, mais identificada com a psicologia histórica e a história intelectual (na primeira metade do século XX) e o desenvolvimento atual, iniciado nos anos 60, mais identificado com as categorias psicológicas vistas acima. Duas obras ilustram bem este deslocamento e o alargamento do campo coberto pela história das mentalidades: *L'enfance et la vie*

---

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit., 1988, p.41.

*familiale sous l'ancien regime*<sup>12</sup>, de Philippe Ariès, publicada em 1960, e *Magistrats et sorciers em France au XVII siècle*<sup>13</sup>, de Robert Mandrou, publicada em 1968.

## Os questionamentos

Não se pode diagnosticar mudanças teórico-metodológicas sem grandes percalços. Para compreendê-las é preciso

(...) invocar toda uma série de circunstâncias cujos efeitos parecem ter sido acumulativos. As primeiras realçam o espírito do tempo. Com o fim das guerras coloniais e as desventuras da descolonização, com a crise do marxismo também, uma dúvida se instala e começa a corroer as antigas certezas sobre o sentido da história. O passado passa a ser objeto de uma valorização nostálgica, que vem reforçar, ainda por volta da década de 1960, uma atenção inteiramente nova pelos modos de vida e pelas estruturas 'orgânicas' da vida social<sup>14</sup>.

As mudanças teórico-metodológicas pontuadas nos anos 60 delimitaram uma fase na história das mentalidades, dentro da Escola dos *Annales*, uma vez que não se pode encontrar uma unidade, no nível da pesquisa e da produção historiográfica. Portanto, os questionamentos dirigidos aos estudos sobre *mentalidades* não podem ser dirigidos a um suposto movimento único, englobando seus primórdios e seus desenvolvimentos atuais. Tais críticas globais, sem reconhecer diferentes momentos, exigem análises específicas. Um exemplo é a obra de Peter Burke<sup>15</sup>.

A noção de mentalidades, forjada e utilizada por Febvre no começo do século XX, antecede a Escola dos *Annales*, embora tenha atingido sua maturidade metodológica com

---

<sup>12</sup> ARIÈS, P. *L'enfance et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Plon, 1960.

<sup>13</sup> MANDROU, Robert. *Magistrats et sorciers en France au XVII<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Plon, 1968.

<sup>14</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.553.

<sup>15</sup> Peter Burke escreveu, em 2000, um livro intitulado *História e teoria social*, a partir de uma exposição sobre as dificuldades associadas ao conceito de "mentalidades coletivas", que poderiam ser evitadas por meio de uma análise, em termos de "ideologia". Portanto, uma abordagem constituída em bases marxistas, desenvolvida por Gramsci e pelos "sociólogos do conhecimento" alemães, no período entre guerras, à exemplo de Karl Mannheim e de Geuss e Thompson, no pós-guerra. Com a concepção distintiva no conceito de ideologia, que se chamou de "total", (que sugere uma associação entre um conjunto de crenças, ou visão do mundo, em determinado grupo ou classe social), entendeu-se que Bloch e Febvre estavam equivocados ao examinar a mentalidade do francês medieval, ou do século XVI, sem estabelecer diferenças sociais. Peter Burke não expôs em sua obra, sua opinião de forma contundente, dificultando uma avaliação precisa de sua postura. Ele não precisa nem mesmo as diferenças entre as obras dos dois autores em questão. Dá a entender que se trata de um estudo homogêneo.

ela. Diante dessa constatação, parte do primeiro capítulo deste estudo é reservada para uma prospecção dessas contribuições teóricas que alicerçaram o pensamento de Lucien Febvre.

As imprecisões quanto às noções arquitetadas por Febvre estão também presentes em obras de outros autores, como por exemplo, no *Dicionário das Ciências Históricas*, organizado por André Burguière. Nele, Jacques Revel pondera que a história das mentalidades não foi objeto de uma definição ou de uma codificação rigorosa. O mesmo enunciado, em outras palavras, pode ser extraído das produções dos historiadores Jacques Le Goff e Georges Duby. As críticas feitas à noção de *mentalidade* são severas e pertinentes, tanto da parte dos historiadores dos *Annales*, quanto de outras correntes historiográficas, como de Stuart Clark<sup>16</sup>, de Clifford Geertz<sup>17</sup> e daqueles que se baseiam em modelos como o de Hayden White<sup>18</sup>. Mas o conceito, tanto quanto as críticas, apresentam historicidade. Toda crítica parte de um referencial teórico, sendo passível de ser questionada e revista. O estudo sobre a história das mentalidades, apesar dos desgastes que a noção sofreu nas últimas décadas, não remete apenas a uma questão fechada, mas pode nos levar a refletir sobre diversas inquietações atuais.

As críticas à história das mentalidades nos levam a constantes reflexões e questionamentos, especialmente depois dos anos 60. Mas quando elas recaem sobre a história das mentalidades desenvolvida no começo do século XX, transpiram, também, certa gama de imprecisões quanto às bases teórico-metodológicas em que se assentaram. Os Capítulos II, III, IV e V se propõem a demonstrar a pouca pertinência de tais críticas. Para ilustrar esse fato, temos a crítica de J. Revel, devido à importância que seus estudos

---

<sup>16</sup> Stuart Clark estudou a feitiçaria na época moderna e rejeitou a tradição francesa de analisar as antigas crenças em práticas mágicas com base em conceitos como “mentalidade pré-lógica”, assim como na obra de Bloch, *Les rois thaumaturges*.

<sup>17</sup> Segundo a produção de Clifford Geertz, as regras de cada comunidade ou cultura são auto-explicativas e cabe ao investigador descobri-las e descrevê-las. Trata-se de uma *thick descripton* (descrição densa). Ver em: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 24.

<sup>18</sup> Para Hayden White, a história não passa de um gênero de narrativa, entretanto, diferente da ficção. Muitos vulgarizadores de suas colocações radicalizaram, não viam qualquer diferença entre a narrativa histórica e a ficcional, tanto uma como a outra estavam “condenadas” a (re) inventar a realidade.

têm para a história das mentalidades. O autor comenta sobre a concepção da *ouillage*<sup>19</sup> *mental* de Febvre e a utilização dos “instrumentos mentais” pelos agentes sociais:

Febvre, por outro lado, concebeu a utilização mental como uma panóplia à disposição de uma dada sociedade. Faltaria então explicar por que as produções sensíveis e culturais dos homens de um mesmo tempo podem ser tão diferentes entre si. Febvre parece pensar que é a utilização dos “instrumentos” disponíveis que explica essas diferenciações. A resposta não satisfaz inteiramente, porque, provando a existência quase objetiva de instrumentos sensíveis e intelectuais, ela resulta em pensá-los fora dos usos sociais de que são objetos (e a negligenciar, em particular, as modalidades de sua transmissão e de sua apropriação)<sup>20</sup>.

Nos questionamentos de Revel, é possível pontuar algumas interrogações quanto às noções e conceitos utilizados por Febvre em seus estudos historiográficos. De fato, é preciso observar que faltam explicações quanto ao fato de as produções sensíveis e culturais dos homens de um mesmo tempo serem tão diferentes entre si. Febvre partiu da noção de que, em uma dada época, tem-se a presença de um estoque de idéias à disposição da sociedade para serem usadas. Pode-se exemplificar este procedimento no tema central de seu livro *Rabelais*<sup>21</sup>.

Entretanto, Revel questionou a possível resposta de Febvre. Possível, porque ela não vem *diretamente* do autor. É fruto da análise de Revel, que deixa isso bem claro. No questionamento quanto à utilização, por parte da sociedade, dos “instrumentos”, Revel utilizou o verbo “parecer”, (em francês, *paraître*), cujo sentido traduz a possibilidade de ser ou de não ser, uma probabilidade. Depois, a interrogação recai sobre a existência, “quase objetiva”, dos instrumentos sensíveis e intelectuais. Nesse caso, o autor utiliza o advérbio “quase”, que também exprime um sentido de imprecisão.

Por último, afirma-se a negligência de explicações, por parte de Febvre, quanto às modalidades de transmissão e apropriação desses “instrumentos” pelos agentes sociais.

---

<sup>19</sup> A expressão será mantida em francês, embora tenha sido traduzida em várias obras por: utilização, utensilagem e aparelhagem mental. No Dicionário *Le Robert*, a palavra *ouillage* tem o sentido de equipamento, material necessário aos exercícios de um ofício, de uma atividade. Entretanto, percebe-se a possibilidade de se estar diante de um neologismo, em que se tem um novo sentido. É o que Febvre deixa transparecer ao juntar as palavras *outil* e *sillage*. *Outil* instrumento fabricado que serve para agir sofre a matéria e *sillage* traço deixado por um barco na surface da água.

<sup>20</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 67.

<sup>21</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>ème</sup> siècle: La religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel, 1942.

Diante de duas imprecisões e de uma negativa, não se pode concluir que a análise crítica de Revel não seja pertinente. Quando se analisa as obras de Lucien Febvre, observa-se que o autor não expôs todo o arcabouço teórico-metodológico, resultado de um longo processo de experimentações em novas áreas de conhecimento. E, também, não expôs todo um engendramento de idéias, feito a partir da interdisciplinaridade entre a História e outras Ciências Sociais. Ele fez as conexões entre métodos da história e métodos de outras disciplinas sociais sem explicitá-las completamente, com o propósito de permitir um maior entendimento sobre as questões colocadas. Disso, resultou a elaboração de novos conceitos e noções, presentes em suas obras.

François Dosse, outro crítico de Febvre, analisa em seu livro *A História em Migalhas*<sup>22</sup>, de 2003, seus procedimentos metodológicos. Ele comenta que Febvre se distanciou dos estudos tradicionais, uma vez que não valorizava o indivíduo. Para o historiador, o *Mental* é o lugar de reencontro entre as aspirações individuais e coletivas. Por esse estudo de psico-história, Dosse atentou para a prevalência do universo mental em detrimento das realidades sociais presentes na época. Ele exemplificou com a obra de Febvre, *M. Luther*<sup>23</sup>, publicada em 1928, na qual o universo mental prevaleceria. Para Dosse, existe nesse livro uma tendência do autor em abandonar as realidades sociais, para realçar o *mental*. Entretanto, ele afirmou que estas realidades sociais estão bem presentes na tese de Febvre sobre o Franco-Condado,<sup>24</sup> de 1912.

A pertinência das análises de Dosse, em suas constatações, aumenta a necessidade de uma incursão direcionada à produção dos estudos sobre o *Mental*, na produção intelectual de Febvre. Não se pretende encontrar em seus estudos uma continuidade de formas metodológicas, embora o autor tenha privilegiado o quadro mental em algumas de suas obras capitais, em detrimento das realidades sociais. Isso não desvirtua a arquitetura que sustentou os seus estudos sobre o binômio indivíduo-sociedade. Nessas edificações, Febvre sempre partiu de uma prospecção minuciosa e, por vezes, cansativa, da realidade social. Ele não negligenciava as condições materiais de existência social de uma determinada época.

---

<sup>22</sup> DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

<sup>23</sup> FEBVRE, Lucien. *Un destin, Martin Luther*. Paris, 1929.

<sup>24</sup> FEBVRE, Lucien. *Philippe II et La Franche-Comté*. Paris, 1912.

## Noção de mentalidades

Os estudos de Febvre sobre a temática cultural abordam a noção de *mentalidade*, embora ele não tivesse estabelecido nenhuma definição. Isso decorreu de sua postura em relação ao tema e não de seu pioneirismo nessa área de conhecimento. Na obra de Febvre, as *mentalidades* já recobriam toda uma gama das produções culturais e afetivas, numa dada sociedade.<sup>25</sup> O procedimento e a primeira preocupação de Febvre, no seu fazer historiográfico, era não distorcer, nem desviar o foco sobre a complexidade socio-cultural de uma época. O acesso às mentalidades de uma época passa pela noção de total.

Há diferentes planos de estudo na obra de Febvre para a elaboração de novas áreas de conhecimento, que promoveram um maior entendimento da mentalidade reinante em determinada época e lugar. Os novos estudos se desenvolveram a cada nova proximidade com outras áreas de conhecimento, no âmbito das Ciências Sociais. A evidência dessa postura se apresenta nas constantes interrogações, presentes em seus artigos, anunciando novos tratamentos teóricos que um mesmo tema recebe. Os procedimentos se alicerçaram na noção diretora da teoria<sup>26</sup> do *Zusammenhang*, da estrutura formada pelos elementos característicos de uma época. Para entender o estudo dessa estrutura, devem-se abrir perspectivas múltiplas para que cada ponto obscuro e controverso possa receber luzes novas. Portanto, o texto do historiador é apresentado, não por acaso, como uma produção provisória e inacabada. Até porque, as áreas de investigação sobre o âmbito cultural oferecem as mais diversas possibilidades de interpretação.

Neste trabalho, estudaremos os seguintes planos: o campo do saber intelectual, o da psico-história e o da sensibilidade. Este último se realiza como uma área de interseção dos dois primeiros. Eles não são os únicos, e a cada passo na produção historiográfica do autor, nos deparamos com outros. Muitos deles encontram-se de forma embrionária e foram desenvolvidos nas décadas seguintes às obras de Febvre, muitas vezes, por novas gerações de historiadores.

---

<sup>25</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.528.

<sup>26</sup> O termo teoria foi retirado da seguinte obra: MANN, HANS-DIETER. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971. Vários historiadores se referem à *teoria* do *Zusammenhang*, embora alguns prefiram utilizar o termo *noção*.

A interseção dos planos de estudo de Febvre esboça as mentalidades de uma época. Mas o que seriam elas para Febvre? Uma das respostas plausíveis vem da lavra de Georges Duby sobre esse tema: “*são forças que não se situam nas coisas, mas na idéia que delas se tem, e que comandam, na realidade, de forma imperativa, a organização e o destino dos povos*<sup>27</sup>”. Para compreender Febvre é preciso voltar-se para seus ensaios das práticas metodológicas. Desse modo, podem ser fixados os contornos do conhecimento histórico de Febvre sobre as *mentalidades*. Para tanto, foram eleitos seus primeiros escritos sobre o tema mentalidades, publicados em duas coletâneas, que culminaram em suas grandes obras. A partir desse material, pretende-se discutir os questionamentos que motivam o presente estudo. Para respondê-los, nos propusemos a:

Investigar os procedimentos teórico-metodológicos do autor, guiando-nos pelas imprecisões apontadas pelos questionamentos;

Identificar nos artigos e resenhas se houve os engendramentos e os critérios metodológicos adotados em suas obras maiores;

Empreender uma releitura dos seus conceitos e noções sobre as *mentalidades*;

Apontar que a noção de *mentalidades* foi construída conforme o desenvolvimento dos campos de conhecimento a serem investigados;

## **Recortes na obra de Febvre**

Para atingir os objetivos preliminares, opta-se por recortar, da totalidade dos textos de Febvre sobre as mentalidades, um conjunto deles que exprima adequadamente a problemática pesquisada. Tais textos se encontram na coletânea *Pour une Histoire à part entière*<sup>28</sup>, organizada em 1962, composta de quatro livros. O último volume, intitulado *Civilisations*, foi dividido em cinco partes: *Notions Générales*, *Civilisations Matérielles et Folklore*, *Histoire des Techniques*, *Histoire Intellectuelle* e *Histoire des Sentiments*. Nesta última, encontram-se artigos e resenhas de Febvre, muitos deles publicados nos *Annales*, outros, escritos para a *Revue de Synthèse*<sup>29</sup>. Estes textos permitiram uma

---

<sup>27</sup> DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 89.

<sup>28</sup> FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part entière*. Paris: Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962.

<sup>29</sup> Criada em 1900, sob o título de *Revue de Synthèse Historique*, por Henri Berr, a revista é órgão difusor do Centro Internacional de Síntese, articulada em torno das problemáticas da história intelectual. Suas

incursão nas construções metodológicas que alicerçaram as noções e nortearam o fazer historiográfico de Febvre.

Os artigos estudados nessa coletânea não obedecerão a uma ordem cronológica quanto à produção historiográfica do autor. Entretanto, os Capítulos III, IV e V se organizam em planos de estudos, a partir dos artigos e recensões críticas presentes na coletânea mencionada. Em alguns casos, um mesmo artigo fará parte de mais de um capítulo. Fato decorrente das próprias características da produção de Febvre, isto é, um mesmo fato cultural, ou uma mesma temática, recebe um novo tratamento historiográfico a cada vez que está presente em uma nova problemática socio-cultural. Portanto, pode ser inscrito em mais de um plano estudado. Objetiva-se, nesta pesquisa, aproximar-se da noção de Febvre sobre *mentalidades* que os seus planos de estudos permitem. Eles se desenvolvem e se enriquecem a cada nova aproximação com outras áreas de conhecimento. Febvre teve plena consciência desse percurso, e buscava apresentar o texto como uma produção que não pretende ser definitiva, e sim como uma das possibilidades de leitura nos estudos ligados à história dos objetos culturais.

O primeiro capítulo desta tese tem a preocupação de esboçar as orientações que nortearam o fazer metodológico de Febvre, em busca de uma positividade nova na história. Foi pensado a partir das intenções totalizantes de compreensão, sendo capaz de revelar o sentido da existência humana no interior da vida social. Entende-se que a noção de mentalidades de uma época, empreendida por Febvre, seja o fruto de um estudo prospectivo e introspectivo das condições de produção. Deste modo, o homem age em seu meio social para construir suas obras no plano físico ou imaterial. As articulações do pensamento do autor trazem, naturalmente, dificuldades para o percurso do conhecimento. Afinal, falar de “alterações e mutações” no campo das idéias, no espaço cultural de uma época, mesmo que seja de um personagem, levam a uma complexidade reflexiva, apresentada no nível de entendimento de seu arcabouço metodológico.

No segundo capítulo, a partir do estudo das noções existentes na palavra “civilização”, apreende-se a dinâmica da organização dos estudos no quarto livro, que esboça a mesma disposição dos campos de forças existentes na noção de *civilização* de

---

pesquisas são consagradas às gêneses e às críticas dos saberes atuais em Ciências Sociais, assim como em outras Ciências. Ela é um lugar de discussão entre a Filosofia, História das Ciências e Ciências Sociais.

Febvre. Entretanto, este capítulo tem como objetivo demonstrar o desenvolvimento metodológico aplicado na prospecção e introspecção no universo mental de uma determinada época, além de demonstrar seus propósitos, suas estratégias. O historiador busca elucidar questões e ressaltar a importância de as manifestações humanas serem estudadas em conjunto, para o entendimento das posturas, dos comportamentos, das crenças sociais, das produções intelectuais e materiais, na construção de saberes sobre as atividades humanas nos seus vários níveis.

O terceiro capítulo procura demonstrar os engendramentos metodológicos utilizados por Febvre na produção de uma história intelectual. Por meio dela, o historiador analisou as condições sociais e mentais em conjunto, no âmago do qual as obras são produzidas. Febvre procurava, ainda, a originalidade dos sistemas de pensamentos expressos nas obras pelos seus autores. Dessa forma, recusa as análises deterministas e esquemas classificatórios, pois, para o autor, estava-se diante de um conjunto complexo de fatos sócio culturais. Portanto, para compreender e apreender o universo mental de uma época e entender sua produção intelectual é necessário um estudo que agregue saberes de vários campos de conhecimento, com o intuito de perceber as alterações e mutações que as idéias sofrem ao se materializarem nas sociedades.

No quarto capítulo, temos uma apreensão das contribuições provenientes do campo de estudo da psicologia coletiva, cujas preocupações são de explicar, entender e localizar o humano e torná-lo reconhecido. Atentamos que, na obra de Febvre, a psicologia histórica desvenda, no âmago da história econômica e social, as descontinuidades das mentalidades dos homens de outrora e os de hoje em dia, mais precisamente, entre o século XVI e o nosso. As questões tratadas com o auxílio desse campo de conhecimento (que pode ser visto como um utensílio de prospecção do mental) estão presentes em toda a extensão de sua obra.

No quinto capítulo, analisa-se a história das sensibilidades, que é um campo de estudo que se estrutura a partir dos conhecimentos advindos da área de estudo da psicologia coletiva e da história intelectual. Com tais instrumentos, procura-se compreender o universo mental e psicológico, que possibilitou a materialização e as particularidades das idéias em uma determinada sociedade. Com este aporte, torna-se possível entender a noção de mentalidades como resultante e ponto de interseção de diversas áreas de estudo.

## CAPÍTULO I

### O FAZER METODOLÓGICO DE FEBVRE: EM BUSCA DE UMA NOVA POSITIVIDADE NA HISTÓRIA

O fazer metodológico do historiador Lucien Febvre na historiografia do século XX é o propósito inicial para um estudo das contribuições metodológicas em sua produção sobre a história do mental. Ele foi elaborado em uma área de fronteira de conhecimentos. Entretanto, o autor se manteve fiel a um projeto: a configuração de uma nova perspectiva sobre a história do mental. Febvre configurou essa área do conhecimento histórico de novas abordagens sobre seus objetos, dando-lhe novos tratamentos metodológicos. Ao mesmo tempo, lutou para atualizar e colocar a história em um lugar de destaque nas instituições francesas.

Analisar sua produção sobre a história do mental é uma reflexão plural, exigida de todo trabalho sobre a cultura, assim como em todos os outros níveis de pesquisas desenvolvidas pelo autor. De outro modo, poderia tornar-se não mais que “uma fórmula vazia e pretensiosa”. Esta preocupação está presente na produção de historiadores da atualidade, tais como Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, além de outros. Com esta preocupação, pode-se, com mais acuidade, atingir o objetivo do estudo, que é trazer contribuições de ordem metodológica.

O campo cultural sempre exerceu um fascínio sobre Febvre, desde suas primeiras resenhas sobre o tema, publicadas na *Revue de Synthèse*, nos primeiros anos do século XX. Seu empreendimento de estudo no campo cultural estava ligado à crença em compreender a realidade total de uma sociedade em uma determinada época. Para Febvre, essa compreensão de totalidade se fundava na idéia da interdependência dos diferentes níveis do real. Ou seja, os níveis econômico, social, político e cultural estão interligados, formando um todo. Tal postura evidenciou toda uma influência teórico-filosófica proveniente de Dilthey<sup>30</sup> e Henri Berr<sup>31</sup>. Entretanto, ao analisar a obra de

---

<sup>30</sup> Dilthey inaugurou uma nova via para a reflexão filosófica no tratamento metodológico das ciências humanas, e também uma epistemologia autônoma dessas disciplinas. As ciências humanas seriam instrumentos privilegiados para uma mudança racional e pacífica, por meio do controle sobre os processos sociais e do mundo imediato dos homens. A reforma estaria baseada no “conhecimento compreensivo” do

Febvre, não basta assinalar a interdependência dos níveis em uma sociedade, pois os fatos humanos estudados são significativos no interior de uma cultura. Há em sua obra um método de interpretação, aliado a uma preocupação com os limites deste procedimento. O historiador procurava fundamentar-se em um conhecimento específico sobre a disciplina *História* que viesse justificar sua postura crítica, tanto em relação ao seu fazer metodológico, quanto à ação das ciências contemporâneas sobre o conhecimento social-histórico.

As primeiras resenhas e obras de Febvre que tratavam da temática cultural, são anteriores à formação dos *Annales*. A partir da década de 1920, esboçavam-se as orientações que nortearam o seu fazer metodológico. Podemos apontar algumas obras em sua produção sobre a história intelectual, tais como: *Un destin: Martin Luther*<sup>32</sup>; *Amour sacré, a mour profane: Autour de l'Heptaméron*,<sup>33</sup> publicada pela primeira vez em 1944 e, também, *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>ème</sup> siècle, la religion de Rabelais*<sup>34</sup>, originalmente publicada em 1942, que se tornou sua obra capital. Pode-se dizer que este conjunto de trabalhos foi um empreendimento pessoal, concomitante a uma obra coletiva, desenvolvida na “*escola*” dos *Annales*, da qual Febvre foi um dos fundadores, com Marc Bloch. Nela, tinham sua estratégia político-cultural, ao promoverem uma história econômico-social e uma história das mentalidades. Seu programa consistia na utilização metodológica das ciências sociais para impulsionar, ao mesmo tempo, a história econômica e a análise da organização das sociedades. Propunham um método ou a valorização de métodos e um questionário.

A nosso ver, os ensaios e artigos produzidos por Febvre, anteriores à sua obra *Rabelais*, permitiram um acesso à maneira pela qual o autor desenvolveu seus estudos e

---

homem em todos os seus aspectos e manifestações. Nessa perspectiva, as ciências humanas, em particular a História, teriam um papel predominante. A atividade social deveria ser tratada de maneira empírica, “positiva”, sem, contudo, abolir a liberdade humana.

<sup>31</sup> Henri Berr considerava a história como a ciência das ciências, o próprio instrumento de síntese, cuja essência é de natureza psicológica. Ele evocava uma “nova história”, instrumentalizada pela psicologia histórica, cuja principal característica era o caráter global, considerando todas as dimensões da realidade, dos aspectos econômicos às mentalidades, em uma perspectiva científica.

<sup>32</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1929.

<sup>33</sup> FEBVRE, Lucien. *Amour Sacré, Amour Profane: Autour de l'Heptaméron*. Paris: Gallimard. Collection Idées/NRF, 1971.

<sup>34</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1942.

obteve novos esclarecimentos sobre questões que não tinham respostas satisfatórias, ou eram ignoradas. A cada novo artigo sobre determinada temática, o fato cultural recebeu um novo tratamento historiográfico, ingressou em campos de estudo que se relacionavam com novas problemáticas socioculturais. Disso, resultou um novo entendimento, uma nova resposta, que levou a novas interrogações e possibilitou outros questionamentos. Não há um estudo definitivo, ou um único plano de estudo possível. O autor prima por acenar para as possibilidades de trabalhar em novos campos, sem prejuízo de distorcer, ou desfocar, a realidade sociocultural de uma época.

Os campos de estudo trabalhados, a exemplo da história das sensibilidades, da história intelectual, da história das técnicas, etc., se interpenetram com as respostas obtidas e pelas novas formas de entendimento alcançadas. O procedimento se direcionava e tinha por objetivo estar, cada vez mais, próximo de compreender uma realidade socio-cultural de uma época. Ao mesmo tempo, percebe-se que sempre permanecerá de forma inacabada, porque o objeto de estudo é uma realidade social de outrora, impossível de ser redesenhada e descrita em plenitude. Febvre tinha plena consciência dessa realidade. Convicto de que a interpretação da prática humana era uma tarefa infinda, o historiador buscava apresentar seu texto como uma das possibilidades de leitura sobre os estudos ligados ao cultural.

As articulações do pensamento de Febvre podem ser entendidas a partir de sua concepção sobre o conhecimento histórico. Tal concepção é pensada nas suas intenções totalizadoras de compreensão, sendo capaz de revelar o sentido da existência humana no interior da vida social. Surgiu como uma técnica de interpretação, que tinha como objeto o fato humano que, para o historiador, seria susceptível de uma objetivação científica.

Os acontecimentos, enquanto vivenciados no social, devem ser explorados como significações que permitem o conhecimento do homem em uma época e sociedade determinadas.

Reconstruire, mais sur quel fondement ? – Ne cherchons pas bien loin : sur le fondement solide de ce qu'il faut bien nommer l'humanité.

Histoire science de l'Homme, et alors les faits, oui: mais ce sont des faits humains; tâche de l'historien: retrouver les hommes qui les vécus, et ceux qui dans chacun d'eux, plus tard, se sont logés en eux avec toutes leurs idées, pour les interpreter.

Les textes, oui: mais ce sont des textes humains. Et les mots même qui les forment sont gorgés de substance humaine. Et tous ont leur histoire, sonnent différemment selon les temps, et même s'ils désignent des objets matériels, ne

signifient que rarement des réalités identiques, des qualités égales ou équivalentes.<sup>35</sup>

Os estudos realizados sobre a coletânea *Pour une Histoire à part entière*<sup>36</sup> terão o propósito de demonstrar essa concepção e os engendramentos metodológicos do historiador. Para realizar seu projeto de compreensão do homem, Febvre promoveu um intercâmbio interdisciplinar, com o intuito de se aproximar o máximo possível do sentido da existência histórica do homem, em uma dada época.

## 1.1 Um fazer historiográfico: a complexidade reflexiva

As mudanças de perspectiva trazidas pelos novos pressupostos metodológicos não se fizeram sem o custo de divergências com seus pares. Febvre cultivava a polêmica e produzia “resenhas assassinas”<sup>37</sup>. Era o preço a ser pago para tirar a história da estagnação em que se encontrava no início do século XX. Estávamos diante de um historiador promotor de uma interdisciplinaridade, de onde tirava os elementos e as reflexões para a construção de seu instrumental de conhecimento. Fato constatável em toda a sua obra. Entretanto, existem posturas reflexivas no historiador que geraram um campo de tensão permanente, que, longe de torná-lo contraditório, demonstraram sua genialidade. Para ilustrar, tem-se o comprometimento do autor com a herança do projeto de Michelet<sup>38</sup> e a convivência não pacífica com certo reducionismo, promovido pela

---

<sup>35</sup> Tradução: “Reconstruir, sobre qual fundamento? – Não procuramos longe: sobre o fundamento sólido do que se precisa para bem nomear a humanidade. História, ciência do Homem, e então os fatos, sim: porém, são fatos humanos; tarefa de historiadores: encontrar os homens que as viveram, e aqueles que, entre cada um deles, mais tarde, apoderaram-se de suas idéias para interpretá-los. Os textos sim: mas são textos humanos. E mesmo as palavras são repletas de substância humana. Todos têm a sua história, soam diferentemente, segundo as épocas, e mesmo se eles designam os objetos materiais, raramente significam realidades idênticas, qualidades iguais ou equivalentes”. (FEBVRE, Lucien. *Combats pour L’histoire*. Paris: Armand Colin, 1953, p.12-13.)

<sup>36</sup> FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part entière*. Paris: Bibliothèque Générale de L’École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962.

<sup>37</sup> Expressão da autoria de José Carlos Reis. Ver: *Escola dos Annales: a inovação da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 69.

<sup>38</sup> Michelet tinha sua justificativa teórica em certos modelos interpretativos que iam ao encontro das sensibilidades dos homens do passado, postulando uma história das “mentalidades”. Segundo P. Viallaneix (1971), era em Vico, em sua “ciência nova” do homem, que se acreditava ser possível realizar uma “ressurreição integral do passado”. Michelet foi rejeitado pela história positivista, pois sua abordagem foi essencialmente etnológica. Entretanto, foi reivindicado por Lucien Febvre como um mestre da história das sensibilidades. Febvre recuperou a postura de Michelet e declarou ser dela tributário, defendendo a

sociologia durkheimiana (herança da postura da, então jovem, sociologia). Entretanto, os métodos durkheimianos<sup>39</sup> de investigação disciplinar estavam presentes no fazer de Febvre, que mantinha uma proximidade com as reflexões de Dilthey. Isso demonstra a complexidade de suas reflexões.

As explicações plausíveis para a complexidade reflexiva no fazer historiográfico de Febvre advêm de seu próprio campo de estudo. Afinal, falar de “alterações e mutações” no campo das idéias, no espaço cultural de uma época, mesmo que seja de um personagem, traz, naturalmente, dificuldades para o percurso do conhecimento. Entretanto, permaneceremos na complexidade reflexiva, apresentada no nível de entendimento de seu arcabouço metodológico. Essas dificuldades podem ser vistas em seus próprios aconselhamentos: deve-se inquirir o *social* pois, as aceleradas mudanças presentes na sociedade impõem a necessidade de adotar um novo paradigma. Havia, também, a necessidade de uma “nova identidade” para a disciplina História, que deveria ser construída, não mais como no passado, com contornos estáveis, durante décadas ou séculos. Para Febvre, a História é a ciência dos homens no tempo, ciência da mudança perpétua das sociedades humanas. Para tanto, foi necessário uma integração da multiplicidade temporal, em que as permanências e as transformações compõem a construção de uma consciência integrada em uma história global. E, em nosso campo de estudo, essa consciência deve ser entendida como uma totalização da experiência humana em uma época.

Et, d'autre part, je dis hommes. Les hommes, seuls objets de l'histoire – d'une histoire qui s'inscrit dans le groupe des disciplines humaines de tous ordres et de tous les degrés, à côté de l'anthropologie, de la psychologie, de la linguistique, etc.; d'une histoire qui ne s'intéresse pas à je ne sais quel homme abstrait, éternel, immuable en son fond perpétuellement identique à lui-même – mais aux hommes toujours saisis dans le cadre des sociétés dont ils sont membres<sup>40</sup>.

---

necessidade de ir ao encontro das sensibilidades dos homens do passado e postulando uma história das mentalidades.

<sup>39</sup> Os durkheimianos, com uma nova perspectiva, foram precisos em dar respostas às mudanças da realidade social e histórica e os *Annales* se beneficiaram dessa nova perspectiva, e do impulso expansionista desta vertente. Principalmente Febvre, que adotaria, segundo Reis, o estilo durkheimiano de intervenção: frases cortantes, a resenha demolidora e o impulso expansionista. Para mais detalhes, ver: REIS. Op. Cit., 2000.

<sup>40</sup> Tradução: “Por outro lado, digo homens. Os homens, únicos objetos da história – de uma história que se inscreve no grupo das disciplinas humanas de todas as ordens e em todos os níveis, ao lado da antropologia, da psicologia, da lingüística, etc.; de uma história que não se interessa por não sei que homem abstrato,

Em um mundo em mutação, onde a aceleração imposta pelas transformações tecnológicas, com suas repercussões em todos os níveis da vida social, é uma regra, Febvre mapeou um território de estudo aberto a novas interrogações. Este novo território estaria propenso a absorver novos conhecimentos e a se reestruturar com os avanços provenientes de novas áreas de conhecimento. Por conseguinte, instalou sua oficina de trabalho em concordância com o paradigma epistemológico elaborado, em grande parte, pelas ciências sociais. Entretanto, o historiador não abriu mão de propósitos nítidos e seguros. Haja vista, as constantes revisitações feitas em suas próprias obras e sua postura diante de reflexões que ferissem suas diretrizes. Braudel elucida:

Mais sa pensée n'excluait pas brusques retours en arrière, cette fois devant une histoire nouvelle qui, à ses yeux, rompait, ou risquait de rompre avec l'humanisme sans quoi, pour lui, l'histoire restait incomplète. Vous ne le surprendrez que rarement opérant ainsi retraite, sur des positions préparées à l'avance<sup>41</sup>.

Um entendimento da postura de Febvre diante do fluxo constante de novos conhecimentos e das constantes mutações da sociedade da primeira metade do século XX foi dado por Hans-Dieter Mann, em seu livro:

En essayant de suivre le plus loin possible à travers l'oeuvre de Lucien Febvre sa façon de traiter certains problèmes, nous heurterons à des contradictions du moins apparentes. Il se souciait davantage de montrer qu'il avait défendu telle ou telle idée depuis longtemps que d'éviter de défendre à occasion aussi l'idée contraire. Il s'efforçait de répondre à ce qu'il considérait comme exigences fondamentales par une pratique adaptée aux situations changeantes de l'histoire et du monde, sans exposer de façon explicite comment exigences et pratique étaient reliées les une à l'autre. D'ailleurs, il ne croyait pas à l'existence d'alternatives pas trop simples; la voie du "juste milieu" risquait à ses yeux d'être seulement le chemin de la facilité.<sup>42</sup>

---

eterno, imutável em seu fundo, perpetuamente idêntico a si mesmo – mas por todos os homens saídos do quadro das sociedades dos quais são membros”. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p. 20-21.)

<sup>41</sup> Tradução: “Mas seu pensamento não excluía bruscos retornos, por vezes, diante de uma história nova que, a seus olhos, rompia, ou arriscava romper com o humanismo, sem o qual, para ele, a história permanecia incompleta. Só se descobre, procedendo assim, retraída, sobre as posições preparadas desde já.” (BRAUDEL. *Annales: Histoire, sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 12<sup>o</sup> année, avril-juin, 1957, n<sup>o</sup> 2, p.180.)

<sup>42</sup> Tradução: “Com o intuito de adentrar o mais fundo possível na obra de Lucien Febvre, no tocante à sua maneira de tratar certos problemas, alertamos para as contradições menos aparentes. Ele se preocupava mais em mostrar que havia defendido tal ou qual idéia anteriormente, que evitar defender, na ocasião, também a idéia contrária. Ele se esforçava por responder o que considerava como exigências fundamentais em uma prática adaptada às situações mutáveis da história e do mundo, sem expor, de maneira explícita, como condição e prática estavam ligadas uma à outra. Aliás, ele não cria na existência de alternativas muito

A produção historiográfica de Febvre, com suas múltiplas influências teóricas e metodológicas, não é um aglomerado multi-conceitual e metodológico, correndo o risco de ser disforme. Há todo um projeto e uma experimentação científica, conduzidos – e esta é a forma como o autor entendia o estudo da disciplina – por uma forma consciente de seu fazer, e dos resultados a serem alcançados. “*‘Scientifiquement conduite’, la formule implique deux opérations, celles-là même qui se trouvent à la base de tout travail scientifiquement moderne: poser de problèmes et formuler des hypothèses*<sup>43</sup>.” Portanto, não caberia nessa postura uma liberdade descompromissada. O fazer historiográfico se ancora nas interrogações dirigidas à sociedade estudada como forma de entender suas relações políticas e as demandas exigidas na construção de uma realidade, na vida social. “*(...) l’objet de nos études ce n’est pas un fragment du real, un des aspects isolés de l’activité humaine – mais l’homme lui même, appréhendé au sein des groupes dont il est membre.*<sup>44</sup>”

As respostas do *social* tiveram um papel decisivo na condução das questões postas pelo historiador e nos resultados obtidos, embora seja observável que as respostas do *social* não assumiram papel de uma última instância. Este procedimento evita anacronismos, mas o autor sabia das lacunas que estas respostas apresentavam. Isso permitiu a ele exercer, em sua atividade, um nominalismo próprio, alicerçado no domínio de sua área de estudo. Foi também portador da consciência de sua própria subjetividade ao interpretar as respostas e construir um discurso em função dos seus próprios interesses. O autor afirmava que cada época fabrica sua própria representação do passado:

Historiens, parlons surtout d’adaptation au temps. Chaque époque se fabrique mentalement son univers. Elle ne le fabrique pas seulement avec tous les matériaux dont elle dispose, tous les faits (vrais ou faux) dont elle a hérité ou qu’elle vient d’acquérir. Elle le fabrique avec ses dons à elle, son

---

simples: a visão do ‘justo meio’ conotava ser o caminho da facilidade.” (MANN, HANS-DIETER. *Lucien Febvre: La pensée vivante d’un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p.29.)

<sup>43</sup> Tradução: “‘Cientificamente conduzida’, a fórmula implica duas operações, as mesmas que se encontram na base de todo trabalho cientificamente moderno: colocar problemas e formular hipóteses. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p.22.)

<sup>44</sup> Tradução: “(...) o objeto de nossos estudos não é um fragmento do real, um dos aspectos isolados da atividade humana, mas o próprio homem, apreendido no âmago dos grupos do qual é membro”. (Idem, 1953, p.21.)

ingéniosité spécifique, ses qualités, ses dons et ses curiosités, tout ce qui la distingue des époques précédentes.

Pareillement, chaque époque se fabrique mentalement sa représentation du passe historique. Sa Rome et son Athènes, son Moyen Age et sa Renaissance<sup>45</sup>.

Na apresentação de sua obra sobre *Rabelais*<sup>46</sup>, a postura de Febvre pode ser entendida como nominalista<sup>47</sup>, e o é, em certa medida. Entretanto, Febvre não abriu mão de um suporte bem característico do realismo para falar do passado, que são os fatos. Mesmo construídos, eles não anulam a possibilidade de atingir um saber positivo da história. A produção historiográfica de Febvre não escapava às imposições do ofício de historiador, daí seu nominalismo ser bem temperado.

## 1.2 A história intelectual: postura crítica do historiador

A história intelectual pensada por Lucien Febvre tinha por preocupação inicial, uma crítica sistemática à história das idéias, na forma como era praticada em meados do século XIX e início do séc. XX, principalmente nas Faculdades de Letras, na França. Febvre escreveu, primeiramente, duas resenhas críticas para a revista *Revue de Synthèse Historique*. A primeira, de 1907, aborda o livro escrito por de L. Delaruelle, sobre Budé. A segunda, de 1909, é sobre o que E. Droz havia escrito sobre Proudhon. Estas duas resenhas fornecem o que viriam a se tornar, posteriormente, os fundamentos dos seus grandes livros sobre Martin Luther<sup>48</sup> e Rabelais, respectivamente de 1929 e 1942. Já nestas resenhas, ele censurava o fato de se encerrar a história das idéias em debates abstratos e atemporais. Ele criticava o costume de olhar o passado com “óculos de leitura” anacrônicos, apelando para categorias de escola, tais como o Renascimento, o

---

<sup>45</sup> Tradução: “Historiadores, falamos, sobretudo, da adaptação ao tempo. Cada época fabrica mentalmente seu universo. Ela não o fabrica somente com todos os materiais que de dispõe, todos os fatos (verdadeiros ou falsos) que herdou, ou venha adquirir. Ela o fabrica com suas virtudes, sua engenhosidade específica, suas qualidades, seus dons e suas curiosidades, tudo o que a distingue das épocas anteriores. Da mesma maneira, cada época fabrica mentalmente sua representação do passado histórico. Sua Roma e sua Atenas, sua Idade Média e sua Renascença”. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., Paris, 1942, p.2.)

<sup>46</sup> Idem, 1942.

<sup>47</sup>-As características desse nominalismo na produção historiográfica de Febvre podem ser mais bem ajuizadas no primeiro capítulo do livro *Diálogos sobre a Nova História*, de Georges Duby e Guy Lardreau. Ver: DUBY, G; LARDREAU, G. *Diálogos sobre a nova história*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

<sup>48</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1929.

Humanismo ou a Reforma, uma vez que tais olhares falseavam a realidade psicológica de uma época.

A história intelectual é um dos campos de estudo fecundos para apreciar como Febvre se alicerçava nos pressupostos teóricos da psicologia coletiva de Henri Wallon<sup>49</sup> e os utilizava para um estudo de psicologia histórica, a fim de compreender as obras intelectuais e seus autores. No artigo intitulado “*Lettres, sciences et arts*”<sup>50</sup>, escrito em 1947, o historiador destacava o peso da “sensibilidade” existente em determinada época, da qual os autores compartilhavam e a qual imprimiam nos seus fazeres intelectuais:

“L’instruction? Oui. Les acquisitions intellectuelles? Oui. Mais les acquisitions sentimentales? Non moins. Mais la culture des sentiments affectifs, des sentimentalités dévoyées et qu’il faut redresser, mais le contrôle critique<sup>51</sup>?”

Entretanto, nas duas recensões citadas anteriormente, encontra-se a preocupação de Febvre para entender as “formas de sentir” existentes em uma sociedade. Afinal, a imputação de determinados caracteres psicológicos nos autores é denunciado pelas obras ao revelarem o meio social, no qual foram elaboradas. Portanto, as “formas de sentir”, presentes em uma sociedade específica, sofrem as influências das condições sócio-materiais, das disposições psicológicas de uma sociedade e são alteradas pelas materializações das idéias. O fazer metodológico de Febvre, nesse campo de estudo, se caracterizava de forma inovadora pela análise das obras em seu meio intelectual e espiritual. Tais obras são interpretadas em função dos hábitos mentais, das preferências e aversões de seus autores. Esboçaremos a metodologia aplicada por Febvre na apreensão das particularidades das “formas de sentir”, em uma determinada época, no estudo sobre o campo da história das sensibilidades, no Capítulo V.

---

<sup>49</sup> Henri Wallon nasceu em Paris, França, em 1879. Foi médico, psicólogo, filósofo e professor da Sorbonne. Em 1925, criou um laboratório de Psicologia Biológica da Criança. Sua teoria pedagógica dizia que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro, e que a memória e a erudição eram o máximo em termos de construção do conhecimento.

<sup>50</sup> FEBVRE, Lucien. *Lettres, sciences et arts*. Agence Économique et financière, 37<sup>ème</sup> année, n° 81, mercredi, 21 mai, 1947.

<sup>51</sup> Tradução: “A Instrução? Sim. As aquisições intelectuais? Sim. Mas as aquisições sentimentais? Não menos. Entretanto, a cultura dos sentimentos, a afetividade, as sentimentalidades, desavergonhada que precisa ser recuperada, mas o controle crítico?” (FEBVRE apud MANN. *Lucien Febvre: La pensée vivante d’un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p.111.)

Febvre recusou todas as formas de anacronismo, isto é, não era possível analisar uma sociedade, numa determinada época, com conceitos e idéias próprios de outra. Por exemplo, não se pode usar a categoria do “capitalismo” para analisar fenômenos econômicos presentes na Antigüidade. Por isso, é preciso fazer, numa determinada época e sociedade, o inventário dos meios disponíveis e das ferramentas mentais que podem ser mobilizadas. Assim, as condições materiais, incluindo a tecnologia disponível na época, constituem um fator decisivo. Mas, ao contrário do materialismo histórico, estas condições materiais não exercem um papel determinante. Segundo Febvre, o problema do materialismo histórico era, no fundo, um problema da história totalizante.

Havia, portanto, uma produção de história intelectual com um novo formato, munida de novos instrumentos de análise. Seus resultados contribuíram para um entendimento do presente, em conformidade com os anseios e perspectivas da sociedade francesa, na primeira metade do século XX. Segundo Dosse<sup>52</sup>, Febvre abriu uma brecha crítica na história tradicional das idéias ao situar a intervenção do historiador no nível da articulação entre a obra e as condições sociais e mentais que lhes deram origem.

### **1.3 Estruturalismo: uma dimensão sincrônica de análise**

A preocupação de Febvre em evitar o anacronismo intelectual o levou a analisar as diferenças entre os homens de ontem e os de hoje, ou seja, as diferenças entre o passado e o presente, sob uma nova perspectiva. Em virtude da natureza dos objetos e do comprometimento do historiador com a idéia do *zusammenhang*, o estudo empreendido demanda uma análise que situe e interprete a obra no tempo e a inscreva entre duas linhas de força. A primeira é sincrônica, que leva o autor a estabelecer relações entre o conteúdo intelectual, presente nela, e a produção existente nas outras áreas do conhecimento. E a segunda é diacrônica, que o obriga a ligar o sistema de pensamento ao que precedeu no mesmo campo de conhecimento. Ao analisar a produção de Febvre sobre a história intelectual, constata-se que esse procedimento o fez distanciar-se da “história intelectual” praticada na França no início do século XX e não via seu objeto de estudo como um campo de conhecimento à parte, mas como componente das formas de pensamento de uma dada época, inscrito em uma história total.

---

<sup>52</sup> DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.

O historiador enfatizaria, em suas análises, a dimensão sincrônica<sup>53</sup> que, segundo Jose Carlos Reis, visa: “reconstituir uma “estrutura”, seus limites temporais de validade, onde começa e termina, esta será a tarefa do novo historiador<sup>54</sup>.” Para Febvre, era preciso reconstruir o todo a partir da parte, recompondo a estrutura total de uma civilização, possibilitando, dessa forma, um retorno do conjunto ao detalhe. Para tanto, há a necessidade de construir hipóteses que permitam estabelecer as condições possíveis e a natureza dessas correlações. Febvre desenvolveu um método sincrônico, que objetivava apreender uma diacronia mais bem entendida sobre a história de uma nação, de uma crença, das sensibilidades e das idéias materializadas em uma sociedade. Fato que podemos diagnosticar em seus primeiros artigos sobre a história intelectual e em sua tese sobre *La Franche-Comté*, de 1905. Ele escreveu a seguinte reflexão:

(...) La tâche de l'historien n'est pas de retrouver et de dérouler entre les groupements et les sociétés une chaîne ininterrompue de filiations successives – mais de saisir dans le passé toute la série variée de combinaisons infiniment riches et diverses, de rapports mobiles et changeants dont la vie, par un travail incessant, a su reconstituer à chaque instant l'équilibre rompu<sup>55</sup>.

No fazer metodológico do autor, está presente a idéia do *zusammenhang*. Esta teoria, presente no historicismo alemão, revela a influência de Dilthey e Michelet. O historiador deveria procurar, nas partes, a presença do todo. Esse fato global teria condições de ligar todas as partes em uma totalidade. Segundo Reis<sup>56</sup>, isto pressupõe certo “estruturalismo”: o homem está limitado em um campo de ação, ou seja, uma época. Roger Chartier<sup>57</sup> acrescenta que esses limites se alteram lentamente, na experiência do tempo, na duração. Esse “estruturalismo” está presente na obra de Febvre, pois ele enfatizou a dimensão sincrônica da análise. Sua obra é rica em expressões como

---

<sup>53</sup> Não se pode tomar a dimensão sincrônica como uma contraposição à dimensão diacrônica. Segundo Mann, com base no discurso inaugural de Febvre no Collège de France, não se pode precisar que ele fizesse a mesma distinção que aquela existente nas teorias fonológicas de Saussure e Baudouin de Courtenay, em que a contraposição entre “sincronia” e “diacronia” é fundante.

<sup>54</sup> REIS. Op. Cit., 2000, p. 70.

<sup>55</sup> Tradução: “A tarefa do historiador não é encontrar e desvendar, entre os grupamentos e as sociedades, uma cadeia ininterrupta de filiações sucessivas – mas, de apreender, no passado, toda a série variada de combinações infinitamente ricas e diversas, de relações móveis e variantes, as quais a vida, por um trabalho incessante, soube restabelecer, a cada instante, o equilíbrio rompido”. (FEBVRE, Op. Cit., 1912, p. 65.)

<sup>56</sup> REIS. Op. Cit. 2000.

<sup>57</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit., 1988.

“estrutura mental” e “estrutura social”, no campo de estudo das mentalidades. Entretanto, o historiador mostrava-se reticente ao utilizar a palavra estrutura, pois esta já era freqüente no vocabulário marxista e pseudo-marxista sob a forma composta de *infraestrutura* e *superestrutura*. Para o historiador, esta palavra correspondia a um modelo estático de realidade. Na introdução no livro de Chaunu, *Séville et l’Athantique*, segundo Febvre:

(...) et puis, “structures”? Mot à la mode. Je le sais; il s’étale même, parfois, dans les Annales, un peu trop à mon goût. (...) Mais après tout, pourquoi structures, plutôt que rythmes, pulsations, courants et contre-courants? Le soubassement de l’histoire, ce n’est pas une nappe de granit, profonde, sans fissure, tout d’une coulée. Je l’imagine assez semblable au sous-sol d’une de capitales modernes, inextricables lacis de conduits d’eau et de gaz, d’électricité, de chaleur, de tunnels par quoi circulent les hommes et leurs voitures, de câbles par quoi se propagent leurs voix, leurs messages, leurs esprit.- ici, des squelettes verdis, allongés dans leurs cercueils de pierre, là des fondations intactes qui cassent les outils, - des déversoir enfin et égouts: il en faut (...). Laissons ces menues chicanes<sup>58</sup>.

Segundo os estudos de Christopher Lloyd<sup>59</sup>, estamos diante de uma das correntes do estruturalismo francófono presente no período dos *Annales*, embora um tanto quanto frouxa, sem uma aderência que viesse caracterizar uma metodologia puramente estruturalista. Devemos entender que esses estudos sincrônicos estão mais preocupados em manter distância de uma história factual, a chamada *histoire événementielle*. Essas estruturas não são, em geral, bem conceitualizadas e Lloyd analisou:

(...), originária dos escritos de Émile Durkheim e Lucien Febvre, concentra-se nas mentalité, isto é, formas coletivas de crença, entendimento e representação que influenciam as ações de modo causal e, assim contribuem para explicar a ação e a mudança social. Seu objetivo usual é desvendar e articular os princípios lingüísticos e culturais fundamentais e de lenta mudança que regiam os modos de pensar em épocas passadas (...). Essas estruturas são concebidas como estratificadas e multitemporais<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Tradução: “(...) e em seguida, ‘estruturas’? Palavra da moda. Eu o sei, empregada, às vezes nos Annales, excessivamente, para meu gosto (...), entretanto, em definitivo, por estrutura, de preferência a ritmos, pulsações, correntes e contra-correntes? O alicerce da história não é uma camada de granito, profunda, sem fissura, todo num fluxo. Eu a imagino bem parecida com o subsolo de uma das capitais modernas, intrincado labirinto de dutos de água e gás, de eletricidade, de vapor, de túneis, por onde circulam homens e seus carros, de cabos pelos quais se propagam suas vozes, suas mensagens, seus pensamentos – aqui os esqueletos esverdeados, alongados em seus sarcófagos de pedra, lá as fundações intactas que deterioram os instrumentos, – os vertedouros e esgotos; deles, precisa-se (...) deixemos essas pequenas ninharias.” (Chaunu, Pierre. *Séville et l’Amérique aux XVI<sup>ème</sup> e XVIII<sup>ème</sup> siècles*. Paris: Flammarion, 1977, p.11.)

<sup>59</sup> LLOYD, Christopher. *As Estruturas da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 99.

<sup>60</sup> Idem, 1995, p.100.

Em sua metodologia, Febvre não recorreu às questões pertinentes à lingüística – distinção entre língua e palavra – para confirmar sua convicção de que entre a sociedade e o indivíduo haja uma relação complementar. É observável que a *ouillage* mental, como a *língua*, é colocada pela sociedade à disposição do indivíduo. Mas a *língua*, ao lado das demais idéias, é um dos instrumentos que compõe a *ouillage* mental de uma época. Em seus estudos o historiador utilizou a parte concreta da *língua*, analisando sua historicidade, a fim de entender a evolução dos sentidos que um grupo de idéias plasma sob o peso da experiência humana. As reflexões de Febvre sobre o potencial heurístico da *língua* como um ideal sistemático, básico de todo ato da palavra esboça, necessariamente, as sensibilidades, o espírito que domina uma sociedade – a *mentalidade* de uma época. Essa concepção de Febvre é comum a Cassirer, Viggo Brondel<sup>61</sup> e Antoine Meillet. Localizamos esses autores no início do estruturalismo.

Febvre concebeu a história como uma sucessão de estruturas totais e fechadas que não são passíveis de se reduzirem umas às outras. Por isso, estas estruturas deveriam ser compreendidas e explicadas em si mesmas. São diferentes entre si e descontínuas, não servem para um estudo encadeado e teleológico. Para entendê-las e explicá-las, deve-se partir do presente e estar atento às diferenças entre os homens de ontem e os de hoje. É por meio destes últimos que estas estruturas podem e devem ser abordadas. Portanto, o historiador, imerso em seu mundo, levaria ao passado problemas específicos de seu tempo. Ele procurava saber se tais problemas existiram no passado e, tendo existido, como foram vivenciados. É o que se encontra em sua obra *Le Problème de l'Incroyance au XVI<sup>ème</sup> Siècle*.<sup>62</sup> No entanto, Philippe Ariès problematiza este procedimento metodológico de Febvre:

(...) la méthode problématique de L. Febvre l'amène à concevoir l'Histoire comme une succession de structures totales et closes, irréductibles les unes aux autres (...) il existe entre deux civilisations successives des oppositions essentielles. De la première à la seconde, il s'est passé quelque chose qui n'est pas la première, quelque comme une mutation biologique. La méthodologie de L. Febvre l'oriente donc, quoiqu'il ne se soit pas, à ma connaissance, encore expliqué sur ce point de manière explicite, vers une sociologie éloignée du vague transformiste sous-jacent aux historiens du XIX et XX siècle. Une

---

<sup>61</sup> Lingüista dinamarquês que foi um dos fundadores do Círculo de Lingüística de Copenhague, em 1934.

<sup>62</sup> FEBVRE. Op. Cit., 1942.

société lui apparaît comme une structure complète et homogène, qui expulse les éléments étrangers, ou les réduit au silence<sup>63</sup>.

No segundo capítulo, teremos a oportunidade de compreender melhor esta questão, aventada por Ariès, ao estudarmos as forças que agem no interior de uma *civilização*. Nos Capítulos IV e V, atentamos que não existe oposição entre a análise sincrônica e o fenômeno da *mutação* quando se instala uma crise em setores da vida cultural de uma *civilização*. As antigas estruturas não desaparecem diante de uma nova estrutura que se impõe, promovendo períodos de intensa inquietação, resultado de um grande número de acasos convergentes. Ocorre uma ação da antiga estrutura diante da imposição da nova. Febvre não confunde estrutura com interdependência, em sua obra a noção mesmo de estrutura implica a possibilidade de uma independência relativa entre certas partes do sistema.

Braudel nos ofereceu uma análise clara da noção de estrutura presente na obra de Febvre, assim como das filiações de suas reflexões:

Je soutiens même que La Religion de Rabelais, dans l'admirable troisième partie qui l'achève, consacrée à cet outillage mental qu'il montre arrêté à un certain niveau, assez peu variable, - je soutiens que cette vue brillante est un bel exemple de structure commandée, coincée du dehors et du dedans, même si le mot de structure peut déplaire à la pensée ou plutôt aux goûts littéraires de Lucien Febvre. Je soutiens pareillement que la pensée de Dilthey et toute la famille trouble de ses fils spirituels ne reçoit aucun démenti de l'oeuvre entière de Febvre. Pour lui, bien sûr, il y a l'historien, avec un H majuscule, ce créateur, ce déformateur de l'histoire... Que de fois ne l'a-t-il pas soutenu<sup>64</sup>?

---

<sup>63</sup> Tradução: "(...) o método problematizador de L. Febvre leva-o a conceber a história como uma sucessão de estruturas totais e fechadas, irredutíveis umas às outras (...) existe entre duas civilizações sucessivas, em essência, opostas. Da primeira à segunda, apresentou-se de alguma coisa que não é a primeira, algo como uma mutação biológica. A metodologia de L. Febvre o orienta então, a uma direção que não é de meu conhecimento, ainda explicado de maneira explícita, possivelmente uma sociologia distanciada da moda transformista, subjacente aos historiadores dos séculos XIX e XX. Uma sociedade lhe apresenta como uma estrutura completa e homogênea, que expulsa os elementos estranhos, ou os reduz ao silêncio. (ARIÈS, Philippe apud MANN. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p.138)

<sup>64</sup> Tradução: Eu sustento que em *La Religion de Rabelais*, na admirável terceira parte que o finaliza, consagrada à *outillage mental* que o autor mostra apreendida em um nível bem apropriado, mas pouco variável, – eu sustento que esta visualização brilhante é um belo exemplo de estrutura comandada, balizada por fora e por dentro, mesmo que a palavra estrutura possa desagradar o pensamento, ou ao gosto literário de Lucien Febvre. Eu sustento, igualmente, que o pensamento de Dilthey e de toda a família nebulosa de seus filhos espirituais não recebe nenhum contradito da obra inteira de Febvre. Para ele, seguramente, há um historiador com H maiúsculo, este criador, este deformador da história... Quantas vezes não o sustentou?"(BRAUDEL, Fernand. *Lucien Febvre et l'Histoire*. Paris: 1956, p. 181.)

## 1.4 Um novo campo de conhecimento: a psico-história

Nos “combates”<sup>65</sup> teórico-metodológicos que travava, Febvre inaugurou um diálogo com diversas áreas de conhecimento das Ciências Sociais. As influências que recebeu e as contribuições que deu; promoveram novos campos do conhecimento. Ao mesmo tempo, a disciplina História assumia uma posição hegemônica nas mediações entre os diversos campos de conhecimento. Podemos ver isso nas relações entre a História e a Psicologia, desenvolvidas por Febvre. Ele compôs um amálgama de metodologias, inaugurando um novo campo do saber: a psicologia histórica<sup>66</sup>. Essa criação, enquanto procedimento teórico-metodológico, revelou as preocupações fundantes que perpassam suas obras: as determinações psicológicas do comportamento humano.

Para Berr<sup>67</sup>, assim como para Febvre, é em termos de evolução psicológica que as grandes transformações históricas devem ser compreendidas. O procedimento de Lucien Febvre foi o de apreender as atitudes mentais de uma sociedade pelo exame de suas condições gerais de existência. Para isso, utilizou o instrumental heurístico da psicologia coletiva, com o intuito de elucidar a problemática psicológica contida em uma sociedade no passado.

Na obra de Febvre a psicologia histórica desvendou, no âmago da história econômica e social, as discontinuidades existentes entre o século XVI e o XX. As questões tratadas com o auxílio desse campo de conhecimento, que pode ser visto como um utensílio de prospecção, estão presentes em toda a extensão de sua obra sobre as *mentalidades*. Neste campo de conhecimento, mais precisamente no século XVI, a discontinuidade ocupa o *avant-scène*. Entretanto, a psicologia histórica está longe de ser um instrumento para elucidar todas as questões desta difícil empresa. Segundo Mann:

---

<sup>65</sup> A utilização deste termo é uma referência ao livro *Combats pour l'Histoire*.

<sup>66</sup> O adjetivo “novo” é utilizado para marcar o aparecimento de um campo de conhecimento inaugurado dentro da disciplina História, nas primeiras décadas do século XX.

<sup>67</sup> A história, para Henri Berr, era considerada como a ciência das ciências, o próprio instrumento de síntese, cuja essência é de natureza psicológica. Isso era dito claramente desde 1911, em *La synthèse en histoire*: “A história é, em suma, a própria psicologia: é o nascimento e é o desenvolvimento da psiquê”. Ver: BERR, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.528-529.

La psychologie historique ne fournira pas de si tôt l'analyse psychologique complète de toute une époque. Même si elle n'a que l'ambition d'apporter une contribution parmi d'autres à la connaissance de chaque civilisation cette entreprise est d'une grande envergure et Febvre ne l'envisageait que pour le temps où la collaboration avec toute équipe serait possible. Ses propres ouvrages dans ce domaine sont loin d'être complets. Il part de cas bien précis. Comme il voudrait les "faire comprendre", il lui faut tenir compte des difficultés du public à "comprendre" et les prévenir, donc nécessairement négliger bien des points pour en souligner d'autres. Un but et un procédé didactique. La démonstration, partant d'un cas précis (à savoir que le XVI<sup>e</sup> siècle n'est pas du tout un siècle uniquement "moderne"), l'amène à poser des questions extrêmement larges, aux-quelles il ne peut apporter que des éléments partiels de réponses<sup>68</sup>.

Tais procedimentos metodológicos de Febvre atestam o quanto ele foi influenciado pelas Ciências Sociais em seu fazer metodológico e em sua análise histórica. Portanto, a história intelectual passou a considerar o conjunto dos fatos culturais como componentes de uma "rede complicada e movediça de fatos sociais", não cabendo redução do cultural ao social, e vice-versa. O que existe, é uma interação constante. Cada cultura deveria ser caracterizada como um sistema de instrumentos e de signos coerentes, ou seja, os instrumentos mentais de uma *civilização* ou de uma época. Isso é que permite o estudo e o entendimento das mentalidades de outrora, sem cair nas tentações do anacronismo. O instrumental desenvolvido pela Psicologia coletiva passou, portanto, a ser o principal instrumento aferidor e de prospecção do estudo empreendido.

A descrição dos fatos de mentalidade nos estudos de Febvre foi filiada à análise dos sociólogos durkheimianos ou dos etnólogos que trabalhavam na esteira de Lévy-Bruhl, filósofo e antropólogo, criador do conceito de "pensamento pré-lógico" ou "mentalidade primitiva", (um fenômeno coletivo em que um psiquismo individual é indiscernível). A vida psíquica dos indivíduos é feita de reflexos e de automatismos, ficando a personalidade individual praticamente reduzida a um mental coletivo. A etnologia contribuiu com uma nova noção de realidade primitiva sócio-histórica ao estudar as lógicas internas do cotidiano, as representações coletivas, as condições da

---

<sup>68</sup> Tradução: "A psicologia histórica não fornecerá, de pronto, a análise psicológica completa de toda uma época. Mesmo se ela somente tem a ambição de trazer uma contribuição, entre outras, ao conhecimento de cada civilização, esta empresa é de uma envergadura, e Febvre só a considera possível quando houver uma colaboração em equipe. Suas próprias obras, neste domínio, estão longe de serem completas. Ele parte de casos bem precisos. Como se os quisesse 'fazer compreender', precisou dar conta das dificuldades do público em 'compreender', e os prevenir, então, necessariamente negligenciar pontos para sublinhar outros. Um objetivo e um procedimento didático. A demonstração, de um caso preciso (a saber, que o século XVI não é de todo um século unicamente 'moderno'), o leva a questionamentos extremamente amplos, aos quais não pode trazer senão elementos parciais de respostas." (MANN, Op. Cit., 1971, p. 114.)

produção cultural, etc. Ao mapear ou identificar as representações dessas sociedades primitivas, elas podem ser comparadas com as sociedades complexas. Para Lévy-Bruhl, a forma de comportamento das sociedades primitivas era exclusivamente condicionada pelas representações coletivas, que eram pré-lógicas, e pelas emoções. As sociedades complexas, por sua vez, possuem, como horizonte das representações sociais, o pensamento lógico. As reflexões do autor demonstraram o esquema do etnocentrismo europeu, impregnado de positivismo. Tal esquema opõe o espírito considerado superior e lógico do Ocidente frente à *mentalidade* de outras sociedades não-ocidentais, consideradas primitivas. Estamos diante de uma antropologia ainda na infância e fechada nos preconceitos eurocêntricos.

A noção de *mentalidades*, do ponto de vista da etnologia, diz respeito ao funcionamento dos comportamentos culturais dominados por pensamentos emocionais, ou seja, pré-lógicos. Esta disciplina promoverá fundamentos analíticos importantes para o estudo empreendido por Febvre sobre a noção de *mentalidade*. Seguindo o pensamento de Lucien Lévy-Bruhl, expresso em sua obra *La mentalité primitive*<sup>69</sup>, de 1922, e apropriado por Febvre, ficou evidente que as categorias de pensamento não são universais. Conseqüentemente, elas não são redutíveis àquelas utilizadas pelos homens na contemporaneidade<sup>70</sup> do século XX. As maneiras de pensar dependem, antes de tudo, dos instrumentos materiais ou conceituais, como as técnicas e as ciências. Não existe um evolucionismo ingênuo.

Em composição com a análise antropológica, tinha-se uma Psicologia com um referencial coletivo, cujas pretensões eram identificar as emoções, as formas de pensamento e as afetividades coletivas. No início do século XX, a Psicologia apresentava-se como uma nova e promissora área de conhecimento, suscitando um debate e uma expectativa em relação às possibilidades de conhecimento das ações humanas. Seus principais representantes foram Charles Blondel, com sua obra “*Mentalidade Primitiva*”<sup>71</sup>, de 1926, e Henri Wallon, com *La mentalité primitive et*

---

<sup>69</sup> LÉVY-BRUHL, Lucien. *La mentalité primitive*. 14<sup>a</sup> édition, Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

<sup>70</sup> A expressão *contemporaneidade*, no contexto deste trabalho, diz respeito à produção historiográfica de Lucien Febvre no século XX.

<sup>71</sup> BLONDEL, Charles. *Mentalidade Primitiva*. Paris: Stock, 1926.

*l'enfant*<sup>72</sup>, de 1928. Porém, esta noção já estava presente, em 1910, na obra de Lucien Lévy-Bruhl,<sup>73</sup> permitindo a constituição da psico-história. Segundo François Dosse<sup>74</sup>, a constituição da psico-história somente se tornou possível devido às carências de uma disciplina psicológica, dividida entre uma tendência para a prática e outra para o trabalho teórico.

Na coletânea de artigos *Combates pela História*<sup>75</sup>, no capítulo *Alianças e Apoios*, encontra-se todo um programa de trabalho e de cooperação entre os dois campos de conhecimento: a História e a Psicologia. Febvre promoveu um debate de competências e atribuições entre os campos. Entretanto, em um texto visionário, ele deixou registrado um alerta que reproduzimos literalmente:

Nous en avons assez dit pour montrer que, si nous nous interdisions de projeter le présent, notre présent, dans le passé ; si nous nous refusons à l'anachronisme psychologique, le pire de tous, le plus insidieux et le plus grave ; si nous prétendons éclairer toutes les démarches des sociétés, et d'abord leurs démarches mentales, par l'examen de leurs conditions générales d'existence – il est évident que nous ne pourrions considérer comme valable, pour ce passé, les descriptions et les constatations de nos psychologues opérant sur les données que notre époque leur fournit. Il est non moins évident qu'une psychologie historique véritable ne sera possible que par l'accord, négocié en clair, du psychologue et de l'historien. Celui-ci orienté par celui-là. Mais celui-là tributaire étroitement du premier, et obligé de s'en remettre à lui du soin de créer ses conditions de travail. Travail en collaboration. Travail d'équipe, pour parler plus clairement.<sup>76</sup>

---

<sup>72</sup> WALLON, Henri. *La mentalité primitive et l'enfant*, Paris: Flammarion, 1928.

<sup>73</sup> LÉVY-BRUHL, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris: Gallimard, 1910.

<sup>74</sup> DOSSE, François. Op. Cit., 2003.

<sup>75</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953.

<sup>76</sup> Tradução: “Muito já dissemos para mostrar que, se evitamos projetar o presente, o nosso presente, no passado; se rejeitamos o anacronismo psicológico, o pior de todos, o mais insidioso e o mais grave; se pretendemos esclarecer todas as atitudes das sociedades e, inicialmente, suas atitudes mentais, pelo exame de suas condições gerais de existência — é evidente que não poderemos considerar como válidas, para esse passado, as descrições e constatações de nossos psicólogos, operando sobre dados que nossa época lhes fornece. É não é menos evidente que uma psicologia histórica verdadeira não será possível senão pelo acordo, negociado claramente, do psicólogo com o historiador. Este orientado por aquele. Mas aquele claramente tributário do primeiro, e obrigado a procurá-lo, para criar suas condições de trabalho. Trabalho em colaboração. Trabalho em equipe, para falar mais claramente.”(FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p. 218.)

## **1.5 Relações inteligíveis entre dois domínios de investigação: o domínio objetivo da Natureza e o domínio subjetivo do Espírito.**

Em *Un destin, Martin Luther*<sup>77</sup>, estão sintetizadas as suas principais reflexões sobre o processo de produção do conhecimento histórico. Reflexões que também foram desenvolvidas ao longo de vários artigos, e também presentes em coletâneas. Nelas, Febvre exprimiu sua opção por um campo de investigação, que é a procura pelas relações inteligíveis entre o domínio objetivo da Natureza e o domínio subjetivo do Espírito. Dois domínios que se mostravam inconciliáveis sob o ponto de vista de um historicismo radicalmente metodológico e epistemológico. Mas, no início do século XX, com a crise das Ciências Naturais, a idéia de Ciência tornou-se mais flexível, portanto, mais compatível com a História. Uma das suas conseqüências é a abertura de novos horizontes para a interpretação do “domínio do espírito”. Porque a ideologia do determinismo foi posta em causa no domínio da ciência da natureza e novos assentamentos ontológicos tiveram que ser procurados para as ciências do homem. Segundo José Carlos Reis<sup>78</sup>: “Ao rigorosamente mensurável se substituiu o provável, a relatividade da medida”.

Para Febvre, a renovação do conhecimento histórico se constituiu em um plano de observação da prática humana, considerando todas as instâncias de determinações. As suas preferências teóricas oscilam entre diversos focos de interesse que não encontram uma harmonia decisiva. Febvre procurava explorar a relação homem-natureza, tendo em vista fixar o sistema de fatores “naturais” e os “geográficos”, determinantes sobre a ação humana. O procedimento foi pensado por meio da superação do determinismo, compartilhando as idéias de Vidal de La Blache<sup>79</sup>.

Entre as disciplinas História e Geografia, no começo do século, contava-se com inúmeras situações de diálogo e de trânsito disciplinar. Febvre e Marc Bloch foram os principais promotores dessa interdisciplinaridade, que se realizou, de forma mais efetiva,

---

<sup>77</sup> FEBVRE, Lucien. *Un destin, Martin Luther*. Paris: Presses Universitaires de France, 1929.

<sup>78</sup> REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.82.

<sup>79</sup> Paul Vidal de La Blache (1845 - 1918), geógrafo francês, considerado o fundador da *geografia francesa moderna* e da corrente francesa de geografia humana. Foi professor da École Normale de 1877 até 1898 e fundou e editou a revista *Annales de Géographie*, em 1891. Pregou uma teoria de que estudos de partes isoladas da Terra não têm importância e que existiria um contínuo jogo de ação, reação e interação entre grupos humanos e seus ambientes naturais.

por meio do posicionamento de La Blache. Este, um tanto quanto, ou mais, comprometido e favorável à morfologia social de Durkheim e contrário à antropogeografia de Ratzel.

A geografia humana, inspirada na obra de Vidal de La Blache, influenciou Febvre, levando-o a produzir uma geo-história. A geografia vidaliana enfocava as relações entre o homem e a natureza de maneira inovadora, partindo do ponto de vista das ciências sociais: o das relações entre as sociedades e o meio físico e biológico em que elas se inscreviam. Tratava os grupos sociais dentro de uma periodização mais longa, incluindo o presente na análise. É nessa perspectiva de superação do determinismo que pode ser entendida a obra de Febvre *La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire*<sup>80</sup>.

Febvre não tomaria, futuramente, nenhum partido em relação ao determinismo e o possibilismo<sup>81</sup>. Ele se afastou de uma postura metafísica, a favor ou contra uma dessas construções ideológicas, tão em voga no começo do século XX. Embora se afastando intelectualmente do geógrafo alemão Ratzel, Febvre não se posicionava em nenhum dos outros lados dessas tendências. De acordo com ele: “*Je n'ai jamais entendu rompre les lances en faveur d'une liberté métaphysique et si j'ose dire, purement fantasmagorique*”<sup>82</sup>. Quando o objeto de estudo de Febvre é uma personalidade, ele a fez transitar pelas determinações culturais e ideológicas presentes na sociedade em que ela viveu. A personalidade ganha um novo sentido, na medida em que suas práticas são também consideradas, junto com as determinações. Isso ocorreu com Plattes, Lutero e outras figuras por ele estudadas.

O afastamento intelectual de Febvre das propostas teórico-metodológicas sugeridas por Friedrich Ratzel não pode ser considerado um ato abortivo, devido à

---

<sup>80</sup> FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire*. Paris, 1922.

<sup>81</sup> O possibilismo surgiu no final do século XIX, na França, como reação ao determinismo ambiental propugnado pelas correntes geográficas alemãs, tendo como principal proponente Vidal de la Blache. Como corolário, o gênero de vida não é uma consequência inevitável das condições ambientais, mas de um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que permitiram aos homens utilizarem os recursos naturais disponíveis.

<sup>82</sup> Tradução: “Eu jamais pretendi negligenciar fatos em favor de uma liberdade metafísica e ousar dizer, pramente fantasmagórica.” FEBVRE apud GUARIBA, Ulysses Neto. *Leitura da obra de Lucien Febvre e Marc Boch nos Annales: introdução à análise do conhecimento*. Trabalho de Doutorado defendido na Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Assis, 1973, fl.116.

influência das reflexões ratzelianas em *La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire*, assim como aqueles presentes, intrinsecamente, em vários artigos estudados nesta tese. Com o intuito de obter um maior entendimento teórico-metodológico, tem-se as discussões atuais no campo da Geografia a respeito da ruptura epistemológica sofrida. Vários estudiosos apontam para a necessidade de um estudo mais apurado, como no artigo<sup>83</sup> de Marcos Bernadino de Carvalho.

Para Febvre, os fatores geográficos estipulam uma gama de possibilidades que são ofertadas à ação humana, determinando-a, mas não de forma absoluta. Esta postura coloca o historiador em um novo fundamento ontológico da história. Essa perspectiva caracteriza a já mencionada obra *La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire*<sup>84</sup>, e muitas das suas análises iniciais, contidas em artigos e resenhas.

Febvre insistiu em produzir uma história humana, um conhecimento com sabor de “real”, de “concreto”, de “vida”. Para tanto, o olhar do historiador se voltava para outros aspectos da prática humana, pois era de seu interesse explorar as produções que se situavam no “domínio subjetivo do espírito”. Fossem essas as significações religiosas ou as expressões artísticas, esses domínios eram expressivos e não menos determinantes da prática humana, mas resistentes a uma interpretação. Por esse motivo, exigiam do historiador sensibilidade e reflexão para harmonizar esse espaço de investigação com as outras instâncias da vida social. É o que se encontrou quando Febvre detectou nas mudanças ocorridas na iconoclastia do final do século XIV e início do XV, para compreender o segmento social burguês em sua postura frente às doutrinas religiosas, predominantes nos séculos XV e XVI.

Ao inspecionar as produções da prática humana que se situam no “domínio do espírito”, Febvre compreendeu que determinantes ideológicos são essenciais para o conhecimento do processo histórico. A constatação desse entendimento é observável na maneira pela qual o autor entendeu seus “heróis”. Ou seja, os indivíduos representativos dentro da sociedade, escolhidos para objeto de estudo. O indivíduo, simultaneamente, é

---

<sup>83</sup> CARVALHO, Marcos Bernadino de. Este artigo sintetiza algumas das principais idéias e conclusões desenvolvidas em tese de doutorado do professor do Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade de São Paulo-PUC/ Brasil. 2004.

<sup>84</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1922.

visto como testemunha e produto dos condicionamentos coletivos, que limitam a livre invenção individual. Esses condicionamentos ideológicos devem ser observados por meio de práticas que se situam no terreno hermenêutico, uma vez que as produções do espírito são mais bem compreendidas a partir de práticas interpretativas. Dessa forma, entramos no universo de suas significações.

Dentre as produções “subjetivas” do espírito, como Febvre chamava este domínio das práticas interpretativas, existia aquelas que, como as significações religiosas e as expressões artísticas, resistiam mais a serem interpretadas. Tornava-se necessário um projeto de inspeção, em profundidade, da prática humana, no interior da vida social.

Em seu fazer metodológico, Febvre sempre partiu do estado da documentação e das interpretações oferecidas pela tradição a fim de abrir um espaço para fazer sua análise interpretativa. Sua posição para empreender a produção do conhecimento naquele espaço era o de *intérprete*. Deveria explicitar seu ponto de vista, assim como os referentes que estavam sendo utilizados na operação. Como exemplo, temos o estudo das causas da Reforma. Para o autor, o conhecimento histórico era trabalho de constituição, de criação do objeto. A objetividade no estudo advém do conhecimento presente do sujeito cognoscente, não de uma crença ontológica, de uma objetividade exterior. Foram as interrogações postas pelo historiador que determinaram a exploração do objeto: as relações entre indivíduo-coletividade. Febvre fez isso sempre atento à unidade da vida psicológica que se manifesta na multiplicidade das formas que a existência assume. Mas, sobretudo, o trabalho de interpretação deveria fornecer subsídios para a compreensão das práticas sociais do presente. A partir dos posicionamentos de Febvre, o “domínio do espírito” não foi mais reconhecido como um substrato imutável e deveria ser explorado e interpretado na multiplicidade de suas manifestações.

A metodologia aplicada nos estudos foi balizada pela influência dos métodos de prospecção das Ciências Sociais. Eles foram aplicados à história e Febvre operava sob um novo ponto de vista epistemológico. Entretanto, ele revelou um historiador que falava a linguagem dos historiadores. Segundo C. Reis<sup>85</sup>

Febvre falava a linguagem das ciências sociais porque aderiu ao seu ponto de vista, e aplicou-o à história, mas não deixou de ser fundamentalmente

---

<sup>85</sup> REIS. Op. Cit. 2000, p. 72.

historiador, o que o fazia continuador de Michelet e Fustel. Mas continuador a partir de um novo ponto de vista epistemológico.

O fazer historiográfico de Febvre consistiu, em suas palavras, numa história que “(...) *se fait d’abord, avec le sens et la passion de l’histoire: avec cet ensemble d’aptitudes spéciales qui seul, qualifie par le bon exercice d’un métier intellectuel*”<sup>86</sup> A paixão de historiador de Febvre foi o ímpeto de quem se aproximava do Outro, procurando adentrar seu universo, para reconstruí-lo e compreendê-lo. Tem-se nisto toda uma aproximação com as reflexões de Dilthey. Por outro lado, o “método crítico” e a idéia de “erudição” de Febvre mostram a influência de Ranke e de Seignobos.

## 1.6 Fatos de Mentalidade: Uma análise psico-antropológica

Entende-se que a noção de mentalidades de uma época investigada por Febvre seja o fruto de um estudo prospectivo e introspectivo das condições de produção que o homem opera em seu meio social, para construir suas obras no plano físico ou imaterial. A historicidade desses fazeres humanos, em um universo mental próprio de cada época, define a história das mentalidades. Segundo, Braudel<sup>87</sup>, o que define as mentalidades *são* as prisões de longa duração<sup>88</sup>, isto é, modos dominantes de pensar e de agir, presentes no cotidiano de uma sociedade, que podem durar séculos.

Febvre interrogava os diversos níveis de uma sociedade numa dada época, desde suas condições materiais, até suas manifestações intelectuais, como meio de compreender a mudança e os obstáculos que se apresentavam, quando ele se propôs aos estudos do mental. Ele propunha um estudo de variados aspectos para uma prospecção de qualquer nível de uma sociedade, seja econômico, social ou político. Por exemplo, no estudo do

---

<sup>86</sup> Tradução: “(...) se faz, primeiramente, com o senso e a paixão da história: com este conjunto de aptidões especiais, que só qualifica para o bom exercício de um trabalho intelectual. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., p. 86, 1953).

<sup>87</sup> BRAUDEL, apud REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

<sup>88</sup> F. Braudel apoiava-se na notável demonstração que L. Febvre escreveu em sua obra *Le problème de l’incroyance au XVI<sup>ème</sup> siècle, la religion de Rabelais*, para ilustrar as “prisões de longa duração” das mentalidades coletivas. Estas estruturas são englobantes, uma visão de mundo articulada em todos os níveis de atividades.

nível cultural, é preciso levar em conta desde o emprego da língua<sup>89</sup> até os instrumentos conceituais das ciências, procurando o entendimento da percepção e do pensamento que alicerçam a construção da realidade no mundo das representações. Essa metodologia não é obra só de Febvre. Ele pode tê-la executado em um projeto, como um passo adiante. No entanto, ela resulta de um esforço coletivo de compreensão da sociedade humana.

As atitudes mentais de uma sociedade foram levadas a um tratamento rigoroso por Febvre na coletânea *Pour une Histoire à part entière*<sup>90</sup>, principalmente no capítulo *Les Principaux Aspects d'une Civilisation*, escrito em 1925, para a *Revue bi-mensuelle des Cours et Conférences*<sup>91</sup>, onde também está o artigo *L'homme du Temps – Le Français de la Renaissance*<sup>92</sup>; Febvre fez um inventário das condições sócio-materiais vividas pelos vários segmentos sociais da primeira Renascença francesa e as compara às presentes na Europa, particularmente na França. O homem contemporâneo, cidadão, sedentário e refinado, em consequência do conforto trazido pelo progresso material, se diferencia daquele que vivia nas condições materiais do século XVI.

O outro homem, aquele do século XVI, era rústico e “nômade” e sua vida era um eterno combate contra uma natureza hostil. Como se aproximar dele, já tão distante no tempo? Como entender seus gestos, seus modos, seus valores? Por trás da aparência grosseira, haveria uma sensibilidade delicada? Não é possível sabê-lo. A história retrospectiva dos sentimentos se limita às aparências. As vias para se aproximar da consciência daquele homem devem ser construídas a partir de alguns traços evidentes, que a análise do meio social permite compreender. Segundo Febvre:

Condition d'ordre psychologique, il y a le social – et, une fois de plus, me voici contraint de répéter ce que, si souvent déjà, j'ai dû dire au cours de ses

---

<sup>89</sup> - Os estudos de Febvre sobre Lingüística são influências de Antoine Meillet, (1857-1891). Meillet colaborava com o *Année Sociologique* e preconizava o estudo sociológico da linguagem. Para ele, o caráter social da linguagem deve-se, primeiramente, por ser esta uma “instituição” no grupo social. A linguagem se modifica mediante leis gerais, essencialmente inconscientes. Esse é o aspecto social que interessava a Febvre.

<sup>90</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962.

<sup>91</sup> FEBVRE, Lucien. Les Principaux Aspects d'une Civilisation: la première Renaissance Française (Quatre Prise de Vue). In: \_\_\_\_\_. *Pour une histoire a part entière*. S.E.V.P.E.N., 1962, p. 529-586.

<sup>92</sup> FEBVRE, Lucien. L'homme du Temps – Le Français de la Renaissance. *Revue bi-mensuelle des Cours et Conférences*, 1925, n° 11, 15 mai, p. 193-210 ; n° 12, 1 juin, p. 326-340 ; n° 13, 15 juin, p. 398-417 ; n° 15, 15 juillet p. 578-593.

leçons: “cherchons dans l’ordre social, et nous trouverons. Regardons la société du temps, et nous comprenons.”<sup>93</sup>

Os contornos traçados por Febvre sobre o conceito de *mentalidades* podem ser apreciados mais diretamente em sua obra. Seu livro *A religião de Rabelais* demonstra que cada época tem sua visão de mundo, suas maneiras de pensar e modos de sentir. Os homens do passado devem ser vistos com estranhamento, percebidos à distância em relação a quem os observa. Febvre estava convicto de que os homens do passado *não viviam nem agiam como nós*. Esta conclusão exigiu um inventário da “*ouillage mental*” de cada época. Ela pode ser traduzida pelo léxico, e a sintaxe, pelas categorias da percepção e da sensibilidade, pelos hábitos de pensamento, tanto quanto os conhecimentos e conceitos. Febvre caracterizou a *ouillage mental* do seguinte modo: “A cada civilização, sua utilização mental; mais ainda, a cada época de uma civilização, a cada progresso (quer das técnicas, quer das ciências) que a caracteriza”<sup>94</sup>.

Esta noção de *ouillage mental* é inteiramente empírica e não cabe uma tentativa de explicação rigorosa. É produto de um incansável inventário, presente nas grandes biografias escritas pelo autor sobre Lutero, Rabelais ou Margarida de Navarra, ou no primeiro volume da *Encyclopédie française*.<sup>95</sup> A *ouillage mental* é vista como uma panóplia, à disposição de uma dada sociedade. E cada cultura deve ser vista como um sistema de instrumentos e de signos coerentes, devendo ser compreendida não na sua proximidade, mas em sua irredutível distância.

Os estudos sobre as relações entre os modos de pensar e sentir com os modos de produzir são, na maioria das vezes, articulados em torno de uma vida individual, uma biografia. O procedimento pode ser também efetuado em torno de uma palavra. Como é o caso de seu estudo sobre a palavra *civilização*. Neste estudo, Febvre analisou sua semântica e sua sintaxe. É o que se vê em trabalhos como *Pour une Histoire à partie entière*, e ainda, nos estudos sobre Lutero e Rabelais<sup>96</sup>. Em todos esses casos, a

---

<sup>93</sup> Tradução: “Condição de ordem psicológica, há o social – e, uma vez mais, eis me obrigado a repetir isto, freqüentemente, eu tive que dizer no curso dessas lições: ‘procuremos na ordem social e encontraremos. Olhemos a sociedade do tempo e compreendemos.’” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.587.)

<sup>94</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1942.

<sup>95</sup> FEBVRE, Lucien. L’ouillage mental. In: *Encyclopédie Française*. Paris, 1937.

<sup>96</sup> Idem, 1937.

preocupação de Febvre, fosse qual fosse o objeto trabalhado, foi centrar-se na reconstrução do sistema de expressões, dos sentimentos, das condições da existência material, do pensamento. Mas a tônica dos estudos recaiu sobre as biografias. Para Febvre, a *ouillage* mental de uma época podia manipular os homens e, por conseguinte, podemos chegar à *ouillage* mental por meio deles. A palavra *manipular* pode ser entendida no sentido de limitar as possibilidades. Portanto, não se pode usar um utensílio mental inexistente, a não ser que, por força de uma ação anacrônica, se falseie uma realidade. Esse tipo de conduta, tão combatida pelo autor, é o que chamamos de *anacronismo intelectual*.

O autor atentava que, em uma dada época, existe um determinado estoque de idéias, de utensílios, à disposição dos homens. A utilização desses materiais, de idéias<sup>97</sup> disponíveis, diferencia as mentalidades dos grupos sociais. Os de maiores possibilidades adquiriram quase a totalidade das palavras e conceitos existentes. Outros, mais desprovidos, utilizaram uma parte ínfima. Mas, quem seriam estes de maior possibilidade? Todos os indivíduos de uma sociedade teriam acesso a essa *ouillage* mental? No fazer historiográfico de Febvre, fica visível que não. Somente os detentores de recursos políticos-econômicos têm acesso a essa aparelhagem. Para a grande maioria dos membros da sociedade, são disponibilizados determinados tipos de ação e comportamento. Esse pensamento de Febvre se aproximava da definição de Panofsky sobre o hábito mental: um conjunto inconsciente de esquemas e princípios interiorizados, que dão a unidade de pensamento de uma época. Para testar essa proximidade entre Febvre e Panofsky<sup>98</sup>, basta ver a definição de “nômades”, dada por Febvre ao homem do século XVI, como uma característica dos indivíduos daquela época. Na sua obra, esses “hábitos mentais” (expressão não usada pelo autor), presentes nos indivíduos, passaram a predispor tais indivíduos a determinadas condutas e ações. Por meio do conhecimento dessas características psicológicas, é possível o entendimento de suas ações e condutas sociais. Elas funcionam como mediações entre as condições materiais vividas e os utensílios mentais presentes no universo social de uma época.

---

<sup>97</sup> Febvre utilizava esta expressão para designar o conjunto de idéias, conceitos e instrumentos materiais disponíveis em uma época ou em uma dada sociedade.

<sup>98</sup> Erwin Panofsky (1892-1968) foi crítico e historiador da arte alemã, e um dos principais representantes do chamado método iconológico. Realizou estudos em iconografia e enfatizou a importância dos costumes cotidianos para compreender as representações simbólicas.

Febvre utilizou o instrumental heurístico da Psicologia coletiva, que é imprescindível para esse nível de prospecção e conhecimento históricos. As estruturas materiais não são determinantes por si só. O estoque de idéias não se desloca em direção aos indivíduos por obra do acaso. Portanto, os valores e as determinações individuais são importantes para o processo de aquisição desse instrumental de conhecimento. Para Febvre, entender os mecanismos da *ouillage* mental de uma época não consistia apenas na sondagem de algo que está além da estrutura dos pensamentos. Da mesma forma que, para ele, também não existe uma relação determinista entre as instâncias infra e superestrutural, nos moldes de um marxismo vulgar, ou seja, um uso impróprio da teoria marxista. A consequência desse último procedimento é o empobrecimento de todo um esforço para compreender como as idéias se materializam em uma sociedade específica.

A utilização e o acesso aos instrumentos mentais passam a ser definidos pelos esforços espirituais individuais, mas deve-se reafirmar que nem a *ouillage* mental de uma época, nem os materiais de idéias são frutos das individualidades. O papel do estudo psicológico é elucidar, esboçar, fazer compreender. Os materiais de idéias sofrem as mesmas transformações que a *ouillage* mental, ou seja, evoluem movidos pelas condições materiais e pelas suas disponibilidades. Para Febvre, é em termos de evolução psicológica que as grandes transformações históricas deveriam ser compreendidas. Se não há deturpação do pensamento do autor, é em termos de evolução de materiais de idéias que se deveria compreender as transformações históricas. Nos capítulos posteriores, pode-se observar, com maior acuidade, a totalidade e extensão dessas reflexões e do fazer historiográfico do autor.

A *ouillage* mental, apresentada como produto de um incansável inventário, é pertinente. Para atestar isso, basta ter acesso às grandes biografias escritas pelo autor. Entretanto, quando se recorre aos seus primeiros textos, sente-se a necessidade de um aprofundamento sobre esse inventário que constitui a *ouillage* mental.

Em uma primeira impressão, o termo *produto*, para definir o inventário da aparelhagem mental, é impróprio, devido às conotações presentes em seu léxico. Elas falseiam toda uma realidade, própria do objeto, cuja natureza não permite um acabamento – o real de uma época é impossível de ser resgatado. Estamos diante de um conjunto de sucessivas descobertas feitas por Febvre, norteadas pelos deslocamentos no questionário. Isto é, nas perguntas que o historiador fez ao passado. Um bom exemplo

dessa prática se encontra no seu livro *Rabelais*. Quando o historiador interrogou sobre o ateísmo de Rabelais, ele deslocou o questionário, examinando a própria possibilidade da descrença e da incredulidade na cultura e na sociedade do século XVI. Este procedimento pode ser acompanhado nos textos e ensaios presentes nas suas coletâneas. Ele não é acessório em sua obra, porque constitui sua problemática e permite elucidar questões capitais. Por exemplo, ao procurar as causas do aparecimento de caracteres incomuns na arte cristã, no final do século XIV e no início do século XV, quando surgiu uma nova iconografia, (com a presença do pitoresco, do patético e do humano), Febvre deslocou o questionário e passou a interrogar e buscar explicações na ordem social.

A busca constante do entendimento e, por conseguinte, de uma melhor definição da *ouillage* mental de uma época, nos estudos de Febvre, deve ser feita em suas práticas historiográficas. Ele não explicitou o instrumental teórico que utilizava, o que era uma característica sua e da escola historiográfica a que pertenceu. É preciso estar atento à sua prática historiográfica, de onde emanam seus princípios teórico-metodológicos.

Febvre foi criticado por Revel por pensar que a utilização dos “instrumentos” disponíveis poderia explicar as diferenciações nas produções sensíveis e culturais dos homens de um mesmo tempo. Tal reflexão não satisfaz porque, segundo Revel: (...) *provando a existência quase objetiva de instrumentos sensíveis e intelectuais ela resulta em pensá-los fora dos usos sociais de que são objetos (e a negligenciar, em particular, as modalidades de sua transmissão e de sua apropriação)*<sup>99</sup>. A crítica tem pertinência, mas a citação de Revel traz, em seu texto, a palavra *quase*, o que aguça a necessidade de inquirir mais sobre a obra de Febvre, especialmente nos textos sobre história das mentalidades. Ao utilizar a noção de “*ouillage* mental” para investigar as categorias da percepção das sensibilidades e dos hábitos de pensamento, Febvre demonstrou todo um esforço para estabelecer relações entre as idéias e a realidade social. Isso foi possível distanciando-se de determinismos e anacronismos, articulando experiência individual e coletiva.

Febvre elegeu a biografia como seu principal objeto de pesquisa. Ele demarcou um ponto de tensão entre dois domínios: o *objetivo da natureza* e o *subjetivo do espírito*. Eles foram impostos à coletividade e às individualidades. A opção por estes domínios de

---

<sup>99</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

investigação, aos quais Febvre dedicaria o principal de sua produção teórica, exigiu dele novas reflexões sobre o processo de produção do conhecimento histórico. As novas concepções, presentes nas ciências da natureza e nas ciências sociais, exigiram uma história mais atualizada, que atendessem às interrogações de vários segmentos sociais, particularmente na França.

Com o desenvolvimento teórico da Física<sup>100</sup>, no início do século XX, foi posta em causa a ideologia do determinismo, no domínio da ciência da natureza, trazendo, como conseqüência a abertura de novos horizontes para a interpretação do “domínio do espírito”. Entretanto, a relação homem-natureza permaneceu na obra de Febvre e foi pensada por meio da superação do determinismo, porque a proposta dele era estudar as mentalidades, considerando as condições de existência da sociedade. Portanto, o autor teve que fixar o sistema de determinações que estabelecem os fatos “naturais” e os “fatores geográficos” sobre a ação humana. Havia a preocupação de produzir um conhecimento histórico mais humano, com sabor de “vida”.

As múltiplas influências de autores, as elaborações e reelaborações conceituais tornam os primeiros contatos com a obra de Lucien Febvre, até mesmo, assustadores. Afinal, estamos diante de uma obra que é profusa, complexa, de difícil domínio pela imensa e rica produção e pela diversidade de suas sugestões. Esta impressão é válida, mesmo quando nos propomos a estudar uma das faces de sua obra, como a história cultural. No início, procuramos uma estratégia, pensamos em um fio condutor que perpassasse pela sua obra. Este fio condutor nos levaria com segurança, sem risco de nos perdermos, na multiplicidade de caminhos a seguir, tal qual o fio de Ariadne, utilizado por Teseu nos labirintos do palácio de Knossos. Logo, concluímos que não existe labirinto. Estamos diante de um lago que aumenta sua superfície constantemente, com novas fronteiras.

---

<sup>100</sup> Refere-se ao modelo proveniente dos resultados das contribuições da teoria unificada de Einstein, e Planck, entre outros, e da mecânica quântica da Escola de Copenhague, de Bohr, Heisenberg e Schrödinger. Apesar do perigo redutor da generalização, o modelo contemporâneo enfatiza a dedução, salientando a importância da demonstração lógica, baseada na ordem probabilística, ressaltando o indeterminismo, a fim de elaborar leis relativas, condicionadas pela variabilidade das condições dos fatos. Para uma discussão mais aprofundada, ver: JAMMER, M. *The conceptual development of Quantum Mechanics*. New York: McGraw-Hill Book Co., 1966.

Com o intuito de ter um conhecimento cada vez mais adequado do processo de elaboração nessa área do conhecimento histórico, empreendido por Lucien Febvre, impõe-se uma abordagem crítica de seus escritos e ensaios, que culminaram em suas grandes obras. Não com um intuito permanente de observar uma “evolução espiritual”, da gênese ao *telos*, pois esse procedimento não é pertinente. Dada a natureza de seu fazer historiográfico e dos conceitos e noções por ele adotados, eles são sempre revistos, reelaborados, acrescidos de novas perspectivas. Isso também poderia levar a uma tentativa de colocar sua obra dentro de trilhos nos quais nunca trafegou. Procurar uma evolução desse tipo em seus saberes é correr o risco de quebrar toda a genialidade de seu pensamento, todo um engendramento de idéias que o autor acolhia, com indisfarçável entusiasmo, provenientes da renovação das Ciências Sociais, no início do século XX. A teoria do *zusammenhang* é uma contraprova incontestável das afirmações acima.

Nos estudos de Febvre sobre a história das mentalidades, não se identifica um ponto de partida e de chegada. O que se tem, é a maneira pela qual ele organizou seu campo de pesquisa. O objeto dessa pesquisa são os fatos culturais, levados a interagir com outras instâncias da vida social, ou seja, colocados no quadro histórico em que tiveram origem. Temos, também, todo um arcabouço metodológico, elaborado entre diversas áreas de conhecimento, bem como a interdisciplinaridade entre História e outras Ciências Sociais. Desse modo, conectam-se seus métodos com a finalidade de permitir um maior entendimento sobre as questões colocadas. Resulta desse procedimento a inauguração de um novo campo de conhecimento, com novos campos de pesquisa, em que os objetos pesquisados ganham validade e têm seu valor heurístico aferido.

Febvre também explorou a relação entre o conteúdo de uma “experiência”, a da prática humana, e sua expressão, tanto no nível individual, quanto no coletivo, ou seja, na multiplicidade de sentidos que podem ser construídos. Temos a demonstração prática desse procedimento na sua produção historiográfica. A própria postura metodológica do autor adverte para a inexistência de um acabamento, um término, em se tratando de pesquisa. Em vez disso, ele se direcionou à relação entre o homem e o sistema cultural em que está imerso. Febvre empenhou-se na totalização da experiência humana em uma determinada época e na forma lacunar e provisória dessa visão de mundo. À medida que se conhece o sistema cultural em que o homem está imerso, escrutina-se suas possíveis respostas, assim como os desafios impostos e as respostas realmente dadas em sua época.

O homem é visto como um elemento que se modifica ao absorver valores, práticas e costumes e, ao reproduzi-los em suas atividades sociais, transforma a sociedade. Estes movimentos revelam as múltiplas esferas de atividades humanas, em constante reelaboração, nas suas complexas interações com o meio cultural e material. As atividades humanas, em uma determinada sociedade, são avaliadas e estudadas em seu conjunto. Com este procedimento, as análises sobre os homens de uma época são feitas considerando as relações existentes no conjunto das atividades sociais. Este fazer é próprio daqueles que, sem esquecer as impossibilidades de atingir uma totalidade, produzem estudos mais preocupados em ampliar questões do que fechá-las.

As noções e as posturas teóricas de Febvre podem ser vistas em suas obras e em coletâneas de artigos. Neles, estão contidas as formulações de caráter geral sobre seus pressupostos teórico-metodológicos. Nas obras teóricas, a produção historiográfica e sobre a escola historiográfica a que pertenceu, são esboçadas as influências das correntes de conhecimento que o influenciaram no início do século XX, bem como no período entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Poucos trabalhos acadêmicos se dispuseram a estudar seus ensaios, direcionados aos estudos sobre a história intelectual. As críticas, de certa forma, se multiplicaram em dezenas de livros e de artigos, muitas delas têm legitimidade, enquanto outras deixam à impressão que podem não ser pertinentes. Em algumas, faltava o conhecimento do caminho percorrido por Febvre, em sua oficina de mestre.

A oficina de trabalho de Febvre, que visualizamos como um laboratório, está localizada em áreas de interseção de escolas historiográficas. Ela sofre a influência delas, comunga de alguns de seus pressupostos teórico-metodológicos, enquanto recusa outros. Febvre experimentou avanços de novas áreas de conhecimento das Ciências Sociais, ao mesmo tempo em que buscava uma identidade metodológica própria.

De uma maneira simplista, pode-se enquadrar a produção do autor sobre a história do mental, na escola historiográfica dos *Annales*, tal como grande parte de sua obra. Mas esta escola historiográfica também não é localizada em uma área de interseção, nascida da defesa de novas perspectivas analíticas? Entretanto, antes de ser um *annaliste* – de receber este rótulo – como historiador e um dos seus fundadores, Febvre já havia produzido todo um cabedal de conhecimentos teórico-metodológicos no campo cultural.

Antes de fundar com Marc Bloch a revista dos *Annales*, Febvre já possuía uma identidade própria, que pode ser traduzida pela faculdade de adaptar-se às situações novas, através da mobilidade e da elasticidade de pensamento. Preocupava-se em estudar as relações entre os modos de pensar, sentir e de produzir. Ele estava pronto para dedicar-se à história das “mentalidades coletivas” (o termo *mentalidade* já era usado em 1929), à qual se dedicaria, quase que por inteiro, no período da “escola”<sup>101</sup> dos *Annales*, deixando a Marc Bloch a direção dos trabalhos sobre a história econômico-social.

Nos *Annales*, as produções historiográficas de Febvre e Bloch diferem quanto ao enfoque dado à história das mentalidades. Entre os estudiosos das produções historiográficas de Febvre e Bloch, estão Reis, Burguière, Georges Duby, H. D. Mann, que apontavam convergências e divergências de pensamento e também das práticas. Isto se deveu à gama de influências teórico-metodológicas diversas sofridas pelos dois historiadores. Entretanto, ambos deram lugar central à psicologia na perspectiva de construção desse saber e partilhavam o mesmo anseio em decifrar o universo mental. Os dois autores atribuíram ao conhecimento histórico uma função dupla. Em primeiro lugar, a produção de um conhecimento histórico objetivo – história das práticas humanas no tempo. Em segundo lugar está a função de interpretação das explicações e significações que os homens dão às suas práticas. Neste último aspecto, a observância dos limites ancora nas práticas humanas as condições materiais de sua existência.

Febvre valorizava mais a consciência, na tradição hermenêutica diltheyana<sup>102</sup>, enquanto Bloch valorizava mais a estrutura material, dentro da qual a consciência se exprime, na tradição metódica “positivista” e durkheimiana<sup>103</sup>. No entanto, essas duas abordagens sobre o Homem harmonizaram-se numa combinação que possibilitou dar mais flexibilidade às fronteiras da história. Isso permitiu que a liberdade e a

---

<sup>101</sup> Muitos autores questionam o termo escola, para identificar o movimento dos *Annales*. Braudel é explícito sobre este ponto: “*Os Annales, apesar de sua vivacidade, nunca constituiu uma escola no sentido estrito, isto é, um modelo de pensamento fechado em si mesmo.*” Reis, por sua vez, diz que não se trata de uma “escola”, mas de um “espírito”, um “espírito interdisciplinar”, que aproxima a história das Ciências Sociais. Ver: REIS. Op. Cit., 2000, p.148. Por esta razão, utilizamos a palavra “escola” entre aspas.

<sup>102</sup> - Dilthey promoveu uma aporia ao subordinar o problema hermenêutico ao problema psicológico e ele está consciente desta situação. Segundo Ricoeur, o nó central do problema é que “a vida só entende a vida pela mediação das unidades que se elevam acima do fluxo histórico” Ver: RICOEUR, Paul. *À l'école de la phénoménologie*. Paris: Vrin, 1986, p.87.

<sup>103</sup> NOIREL. G. *Pour une approche subjectiviste du social*. Annales ESG, nº 6. Paris: A. Colin, Nov/dez. 1989.

individualidade humanas fossem preservadas no interior de estruturas políticas, econômicas e sociais, que antes as limitavam, condicionavam ou, até mesmo, as determinavam. Nestes procedimentos, encontra-se a orientação geral de pesquisa: analisar, como um ponto de tensão criativa, os fatores liberdade e determinismo. A discussão sobre esses fatores se manifestou na revista dos *Annales*.<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> A denominação escola dos *Annales* surgiu em função da publicação dos *Annales d'histoire économique et sociale*, um periódico que traduzia o movimento de reorientação que queria se imprimir aos estudos históricos, em 1929. Ver: BURGUIÉRE, A. Op. Cit., 1993, p. 49.

## CAPÍTULO II

### UMA PROSPECÇÃO E INTROSPECÇÃO NO UNIVERSO MENTAL DE UMA ÉPOCA: O ESTUDO DE UM VOCÁBULO

A partir deste capítulo estudaremos a coletânea de textos de Lucien Febvre *Pour une Histoire à part entière*, de 1962<sup>105</sup>. Tem-se por finalidade posicionarmo-nos em um lugar que nos permita observar, com maior acuidade, a utilização de saberes metodológicos e de reflexões. Com ela foi possível promover um conhecimento sobre o universo mental e material de uma sociedade, no caso, a *civilização* renascentista francesa no início do século XVI.

No quarto livro da obra em estudo, *Civilizations*<sup>106</sup>, encontram-se artigos e resenhas de Febvre, muitos dos quais veiculados nos *Annales*, além de outros escritos para a *Revue de sinthèse*. Portanto, a coletânea é composta por artigos que não obedecem a uma seqüência temporal, mas explicitam o seu procedimento metodológico e os acréscimos no seu saber historiográfico. Ele emerge provido de aquisições vindas de outras áreas de conhecimento, tais como: a psicologia, a antropologia, a sociologia e a lingüística. Febvre manteve sua proposição de conjugar o individual e o coletivo, reunindo, em uma mesma história, categorias de comportamentos muito diferentes.

Com estas características, tem-se em mãos um material que permitiu entender o desenvolvimento da construção de saberes, identificar os propósitos, as estratégias, as buscas por elucidar questões de cunho metodológico, de forma a alcançar seus objetivos. Ao adentrar a oficina de Febvre é possível compreender que os conhecimentos advindos desses fazeres, em constantes acréscimos, se estabilizaram e ganharam contornos mais sedimentados em sua obra.

---

<sup>105</sup> FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N, 1962.

<sup>106</sup> A obra *Civilisations*, de 1962, é dividida em 5 partes: *Notions Générales*, *Civilisations Materielles et Folklore*, *Histoire des techniques*, *Histoire Intellectelle*, e *Histoire des Sentiments*.

Os artigos da coletânea permitem uma incursão esquematizada e dinâmica, mas não direcionada a um único objetivo, porque não existe uma preocupação em conduzir os estudos a uma produção acabada. Isso pode ser identificado na coletânea *Au Coeur Religieux du XVI<sup>ème</sup> Siècle*, publicada em 1957. Nela, se encontra uma nota preliminar, escrita por Fernand Braudel, que demonstra a intenção de Lucien Febvre, em reunir parte dos seus escritos em uma coletânea, que viesse a ter a mesma importância metodológica de *Os combates pela história*. Segundo Braudel<sup>107</sup>:

Ce livre, à l' exception d'une conférence inédite est un recueil d'articles parus dans divers revues; il fait suite aux Combats pour l'histoire, publiés en 1953. Lucien Febvre en avait entièrement préparé le manuscrit, assemblé les pièces diverses, corrigé celle-ci, réécrit entièrement celle-là; il avait organisé avec son soin habituel l'ordre entier du cortège: problèmes d'ensemble avec, en tête, l'admirable article sur Les origines de la Réforme française et le problème des causes de la Réforme; puis les Études Érasmiennes; une série intitulée, A travers la Réforme française; et la dernière, Vers les temps nouveaux, c'est-à-dire vers le nouvel esprit du XVII siècle.

Lucien Febvre projetait d'écrire une préface qui eût relié ces études éparpillées à ses grands volumes et notamment à son Rabelais. J'ai jugé qu'il ne nous appartenait pas aujourd'hui de nous substituer à lui pour cette tâche difficile. Ce coeur religieux du XVI siècle est certainement le coeur de la pensée la plus originale de Lucien Febvre. Il se suffit à lui-même<sup>108</sup>.

O coração religioso do século XVI, que alimentava e abrigava todo um sistema de idéias que caracterizavam uma época, foi revelado em sua complexidade e originalidade por Febvre, nos textos que fundamentaram a coletânea *Au Coeur Religieux du XVI<sup>ème</sup> Siècle*. Destacamos que ela tem o propósito primeiro de expor os procedimentos metodológicos. Assim como as noções elaboradas, que são utensílios de prospecção que agenciam sua produção sobre o campo cultural. Febvre tinha o objetivo de revelar os caminhos percorridos pelo seu entendimento em direção ao “ilógico”, “*le coeur de*

---

<sup>107</sup> Introdução à coletânea de artigos, proveniente do discurso de Braudel, intitulado *Érasme dans son siècle*, conférence prononcée en août 1949 à Rio de Janeiro, devant l'Académie Brésilienne de Lettres.

<sup>108</sup> Tradução: “Este livro, com exceção de uma conferência inédita, é uma coletânea de artigos publicados em diversas revistas; em seguida à publicação de *Combats por l'histoire*, em 1953. Lucien Febvre havia preparado inteiramente o manuscrito, reunido diversos artigos, corrigindo uns reescrevendo outros inteiramente; organizou e ordenou a seqüência com seu cuidado habitual: problemas de conjunto, acima, o admirável artigo sobre *Les origines de La Reforme Française et Le problème des causes de la Reforme*; depois, os *Études Érasmiens*; uma série intitulada, *À travers de la Reforme Française*; e a última, sobre os novos tempos, ou seja, em direção ao novo espírito do século XVII. Lucien Febvre projetava escrever um prefácio que reunisse estes estudos dispersos à suas grandes obras, notadamente, a seu *Rabelais*. Eu julguei que não nos diz respeito hoje nos colocarmos em seu lugar nesta tarefa difícil. Este coração religioso do século XVI é certamente o coração do pensamento mais original de Lucien Febvre. Ele se basta.” (BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur L'histoire*. Paris: Flammarion, 1969, p.1.)

*l'homme*” que pulsa em um universo mental de uma época. Com propriedade, o autor utilizou o adjetivo “religioso” que, ao qualificar, revelou todo um complexo de idéias elaboradas ao longo de séculos. Entretanto, particularmente, no século XVI, atingiu a envergadura suficiente para alicerçar todas as produções humanas e também para se auto-reformular. Para Febvre:

Il y a certain nombre d'époques où il semble que les faits politiques, économiques, religieux, intellectuels, se trouvent unis les uns aux autres par un lien d'interdépendance particulièrement serré. Il y a des moments où on saisit avec netteté, dans les consciences humaines, les effets concordants de tout un vaste travail simultané. Au contraire, entre ces époques se placent des époques d'indécision, de dégradation, de dissolution. Sortes de territoires neutres où des arrières-gardes attardées se heurtent à des avant-gardes aventureuses<sup>109</sup>.

São reflexões, cujos propósitos ressaltam a importância das manifestações humanas serem estudadas em conjunto, para o entendimento das posturas, dos comportamentos, das crenças sociais, das produções intelectuais e materiais. De forma a revelar o complexo movimento advindo dos enfrentamentos, convergências e acordos das atividades humanas nos seus vários níveis.

## **2.1 Na historicidade de um vocábulo: a dinâmica de uma noção de civilização**

Na primeira parte do quarto livro da coletânea, intitulada *Notions Générales*, temos um estudo dos principais aspectos de uma *civilização*. É perceptível que os procedimentos metodológicos e elucidações foram tirados de artigos anteriores à sua conclusão. Os objetivos alcançados nas análises abriram espaços a novos entendimentos. Eles foram investigados e acrescidos de novos conhecimentos em artigos posteriores, presentes, nos campos de estudos que lhes são próprios. Isso reforça a intenção do autor em dotar este quarto livro de uma dinâmica própria.

---

<sup>109</sup> Tradução: “Existe certo número de épocas onde parece que os fatos políticos, econômicos religiosos, intelectuais, se encontram unidos uns aos outros por um vínculo estreito de interdependência. Existem momentos em que se apreendem com precisão, nas consciências humanas, os efeitos concordantes de todo um vasto trabalho simultâneo. Ao contrário, entre essas épocas se colocam épocas de indecisão, de degradação, de dissolução. Espécies de territórios neutros, onde retaguardas tardias se batem com as vanguardas aventureiras. (FEBVRE apud MANN. *Lucien febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p. 97.)

O primeiro artigo poderia estar localizado no final dessa coletânea devido seu caráter sintético. Entretanto, sua posição na ordem estabelecida pelo autor, não foi gratuita e, sim, proposital. Este foi o ápice de uma gama de trabalhos<sup>110</sup> prospectivos e introspectivos sobre o universo mental presente em uma *civilização*. Os leitores ou pesquisadores desta coletânea se viram obrigados a utilizar as informações, apreender os engendramentos metodológicos, as reflexões e noções presentes nos artigos que constituem os campos de estudos estabelecidos. Com isso, poderiam obter um entendimento claro sobre a estrutura metodológica subjacente ao estudo de uma palavra.

Nos campos de estudo *Notions Générales, Histoire Intellectuelle* e *Histoire des Sentiments*, os capítulos possuem uma função dupla. Parte de seus artigos oferece elucidações e análises, para o estudo contido no primeiro artigo, *Civilisation: évolution d'un mot et d'un groupe d'idées*. Os outros proveram novos estudos para uma maior compreensão de uma *civilização*. Em *Civilisations Matérielles et Folklore* e *Histoire des Techniques*, encontram-se estudos desenvolvidos, a partir de constatações de maiores esclarecimentos, sobre objetos presentes na composição do estudo. Eles não tiveram um tratamento metodológico adequado, ou foram pouco estudados.

A dinâmica impressa na organização dos saberes presente no quarto livro é a mesma das forças existentes, na noção de *civilização* de Febvre. Entretanto, a obra teve o objetivo de demonstrar metodologias aplicadas na história do mental, ao longo do fazer historiográfico do autor. É legítimo entendê-la como um conjunto de círculos concêntricos em constante expansão, que reverberam ao atingir seus objetivos e se encaminham novamente em direção ao centro. Retornando, mais uma vez, numa busca constante por novos objetivos a serem alcançados. Esta centralidade, que cabe ao primeiro artigo, formou-se, a princípio, pela convergência de saberes que aparentemente se estabilizam. Mas eles promovem incursões aos campos de estudos na coletânea, motivadas por buscas e ampliação de conhecimentos. Assim, os estudos sobre o universo mental e material que constituíram uma *civilização*, movimentam-se para serem mais bem compreendidos.

---

<sup>110</sup> Antes de elaborar este artigo, Febvre produziu estudos relevantes sobre o tema: “La terre et évolution de l’humaine”, de 1922 e “Les civilisations”, de 1929.

Os campos de estudo, em conjunto, esboçam e tornam presentes todos os domínios das práticas humanas objetivas e, principalmente, as subjetivas. Estas últimas foram compreendidas pelo historiador como tendo relativa autonomia em relação aos outros níveis das práticas sociais. Ulysses Guariba Netto comenta sobre este aspecto no percurso metodológico do autor:

Mas outros aspectos da prática humana atraem o olhar atento de Febvre: é seu interesse em explorar o domínio do que chamaria as mais “subjetivas” produções do espírito – as significações religiosas, as expressões artísticas. Domínios expressivos e não menos determinantes da prática humana. Resistentes a uma interpretação, mas, por isso mesmo, despertando a atenção de Febvre<sup>111</sup>.

O artigo *Civilisation: évolution d'un mot et d'un groupe d'idées*<sup>112</sup> foi apresentado no *Semaine Internationale de synthèse*, em 1930, na cidade de Paris. Sabe-se da importância desse tema para o historiador, assim como as peculiaridades existentes em suas elucubrações e das características do seu entendimento sobre essa noção<sup>113</sup>. Febvre realizou um estudo sobre a história da palavra *civilisation*, e também da noção que esta palavra oferece e seus sentidos no vocabulário, ao longo de um período. Febvre enfatizou sua evolução sob o peso das experiências humanas. O mesmo procedimento foi realizado no artigo *Travail: évolution d'un mot et d'une idée*, presente na terceira parte da coletânea.

Ces termes, dont le sens, plus ou moins grossièrement défini par les dictionnaires, ne cessent d'évoluer sous la poussée des expériences humaines, nous arrivent grossis, pour ainsi dire, de toute l'histoire qu'ils ont traversée. Seuls, ils permettent de suivre et de mesurer avec une exactitude un peu lente (le langage n'est pas un appareil enregistreur très rapide) les transformations d'une groupe de ces idées maîtresses que l'homme se complaît à croire immobiles, parce que leur immobilité semble garantir sa sécurité. Faire l'histoire du mot français civilisation, ce serait reconstituer, en réalité, les phases de la plus profonde des révolutions qu'ait accomplies, et subies, l'esprit français depuis la seconde moitié du XVIII<sup>ème</sup> siècle jusqu'à nos jours<sup>114</sup>.

---

<sup>111</sup> GUARIBA, Ulysses Netto. *Leitura da obra de Lucien Febvre e Marc Boch nos Annales: introdução à análise do conhecimento*. 1973, 299 fl. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1973. Assis, f.114.

<sup>112</sup> FEBVRE, Lucien. *Civilisation: évolution d'un mot et d'un groupe d'idées*, 1948.

<sup>113</sup> Sobre as análises de MANN, ver: MANN, HANS-DIETER. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p.48-53.

<sup>114</sup> Tradução: “Estes termos, cujos sentidos, definidos mais ou menos grosseiramente pelos dicionários, não cessam de evoluir sobre o peso das experiências humanas sob o impulso das experiências humanas, nos

## 2.2 O geográfico na noção de civilização

Antes de adentrarmos no estudo da historicidade do vocábulo e de suas noções, é preciso que nos aproximemos dos pensamentos do historiador que possibilitaram elaborar sua noção de *civilização*. Pode-se traduzi-los por centros de forças culturais, sem agredir as reflexões próprias do historiador e visualizarmos a metodologia aplicada para o entendimento dessa noção. Os exemplos serão retirados de vários estudos presentes na coletânea, a princípio, na primeira parte.

Febvre expressou um interesse notório pelo espaço geográfico, onde determinadas manifestações culturais se realizavam. O historiador se propôs a elucidar as fronteiras de unidades culturais, tais como: França, Países do Norte, Cidades italianas, etc., no espaço temporal pretendido no estudo. O intuito não era o de premiar um grupo, uma sociedade, ou um Estado Nacional por empreender uma manifestação artística, intelectual, ou o domínio de uma tecnologia que viessem distingui-las de outros complexos culturais, espacialmente localizados. O objetivo era observar, com acuidade, a presença de forças que agem nesses complexos de manifestações materiais e espirituais, realizando as permutas inter-culturais e intra-culturais.

A dinâmica inter-cultural tem relações estreitas com a intra-cultural, pois a primeira contribui para uma possível homogeneização cultural. Mas, em conjunto, asseguram o consenso específico de cada *civilização*. Ao estudar a arte da primeira Renascença francesa no artigo *Les aspects d'une civilisation: la première Renaissance française; quatre prises de vues*<sup>115</sup>, no item *L'effort vers la beauté*, Febvre realizou um estudo sobre o esforço do homem francês do século XVI, no empreendimento da produção de arte. Esta atividade foi considerada pelo historiador como um dos principais aspectos de uma *civilização*. Perceber a força inter-cultural no período é, primeiro, localizar o que se entendia sobre o território francês no século XVI. Com o intuito de precisar o território e seus centros de produção de arte, que ficavam a meio caminho de

---

chegam impregnados, por assim dizer, de toda a história que atravessam. Assim, permitem segui-los e mensurá-los com uma exatidão vagarosa (a linguagem não é um instrumento registrador muito rápido) as transformações de um conjunto de idéias matrizes que o homem se compraz em acreditar-los imóveis, pois sua imobilidade parece garantir sua segurança. Fazer a história da palavra francesa *civilisation*, seria reconstituir, na realidade, as fases mais profundas das revoluções que tenha realizado e sofrido, o espírito francês durante a segunda metade do século XVIII até nossos dias." (FEBVRE. Op. cit., 1962, p. 481-482.)

<sup>115</sup> FEBVRE, Lucien. Les Principaux Aspects d'une Civilisation: la Première Renaissance Française (Quatre Prises de Vues). In: \_\_\_\_\_. *Pour une Histoire à Part Entière*. Paris, 1962.

dois grandes centros: Flandres e as cidades italianas. Os padrões estilísticos desses centros, cada um deles, a seu tempo, convergiram para os centros franceses, levados por artesãos – os homens do século XVI eram “nômades”<sup>116</sup>. As forças inter-culturais se efetuavam, dadas as condições sociais vivenciadas pelos segmentos sociais na França. Elas foram decisivas para as permutas, recepções, amálgamas das correntes estilísticas que transpassavam a Europa ocidental, sob o impulso do movimento intelectual.

A força intracultural, no caso, a francesa, está presente na cultura receptiva, embora, no período, existisse uma arte cujo espírito nada tinha de nacional, segundo Febvre. As convergências dos modelos estéticos estrangeiros não homogeneizaram a cultura francesa. Ao serem assimilados, os padrões reforçaram o caráter estilístico da arte produzida no país receptor, que as assimilava, e imprimiam suas características fisionômicas. Febvre refletiu sobre as relações entre a Geografia e as manifestações culturais, mais especificamente, em *La terre et l'évolution humaine, introduction géographique à l'histoire*,<sup>117</sup> de 1922.

No entanto, o jogo de forças gerado pelos movimentos das expressões culturais, é capitaneado pelas vagas de idéias que se materializaram nas sociedades, provenientes, em grande parte, das reflexões sobre a cultura da Antiguidade.

### **2.3 O homem enquanto elemento de atração e difusão de uma civilização.**

Nas reflexões de Febvre, estas forças são de caráter permanente nas civilizações:

Et ainsi, un mot revient toujours, en conclusion de ces esquisses rapides. Accord. Convergence. Simultanéité et liaison des grands courants dominants qui traversent, pour l'entraîner, un siècle si tumultueux en apparence, si violent, si disparate, si agité.- Synthèse si l'on veut; mais à ce mot savant j'en préfère un autre. C'est la vie. La vie qui est tout l'objet de l'histoire. La vie humaine qui n'est, elle aussi, que convergence, accord, enchaînement, synthèse, mobilité aussi, perpétuel échange de forces qui se heurtent et s'affrontent, et du choc desquelles jaillissent, parfois, d'étranges flammes. Pour la sentir, pour la comprendre pleinement, (...). Il faut courir les grands chemins du monde, se placer, s'arrêter longuement aux maîtres carrefours, pour y saisir

---

<sup>116</sup> As análises alicerçadas pela psicologia coletiva, empreendida por Febvre, buscavam um conhecimento dos atributos psicológicos dos homens do século XVI, que se encontravam no nível do coletivo.

<sup>117</sup> FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*. Paris, Éditions Albin Michel. 1922.

tous les vents contradictoires. Il faut, afin de mieux comprendre l'art français de la Renaissance, savoir promener, longuement, des Flandres minutieuses et concentrées aux Italies dramatiques, savantes et pittoresques.<sup>118</sup>

Seguindo estas proposições do autor, procuro entender o estudo desenvolvido sobre o vocábulo, e sua análise, a partir das experiências humanas em um dado período. Para tanto, atento, em primeiro lugar, que o agente seja previamente conhecido em sua complexidade de espírito, em suas atividades sociais, em sua capacidade de realização. Visto como um elemento de atração e difusão em seu meio social, o agente imprime suas marcas indeléveis em suas produções, sejam espirituais ou materiais. Febvre esboçou uma análise psíco-histórica e antro-po-histórica com o intuito de apreender as atitudes, os hábitos, as representações e os comportamentos próprios dos homens de determinada época. Assim, poderiam ser reconhecidos, caracterizarem uma época e torná-la diferente de qualquer outra.

Os artigos que sucedem o estudo do vocábulo se pautam, precisamente, sobre esses aspectos, que veremos detalhadamente no Capítulo IV. Mas, por agora, os esboçaremos, à guisa de demonstrar a proposição do autor quanto à dinâmica impressa no artigo. Febvre se ocupara em revelar o homem renascentista do século XVI, em suas experimentações, na França.

---

<sup>118</sup> Tradução: “Assim, uma palavra retorna sempre, em conclusão de breves esboços. Acordo. Convergência. Simultaneidade e ligação das grandes correntes dominantes que penetram, para impeli-lo, um século tão tumultuado em aparência, tão violento, tão discordante, tão agitado. – Síntese, se o quiser, entretanto, a esta palavra sábia, prefiro outra. É a vida. A vida é todo o objeto da história. A vida humana, que é também, não apenas convergência, acordo, encadeamento, síntese, mobilidade também, perpetua, permuta de forças que chocam e se enfrentam e, do choque dos quais irromper, por vezes, estranhas flamas. Para senti-la, para compreendê-la plenamente, [...]é preciso correr os grandes caminhos do mundo, se colocar, deter-se longamente nos grandes cruzamentos, para apanhar apanhar todos os ventos contraditórios. É preciso, a fim de melhor compreender a arte francesa da renascença, saber admirar, longamente, as Flandres minuciosas e concentrar-se nas Itálias dramáticas, sábias e pitorescas.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 585.)

## 2.4 As experiências sociais reveladas: uma análise psico-antropológica e psico-histórica do homem renascentista francês

Na segunda parte, temos o artigo *Les aspects d'une civilisation: la première Renaissance française; quatre prises de vues*<sup>119</sup>. Nos itens *L'homme du Temps – Le Français de la Renaissance, L'effort vers la science, L'effort vers la beauté, L'effort vers le divin* Febvre fez uma análise psico-antropológica e psico-histórica, do homem e buscou compreender “o sentido do humano, o sentimento sempre presente do que é, do que representa na sua realidade viva e ativa uma personalidade, uma individualidade humana.<sup>120</sup>” O homem é analisado em suas afinidades com as disponibilidades do universo mental da época e em suas relações socioeconômicas.

A análise antropológica realizou-se a partir de um inventário das condições sócio-materiais, vividas pelos vários segmentos sociais, da primeira Renascença francesa. Febvre comparou as condições dos homens europeus, particularmente, na França. O homem contemporâneo<sup>121</sup> é cidadão, sedentário e refinado, em consequência do conforto trazido pelo progresso material. O outro, aquele do século XVI, rústico e “nômade”, estava em eterno combate contra uma natureza hostil. Febvre examinou os grandes contrastes das alternâncias entre o dia e a noite, inverno e verão, as condições de habitação, de lazer, de religiosidade e as condições de vida impostas pelas relações sociais. Também estava atento para seus efeitos sobre o físico e o psíquico dos indivíduos. O historiador expressou a necessidade de manter relações estreitas entre os esclarecimentos advindos da psicologia e o conhecimento científico da função social, ou seja, a sociologia.

A análise psico-histórica possibilita explicar, entender e localizar o aspecto humano em suas discontinuidades entre uma época e outra, permitindo a compreensão mais apurada do período estudado. Com as contribuições metodológicas das disciplinas

---

<sup>119</sup> FEBVRE, Lucien. Les Principaux Aspects d'une Civilisation: la Première Renaissance Française (Quatre Prise de Vue). In. \_\_\_\_\_. *Pour une Histoire à Part Entière*. BRAUDEL, Fernand (Org.). Paris, 1962.

<sup>120</sup> Tradução: “(...) o sentido do humano, o sentimento sempre presente do que é, do que representa na sua realidade viva e ativa uma personalidade, uma individualidade humana. Por isso, o livro *Introdução à psicologia aplicada* do Dr. Wallon assume toda sua significação. A par de um cientista, apercebemo-nos, ai, de um homem.” (FEBVRE. Op. Cit., 1953, p. 206.)

<sup>121</sup> No contexto deste trabalho, a expressão homem contemporâneo diz respeito àqueles que viveram durante a época em que Febvre era vivo.

Sociologia e Psicologia coletiva, Febvre se aproximou da consciência desses homens, por meio de alguns traços evidentes, que a análise do meio social permitiu compreender.

A partir, destas reflexões, Febvre procurava compreender os esforços desprendidos pelos homens do século XVI, em direção à Ciência, à Arte e ao Divino. Tal procedimento alicerçou o estudo das noções presentes no vocábulo *civilização*, sob o peso das experiências sociais.

No item, *L'effort vers la science*, as análises de Febvre se encaminharam para a compreensão da obstinação do homem renascentista em se instruir. Febvre o fez baseado na prospecção dos atributos psicológicos dos homens e das condições materiais e sociais. Ele buscou apreender os comportamentos, as atitudes, as inclinações que os levaram a empreender o esforço para adquirir o conhecimento. O historiador considerava a produção intelectual do período, tomou um indivíduo como personagem de análise. No caso, o personagem estudado foi Thomas Platter, a fim de articular as obras e as condições sociais e mentais que lhes deram origem.

Em *L'effort vers la beauté*, não foi mais utilizado um indivíduo como “personagem” de estudo para articular as obras e as condições sociais e mentais que originaram todo um segmento social. O objeto de estudo – a arte renascentista francesa e seus padrões estéticos – trata-se de uma arte que evoluiu dos padrões estéticos impassíveis da arte cristã clássica, apresentados no século XIII, para uma revolução na estética. Apresentava uma iconografia religiosa, em cujas composições entraram o pitoresco, o patético, o humano. Neste estudo, as características psicológicas do segmento social burguês do século XVI dão sustentação e permitiram que Febvre pesquisasse sobre as particularidades presentes na produção estética francesa. Elas tiveram um papel aferidor das possibilidades de realizações da sociedade, pois ajuizavam como os homens dos séculos XV e XVI se mobilizaram para adquirir e desenvolver o conhecimento estético, que se expressava refletindo novos sentimentos, uma nova concepção de vida material e espiritual, seus anseios e necessidades.

*L'Effort Vers Le Divin* tem, por sua vez, como objeto de análise, as doutrinas religiosas; dos aspectos doutrinários desprendidos da religião oficial, aos resíduos da antiga Religião pagã, no início do século XVI. O universo mental foi prospectado por meio das aspirações religiosas vividas pelos segmentos sociais nas décadas anteriores à eclosão do movimento reformista europeu. Febvre atentou para as diferenciações, tanto materiais

quanto espirituais, que puderam ser traduzidas como aspirações, representações e entendimentos, na vida desses grandes segmentos sociais: os camponeses, o clero, a burguesia. Ele analisou a grande massa de crentes e de clérigos franceses quanto à suas apreensões e seus testemunhos religiosos.

Na base dos estudos de Febvre, estavam as forças que impulsionaram e predispuseram os homens, (sejam elas, de natureza material ou espiritual), provenientes de sua interação com o meio natural ou social. Tais forças os levaram à experimentação, guiados pelas necessidades, também de ordem material ou espiritual. Febvre esboçou um exercício para entender o processo no qual os homens experimentam e despendem esforços. Assim, é possível analisar a concretude da palavra legada pela língua, vista como uma “instituição” social<sup>122</sup>. Febvre a historiciza em sua trajetória pelo social, atento, precisamente, à materialização da experiência nas noções presentes nos vocábulos.

O historiador analisou a natureza do objeto, o vocábulo, o que permitiu mensurar e medir as transformações de um grupo de idéias que, inúmeras vezes, os homens julgavam imóveis. Febvre esclareceu que essa imobilidade era a garantia de seguridade nas crenças dos homens em geral, assim como, em particular, de muitos historiadores e pensadores em seus estudos no campo cultural.

Com estas considerações, o autor se reportou, em seguida, às mudanças de sentido presentes na noção de *civilização*, tão cara aos homens dos séculos XVII e XIX. Ela foi concebida, em primeira instância, para atrair os povos em direção a uma homogeneidade. Contudo, no século XX, a concepção de civilização única não seria mais que um sustentáculo moral, uma esperança. A História, a Etnologia e os resultados da Biologia, assim como as experiências vividas pela Revolução Francesa e a Restauração na Europa, levaram à certeza da existência de uma pluralidade de civilizações que se mostraram irreduzíveis, uma as outras.

Para Febvre, fazer a história de uma palavra é reconstituir, portanto, as fases profundas das revoluções que o espírito de um povo sofre (neste caso, os franceses do século XVIII até a contemporaneidade), sem os limites impostos por um Estado nacional. As sociedades foram atingidas por vagas de idéias, não provenientes de uma ciência em

---

<sup>122</sup> - Segundo Antoine Meillet o caráter da linguagem, advém do fato de ela ser, primeiramente, uma instituição social.

particular, mas de todas as disciplinas e saberes que se ajudam. O autor intentava observar as materializações das idéias no meio social, e conseqüentemente, nos vocábulos. Elas possibilitam datar as épocas com maior rigor. É o que Febvre demonstrou nos seus artigos formadores do campo de estudo sobre a história intelectual. Ele criticou o livro de L. Delaruelle sobre Budé, escrito em 1907. Segundo suas análises, ao utilizar esquemas classificatórios, uma realidade vivida é distorcida. Por exemplo, o fato de Delaruelle não ter percebido que o Renascimento na França e a Reforma fizeram parte de um mesmo movimento contra o Formalismo existente na sociedade. Febvre procurava reencontrar a originalidade de cada sistema de pensamento na sua complexidade, nas suas alterações e mutações e, também, nas suas recepções pelos diversos segmentos sociais. Lição que o autor consagrou em seu estudo sobre o livro de E. Droz sobre Proudhon. Nele, fez críticas ao determinismo, que não permitiu a Droz observar a presença de uma idéia ou de um conjunto de idéias. Elas teriam condições de influenciar o comportamento e as ações de um grupo e proporcionam relevância às ações individuais para compreender uma época.

Para Febvre, um estudo sobre uma palavra tornara importante o conhecimento da dinâmica das idéias em um meio social. Em seu artigo *En Utopia*, presente nesta coletânea, Febvre percebeu que as idéias que se materializavam em uma sociedade compõem as noções presentes em um vocábulo, ou mesmo que elas possam ter sido originadas em condições materiais e sociais de outra temporalidade. Disso, resultou a imposição de reconstituir o universo mental de épocas posteriores para um entendimento apropriado de um vocábulo.

A metodologia que o estudo da palavra *civilisation* recebeu de Febvre não a distancia daquelas outras recebidas em seus estudos sobre a história das idéias “intelectuais”. As preocupações e reflexões metodológicas contidas neste campo de estudo, como indicado anteriormente, se fazem presentes por meio de sua elaboração.

## **2.5 A “história-problema” revela os universos mentais**

O estudo do vocábulo é inaugurado a partir da constatação de um fato contemporâneo. As teses defendidas na Universidade *Sorbonne* passaram a tratar por *civilização* povos como, por exemplo, os Tupi-Guarani da América do Sul e os Hunos, considerados, a pouco identificado, como o flagelo de Deus. O historiador verificou que

o emprego da palavra, pelas concepções correntes nas publicações periódicas da atualidade francesa, designava dois sentidos diferentes. Por outra via, constatava-se uma concepção de História.

A “história-problema” conduzida por hipóteses inaugurou uma “nova história” na historiografia contemporânea, segundo Reis<sup>123</sup>. No entanto, é necessário conhecer a concepção de história do autor. Febvre concebeu a história como uma sucessão de estruturas totais e fechadas, que não são passíveis de serem reduzidas umas às outras. Estas estruturas deveriam ser compreendidas e explicadas em si mesmas, uma vez que são diferentes entre si e descontínuas, não servem para um estudo encadeado e teleológico. Para entendê-las e explicá-las, deve-se partir do presente e estar atento às diferenças entre os homens de ontem e os de hoje. É por meio destes últimos que podem e devem ser abordadas. Portanto o historiador, imerso em seu mundo, levou ao passado problemas específicos de sua contemporaneidade, verificando se eles, de fato, existiram no passado e, se tendo existido, como foram vivenciados. É o que se encontra em sua obra *Le Problème de l'Incroyance au XVI<sup>ème</sup>. Siècle*<sup>124</sup>.

Depois, encontramos um procedimento metodológico a ser observado: o problema do sentido ambíguo do objeto, que levou o historiador à prospecção do universo mental em que foi plasmado o sentido do vocábulo *civilisation*. Ele constatou, pelo estudo da historicidade da palavra, que ela herdou o sentido de outras duas, cujos sentidos foram plasmados em outros universos mentais. Os estudos sobre o vocábulo se pautam, paralelamente, ao das mutações existentes nos universos mentais em determinado período.

O vocábulo, na época do estudo, expressava, em primeiro lugar, um conjunto de caracteres da vida coletiva de um grupamento humano: (vida material, vida intelectual, moral e política). Em segundo lugar, especificava as conquistas materiais e intelectuais, assim como, as fraquezas de uma *civilização* foram questionadas, tem-se um julgamento de valor. A “nossa civilização”<sup>125</sup> se contrapõe à outra: selvagem, bárbara ou semi-

---

<sup>123</sup> REIS. Op. Cit., 2000.

<sup>124</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1942.

<sup>125</sup> - Na obra de Febvre, a expressão “nossa civilização” atingiu uma extensão muito variável no tempo e no espaço. Por vezes, são os “Branços” ou “a civilização ocidental”, que pode se estender a todo continente americano – no aspecto temporal, atingiu o período greco-romano–, ou simplesmente a civilização francesa.

civilizada. O historiador atestou, ao longo de seu estudo, que as raízes dessa questão se localizam nos vocábulos que emprestaram seus sentidos para o vocábulo *civilisation*.

Seus registros foram exaustivamente levantados, datando de 1766 sua primeira impressão. A investigação se processava nas obras de autores dos diversos campos de saberes e de cunho mais especializado, tais como: *Dictionnaires de l'Académie française*, de *Furetière* ao *Littré*, passando pela *Encyclopédie*. Em paralelo ao levantamento que descortina o vocábulo, Febvre registrou a ausência dele, no substantivo, nas obras de Rousseau, Duclos etc. O autor registrou a assiduidade do particípio do verbo *civiliser*: que é *civilisé*. Este, de uso corrente, existe nos dois lados do canal da Mancha. Assim, a preferência de autores pelos termos, *policie*, *police* e *policés*, aparecem com normalidade, em obras das décadas posteriores e anteriores ao aparecimento do vocábulo *civilisation*.

O historiador empreendeu um estudo dos muitos sentidos e das causas da preferência do emprego dos termos acima citados por pensadores em diversas áreas de saberes. Para tanto, as obras foram analisadas em seu meio intelectual e espiritual, interpretadas em função dos hábitos mentais, das preferências e aversões de seus autores. Este procedimento possibilitou visualizar e ter uma noção tópica dos muitos aspectos do universo mental existentes em determinado período. Essa ação do indivíduo, provido de seus atributos psicológicos, era valorizada. No entanto, foi o universo mental, existente em sua época, que prevaleceu. Isso pode ser percebido no livro *Un destin: Martin Luther*<sup>126</sup>, sobretudo na seguinte frase: “O indivíduo é apenas o que a sua época e o seu meio permitem que ele seja.”<sup>127</sup> Assim, é preciso focalizar a multiplicidade de sentidos que envolvem um vocábulo em seus usos, numa determinada época. A exemplo do vocábulo *Police*, essencialmente integrado no sentido político e constitucional, ele aparece na obra de Duclos, *Considerations sur les moeurs de ce temps*, de 1731, acrescido de um sentido moral e intelectual novo.

A permanência de vocábulos em determinadas áreas de saber não pode unicamente ser traduzida por hábitos mentais, mas também por preferências e aversões por parte de alguns autores. Ao colocar estas questões, Febvre inaugurou, para nosso estudo, um aprofundamento na complexidade da reflexão sobre a história do mental.

---

<sup>126</sup> FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1928.

<sup>127</sup> FEBVRE. Op. Cit., 1989, p. 211.

Afinal, *permanência* não pode ser traduzida, neste capítulo, simplesmente por *constância*, ou mesmo, *conservação* motivada pelo hábito ou imposição discursiva de determinada área de saber. Mais adiante trataremos dessa questão de maneira mais aprofundada.

Para Febvre os vocábulos, assim como qualquer outro objeto de estudo, devem ser imersos no universo mental da época a que pertencem para serem compreendidos em sua inteireza. Deve-se também contemplar as causas da preferência de determinados vocábulos em detrimento de outros. No caso, aqueles utilizados satisfazem às necessidades de uma sociedade, pois traduzem os modos de pensar e as características psicológicas presentes no período. Segundo Febvre:

Sur les nuances de ces mots passablement nombreux, on devine que les synonymistes ne tarissaient guère. Toute une littérature, d'ailleurs pleine de plagiats inavoués, s'appliquait à définir le sens correct de termes chargés d'une ingénieuse psychologie.<sup>128</sup>

O vocábulo *civilisation* triunfara com a aproximação da Revolução na França. Surge no fim do grande esforço da *Encyclopédie*. Febvre direcionou a análise para a vaga de idéias que se materializavam na sociedade daquele período. Enumerou as obras marcadas por um primeiro esforço de síntese que atingiu as principais modalidades da atividade humana, na política, na religião e nas artes. Naquele momento, os frutos da filosofia fundada sobre a quádrupla base de Bacon, Descartes, Newton e Locke foram colhidos. Em pleno desenvolvimento da grande idéia da ciência racional e experimental, das contribuições filosóficas de Buffon, Montesquieu, das reflexões de Henri Daudin sobre Lamarck e Cuvier, quando ele concluiu que a evolução atingiu seu verdadeiro sentido, no espírito moderno. No mesmo momento das descobertas de Lavoisier e do desenvolvimento científico e tecnológico do século XVIII, dos avanços na ciência econômica e social. Portanto, ao triunfar, o vocábulo satisfaz a necessidade de expressar a idéia de síntese presente no universo mental e que está materializada na sociedade. Entretanto, o mundo, que não é conhecido por inteiro em nossos dias, era ainda menos no passado. Os conhecimentos históricos ou etnológicos são muito imperfeitos.

---

<sup>128</sup> Tradução: “Sobre as nuances dessas palavras razoavelmente numerosas, descobre-se que os sinonimistas só mediocrementemente exaurem. Toda uma literatura, aliás, cheia de plágios ocultos, se aplicava para definir o sentido correto de termos carregados de uma engenhosa psicologia. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 492.)

No final do século XVIII, a palavra *civilisation* expressava as ações e sentimentos presentes naquela sociedade. Segundo Febvre, o vocábulo traduzia, antes de tudo, um ideal em larga medida, um ideal moral. Os filósofos que seguem Rousseau, utilizavam-na para resolver problemas de valor. No final do século XVIII, não existia estudos críticos sobre a noção de *civilização*.

Simplement, on approuve ou on improvve la chose: cette civilisation-idéal, cette civilisation-perfection que tous les hommes du temps portent, plus ou moins, dans leur cerveau et dans leur coeur, comme une idée-force, non comme une idée claire. Et dont nul, en tout cas, ne s'avise encore de vouloir restreindre, ou particulariser, la portée universelle.<sup>129</sup>

As análises de Febvre se voltaram para as manifestações materiais das idéias, no caso, as obras intelectuais, bem como as posturas de seus autores como tradutores do universo mental existente em uma época. Ele procurou compreender as formas de sentir de uma sociedade, numa época em particular, que possibilitaram ao vocábulo *civilização* expressar determinados sentimentos da sociedade.

A aderência de determinadas noções em um vocábulo traduzem a sensibilidade reinante em um período. Afinal, as formas de sentir são, também, alteradas pelas materializações das idéias, assim como pelas transformações das bases materiais e das disposições psicológicas de uma sociedade. Entretanto, Febvre apontou a existência de inter-relações e influências mútuas neste processo. Portanto, não se pode ter uma única aproximação. Em seu artigo “*Como reconstituir a vida afetiva de outrora?*”<sup>130</sup>, no livro *Combates pela História*, ele esboçou todo um procedimento metodológico para o empreendimento de uma história das sensibilidades. Na mesma coletânea, encontramos o artigo *Iconographie et évangélisation chrétienne*, escrito em 1914, para a *Revue des cours et conférences*. Nele, podem-se observar as forças que atuaram nas transformações das formas de sentir em uma sociedade, durante um longo período.

Em 1819, o vocábulo *civilisation* foi impresso em uma obra, com o acréscimo de um *s* no final do substantivo, o que atestava a presença de reflexões novas.

---

<sup>129</sup> Tradução: “Simplesmente, aprova-se ou é imprevista a coisa: essa civilização ideal, esta civilização perfeita que todos os homens do tempo trazem, mais ou menos, em sua cabeça e em seu coração, como uma idéia forte, não como uma idéia clara. E que nulo, em todo caso, não pretende abreviar, ou particularizar, a amplitude universal. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 505-506.)

<sup>130</sup> FEBVRE, Lucien. Como reconstituir a vida afetiva de outrora? In: \_\_\_\_\_. *Combats pour L'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.

Principalmente nas áreas das “Ciências Sociais”, algumas em via de alcançar independência e reconhecimento acadêmico, no final do século XVIII e início do XIX, com os avanços tecnológicos. Conseqüentemente, temos um volume considerável de relatos de viajantes, navegadores, sobre o Pacífico, notadamente, publicados em várias línguas, sobre os homens, seus modos, costumes, idéias, instituições. Desse modo, percebe-se outros povos, com vários séculos de *civilização*. O aumento considerável de informações sobre os homens do planeta proporcionou à noção de *civilização*, agora no plural, um sentido étnico ou histórico.

## 2.6 A história das técnicas: contribuições para novos entendimentos

Nas considerações anteriores, Febvre mencionou as conseqüências dos avanços tecnológicos, que produzem acréscimos de informações, desencadeando um maior entendimento na Ciência Social. Seguindo a dinâmica interna da coletânea, impressa pelo autor, temos um desses espaços abertos a novos entendimentos historiográficos, que se encontra no campo de estudo *Histoire des Techniques*. No artigo, *Réflexions sur l'histoire des techniques*, de 1935, há um estudo de Febvre que esboça as principais questões a serem abordadas para se fazer uma história das técnicas, um campo de estudo quase totalmente inexplorado. O historiador esclareceu que, no domínio das técnicas, o “progresso” resulta da acumulação de pequenas descobertas e um seguimento de mutações bruscas, que criam situações radicalmente novas. Deve-se considerar, nas diversas épocas, os equipamentos, os ofícios, as indústrias e os trabalhadores. Para Febvre, a atividade técnica não saberia se isolar das outras atividades humanas, pois está fortemente enquadrada e comandada pelas suas ações, fossem elas individuais ou coletivas. Pode-se tratar da religião, da arte ou da política. Os homens de uma época visam atender as necessidades dessa mesma época. Febvre especificou:

Chaque époque a sa technique, et cette technique a le style de l'époque. Un style qui montre à quel point tout s'enchaîne, et s'interfère, dans les faits humains: comment, si l'on veut, la technique subit l'influence de ce qu'on peut nommer l'histoire général – et, même temps, agit sur cette histoire<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> Tradução: “Cada época tem sua técnica e esta técnica tem o estilo da época. Um estilo que demonstra em que ponto tudo se relaciona e interfere nos fatos humanos: como, se se quer, a técnica sofre a influência do que se pode nomear de história geral – e, ao mesmo tempo, age sobre esta história.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.661.)

Temos, em suas análises, a inserção de um objeto que, anteriormente, foi um dado: a Técnica. Em uma determinada época, ela se tornou um objeto capaz de conter e revelar o universo mental, tais como a iconografia, as obras, e a sensibilidade.

Para Febvre, o imenso império da “Civilização” dividia-se em províncias. Em seguida, ele prospectou, por meio das obras, as conseqüências advindas, também, da aventura revolucionária francesa no Continente e fora dele. Ele estava atento em buscar os novos sentidos presentes no vocábulo, cuja noção, tão simples por ocasião de seu nascimento, se enriqueceu com elementos novos e apresentou aspectos imprevistos. Reafirmou o seu tratamento metodológico característico, ou seja, por meio das obras e das características autorais, foi possível capturar a aderência dos novos sentidos inclusos no vocábulo.

Para tanto, o historiador analisa as elucubrações de autores tais como: Kant, Vico<sup>132</sup>, Michelet, Bossuet, Herder, François Guizot etc., foram atentamente analisadas, cabendo aos postulados de Guizot uma atenção especial, devido à presença de dois grandes juízos contidos em sua noção de *civilização*: o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento social. Estes não estavam simplesmente unidos, mas, sincronizados, simultâneos. Febvre ponderou que a noção de *civilização* sofrera influência no século XIX e início do XX, bem como das condições de desenvolvimento dos dois grandes elementos contidos na noção de *civilização* ponderada por Guizot, nos países europeus. Por exemplo, o caso presente na *civilização* Alemã, em que a historicidade de seus elementos difere dos da *civilização* francesa, que não consumou o divórcio entre a “cultura” e “civilização”.

Em conclusão, Febvre analisou questões que atravessaram o século XIX e estiveram presentes no século XX, desprendidas da divergência das duas concepções. Para o historiador, sua tarefa era de esboçar, acompanhar o momento em que, ao lado de “a civilização”, apareceram “as civilizações”. Nota-se que a parte prática, radical não se coloca em causa, pois, para o autor: *Chaque peuple, chaque civilisation, n'empêche de*

---

<sup>132</sup> Giambattista Vico, 1668-1744, crítico de Descartes e Hobbes. Propôs como objetivo o próprio conhecimento da cultura, uma criação humana, cujas leis são passíveis de serem aprendidas pelo homem quando recolocada em sua história. Caso contrário da Natureza, criação de Deus que permanece inacessível ao homem.

*demeurer vivante dans les esprits la veille notions d'un civilisation humaine*<sup>133</sup>”. Cabia ao historiador mostrar, precisar no tempo, como os termos evoluem em uma mesma língua.

O significado da palavra *Civilisation* on Littré, em 1873: “*c'est l'état de ce qui est civilisé, c'est-à-dire l'ensemble des opinions et des moeurs qui resulte de l'action réciproque des arts industriels, de la religion, des beaux-arts et des sciences*”<sup>134</sup>. Febvre percebeu algo novo com este verbete. Entretanto, a *civilização*, em seu entendimento, era uma resultante das forças materiais, morais, intelectuais e religiosas, que agem em determinada época e lugar, sobre a consciência dos homens. Não cabe aos historiadores, portanto, uma reconstituição simples do conjunto de modos e opiniões que caracterizam uma época.

## **2.7 Os aprofundamentos analíticos sobre os empreendimentos intelectuais de uma civilização.**

Após o término dos estudos sobre a palavra *civilisation*, podemos nos dirigir aos artigos presentes na coletânea, que complementam e enriquecem os estudos sobre a *civilização* francesa do século XVI. Febvre centralizou as questões entre a produção intelectual dos homens e as possibilidades do universo mental da época. As mediações foram feitas anteriormente entre os pólos – homens e universo mental – por meio dos estudos sobre um indivíduo ou objetos culturais. Do mesmo modo, com as aspirações, posicionamentos e crenças de segmentos sociais, a exemplo da burguesia. Nos artigos em que analisaremos os estudos referentes às possibilidades do saber, as modalidades do fazer se edificaram nos estudos sobre a história das sensibilidades. Elas foram estudadas a partir de questões presentes em épocas posteriores, ou mesmo anteriores, que possam contribuir para tornar mais claras questões da *civilização* renascentista do século XVI, na França, e da dinâmica de uma *civilização*. No entanto, o historiador demonstrou em suas práticas o que foi dito quando foi analisado o seu fazer historiográfico, no primeiro capítulo deste trabalho. O autor primava por acenar para as possibilidades de trabalhar

---

<sup>133</sup> Tradução: “Cada povo, cada civilização não impede de permanecer viva, nos espíritos, da velha noção de uma civilização humana.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.528.)

<sup>134</sup> “ é o estado do que é civilizado, diz-se do conjunto das opiniões e dos modos que resultam da ação recíproca das artes industriais, da religião , das belas-artes e das ciências”

em novos campos, sem prejuízo e sem distorcer ou desfocar a realidade sociocultural de uma época.

No artigo intitulado *L'effort scientifique de la Renaissance*, de 1937, Febvre fez uma análise voltada para as condições em que o saber se processou, de forma revolucionária, na Renascença francesa, com base nas considerações de Henri Berr sobre as relações entre o gênio científico e a evolução humana. Este artigo complementa as reflexões presentes no item *L'effort vers la science*, que compõe *Les aspects d'une civilisation: la première Renaissance française; quatre prises de vues*. Neste artigo, o autor ingressou em uma análise sobre o exercício intelectual frente às novas possibilidades de saber e fazer. Eles foram incrementados pelos avanços tecnológicos e favorecidos pelo acúmulo das experiências anteriores, na aquisição do conhecimento científico e religioso.

Os esforços dos humanistas em reaprender a ler os textos para serem interpretados, exigiam o conhecimento do latim clássico e do grego, para o conhecimento científico, e do hebreu para a exegese religiosa. Com o advento da imprensa, os textos da antiguidade, que se encontravam dispersos, durante séculos, nas bibliotecas e nos mosteiros, tornaram-se mais disponíveis. Entretanto, quais as possibilidades de lê-los sem estarem sob o peso do conjunto de idéias cristãs medievais, que balizavam os entendimentos e as concepções sobre a vida humana? Segundo Febvre:

Or, les hommes du Moyen Age, quand ils lisaient des textes antiques ne pouvaient pas ne pas être imbus d'idées, de conceptions, de façons de penser, de sentir et raisonner qui s'imposaient à eux si fortement qu'elles les immunisaient, por ainsi dire, contre toute pensée non chrétienne et, tout particulièrement, contre toutes les façons de sentir, de raisonner et de juger qui avaient été celles de l'antiquité greco-latine. Pour employer un mot d'aujourd'hui, le Christianisme médiéval était "totalitaire". Il ne se bornait pas à proposer ses apaisements à toutes les grandes inquiétudes métaphysiques qui les travaillaient. Embrassant toutes les certitudes de l'époque, les "Sommes" médiévales aux noms expressifs: Miroir du Monde, Image du Monde, etc., prenaient l'homme tout entier pour le suivre dans toutes démarches de sa vie publique comme de sa vie privée, de sa vie religieuse comme de sa vie laïque. Elles l'armaient de notions, d'ailleurs parfaitement cohérentes, à la fois sur la nature, sur la science, sur la morale et la vie, sur l'Histoire<sup>135</sup>.

---

<sup>135</sup> Tradução: "Ora, os homens da idade Média, quando liam os textos antigos não podiam estar imbuídos de idéias, de concepções, de maneiras de pensar, de sentir e raciocinar que se impôs tão fortemente que elas os imunizaram, por assim dizer, contra todo pensamento não cristão e, particularmente, contra todas as maneiras de sentir, de raciocinar e de julgar que tinham sido da antiguidade Greco-latina. Para empregar uma palavra de hoje, o cristianismo medieval era 'totalitário'. Não se limitava a propor seus lenitivos à todas as grandes inquietudes metafísicas que os acionavam. Acolhendo todas as certezas de uma época, os 'Sommes' medievais com nomes expressivos: Espelho do mundo, Imagem do Mundo, etc., apoiavam o

Para o historiador, as questões sobre a compreensão dos textos antigos não aconteceriam nos espíritos daqueles homens por obra do um feliz acaso. Os conhecimentos sobre a Idade Média não permitiram aceitar que esses homens tivessem, simplesmente, tirado “vacances” da curiosidade, do espírito de observação, muito menos da invenção humana. A produção material que legaram à *civilização* do Ocidente é prova de invenção e de humanidades. Para Febvre, o espírito de observação desses homens não apareceu no Renascimento, porque não deixou de existir e não desapareceu na Idade Média. O trabalho secular dos compiladores não havia sido perdido, embora não houvesse meios práticos de comparar os manuscritos esparsos pela Europa ocidental.

Com o advento da imprensa, entre os anos de 1495 e 1543, no eixo Bâle-Venise, houve a publicação de textos dos astrônomos gregos, dos textos de Aristóteles, da cosmografia e geografia de Ptolomeu, dos Elementos de Euclides, das obras de Arquimedes, de Hipócrates. Os originais antigos, de toda a matemática, geografia, história e filosofia natural, medicina estavam disponíveis. Tornava-se possível completar, interpretar, retificar os testemunhos dos antigos. Os intelectuais renascentistas se opuseram, a exemplo de Copérnico e de André Vesalio. O espírito de imensa empresa é descrita por Rabelais em suas Obras *Gargantua e Pantagrue*.

Entretanto, de acordo com Febvre, o saber da humanidade Ocidental não seguia uma única corrente. Ao lado de um saber oficial, universitário, refletido e prudente, há saberes clandestinos, livres, heréticos e, por vezes, invenções fantasiosas. Ao lado dos comentadores de Aristóteles, Hipócrates, Galieno e Ptolomeu, havia um autodidata do estofado de Leonardo da Vinci, um Paracelso, um Bernard Palissy, fazendo dialogar o Teórico e o Prático em suas invenções.

Segundo Febvre, as vagas de idéias que se materializavam em nossa *civilização*, tiveram características bem próprias, pois não se apresentavam de forma unívoca e traziam em seu âmago uma grande multiplicidade. As possibilidades de apreensão e de produção intelectual, em uma determinada época, principalmente no século XVI, dadas as materializações das idéias foram tão contundentes, a ponto de promover apreensões

---

homem por inteiro em seu proceder na vida pública e privada, assim, como na religiosa, como na vida laica. Elas os embasavam de noções, aliás, perfeitamente coerentes, às vezes, sobre a natureza, sobre a ciência, sobre a moral e a vida, sobre a História.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 731-732.)

tão díspares pelos intelectuais em suas construções. Com estas elucidaciones, podemos nos aproximar do questionamento feito por Jacques Revel sobre as diferentes produções de uma dada época, reproduzido a seguir:

Faltaria então explicar por que as produções sensíveis e culturais dos homens de um mesmo tempo podem ser tão diferentes entre si. Febvre parece pensar que é a utilização dos 'instrumentos' disponíveis que explica essas diferenciações<sup>136</sup>.

Neste artigo, temos as seguintes elucidaciones:

Deux courants. Plusieurs courants. Parce que l'Humanité ne processionne jamais sur une grande route toute droite et toute plate – celle dont les repoussoirs se nomeraient la Philosophie grecque comme si, à côté du rationalisme grec, il n'y avait pas un irrationalisme grec aussi fort, aussi fécond historiquement; la Théologie chrétienne, comme s'il n'y avait pas l'hétérodoxie et l'hérésie en face de l'orthodoxie, et comme si l'orthodoxie était autre chose que la résultante des hétérodoxies contradictoires; la Doctrine de l'Université, héritière de la Doctrine des Jésuites, comme si, à côté de ce mince filet d'eau claire, il n'y avait pas les fontaines toujours jaillissantes des libres esprits, de Rabelais à Diderot, de Montaigne à Voltaire, de Rousseau à Hugo et à Michelet<sup>137</sup>.

No artigo *Civilisation: évolution d'un mot et d'un groupe d'idées*, Febvre se preocupava em analisar as obras em seu meio intelectual e espiritual, interpretadas em função dos hábitos mentais, das preferências e aversões de seus autores. Permito-me destacar que uma possível resposta de Febvre estaria na junção entre esta reflexão e a análise das características presentes nas idéias, em nossa *civilização* ocidental. Entretanto, não se deve observar que estas determinações psicológicas no nível individual sejam determinações particulares, uma vez que elas estão em toda a sociedade. No Capítulo V, teremos elucidaciones de Febvre sobre estas questões que envolvem o estudo das sensibilidades de uma época. O autor se interessava pelo conjunto de enredamentos

---

<sup>136</sup> REVEL, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.67.

<sup>137</sup> Tradução: "Duas correntes. Várias correntes. Por que a humanidade não marcha nunca sobre uma grande via toda reta e plana – esta, cujas bases se nomeariam a Filosofia grega, como se, ao lado do racionalismo grego, não houvesse um irracionalismo grego também forte, também fecundo historicamente; La Teologia cristã, como se não houvesse uma heterodoxia e a heresia em face da ortodoxia, e como se a ortodoxia fosse outra coisa que a resultante das heterodoxias contraditórias; a Doutrina da Universidade, herança da Doutrina dos jesuítas, como se ao lado desse fino filete de água clara, não houvesse as fontes sempre caudalosas dos livres espíritos, de Rabelais à Diderot, de Montaigne a Voltaire, de Rousseau a Hugo e a Michelet." (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.735.)

presentes nas situações em que os sentimentos se encontram com os sentidos, com as ações e as atividades intelectuais. Elas foram alteradas pelas materializações das idéias, as quais se realizam, em plenitude, se a sensibilidade de uma época propiciar tal evento. Assim, podemos entender o esforço dos homens renascentistas para impulsionar a Ciência em via do Progresso. As produções intelectuais do período promoveram um novo entendimento religioso. Estes fatos tiveram como base a renovação sentimental nas décadas anteriores ao século XVI. Ao estudar as doutrinas religiosas no período do movimento reformista francês, no item *L'Effort Vers Le Divin*, Febvre aprofundou a análise no artigo *Une Révolution: le Romantisme*. Sua análise teve como base a produção intelectual de André Monglond sobre a renovação sentimental dos franceses, nos séculos que antecederam a afirmação do Romantismo na França.

O estudo de Monglond, segundo Febvre, se pautava na análise dos testemunhos literários, visando apreender, nas palavras pesadas de sentimentos, as primeiras demonstrações de desgosto de uma sociedade refinada e de espírito clássico, nos mundanos séculos XVII e XVIII. Foram comentários psicológicos à margem de uma história política, econômica e social, que ilustravam os sentidos profundos dos movimentos de massa. Algo bem distante de uma história literária, falsamente estatística e com pretensões científicas. Estudo que o historiador atestava estar bem próximo do realizado por Henri Bremond, que procurava, nos mesmos testemunhos literários, apreender as sutis nuances do sentimento religioso francês nos séculos XVI e XVII.

Para Febvre, aferir a sensibilidade de uma época, por meio das experiências humanas, nos leva a entender o processo pelos quais grandes movimentos, como o Romantismo e a Reforma Francesa, se materializaram na sociedade. A sensibilidade presente em uma sociedade, em determinada época, permite o entendimento das predisposições para as materializações das idéias que esses grandes movimentos apresentam. Caso contrário, o entendimento torna-se simplista, isto é movimentos simplesmente importados do estrangeiro.

Os estudos de Monglond levaram Febre à seguinte conclusão:

Et je retrouve là, historien du XVI<sup>ème</sup> siècle, ce qui s'est passé semblablement pour la Réforme, 'importation de l'étranger', déviation germanique de l'âme française; la Réforme, dont il a fallu des années de recherche pour qu'on s'aperçoive qu'elle fut aussi profondément française en France qu'allemande em Allemagne, anglaise en Angleterre. Tout comme le

Romantisme (cette Réforme sentimentale), cette Révolution morale engendra une Révolution littéraire; le facteur permanent d'une histoire non seulement littéraire, mais humaine.<sup>138</sup>

Para Febvre o Romantismo e a Reforma foram dois grandes movimentos que, ao serem estudados com as contribuições vindas da história das sensibilidades, se afastaram das possibilidades de lhes imputar origens profundamente deformantes quando são analisadas, e se preserva uma exposição simplesmente diacrônica. A história das sensibilidades nos permite entender as reflexões sobre a complexidade apresentada pela história do mental na obra de Febvre, pois permite compreender as possibilidades das materializações das idéias nas sociedades de uma forma gradual. E também, das formas particulares de suas apreensões, tanto no nível individual como coletivo. No entanto, os estudos não priorizavam as sensibilidades de uma época sem uma análise preliminar das transformações dos comportamentos sociais diante dos desafios vindos com as novas necessidades sócio-políticas. Ou ainda, dos avanços nas áreas do conhecimento humano. Entretanto, deve-se observar a longa temporalidade deste objeto. Febvre desenvolveu, em dois artigos, a importância das análises sobre as sensibilidades para o entendimento da evolução histórica humana.

No artigo *Le Progrès: puissance et déclin d'une croyance*<sup>139</sup>, de 1937, Febvre analisou o livro do filósofo Georges Friedmann, *La crise du progrès*, de 1936. Para o historiador, esta obra foi um excelente trabalho sobre o campo de estudos da história das idéias, além de suas referências às mutações na estância das sensibilidades. Friedmann, segundo Febvre, estabeleceu sobre as bases de uma documentação sólida, uma problemática angustiante para a sua geração. Ela guarda, desde os seus primeiros tempos de vida, lembranças do poder tão reverenciado pelos seus pais, que a era crença no Deus Progresso. Para o historiador, o filósofo tinha razão em admitir que o caso Dreyfus

---

<sup>138</sup> Tradução: "E encontro, historiadores do século XVI, isto que se passou igualmente pela Reforma, 'importação do estrangeiro', desvio germânico da alma francesa; a Reforma, a qual precisou de anos de pesquisa para que se percebesse que ela foi, também, profundamente francesa na França quanto alemã na Alemanha, inglesa na Inglaterra. Assim como o Romantismo (esta Reforma sentimental), esta Revolução moral engendra uma Revolução literária; o fator permanente de uma história não só literária, mas humana." (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.756.)

<sup>139</sup> FEBVRE, Lucien. *Le Progrès: puissance et déclin d'une croyance*. Annales d'Histoire économique et social. Paris, 1937, p.89-91.

restaurasse dele o fragor e ímpeto desse poder tão caro a muitos. O desabamento dessa crença tão reverenciada é o propósito de Friedmann.

A explicação desta crise, durante meio século de história do intelectual, entrecortada de revoluções (do início da Revolução francesa até a segunda metade do século XIX), foi uma empresa que poderia, sem dúvida, tornar-se complexa. Porém, o filósofo atingiu, de maneira competente, seu objetivo. Suas análises se voltaram para os embates da burguesia frente à nova situação sócio-política e econômica na Europa industrial. Elas levaram à necessidade de se desviar de seu racionalismo fundamental e essencial, para fazer frente ao novo segmento social, politicamente organizado, que não deixava de comungar do mesmo ideário racionalista, no qual ela se fundamentou outrora.

Em outro artigo, Febvre analisou o livro de Jean Halpérin, *Les Assurances em Suisse et dans le monde. Leur rôle dans l'évolution économique et sociale*, de 1946. O autor estudou a história do papel dos sentimentos, traduzido pela palavra *segurança*, no complexo enredamento das relações socio-econômicas no mundo ocidental, desde os primórdios da Idade Média. Entretanto, não se trata de reconstituir a história de uma época a partir de um sentimento, ou de um grupo. Mas de restituir e mensurar a importância de um sentimento no efetivo desenvolvimento das relações sociais. Nesta obra, Halpérin não separou, em suas análises, as práticas e as crenças porque, para a compreensão do domínio da história dos sentimentos, esses dois fatos são indissociáveis.

Febvre analisara na história ocidental o sentimento de segurança em relação aos bens materiais, aos bens espirituais ligados no mundo cristão à vida no além. Em contrapartida, considerava as seguridades social e material no mundo contemporâneo, por meio de suas instituições especializadas. A partir de suas considerações, o historiador chamou atenção para a carência existente na obra de Halpérin de não dar maior atenção para certos matizes psicológicos presentes em dada época para poder se distanciar de cometer anacronismos. Podemos mencionar como exemplo, a Idade Média e a Idade Moderna, quando havia a “entre ajuda” diante dos flagelos, estas não poderiam ser traduzidas por seguridade. Afinal, ter bons vizinhos (e a garantia de não haver negociações após os sinistros) não lhes dava a mesma ordem de sentimentos que poderiam ser provados nos tempos de hoje, diante de uma seguradora de bens. Os sinistros e as catástrofes naturais na idade moderna foram as principais causas do

nomadismo entre as famílias de cultivadores. Trata-se de uma situação rica de exemplos na tese de Febvre, *Philippe II et la Flanche-Comté*, de 1912.

Nos últimos ensaios, podemos averiguar que os estudos alicerçados pelas análises das sensibilidades, presentes em determinada época, promovem novos entendimentos sobre questões que, por vezes, permaneceram em penumbra ou não receberam a devida atenção sobre determinados aspectos de uma *civilização*. Dessa forma, os estudos sobre este objeto histórico promovem, mais uma vez, o movimento que caracteriza a dinâmica presente na noção de *civilização* de Febvre. Ainda que, com alguma restrição, tendesse para a antiga idéia de uma *civilização* única, mas que foi impossível de ser alcançada. Muito embora esta idéia expresse que determinada *civilização*, em uma determinada época, tentasse atingir este ideal.

Nos próximos capítulos identificaremos, de maneira mais detalhada, os engendramentos, as construções e critérios metodológicos adotados por Febvre na construção da noção de *mentalidades* presentes nos artigos em estudo.

### CAPÍTULO III

#### **A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA HISTÓRIA INTELECTUAL: UM PONTO DE PARTIDA CRÍTICO PARA O ESTUDO DAS MENTALIDADES**

Ao abrir, como diria Dosse, uma brecha crítica na história tradicional das idéias, Febvre se posicionou como interventor entre as condições *sociais* e *mentais* em que as obras estudadas foram originadas. Com esta postura, os anacronismos que vitimavam obras e autores, em suas ações no meio social, foram denunciados. Coube ao historiador uma análise sistemática das possibilidades de determinados conceitos e postulados em determinadas condições sócio-mentais. A materialização das idéias, em determinado meio social, somente se processa em concordância entre os dois pólos (o aspecto social e o mental). Disto resulta a possibilidade de operar uma prospecção e uma introspecção no universo mental, com o intuito de reencontrar a originalidade de cada sistema de pensamento na sua complexidade, nas suas alterações e mutações e, também, nas suas recepções pelos diversos segmentos sociais.

As obras passaram a ser analisadas de forma sincrônica e diacrônica. Desse modo, reafirma-se a coerência do postulado professado por Febvre para com a idéia do *zusammenhang* que, em certa medida, é uma teoria que impõe uma idéia estrutural. Com esses procedimentos, via-se a história intelectual produzida por Febvre distanciar-se das formas tradicionais de tratamento que a “história intelectual” recebia, sob a égide da Escola Metódica na França.

Em *Pour une Histoire à part entière*, na quarta parte, intitulada “histoire intellectuelle”, há a necessidade de posicionarmo-nos em um lugar que nos permita observar, com maior acuidade, toda uma construção de saberes que possibilitaram à Lucien Febvre promover o conhecimento de uma rede de fatos gerais, que ele desejava libertar das abstrações e anacronismos. Isso poderia reduzir obras e práticas do passado a estéreis debates atemporais. Com este propósito, a ida a estes textos permite uma análise e um entendimento do fazer historiográfico de Febvre relativo às suas preocupações de compreender o conjunto dos fatos culturais de uma época como um dos componentes de

uma “rede complicada e movediça de fatos sociais”. A quarta parte da coletânea é composta por artigos que não obedecem a uma seqüência temporal, mas explicitam todo o procedimento metodológico de Febvre. Sua metodologia se formou a partir de aquisições de outras áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia e a lingüística. Mas é visível que as linhas mestras da pesquisa se encontravam bem estruturadas. Febvre manteve seu propósito de conjugar o individual e o coletivo, reunindo, em uma mesma história, categorias de comportamentos muito diferentes.

Os conhecimentos provenientes das outras áreas foram testados em sua capacidade heurística, em seu poder de elucidação, contribuindo para o estudo das mentalidades de outrora. Com estas características, tinha-se em mãos um material que possibilitaria entender o desenvolvimento da construção de saberes. A nosso ver, estes ensaios e artigos produzidos por Febvre, em sua grande maioria, anteriores à sua obra capital *Rabelais*, permitiram compreender como o autor desenvolveu seus estudos e obteve novos esclarecimentos sobre questões que não tinham respostas satisfatórias, ou eram ignoradas. A cada novo artigo sobre determinada temática tem-se um novo plano de estudo. Ou seja, o fato cultural recebe um novo tratamento historiográfico, ingressa em novos planos de estudo que se relacionam com novas problemáticas socioculturais. Disto resulta um novo entendimento, uma nova resposta que leva a novas interrogações e possibilitou outros questionamentos.

Os novos planos trabalhados se interpenetraram pelas respostas obtidas e pelas novas formas de entendimento alcançadas. O procedimento se direcionava e objetivava estar, cada vez mais, próximo da compreensão de um formato original de uma realidade socio-cultural de uma época. Ao mesmo tempo, se percebe que permanecerá de forma inacabada, pois havia uma realidade social de outrora como objeto de estudo, impossível de ser redesenhada e descrita em plenitude.

### **3.1 A crítica a Delaruelle: contra os esquemas classificatórios**

O ponto de partida crítico é a tradição positivista. Foi neste espaço que Febvre iniciou a construção de um novo espaço intelectual, isto é, aquilo que ele pensou que a história intelectual deveria ser. Para ele, pensar a história intelectual era, antes de qualquer coisa, reagir contra os escritos que, em sua época, dela reclamavam. É o que se encontra nas duas resenhas que consagra na revista *Revue de Synthèse Historique*, de

Henri Berr, ao livro de L. Delaruelle sobre Budé, em 1907 e, em 1909, ao de E. Droz, sobre Proudhon. Ao estudar as questões percebe-se que, subjacente às configurações específicas desse embate, tinha-se o esboço constitutivo de um campo de estudo sobre o intelectual.

As duas resenhas, embora escritas em períodos nem tanto diferentes, são complementares em suas preocupações, pois denunciam as formas errôneas, na visão de Febvre, em que se baseavam, na época, as pesquisas sobre os aspectos culturais de uma sociedade. Estas resenhas esboçam perspectivas críticas a serem desenvolvidas e problemas já bem formulados quanto aos sistemas de pensamentos e suas materializações no nível social. As investigações se encaminhavam para uma análise voltada a demonstrar o que, verdadeiramente, o homem deve ao seu meio social.

Para Lucien Febvre, uma obra é o ponto de partida para investigações e resgates, evidenciando o meio sociocultural em que ela é forjada. Com base na interdependência dos fatos culturais e dos fatos sociais, o seu estudo tornou-se um instrumento que denunciava os anacronismos sobre a ação do homem, em suas práticas e sobre os sistemas de pensamentos presentes e cristalizados na sociedade. Ao revelar o seu criador, em contrapartida, a obra mostra as cristalizações das idéias presentes na sociedade e também indica as possibilidades dos homens em suas criações de ordem prática. A partir desta reflexão, a imputação de idéias estranhas ao meio cultural de uma sociedade é denunciada pela própria obra. Pode-se dizer o mesmo sobre a imputação de determinados caracteres psicológicos nos autores, que foi denunciado pelas obras ao revelarem o meio social. Em síntese, a obra revela o seu autor e suas relações com a sociedade e o que ele deve a ela.

A procura de Febvre para reencontrar a originalidade de cada sistema de pensamento, na sua complexidade, nas suas alterações e mutações, em dada época, o levou a se opor aos reducionismos provenientes de definições *a priori*. Utilizadas sem os devidos cuidados, tais definições promovem distorções nas realidades, em dado período. Caso presente na obra de Delaruelle sobre Budé. Para Febvre:

Renaissance et Réforme en France: C'est d'une même mouvement de dégoût contre le formalisme, d'un même élan vers la réalité vivante, d'un même enivrement de pure vie que procèdent à la fois les deux mouvements, distincts sans doute si on les considère dans leur développement historique,

différents et inconciliables si on en fait une analyse logique – mais le coeur de l'homme est-il toujours logique?<sup>140</sup>

A posição determinante de Febvre, em não separar, na França, o movimento humanista e o religioso, promoveu uma investigação que evidenciou as particularidades desses movimentos. Para ele, as materializações das idéias, em uma sociedade, somente poderiam ser entendidas se os homens daquela época fossem também alvos do estudo. Não só nas manifestações de materialidade, mas também a espiritualidade, ou seja, em seus anseios, em suas virtudes, em seus sentimentos.

Tem-se, dessa forma, um estudo que passa a preocupar-se, também, com as características psicológicas presentes nos homens de uma determinada época. Para Febvre, tais características permitiram explicar os modos particulares como ocorre a materialização das idéias. Este procedimento também revela, em contrapartida, o vivido pelos homens em seu tempo, porque as características psicológicas são gestadas em seu âmago. Elas foram frutos das experiências vivenciadas nas condições apresentadas pelos meios físico e social. O conhecimento da vivência do homem, em seu tempo, permite avaliar a maneira própria como ocorreu a materialização das idéias, suas formas de utilização e os fatores materiais que propiciaram sua materialização. Com este procedimento, tem-se um estudo que evita uma visão distorcida de uma realidade histórica. As características psicológicas coletivas passam a ser um instrumento aferidor, ajudando a esquadrihar a realidade vivida no passado. Estávamos diante de uma nova metodologia, em constante processo de elaboração, que se iniciava nestas duas recensões, mas que terão maior desenvolvimento e aprofundamento em outros artigos a serem estudados posteriormente.

Uma crítica acirrada foi direcionada a Delaruelle<sup>141</sup> por Febvre, pelos estudos sobre Budé e a sua obra. A pretensão de Delaruelle era realizar um trabalho que contribuísse para a história geral do humanismo francês. Contudo, sua produção passou a ser exemplo de um tipo de metodologia que proporcionava o falseamento de uma

---

<sup>140</sup> Tradução: “Renascimento e reforma na França: são de um mesmo movimento de desgosto contra o formalismo, de um mesmo impulso em direção a uma realidade viva, de um mesmo embriagamento de pura vida que precedem, às vezes, os dois movimentos, distintos, sem dúvida, se se considerados, em seu desenvolvimento histórico, diferentes e inconciliáveis, se se faz uma análise lógica – porém, o coração do homem é sempre lógico?”(FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 708.)

<sup>141</sup> Idem, 1962, p. 695.

realidade vivida. Ao utilizar as distinções impostas pelos pressupostos teóricos tradicionais, o autor privilegiava, sobremaneira, os esquemas classificatórios clássicos: Renascimento e Humanismo como sendo procedimentos lógicos para a empresa de seu estudo sobre um autor e sobre a sua produção intelectual.

A postura de L. Delaruelle, na análise, tanto da obra de Guillaume Budé, quanto de sua biografia, demonstrou que o estudo tomava forma nos moldes positivistas, preso a uma exigência: a adoção de uma definição do que fosse Humanismo.<sup>142</sup> Esta definição passa a guiar o estudo da realidade histórica intelectual vivida na França, no final do século XVI e início do XVII, assim como a própria identidade biográfica de Budé. Segundo Febvre:

Qu'il l'ait voulu ou non, lorsqu'on a lu son ouvrage, Budé reste un miracle. Il surgit brusquement du néant, tout armé de son grec et coup sur coup, sans reprendre haleine, donne trois gros livres que M. Delaruelle analyse. De son milieu, de son temps, nous ignorons tout, et, pour être bref, nous ignorons même qu'il y eut alors un Érasme et qu'en 1500, huit ans avant l'apparition des *Annotations aux Pandectes*, un livre avait paru à Paris: les *Adages*, M. Delaruelle ne soupçonne-t-il donc pas le rôle capital qu'a joué Érasme dans le développement de l'humanisme parisien?<sup>143</sup>

As distorções, segundo Febvre, aparecem quando a análise de Delaruelle se direciona para os precursores de Budé, pois o autor discordava da opinião de que este detivesse prioridade no movimento humanista francês. O que causou mais estranhamento, foi a existência de uma ligação intelectual entre Budé e Lefèvre d'Étaples e seus discípulos. Este fato foi explicado pelos pressupostos teóricos que orientaram as análises de Delaruelle, que não considerava Lefèvre um humanista.<sup>144</sup> Para Delaruelle, Lefèvre enquadrava-se intelectualmente como um escolástico – e na verdade o era –

---

<sup>142</sup> - A definição do termo é proveniente das elucubrações de M. Faguet, que considerava a Renascença a ressurreição das idéias antigas e o Humanismo, por sua vez, o gosto pela arte antiga.

<sup>143</sup> Tradução: “Que o tenha querido ou não, quando se leu sua obra, Budé permanece um milagre. Surge bruscamente do nada, todo armado de seu grego e de golpe em golpe, sem retomar fôlego, produz três livros que M. Delaruelle analisa. De seu meio, de seu tempo, nós ignoramos tudo, e, para ser breve, nós ignoramos mesmo que tenha existido um Erasmo e que em 1500, oito anos antes do aparecimento da *Annotations aus Pandectes*, um livro que havia sido aparecido em Paris: os *Adages*, M. Delaruelle não suspeita então, do papel capital que jogou Erasmo no desenvolvimento do humanismo parisiense?” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 710.)

<sup>144</sup> Para Delaruelle, o humanista seria alguém que estuda as obras da Antiguidade sem aderir, necessariamente, às idéias dessa época. Poder-se-ia, então, estudá-las objetivando extrair delas a beleza dos modelos antigos, pois seria desnecessário um aprofundamento maior. Budé, obviamente, não se enquadraria nesta definição.

afeito às reflexões teológicas e filosóficas. Por outro lado, Delaruelle demonstrava o desconhecimento de uma época ao ser guiado por um tipo de análise que *enforma* e classifica as expressões intelectuais. Não atentava para as nuances intelectuais que caracterizavam aquela época, e também para a têtpora psicológica daqueles homens. Isso corroborou para um desconhecimento das particularidades do pensar, do agir e da realidade psicológica vivenciada.

Febvre afirmou que as conclusões e as afirmações de Delaruelle não resistiram aos fatos presentes na própria trajetória intelectual de Budé e de muitos de seus precursores, eleitos por ele como sendo legítimos. Com o aprofundamento da análise sobre o autor e sua obra, por parte de Delaruelle, as contradições se tornaram mais evidentes.

Et j'entends bien que Budé comme philologue est supérieur à Lefèvre. J'entends bien que Lefèvre, du grec, ne connaissait les rudiments. J'entends qu'il était incapable par lui-même de traduire de l'hébreu les Psaumes ou de corriger efficacement les leçons mauvaises de la Vulgate. Ainsi, entre les deux hommes s'établit une différence notable: différence de savoir, différence de génération, différence de tempérament – mais non différence essentielle, fondamentale d'inspiration, de tendances et de volonté(...). Un est pédagogue d'humble origine, un professionnel de l'enseignement, dont la vie pieuse et douce, exception faite de quelques voyages littéraires, s'est passée tout entière dans le silence de l'étude, entre des murs de collèges parisiens. L'autre est un bourgeois, de famille aisée, apparenté à de puissants personnages, de fortune et de situation indépendantes, ayant à l'occasion ses entrées à la cour.<sup>145</sup>

Os distanciamentos entre Lefèvre e Budé diminuiram, ambos eram filólogos. Se existiam diferenças de saber, de generalizações, de temperamentos, não existiam de inspiração, de tendência e de vontade. Ambos comungavam de uma mesma atmosfera intelectual ou, como se pode dizer, deviam ao meio social grande parte de suas inspirações. As imposições presentes pelas evidências levaram Delaruelle a concluir em

---

<sup>145</sup> Tradução: “E eu entendo bem que Budé, como filólogo é superior a Lefèvre. Entendo bem que Lefèvre, do grego, não conhecia os rudimentos. Entendo que era incapaz, por si mesmo de traduzir do hebreu os Salmos ou de corrigir eficazmente as lições imperfeitas da *Vulgate*. Dessa forma, entre os dois homens se estabelece diferenças notáveis: diferenças de saber, diferenças de geração, diferença de temperamento – entretanto, não [há] diferença de essência, fundamental da inspiração, de tendência e de vontade (...). Um pedagogo de origem humilde, um profissional de ensino, cuja vida devota e doce, exceção feita por algumas viagens literárias, passou-a inteiramente no silêncio dos estudos, entre os muros dos colégios parisienses. O outro é um burguês de família abastada, aparentado de poderosos personagens, ricos e de situação independente, tendo, na ocasião, suas entradas na corte. (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.703.)

suas análises a respeito de Budé: *mais c'est presque un Lefèvre d'Étapes*. Esta afirmação coroa toda a inadequação do tipo de análise seguida.

Para Febvre, o estudo de uma época, de um autor, ou de uma obra, quando se pautam pelos esquemas classificatórios tradicionais, ou seja, pelas premissas de influências e determinismos, promoveriam distorções na realidade de uma época. Deve-se fazer um estudo prospectivo do meio social, pois ele deve ser visto como um agente processador, onde as idéias sofrem transformações à medida que são vivenciadas nas práticas cotidianas dos agentes sociais. Em contrapartida, essas mesmas idéias influenciam os agentes.

(...)Le mouvement humaniste en France, à ses débuts, le mouvement humaniste du temps où Budé écrivait ses premiers ouvrages ne se sépare pas, ne peut pas se séparer du mouvement religieux. Il n'en pas de même en Italie? Eh qui vous dit le contraire? Pourquoi s'en étonner, sinon parce qu'on a pose d'abord arbitrairement qu'il y avait un humanisme, comme on croyait jadis qu'il y eut une Renaissance? A ce préjugé, les historiens de l'art ont dès longtemps renoncé. Combien de temps encore nous faudra-t-il voir des historiens de la littérature et du mouvement intellectuel français, dupes des formules a priori de critiques fantaisistes, se fermer les yeux pour ne pas voir les différences qui éclatent, ou ne les constater que pour marquer devant elles un étonnement stérile?<sup>146</sup>

Em seguida, Febvre analisou as reflexões e posturas dos humanistas franceses quanto às suas preocupações religiosas, possibilitando uma visão das interligações das idéias materializadas na “revolução” intelectual do século XVI, na França.

(...) les humanistes français manifestent, eux aussi, des préoccupations religieuses, parce qu'ils sont croyants dans le fond de leur coeur, que les deux mouvements, humaniste et chrétien, se confondent étroitement. C'est essentiellement parce qu'une même idée, idée neuve, idée profondément révolutionnaire, les inspire et les domine: qu'il faut remonter aux textes pour connaître une doctrine, quelle qu'elle soit: qu'il faut négliger les commentaires, aller droit aux sources – sources du droit, sources de la philosophie, sources de la religion et de la vie intérieure. C'est là le fond, c'est là l'essentiel. Ainsi se traduit le grand dégoût et la grande passion de tous les hommes qui pensent à

---

<sup>146</sup> Tradução: “O movimento humanista na França, em seus primórdios, o movimento do tempo humanista em que Budé escrevia suas primeiras obras não se separa, não se pode separar do movimento religioso. Nem mesmo na Itália? quem diz o contrário? Por que chocar-se, se não porque se colocou arbitrariamente que havia um humanismo, como se cria outrora que houvesse uma Renascença? A este preconceito, os historiadores da arte renunciaram há muito tempo. Quanto tempo ainda precisamos ver os historiadores da literatura e do movimento intelectual francês, ludibriados pelas fórmulas a priori de críticas fantasiosas, fechar os olhos para não ver as diferenças que fulguram, ou somente constata-las senão não manifestar, diante delas, uma estupefação estéril?” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.705-706.)

la fin du Moyen Age: dégoût de formes vides, dégoût de la scolastique, dégoût des paroles creuses, des distinctions verbales, des raisonnements inféconds. Par delà tant d'ombres vaines, ils voulaient, d'un immense désir, atteindre et connaître les réalités<sup>147</sup>.

### **3.2 A crítica a Droz: contra o determinismo e a ação apenas individual**

O intercâmbio entre os agentes e as idéias vivenciadas propiciou uma compreensão mais exata da circularidade das idéias em uma sociedade. Isto pode ser verificado no artigo de Febvre sobre a obra de Droz. A obra foi elogiada por Febvre, que apontava um caráter tímido, mas revelador, composta por dois estudos distintos:

Il retrace dans ses étapes variées la vie de Proudhon, note les formes successives de son activité politique, analyse ses grands écrits, en révèle les thèmes principaux, suit enfin à travers le développement d'une existence singulièrement remplie l'évolution d'une pensée mobile et féconde. Une très utile bibliographie sommaire indique, avec le titre des principaux livres ou articles à consulter sur Proudhon.

(...) La pensée de E. Droz est autre. Il croit et entend démontrer que, depuis 1864, l'influence du socialisme proudhonien n'a pas cessé un instant de s'exercer en France sur les couches profondes du prolétariat militant. Il croit et il entend démontrer qu'en ce moment même, chez nous, l'action ouvrière dans ce qu'elle a plus intime et de plus énergique reçoit de Proudhon ses principales directions. Il croit enfin (et tout son effort tend à le démontrer) que, "par lui-même et par ses disciples, Proudhon a créé pour la plus grande part la Confédération du Travail"<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Tradução: "Os humanistas franceses manifestam, eles também as preocupações religiosas, porque creram, no fundo de seu coração, que os dois movimentos, humanista e cristão, se confundem estreitamente. Esta é uma idéia essencial porque [é] nova, profundamente revolucionária, que os inspira e os domina: que é preciso censura nos textos para conhecer uma doutrina, qualquer que seja esta: precisam-se negligenciar os comentários, ir direto às fontes do direito, fontes da filosofia, fontes da religião e da vida interior. É no fundo, essencial. Assim, se traduz o grande desgosto e a grande paixão de todos os homens que pensam no final da Idade Média: desgosto de formas vazias, desgosto da escolástica, desgosto de palavras vazias, das distinções verbais, dos raciocínios infecundos. Por outro lado, tantas obscuridades insignificantes, de um imenso desejo [de] atingir e conhecer as realidades." (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.706.)

<sup>148</sup> Ele retrata, em suas etapas variadas, a vida de Proudhon, anota as formas sucessivas de sua atividade política, analisa seus grandes escritos, revelando os temas principais, segue em direção ao desenvolvimento de uma existência singularmente repleta de um pensamento evoluído, móvel, e fecundo. Uma utilíssima bibliografia sucinta assinalada, com o título dos principais livros e artigos para a consulta sobre Proudhon. (...) O pensamento de E. Droz é outro. Ele crê e demonstra entender que, depois de 1864, a influência do socialismo proudhoniano não cessou um instante de se manifestar na França sobre as camadas profundas do proletariado militante. Ele crê e entende demonstrar que neste mesmo momento, entre nós, a ação operaria no que ela tem de mais íntimo e enérgico recebe de Proudhon suas principais direções. Ele crê, enfim (e todo seu esforço tende a demonstrar) que, 'por ele mesmo e por seus discípulos, Proudhon criou a maior parte da Confederação do Trabalho'. (Idem, 1962, p.773-774.)

Na recensão do livro de Droz sobre Proudhon nota-se, um questionamento constante sobre as inadequações de premissas e as dificuldades encontradas para um estudo realizado no campo intelectual. Febvre investigou, primeiramente, as considerações de Droz acerca da influência das idéias de Proudhon sobre um indivíduo. No caso, Pelloutier,<sup>149</sup> e, em seguida, suas relações com a Confederação Geral do Trabalho.

A análise das informações e das referências utilizadas por Droz, para constatar a influência de Proudhon sobre Pelloutier, levou Febvre a questioná-lo. Ou seja, a maneira pela qual o autor a identifica e, segundo a qual, conduz o estudo. A questão central da crítica de Febvre não era investigar a existência ou não de uma influência, mas *como* isso ocorreu. Procurava-se entender o que era, então, uma influência quando se colocava em contato o mundo das idéias e o domínio dos fatos.

Il note sous la plume du militant syndicaliste de nombreux passages en plein accord avec la pensée, avec les idées de Proudhon. Il y relève non seulement des formules proudhoniennes, mais des références nominales à Proudhon. Or, il est incontestable que “l’influence syndicaliste de Pelloutier a été grande sur la Confédération Générale du Travail” dont au surplus il désirait la réunion, opérée seulement après sa mort, avec la Fédération des Bourses. Comme, par Pelloutier, “ nous remontons à Proudhon , à son action diffuse sur la mentalité du prolétariat français, à son action personnelle et reconnue sur le vrai promoteur du syndicalisme français”, la démonstration s’achève, le cercle se ferme, l’influence créatrice de Proudhon sur la C.G.T. est établie.<sup>150</sup>

Para Febvre, o problema de influências era difícil de resolver de maneira objetiva e verdadeiramente científica. Revelar as semelhanças de pensamentos e de expressão entre dois homens, ou mesmo duas doutrinas, não é tarefa simples, mesmo que sejam flagrantes. Mesmo assim, isso não pôs fim à questão, porque este tipo de análise trouxe

---

<sup>149</sup> Pelloutier foi um sindicalista anarquista francês, filiado ao partido trabalhista francês, delegado nas *Bourses du travail*, onde adotou o princípio de greve geral. Como secretário da *Fédération des Bourses du travail* em 1893, fundou a revista de economia social *l'Ouvrier des Deux Mondes*, em 1897. Também foi membro atuante da *Confédération Générale du Travail*.

<sup>150</sup> Tradução: “Ele demonstra, sob a pena do militante sindicalista, abundantes passagens, plenamente de acordo com o pensamento, com as idéias de Proudhon. Ele revela nelas, não só fórmulas proudhonianas, mas também as referências nominais a Proudhon. Ora, é incontestável que ‘a influência sindicalista de Pelloutier foi grande sobre a Confédération Générale Du travail’, da qual ele desejava ademais, a reunião, ocorrida somente após sua morte, com a Fédération des Bourses. Como, para Pelloutier, ‘Nos retornamos a Proudhon, a sua ação difusa sobre a mentalidade do proletariado francês, a sua ação pessoal e reconhecida sobre o verdadeiro promotor do sindicalismo francês’, a demonstração se finda, o círculo de fecho; a influência de Proudhon, a influência criativa de Proudhon sobre a C.G.T. se estabeleceu.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.776)

questionamentos sobre o caso em estudo. Um exemplo: em que momento se impôs a influência de Proudhon, e de que forma, direta ou indireta? A apropriação da obra foi pela leitura do autor, ou por meio de outros pensadores? Para Febvre, existiriam maneiras diferentes de ler diversas categorias de leitores, muitas maneiras de sofrer influências. Poder-se-ia interrogar: em que circunstâncias houve a apropriação da leitura? Qual o grau de determinação que foi desencadeado? Quais as possibilidades de detectar o uso das idéias de um autor no desempenho do exercício da política partidária, ou institucional?

Primeiramente, Febvre analisou a trajetória da vida sindicalista de Pelloutier, suas decisões, os contatos com os militantes do anarquismo, que poderiam ser proudhonianos ou não, nas instituições sindicais que deram origem à C.G.T. Também atentou para o fato de Pelloutier ter se afastado do marxismo no nível da identidade ideológica e abraçado as idéias libertárias de seus camaradas anarquistas, em sua chegada à Paris. Um ano antes, durante sua atuação no episódio da “greve dos braços cruzados”, ele definiu e projetou este movimento, que não caracterizava um fazer marxista, nem anarquista. Febvre estava atento a estas ocorrências.

A análise da influência das idéias de Proudhon sobre Pelloutier, de uma forma direta, de indivíduo para indivíduo, foi deslocada, por Febvre, para a forma indireta. Ou seja, a influência das idéias de Proudhon sobre os operários franceses (os camaradas afeitos aos embates sindicais, construindo suas entidades representativas) e a influência deles sobre Pelloutier. Mas era preciso saber quem foram eles em seus embates políticos, na vivência dos fatos. Para Febvre, era importante observar.

D'hommes dont la vie entière consistait en une série d'efforts quotidiens d'adaptation, en une suite d'actions et de réactions momentanées, et qui, sans doute, pouvaient posséder une philosophie sociale, des théories directrices, mais qui agissaient autant, sinon plus, sous la pression momentanée des événements que sous l'empire un peu lointain des idées? Disciples de Proudhon. Soit. Mais également disciples de la vie et du temps<sup>151</sup>.

Tem-se que considerar que a presença de uma idéia, ou de um conjunto delas, pode influenciar o comportamento e as ações de um grupo, mas não determinam e nem se reduzem a um gesto mecânico, por mais que as ideologias tentem moldá-las. Para que o

---

<sup>151</sup> Tradução: “Dos homens cuja vida inteira consistia em uma série de esforços cotidianos de adaptação, em um segmento de ações e reações temporárias, e que, sem dúvida, podiam possuir uma filosofia social das teorias diretoras, mas que atuassem tanto, senão mais, sob a pressão momentânea dos acontecimentos que sob influência, um pouco distante, das idéias? Discípulos de Proudhon. Seja. Mais, igualmente, discípulos da vida e do tempo.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 779.)

comportamento e a ação do grupo sejam compreendidos em suas práticas sócio-políticas, (no caso, no interior das organizações trabalhistas que deram origem à C.G.T. e na própria C.G.T.), eles devem estar ligados a outras instâncias da vida social. Estas eram as preocupações de Febvre para o entendimento do processo gestatório em que as organizações representativas e seus dirigentes estavam mergulhados. Com esse entendimento, foi possível apreender como as idéias se materializavam na ação de um determinado grupo social, em uma determinada época, na construção das unidades institucionais que o representavam.

Em um segundo momento da análise, Febvre partiu da afirmação de Droz, na qual Pelloutier foi o principal autor da C.G.T. e Proudhon, seu principal inspirador. De acordo com Febvre:

L'institution elle-même, elle n'est pas créée en un jour; elle n'a pas jailli, complète, d'un un cerveau puissant. Nulle genèse plus obscure et plus lente; nul enfantement plus douloureux – et moins spontané. Avant de songer à unir Fédération des Bourses et Fédération des Syndicats, il a fallu d'abord lentement, patiemment constituer ces Fédérations mêmes. (...) La création de l'actuelle Confédération du Travail – La forge laborieuse et lente de cette arme ouvrière de défense et d'attaque, si souvent tournée et retournée sur l'enclume – on n'en peut rapporter le mérite ni à une doctrine comme celle d'Proudhon, ni à un homme qui aurait représenté cette doctrine, même qui cet homme était un Pelloutier?<sup>152</sup>

Essas considerações expressam a importância das reflexões de Febvre sobre a questão do determinismo e do individualismo. As questões de influência e determinismo perderam em legitimidade diante da complexidade apresentada pela construção coletiva que são as instituições, resultado de uma longa prática, tanto mais devedora dos fatos em sua identidade e em sua ação que de tal ou tais homens e suas ideologias. Embora se constate a influência das idéias proudhonianas na formação intelectual e moral dos homens envolvidos – notadamente, de Pelloutier – e também nas instituições. Não havia mais fundadores e nem teorias criacionistas que respondessem por estas instituições. O que se constatou, de acordo com Febvre:

---

<sup>152</sup> Tradução: “A instituição, ela mesma, não foi criada em um dia; ela não surgiu completa de um cérebro poderoso. Nenhuma gênese mais obscura e lenta, nenhum nascimento mais doloroso – e menos espontâneo. Antes de sonhar em unir a Fédération des Bourses e a Fédération des Syndicats, ocorreu, à princípio, lentamente, pacientemente, constituir essas mesmas Fédérations (...) A criação da atual Confédération du Travail – a forja laboriosa e lenta desta arma operária de defesa e de ataque, tão frequentemente moldada e remoldada sobre a bigorna – não se pode disto levar o mérito, nem para uma doutrina como esta de Proudhon, nem ao homem que teria representado esta doutrina, mesmo que este homem fosse Pelloutier ?” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 781- 782.)

Parce que dès qu'une idée, aussi fragmentaire soit-elle, a été réalisée dans le domaine des faits et de manière aussi imparfaite qu'on voudra – ce n'est pas l'idée qui compte dès lors et qui agit, c'est l'intuition située à sa place, en son temps, s'incorporant au réseau compliqué et mouvant des faits sociaux, produisant et subissant tour à tour mille actions diverses et mille réactions.<sup>153</sup>

Nos estudos realizados por Febvre nas duas recensões, ele demonstrou a importância do estudo histórico com preocupações voltadas para as realidades psicológicas, presentes nas épocas estudadas. Com esta abordagem, era possível entender os esforços desses homens na direção de seus objetivos, sondar seus propósitos e anseios, os quais somente serão entendidos se mantivermos um distanciamento tácito. Afinal, a lógica da atualidade não os atinge, mas *deturpa* a realidade vivida por aqueles homens do passado longínquo, tais como os homens do século XVI, e mesmo de um passado recente, tal como o dos sindicalistas franceses do século XIX. É preciso um entendimento do que se considerava ilógico na alma do homem do passado. Entretanto, Febvre reafirma: ela é lógica e racional. Estes homens do passado estavam acostumados a uma luminosidade provida pelo conjunto dos valores, sensibilidades, sistemas de pensamentos da época em que viveram, dando-lhes suporte para suas ações no meio social. Budé e Pelloutier eram homens distantes no tempo, mas constituídos do mesmo amálgama de seus contemporâneos. Portanto, para serem entendidos em suas ações, foi necessário um entendimento do coletivo, dos homens de seu tempo, que traziam, como aqueles indivíduos, os caracteres que delineavam a mentalidade de uma época.

### **3.3 A apreciação da obra de Franz Borkenau: uma referência para a construção de uma história intelectual**

Neste último estudo, a análise de Febvre se voltou para compreender como um conjunto de idéias se materializava em determinado grupo social, no caso, a C.G.T. Em um novo estudo, *Fondations Économiques, Superstructure Philosophique: une synthèse*<sup>154</sup>, de 1934, a preocupação do historiador francês era entender como um

---

<sup>153</sup> Tradução: “Pois que desde que uma idéia, por mais fragmentada que seja, tenha sido realizada no domínio dos fatos e de maneira também imperfeita o quanto se queira – não é a idéia que conta no momento em que opera, é a instituição situada em seu lugar, em seu tempo, que se incorpora na rede complicada e móvel dos fatos sociais, produzindo e sofrendo sucessivamente mil ações diversas e mil reações.” (FEBVRE, *Lucien*. Op. Cit., 1962, p. 785.)

<sup>154</sup> FEBVRE. Lucien. *Fondations Économiques, Superstructure Philosophique: une synthèse*. Annales d'Histoire économique et sociale. Paris: 1934, p. 369-374.

conjunto de idéias se relacionava e se materializava nos fundamentos econômicos e na estrutura social, ao longo de um período, no caso, a Renascença.

O ponto de partida para esse estudo foi a análise do livro de M. Franz Borkenau,<sup>155</sup> chamado *De la représentation féodale à la représentation bourgeoise du monde*, em 1934, cuja principal diretriz é:

Entendons bien, d'ailleurs (...), que M. Borkenau ne prétend point poser en face l'un de l'autre deux magmas confus: ici la pensée, là l'économie, et décréter que l'une est le reflet de l'autre, purement et simplement. Son effort, au contraire, est distinguer les domaines, afin de montrer par quels ponts ils communiquent les uns avec les autres dans la vie (...)<sup>156</sup>

As dificuldades apontadas por Febvre neste estudo apareceram quando ele pretendeu dissecar e resumir o trabalho de Borkenau. O autor inclinava-se em acentuar as ligações, as correspondências, as repercussões e as solidariedades múltiplas entre as manifestações, por mais opostas que estas fossem na época estudada. Não se encontra, na obra analisada, o engendramento mecânico de conceitos dentro do éter imponderável do pensamento puro. O que se encontra é a localização, dentro de um quadro social mais amplo, da ciência e da filosofia de uma época. O autor realizou, verdadeiramente, disse Febvre, um estudo de história intelectual. Borkenau colocou neste estudo uma dezena de problemas novos sob uma nova forma, em uma época pouco conhecida, mas de vital importância para a história geral do pensamento moderno.

Febvre assinalou as principais colocações do livro. Em primeiro: as características gerais da ciência dos fenômenos físicos não podem ser analisadas em separado das especulações filosóficas do período em estudo. Em segundo: M. Borkenau afirmara a pouca influência das necessidades técnicas sobre o desenvolvimento da física moderna, pois constatou que o século XVII, comparado ao final da Idade Média e ao final do século XVIII, foi um período de poucas invenções. O século XVII se revelou pobre em invenções úteis à indústria, podendo citar a bomba de ar de Otto Von Guericke como a única invenção do século que afetaria, de modo direto, a indústria. Entretanto, foi naquele

---

<sup>155</sup> BORKENAU, M. Franz. *De la représentation féodale à la représentation bourgeoise du monde*. Paris: Ed. Alcan, 1934.

<sup>156</sup> Tradução: “Entendemos bem, aliás, que M. Borkenau não pretende colocar frente à frente um ou outro de dois magmas confusos: aqui, o pensamento, lá a economia, e decretar que um seja reflexo do outro, pura e simplesmente. Seu esforço, ao contrário, é distinguir os domínios, a fim de demonstrar por quais pontos se comunicam uns com os outros na vida...” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.744.)

século que se encontraram as origens de nossa concepção moderna da natureza. Em terceiro, Borkenau analisa a evolução do conceito de lei natural.

O conceito de lei natural<sup>157</sup> foi retirado do pensamento de Santo Tomás de Aquino, por Borkenau, e significava, para o filósofo, a ordem moral natural. Entretanto, ela não é a mesma para todas as camadas sociais. Neste ponto, é observável uma “hierarquia”, que coincide com a ordem social. Quanto aos fenômenos naturais, eles obedecem às leis naturais, nisto consiste sua contribuição para a manutenção da vida humana. Borkenau partiu dessas premissas e estudou a evolução do conceito de lei natural, de São Tomás a Bacon, passando por Nicolau de Cusa, Marcílio Ficino, Copérnico, Calvino, Bodin e Campanella. Borkenau observou que, quanto mais declinava a sociedade feudal, mais o conceito esvaziava-se de seu sentido moral original, que se pautava pela premissa de que a natureza humana se inclinava para a regularidade. Assim como nos aspectos “hierárquicos”. Finalmente, a natureza irracional passou a ser a premissa que alicerçava as reflexões sobre os fins úteis da vida humana, que se tornava incompreensível.

Febvre, por sua vez, observou que Borkenau, ao recolocar a especulação filosófica em seu clima histórico, produziu uma história do espírito humano. Como exemplo, ele mencionou que o mundo de que Ficino tirava os problemas filosóficos era o mesmo onde Maquiavel pesquisou as regras políticas, ou ainda, o mundo de Calvino era o mesmo de Ficino, mas visto com outros olhos. Estava-se diante de uma história das idéias preocupada em se religar a história social propriamente dita.

Borkenau demonstrou o processo pelo qual a noção tomista de lei natural, compreendida como: “*arrangement rationnel du monde em vue du bien*”<sup>158</sup>, foi mudada em seu sentido para ser entendida, pelos místicos e pensadores renascentistas, como uma concepção de harmonia estética do mundo. Mais tarde, foi anulada pela Reforma e rejeitada pelos pensadores não cristãos. Borkenau deu o mesmo tratamento às outras duas noções conjuntas de Direito Natural e Contrato Social. Ele demonstrou a decomposição da noção teológica de um mundo moral e as conseqüências políticas daí advindas. Nas

---

<sup>157</sup>- Na concepção de São Tomás de Aquino, a expressão de lei natural exprime a equação: natureza igual à regularidade. Tanto na natureza, quanto na natureza humana, reside uma predisposição para a regularidade, e, notadamente, a regularidade moral, da qual Deus se torna comandante.

<sup>158</sup> BORKENAU, apud FEBVRE. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p.746.

noções de Estado e sociedade, caras a Maquiável, Lutero e a Althusius, uma idéia se afirmou: *Le monde est mauvais. Le droit positif ne saurait donc être simplement la traduction, l'explication du droit naturel.*<sup>159</sup>

Borkenau atentou para o fato de a Reforma ter rejeitado a concepção tomista de lei da natureza e conceber a noção de direito positivo. Para o autor, era preciso observar a gênese da noção jurídica de soberania. Esta noção, segundo a análise de Althusius, e também na concepção filosófica de Bodin, apresentava elementos patriarcais e tinha uma essência monárquica, o que veio a substituir a noção de soberania do povo. A postura do filósofo Althusius distanciava-se de todo o contato com a política, demarcando bem a diferença entre o contrato social e o contrato governamental.

Et c'est chez Althusius – ce pur théoricien, disait-on jusqu'à présent, cet homme éloigné de tout contact avec la politique: (...), un agent "scientifique" de la politique orangiste – qu'on saisit pour la première fois la théorie fondamentale du contrat sociale, nettement distincte du contrat gouvernemental avec qui souvent on le confound et qu'enseignaient déjà les nominalistes. Une analyse des théories de Grotius termine cette étude fouillée et suggestive<sup>160</sup>.

Borkenau voltou-se para a análise das conseqüências morais e teológicas das novas concepções e dos conceitos pessimistas do mundo. Propôs-se a estudá-los a partir do momento que esses conceitos influenciaram as teorias sobre o homem e nas especulações da teologia moral. Exemplificando: no calvinismo, o conceito contribuiu para criar uma nova ética e uma nova concepção de vida, especialmente burguesa. Os calvinistas não conseguiam criar uma nova ciência ou filosofia porque se colocavam contra toda uma interpretação universalista do mundo. Aceitavam a moral dos oratorianos<sup>161</sup> e jansenistas<sup>162</sup>, fundada sobre a noção de uma irremediável depravação do

---

<sup>159</sup> BORKENAU, apud FEBVRE. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p. 746.

<sup>160</sup> Tradução: "E é junto a Althusius – este puro teórico, dizia-se até o presente, este homem distante de todo contato com a política: (...), um agente 'científico' da política orangista – que apanhou pela primeira vez a teoria fundamental do contrato social, nitidamente distinta do contrato governamental, com o qual freqüentemente se confunde, e que já ensinavam os nominalistas. Uma análise das teorias de Grotius termina este estudo prospectado e sugestivo." (Idem, 1962, p.746-747.)

<sup>161</sup> A Congregação do Oratório (ou dos Oratorianos), fundada pelo Cardeal Berulle (1575-1629), orientou-se para o agostinianismo.

<sup>162</sup> O movimento jansenista foi criado por Jansênio Cornélio (1585-1638), que reagiu contra o tomismo pelagiano a respeito da vontade humana. Liderou a teologia agostiniana contra os jesuítas. A radicalização da posição agostiniana já ocorria com Lutero e Calvino. A escola teológica jansenista tinha aspectos de um protestantismo dentro da Igreja Católica.

homem. Deste modo, criou-se uma noção de existência espiritual ou racional do homem, distinta de sua existência puramente carnal. O autor chamou a atenção para o papel histórico da nobreza francesa “de toga” na criação de uma filosofia moderna. Mas Febvre faria, posteriormente, críticas ao uso deste termo, o que se verá mais adiante.

A análise de Borkeuau prossegue. Este autor estava atento em apreender o engendramento das idéias de Descartes, que possibilitou capturar, atrás do sentido de “depravação”, que é uma aparência, a essência do mundo e do homem, que é a razão. Trata-se de um ponto de partida verificável do cartesianismo, no entendimento do autor. Para ele, Descartes<sup>163</sup> acreditava receber de Deus uma permissão formal para se estender da fé para a dúvida. Sua física e sua matemática teriam sido criadas para permitir este retorno. A identidade de espaço e da matéria, na filosofia de Descartes, permitiria uma racionalização completa do universo. Uma racionalização que a manufatura da época experimentava, em seus primórdios.

Borkeuau prosseguiu analisando o sistema de Gassendi<sup>164</sup> e criticou as idéias de Hobbes, hostis à concepção científica de Descartes e favoráveis à concepção filosófica dos jesuítas.<sup>165</sup> O sistema de Hobbes<sup>166</sup>, segundo o autor, foi cultivado por todos os adversários do pensamento moderno, porque fez parte da corrente libertina em oposição à ciência nova, burguesa em essência. Deve-se atentar que, para Hobbes, a razão era algo que se adquire com a prática, não é inata, como sustenta Descartes<sup>167</sup>. Febvre apontou o objetivo de Borkeuau, quando nos falou de ciência burguesa, ou de filosofia burguesa:

---

<sup>163</sup> - Em sua primeira fase de formação, René Descartes deveu sua estrutura teológica à educação em um colégio jesuíta, em La Fleche, e à leitura dos autores da Teologia escolástica, ou a ela ligados. Mais tarde, sofreu influência dos pensadores neoplatônicos oratorianos. Segundo E. Gilson, estas orientações teológicas encontram-se na origem do pensamento cartesiano.

<sup>164</sup> Pierre Gassendi (1592-1655) foi matemático, filósofo, teólogo e astrônomo francês. Pesquisou uma via entre o dogmatismo e o ascetismo, se contrapondo a Aristóteles, e, em geral, a todos aqueles que pretendiam ter descoberto um saber inquestionável sobre a real natureza das coisas. Para ele, todo saber provém da experiência sensível. Sua corrente de pensamento era fenomenista, racionalista e pragmatista.

<sup>165</sup> - A concepção filosófica dos jesuítas era marcada pela orientação aristotélico-tomista, principalmente, pela postura filosófica de Francisco Suarez (1548-1617).

<sup>166</sup> - Victor Cousin foi um filósofo francês que mudou a ênfase da filosofia francesa do materialismo para o idealismo. Para ele, Hobbes não fez mais que deduzir, com lógica de ferro, todas as conseqüências dos princípios materialistas do seu mestre, Bacon. Ele era um materialista em filosofia, sensualista e ceticista em lógica, fatalista e egoísta em moral, absolutista em política. A feição empirista, que ainda hoje caracteriza o empirismo inglês, tem esta origem.

<sup>167</sup> RUSSEL, Bertrand. *História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p. 275.

Il ne faut se méprendre sur la pensée de M. Borkenau. Qu'il parle de science bourgeoise, de pensée bourgeoise, de philosophie bourgeoise, son souci n'est pas tant de montrer dans la pensée moderne un reflet pur et simple de l'évolution sociale que de souligner, au contraire, toutes les fois qu'il le peut, les contradictions intrinsèques des tendances historiques. La pensée moderne est moins pour lui un "produit du capitalisme" qu'un résultante de ses contradictions<sup>168</sup>.

Para Febvre, era neste procedimento que se encontrava a originalidade do autor. Seus comentários sobre sua obra foram que, para Borkenau, o pensamento especificamente burguês foi o calvinista, embora tenha contribuído mediocrementemente para sua gênese, porque o calvinismo aceitava a vida moderna sem questionar seus princípios e contradições. Afirmou, ainda, que nos países dominados pelo calvinismo (Holanda, Inglaterra e Estados Unidos), ele não favoreceu o desenvolvimento de um pensamento filosófico independente do sistema religioso, pois, nesses países, "*le capitalisme était un fait et cessait d'être un problème*"<sup>169</sup>. A consciência clara e o sentido das contradições presentes no sistema capitalista deveriam ser buscados nas classes intermediárias e medianas, muito mais que nos segmentos sociais mais homogêneos. Este sentido das contradições se localizava entre a burguesia artesã e mercadora, de uma parte, e a nobreza, de outra.

Os recursos dos calvinistas para enfrentar as contradições geradas pelo sistema capitalista não consistiram em uma operação sobre os modos da vida. As soluções assumiam, simplesmente, a forma de interpretação para a situação vigente. Portanto, diante dessa constatação, para Borkenau, o pensamento de Descartes permanecia, de certa forma, apologético. Não serviria para caracterizar o pensamento de um homem recém-saído das antigas ligações sociais da sociedade feudal e ainda preso à sua tradição filosófica.

Saisir derrière l'apparence, qui est dépravation, l'essence de l'homme et du monde, qui est raison: point de départ véritable du cartésianisme, au dire de l'auteur. Se livrant à une critique approfondie de la tradition, il croit pouvoir

---

<sup>168</sup> Tradução: "Não se deve agastar-se sobre o pensamento de M. Borkenau. Quando ele fala de ciência burguesa, do pensamento burguês, de filosofia burguesa, seu cuidado não é tanto o de demonstrar no pensamento moderno um reflexo puro e simples de evolução social quanto o assinalar, ao contrário, todas as vezes que ele o pode, as contradições intrínsecas das tendências históricas. O pensamento moderno é menos, para ele, um 'produto do capitalismo' que uma resultante de suas contradições." (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 748.)

<sup>169</sup> BORKENAU, apud FEBVRE. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p. 748.

établir que, dans sa fameuse crise mystique, Descartes a cru recevoir de Dieu une permission formelle de s'éloigner de la foi par le doute, pour revenir à elle ensuite par la raison. Sa physique et sa mathématique ont été créées pour permettre ce retour. L'identité de l'espace et de la matière qui s'y trouve affirmée laisse entrevoir la possibilité d'une rationalisation complète de l'univers<sup>170</sup>.

Mas foi o pensamento filosófico de Pascal<sup>171</sup>, verdadeiramente, o fundador da dialética na filosofia moderna. Coube a ele desenvolver todas as contradições presentes da vida burguesa.

As críticas dirigidas por Febvre ao estudo referiam-se a alguns detalhes, em um livro que contempla um volume enorme de obras e autores e uma grande massa de idéias. Obviamente, o historiador foi tentado a reformar alguns dos julgamentos de Borkenau. Mas Febvre legitimou a postura do autor de tirar a ciência e a filosofia da torre de marfim, operada por espíritos desencarnados. O autor as mostrou operadas por espíritos que estão imersos na vida social e sofreriam em suas atividades, sabendo ou não, a influência de todas as atividades desenvolvidas pelo meio social em que viveram. Ao religar a história das ciências e da filosofia às outras vertentes, tais como a da economia, das maneiras, da religião, do Estado, o autor produziu uma história intelectual legítima.

### **3.4 Um estudo sobre as utopias: uma dinâmica das idéias no meio social**

Nos itens anteriormente estudados, pudemos compreender como Febvre partiu das obras em direção à análise das idéias presentes no meio social. Elas se tornaram o principal instrumento de averiguação sobre os sistemas de pensamento cristalizados em uma sociedade, e também para detectar a dinâmica dos movimentos. Tais movimentos,

---

<sup>170</sup> Tradução: “Apanhar atrás, a aparência que é a depravação, a essência do homem e do mundo, que é a razão: ponto de partida verdadeiro do cartesianismo, como diria o autor. Livrando-se de uma crítica aprofundada da tradição, ele crê poder demonstrar que, na sua famosa crise mística, Descartes acredita receber de Deus uma permissão formal de distanciar-se da fé pela dúvida, para retornar a ela, em seguida, pela razão. Sua física e sua matemática foram criadas para permitir este retorno. A identidade de espaço e da matéria, que aí encontra afirmada, permite entrever a possibilidade de uma racionalização completa do universo.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 747-748.)

<sup>171</sup> Blaise Pascal (1623- 1662) produziu polêmica e profunda obra filosófica. Desenvolveu experimentos que propiciaram saltos quantitativos no mundo científico, especialmente, no campo da matemática e da física.

presentes nas idéias, atuam sobre o meio social e a materialização, no meio social. É necessário caracterizar alguns aspectos da dinâmica apresentada por estas idéias:

1. O surgimento das idéias, na obra de Febvre, está umbilicalmente ligado às condições materiais e ideológicas da sociedade; as idéias surgem das necessidades presentes no meio. Um exemplo encontra-se em seu artigo *Civilization: évolution d'un mot et d'un groupe d'idées*, escrito em 1930, que integra a coletânea em estudo;
2. As idéias que se materializam em uma sociedade, podem ter sido originadas em condições materiais e espirituais presentes em outra temporalidade. Entretanto, somente se materializam se as condições sociais o permitirem;
3. As formas de apreensão de uma idéia ou de um grupo de idéias, por parte de uma sociedade, denunciam as características psicológicas presentes em seus indivíduos. Portanto, o estudo das idéias materializadas em uma sociedade pode explicar suas peculiaridades psicológicas;
4. As idéias materializadas nas sociedades sofrem a ação dos grupos sociais em suas unidades institucionais, seus fundamentos econômicos, nas obras científicas ou artísticas, em período de crises sociopolíticas, etc. Permanecem, ou não, em uso no meio social durante períodos bem longos, de séculos, por vezes.

Ao perceber a dinâmica das idéias no meio social, torna-se possível não mais vê-las, assim como outros “utensílios mentais”, como algo que quase ultrapassa a estrutura de todos os pensamentos ou ações particulares. Essa definição pode ser encontrada no primeiro capítulo do livro já mencionado *Para uma história cultural: entre práticas e representações*<sup>172</sup>. Neste livro, Chartier analisa as diferenças entre a noção de *outillage* mental de Febvre e a de hábito mental de Panofsky, que é entendido como um conjunto de esquemas inconscientes, de princípios interiorizados, que dão a sua unidade às maneiras de pensar de uma época, qualquer que seja o objeto pensado. Para Febvre, o estoque de idéias presente em uma sociedade encontra-se em movimento contínuo.

As condições materiais e ideológicas ditam as possibilidades de materializações das idéias em uma sociedade. A partir deste pressuposto, uma questão pode ser colocada: em condições sociopolíticas semelhantes, é possível uma nova manifestação de determinada idéia ou conjunto de idéias, que poderiam traduzir o verdadeiro estado de

---

<sup>172</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

espírito íntimo de uma sociedade? No artigo *En Utopia*<sup>173</sup>, composto de apenas seis laudas, encontra-se não apenas uma resposta afirmativa, mas os esboços de um estudo, que seria explorado, de maneira semelhante, pelo historiador George Duby em seu livro *Les trois ordres ou l'imaginaire du féodalisme*<sup>174</sup>. Sabemos que esse historiador se declara tributário de seu orientador, Lucien Febvre. No livro de Duby, embora a temática seja outra, a investigação sobre a circularidade e a materialização de um grupo de idéias seguiu os mesmos passos. Retornaremos a esta análise, após o estudo desenvolvido por Febvre, para que se possa atestar as pertinências.

O estudo de Febvre sobre a obra de Tomás Morus começou com sua afirmação de que se fala muito, mas se lê pouco. Essa obra de Morus foi o ponto de partida para a análise de outras, cuja temática versa sobre realidades futuras. A finalidade do estudo era detectar e acompanhar uma idéia, ou um grupo de idéias, presentes quando a sociedade tem necessidade de evasão, fora da realidade vivida. As imagens criadas pelos autores forneceram para os historiadores uma tradução deliberadamente infiel sobre o devir. Ao mesmo tempo, foi uma tradução inconscientemente fiel da realidade vivida, em uma época, ou um lugar<sup>175</sup>. Nessas obras, os historiadores se confrontaram, a cada passo, com problemas de psicologia retrospectiva. Por exemplo, como conciliar o Tomás Morus de “1516” com o Tomás Morus de “1523” se, entre os dois existiu um Lutero, as Reformas e a obra de Guillaume Farel, *Sommaire et Briefve Déclaration*<sup>176</sup>? Nesta obra se encontra a seguinte reflexão: “l'homme est meschant, ne povant riens, fole téméraire... ne pensant que mal et péché... voulant toujours magnifier ses oeuvres, puissances et vertus »... Ce qui ne rend pas précisément un son “ utopien ”<sup>177</sup>”.

Esta reflexão, segundo Febvre, era um testemunho da história moral do século XVI. Esta rápida citação sobre as reflexões de Farel teve como objetivo ilustrar a

---

<sup>173</sup> FEBVRE, Lucien. *En Utopia*. In : \_\_\_\_\_. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p Op. Cit., 1962, p. 736-742.

<sup>174</sup> DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

<sup>175</sup> FEBVRE. Op. Cit., 1962, p. 736.

<sup>176</sup> FAREL, Guillaume. *Sommaire et Briefve Déclaration*. 1530.

<sup>177</sup> Tradução: “O homem é mau, não podendo fazer nada, louco e temerário... só pensando no mal e no pecado... querendo sempre engrandecer suas obras, poderes e virtudes... isto que não expõe precisamente em sua ‘utopia’”. (FEBVRE, Op. Cit., 1962, p. 737.)

profunda ruptura filosófica no início do século XVI, promovida pelas concepções e conceitos pessimistas sobre a natureza humana. Além disso, tinha a intenção de atestar uma reflexão compreensiva sobre a conduta humana em sociedade. Com o intuito de demonstrar as dificuldades e a complexidade presentes nesses estudos sobre utopias, Febvre questionou: como conciliar o capítulo *Réligions*, da *Utopia* de Morus, (em que ele caracteriza uma ortodoxia cristã, no século XVI), com a idéia atual do que seja um cristão ortodoxo e tradicionalista?

Febvre prosseguiu, analisando os estudos de M. Gilbert Chinard sobre outras utopias, posteriores à obra de Morus. Chinard tratava da obra de Diderot, *Supplément au Voyage de Bougainville*, escrita em 1773, e cuja temática se manteve fiel às anteriores do mesmo gênero, podendo estar entre aquelas nomeadas de “Utopias das Terras Austrais”. O deslocamento espacial visível foi devido ao fato de a América não fornecer mais suporte para as utopias, uma vez que:

La connaissance précise de l'Amérique le fit naturellement disparaître, Dès la fin du XVII siècle, le Nouveau Monde était trop connu pour qu'il fût possible aux coureurs de chimères les plus intrépides d'y situer un État idéal. Loi fondamentale du genre: Aujourd'hui que la Terre est entière accessible aux hommes blancs, c'est dans la Lune ou dans les Planètes qu'avec Wells ils projettent leurs imaginations d'avenir<sup>178</sup>.

Febvre advertia que a América, principalmente a parte norte-atlântica, nada mais foi, até o fim do século XVII, que um suporte para a imaginação de utopias. Ele se baseava na obra de M. Geoffroy Atkinson, *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, na qual analisou mais de 550 trabalhos de literatura geográfica, impressos na França, entre 1480 e 1610. Atkinson argumentou que os relatos de viagens, descrições, histórias de conquistas e cartas de missionários exerceram uma influência mais profunda sobre um público ávido por tais novidades, do que os textos propriamente científicos.

M. Atkinson dividiu sua pesquisa em duas partes. Na primeira, catalogou as idéias políticas, morais, religiosas e filosóficas que influenciaram a literatura geográfica. Na segunda parte, abordou as influências diretas sobre as obras literárias francesas, entre 1480 e 1610, demonstrando que as idéias subversivas do século XVII já se encontravam

---

<sup>178</sup> Tradução: “O conhecimento preciso da América o fez naturalmente desaparecer. Desde o fim do século XVII, o Novo Mundo era muito conhecido para que fosse possível aos aventureiros de quimeras, os mais intrépidos, de situar lá um Estado Ideal. Lei fundamental do gênero: hoje que a Terra é inteiramente acessível aos homens brancos, é na Lua ou nos Planetas que com Wells eles projetam projetou suas imaginações do futuro.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p. 738.)

presentes nos séculos anteriores. Trata-se de uma obra endereçada aos que se interessam pela filiação das idéias, no desenvolvimento histórico do espírito humano.

Para M. Atkinson, somente a partir do final do século XVII é que os utopistas começaram a situar suas imaginações nas Terras do Sul. Por volta de 1676, Gabriel de Foigny publicou *Terre Australe Connue* e Denis Veiras d'Alès compôs *Histoire des Sevarambes*, por volta de 1677. Com o aumento progressivo das viagens, novos mundos tornaram-se conhecidos. Marinheiros de todos os países se instalaram no Taiti e nos mundos do Pacífico, passando a divulgá-los.

No *Supplément au voyage de Bougainville*, Diderot descreveu os aspectos das relações humanas conflituosas entre dois mundos: o mundo taitiano e o mundo branco ocidental. Analisou os paradoxos morais e sociais promovidos pelas práticas colonialistas do mundo ocidental, em face de um mundo livre, simples e tolerante ao outro. As elucubrações de Diderot sobre a natureza humana o levaram a materializar a utopia em sua obra. O autor fez triunfar seu ponto de vista alicerçado pelo espírito das luzes, inscrito nas reflexões do século XVIII, na Europa. O indivíduo não é mau originalmente, e será feliz se seguir as leis da natureza e suas próprias inclinações. Infelizmente, está no coração de uma sociedade desnaturada, devendo lutar pela liberdade, a tolerância e a igualdade, a fim de organizar uma sociedade mais justa.

Em uma segunda obra, de G. Chinard, Febvre reencontrou a miragem americana, sob uma nova forma. Não mais saída de uma obra romanesca, mas de um Jornal de Viagem e de uma correspondência inédita, do genovês Guillaume Merle, entre 1809 e 1817. A América foi novamente sede de um país ideal, sem as aduanas, passaportes, inquisições morais, liberdade de imprensa, com uma economia em franca expansão, uma organização política assegurando os direitos do cidadão.

Os dois primeiros autores, Morus e Guillaume Merle, elegeram a América como sede do Estado ideal. Essa coincidência espacial pouco esclareceu, uma vez que a América, muito antes de ser “descoberta”, já figurava como suporte espacial de utopias. Diderot ambientou sua utopia no Taiti. Mas, entre as três obras, existe um grande distanciamento temporal, por vezes secular. Entretanto é verificável que foram elaboradas em épocas de crise moral e de transições político-sociais. Seus conteúdos apresentaram antecipações, constatações, desejos e profecias, tecendo sempre uma nova ordem social.

As utopias foram construídas quando as sociedades, em crise, sentiram a necessidade de definir os possíveis delineamentos para as inevitáveis transformações sócio-ideológicas ou político-econômicas que se encontravam em seus horizontes. Essas utopias se apresentaram sempre patéticas e curiosas. Entretanto, por trás das fantasias e da imaginação de alguns precursores, encontrava-se o testemunho do estado de espírito íntimo de uma sociedade. A materialização de uma idéia, ou de um grupo delas, especialmente no caso das utopias político-sociais, se realiza através das possibilidades geradas pelo estado de espírito de uma sociedade. Para os historiadores, foram testemunhos que ajudaram no entendimento de uma época.

Febvre mostrou que uma idéia, ou um conjunto, em momentos de crise, podem retornar. Isso também foi reconhecido, posteriormente, por Georges Duby. Ele partiu dos estudos do erudito George Dumézil, que criou um modelo de funcionamento do imaginário religioso, assinalando a concepção de uma sociedade formada por três grupos que exercem três funções básicas.<sup>179</sup> Foram entranhadas na tradição indo-européia e puderam ser encontradas desde a antiga Índia à Gália dos tempos de César. Georges Duby trabalhou, igualmente, a imagem trifuncional, tentando traçar a história de certa imagem da ordem social que atravessa o tempo:

A figura triangular sobre a qual, nos espíritos dos bispos do ano 1000 se construiu o sonho de uma sociedade una e trina como a divindade que a criou e a julgará (...); e é através desta mesma figura triangular que no nosso tempo (...) persiste a nostalgia de uma humanidade regenerada (...). Trinta, quarenta gerações sucessivas imaginaram a perfeição social sob a forma da trifuncionalidade. Esta representação mental resistiu a todas as pressões da história.<sup>180</sup>

Em *As três Ordens*, Duby atentava para os textos de Adalbéron de Laon e de Gérard de Cambrai<sup>181</sup>, procurando as razões históricas que fizeram surgir, ou desaparecer, a figura triangular da trifuncionalidade. Ela reapareceu e se formou na França nos séculos XI, XII e princípio do XIII, servindo de suporte ideológico para apoiar a estrutura do Antigo Regime. Para Duby, essa explicação ternária da sociedade

---

<sup>179</sup> A teoria trifuncional refere-se sempre às funções inerentes a cada uma das partes que integram o esquema classificatório: os que rezam, os que combatem e os que trabalham.

<sup>180</sup> DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982, p.16.

<sup>181</sup> Os textos de Gerárd de Cambrai não são de sua própria lavra. O discurso teria sido pronunciado por ele e transcrito por um cônego da catedral, muito próximo de Gerárd. Os textos encontram-se, no capítulo 52, do Livro III, da obra *Gesta episcoporum cameracensium*, a Gesta dos bispos de Cambrai.

era uma estrutura inconsciente, da qual o homem se valia sempre que estava diante daquilo que o desestruturava, buscando os elementos da recomposição. De acordo com o autor, tratava-se de uma forma, uma maneira de pensar, de falar o mundo. Como se fosse um modo de dizer a ação do homem sobre o mundo, situando-se na confluência do pensamento e da linguagem<sup>182</sup>.

O modelo ternário de explicação da sociedade promoveu uma hierarquização social, definindo a ordem, e principalmente o poder, que se estendem sobre a sociedade. Os aspectos metodológicos que procuramos analisar na história intelectual produzida por Febvre, a partir dos artigos escolhidos, tiveram como propósito demonstrar e observar a dinâmica das idéias em suas materializações, em uma determinada sociedade, e de suas ligações com as condições materiais e sociais existentes em determinada época. Entretanto, pudemos perceber que a temporalidade existente entre as primeiras e as últimas não são simultâneas, muito embora as idéias se originem das necessidades apresentadas pelas condições sócio-materiais de uma sociedade. Elas podem se materializar mais tardiamente, pois o tempo de maturação de uma idéia, ou de um conjunto, em um meio social não se faz de imediato. Estava-se diante de um processo sem fim, pois, como constatamos, as idéias sofrem alterações e mutações por meio de suas apreensões no meio social ao se materializarem.

Para Febvre, as obras são os objetos de estudo e devem ser analisadas considerando seus autores, assim como as suas particularidades ao traduzir as idéias de acordo com suas características psicológicas (sempre presente nos meios sociais de origem) e as possibilidades existentes no universo mental de uma época. Do mesmo modo, atentar para a própria natureza das correntes de idéias que se materializam, particularmente, no mundo ocidental. Com estas reflexões, os estudos sobre o campo de conhecimento da história intelectual, que se integra aos saberes de outras áreas das Ciências sociais, alicerçam os estudos sobre as mentalidades de determinada época.

No próximo capítulo, procuraremos analisar, de maneira mais detalhada, o campo de saber da psicologia histórica que contribui de maneira efetiva para o desenvolvimento dos estudos ligados a história intelectual.

---

<sup>182</sup> DUBY. Op. Cit. 1982, p.18.

## CAPÍTULO IV

### PSICO-HISTÓRIA CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COLETIVA

Para melhor compreender a produção de Febvre na área de conhecimento da psicologia histórica, é necessário conhecer os avanços teóricos e metodológicos promovidos por Henri Berr. Também é importante conhecer algumas de suas reflexões e posturas metodológicas que alicerçaram a obra de Febvre, ainda que existam inflexões no pensar de ambos. A visualização dos engendramentos e dos avanços nesta área de conhecimento surgiram de concepções comuns sobre a disciplina histórica entre os dois autores. Para Febvre esta área de conhecimento é, principalmente, um veículo que desvenda, no âmago da história econômica e social, as descontinuidades entre o século XVI e o XX.

Na *Revue de Synthèse*, a aceitação, por parte dos novos historiadores, dos pontos de vista dos durkheimianos, quebrou a influência da filosofia sobre a história. Na *Nouvelle Histoire*<sup>183</sup>, temos a representação desta ruptura, que marca a opção pelo apoio teórico das novas ciências sociais. Os historiadores se voltam para novas percepções do social. Assim, adotam um novo discurso, que não é neutro, porque o historiador sofre influências dos engendramentos das relações sócio-políticas de sua época. No entanto, esse discurso aspira à universalidade de um diagnóstico objetivo. Mas isso não ocorre porque esses discursos são sempre determinados pelos interesses de grupos, que impõem sua autoridade e legitimam um projeto nem sempre reformador.

Febvre sofreu a influência dos sociólogos durkheimianos e da *Revue de Synthèse*, de Henri Berr. Esta publicação era o principal veículo de divulgação e espaço germinador de um novo campo de forças no território do conhecimento intelectual. Nela, podia-se visualizar uma interação tensa e um confronto entre vários pressupostos teóricos da

---

<sup>183</sup> Nova história, no texto, refere-se a uma abordagem que refutava o positivismo na historiografia. Segundo François Furet e Emmanuel Le Roy Ladurie, a história, sob a influência das Ciências Sociais é uma *nouvelle histoire*, que teve seu início nos anos 20, com Febvre e Marc Bloch, na Universidade de Estrasburgo.

Escola Alemã, em suas mutações conceituais e a Escola durkheimiana. São duas epistemologias divergentes, principalmente no campo de estudos ligados à história **do mental**. Foi deste espaço que Lucien Febvre recebeu influências e se tornou um dos construtores desse novo fazer historiográfico do século XX.

O espaço intelectual da *Revue de Synthèse* foi marcado pelos pressupostos teóricos de Henri Berr, que influenciariam a postura de Febvre, tornando-o seu herdeiro intelectual. Pode-se ter uma idéia clara da importância de Henri Berr para a historiografia produzida pelos *Annales*, quando Braudel e Febvre transformaram-no em um dos antepassados da Escola dos *Annales*. Foi uma atitude surpreendente, se lembrarmos que Berr era um filósofo. Porém, ao redigir sua tese *Esquisse d'une synthèse des connaissances, fondée sur l'histoire*, de 1893, ele concedeu ao método histórico um lugar privilegiado.

Para Henri Berr, a história era considerada a ciência das ciências, o próprio instrumento de síntese, cuja essência é de natureza psicológica. Isso era dito claramente desde 1911, em *La synthèse en histoire*: “A história é, em suma, a própria psicologia: é o nascimento e é o desenvolvimento da psiquê”<sup>184</sup>. Ele evocava uma “nova história”, instrumentalizada pela psicologia histórica, cuja principal característica era o caráter global, que considerava todas as dimensões da realidade, dos aspectos econômicos às *mentalidades*, em uma perspectiva científica. Com esta configuração, a Nova História diferia da Escola Metódica porque esta era apegada ao fetichismo do fato, ao reducionismo e à tendência de fragmentação do real. A Nova História teve de renovar o elo, desfeito pela Escola Metódica, entre o presente e os estudos históricos, orientando seus trabalhos de pesquisa para as problemáticas contemporâneas.

Um ponto relevante foi quando o autor atribuiu o caráter fortuito do acontecimento ao conceito de individualidade, que passava a ser um “intermediário entre o puro acaso e a necessidade”. Portanto, a própria individualidade é, de certa forma, um acontecimento entre o *acaso*, as *leis* e o *social*. Com essas afirmações de Berr, podemos perceber uma equivalência entre as leis e o social, embora saibamos das relações, um tanto quanto tensas, entre o autor e os durkheimianos e das aporias que ele estabeleceu. Entretanto, não se pode descartar que esta equivalência não existia, pois não se saberia

---

<sup>184</sup> BERR, apud BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.528-529.

dizer como se introduziu, no estudo das sociedades humanas, os pressupostos teóricos desenvolvidos pela psicologia coletiva por ele e Lucien Febvre. A partir da análise dos pressupostos de Berr, conclui-se que, sendo a individualidade contingencial, por extensão, as diversas conceituações sobre o humano também o serão. Criava-se, deste modo, um vínculo entre história e contingência. As conseqüências mais imediatas dessa nova noção sobre o acaso histórico, provavelmente inaugurada por Berr, foram: os sujeitos históricos perdera o poder sobre a direção e previsão dos eventos. O curso da história escapa a quaisquer predições ou leis pré-estabelecidas.

Ao introduzir elementos incomuns na determinação dos eventos e nas leis do desenvolvimento histórico, Berr entrou em rota de colisão com os pressupostos presentes, especialmente, no historicismo alemão. Ele preconizava reconstituir, com veracidade, os fatos passados. Segundo Berr<sup>185</sup>, isso se dava a partir de um modo de intuição histórica, de uma percepção estética e de uma imaginação poética, ou criadora, que possibilitavam reconstituir as “individualidades”. Sobre este procedimento no historicismo alemão, o artigo de François Étienne é esclarecedor:

(...) a história tem por objetivo o estudo das “individualidades” específicas, tendo cada uma seu próprio dinamismo e sua originalidade imediata; entre essas individualidades, um lugar privilegiado pertence aos Estados, idéias de origem divina (“auch die Staaten leiten ihren Ursprung von Gotth her, Ranke), encarnações de uma forma superior de moralidade, “entidades espirituais”, que só podem ser compreendidas a partir de sua especificidade intrínseca. Para apreender essas “individualidades” em verdade, as noções gerais, os conceitos abstratos e os métodos quantitativos e estatísticos não são apropriados; a compreensão histórica (“Verstehen”) consiste, antes de mais nada, em, utilizando os métodos de críticas de textos aperfeiçoados pela filosofia clássica, reconstituir o mais escrupulosamente possível as intenções e os motivos dos atores da história, e depois tentar buscar e apreender sua originalidade por intermédio da intuição e da simpatia (“Anschauung”, “Ahnung”)<sup>186</sup>.

De modo geral, os historiadores historicistas alemães daquela época admitiam a existência de um substrato de motivos e intenções comuns a todo e qualquer homem. Deste modo, seria possível refazer a história, a partir de uma evocação subjetiva, experimentalmente induzida. Ou seja, a partir de uma inspiração historicamente orientada, aprender-se-iam os reais propósitos de atos e motivações daqueles que

---

<sup>185</sup> BERR, H. *La Synthèse en histoire: Sans rapport avec La synthèse générale*. Paris: Albin Michel, 1953.

<sup>186</sup> ÉTIENNE, François. Historiadores alemães. In: BURGUIÉRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.20-27.

decidiram os destinos humanos. Berr debilitou este método, quando introduziu o casual na constituição da própria individualidade. O casual passava a integrar a própria individualidade, e passava a compô-la, afastando as pretensões da intuição histórica em apreendê-la.

O esquema teórico dos historiadores historicistas fora posto em xeque. A contribuição de Berr possibilitou que os historiadores superassem o antigo esquema teórico. A pesquisa histórica se abria para o estudo de temas como a *civilização*, a multidão, a estatística, a mentalidade pré-histórica e a sensibilidade, dentre outros. Não mais se priorizava o Estado, os fatos políticos e econômicos, a enumeração dos grandes eventos e o relato sobre personagens famosos. Como bem atestam os encontros por ele organizados, as famosas *Semaines de Synthèse*, a pesquisa em história se abriu para temas como *A civilização*, *As origens da sociedade*, *A individualidade*, *A multidão*, *A estatística*, *A mentalidade pré-histórica* e *A sensibilidade*, entre outros.

A historiografia se renovava, pois o bônus teórico foi duplo: o acaso alçou o *status* de dado e a história científica liberou-se das causalidades da filosofia da história, da intuição histórica e da erudição. Historiadores que gravitavam nesse movimento aceitaram o convite de direcionar sua atenção para o atual, para a vida. Entretanto, para tal empresa, há a necessidade do senso psicológico. Sobre isso, Berr comenta:

A psicologia é indispensável ao historiador, quando este faz a síntese. Esse senso psicológico, ao mesmo tempo em que o senso histórico, quer dizer curiosidade por tudo quanto é humano, a inteligente simpatia para o diferente, o mutável e o complexo da vida<sup>187</sup>

Outro aspecto da obra de Berr a ser analisado, é a relação que o autor estabeleceu entre espírito, história e pensamento. O autor afirmou que o espírito é produto da história e a história é concretização do pensamento. Portanto, decorre que o espírito seja a realização do pensamento. O espírito tem, a partir dessa reflexão, o atributo de concretizar, materializar, exteriorizar o pensamento. Para tal empresa, é necessária a contribuição da análise psicológica. Berr inaugurou um novo campo de pesquisa interdisciplinar, sem uma sistematização precisa, pois os limites entre as disciplinas formadoras são fluidos. A esse respeito, Berr elucidada:

---

<sup>187</sup> BERR, Henri. Op. Cit., 1946, p.20.

A psicologia é auxiliar da história, e se teve razão em declarar que a história é uma psicologia aplicada. Mas há uma relação mais profunda da psicologia com a história; A história, em suma, é a própria psicologia; é nascimento, e é o desenvolvimento da psiquê.<sup>188</sup>

Seu impulso em vincular psicologia e história, principalmente como psicologia histórica, foi consagrado por dois autores, Lucien Febvre e Ignace Meyerson. Berr esclarece qual tipo de análise psicológica deve ser utilizado:

Eu quero assinalar ainda uma iniciativa interessante: como, em sociologia, busca-se constituir e precisar uma psicologia social, um psicólogo engenhoso, I. Meyerson, criou uma psicologia do espírito humano, tentativa original, distinta dessa psicologia histórica que estuda o caráter dos povos ou das épocas. (...) Esta psicologia é um tipo de síntese na síntese.<sup>189</sup>

Na *Revue de Synthèse*, iniciou-se um diálogo interdisciplinar que se concretizaria, de forma mais consistente, em outra etapa, no afrancesamento da universidade de Estrasburgo. As linhas de pensamento presentes na *Revue de Synthèse* iriam, de certa forma, delinear posturas presentes no fazer teórico-metodológico de Febvre. Afinal, desde 1905, dispunha-se da contribuição crítica de Febvre, em forma de artigos. Ele se tornou, rapidamente, membro da redação e encarregado da sessão “*As Regiões da França*”. O convívio, a aproximação, a identidade cultural, a luta, em grande parte pelos mesmos ideais, fariam de Febvre o herdeiro de Berr. Encontra-se nos dois homens o mesmo ativismo científico, a mesma busca de apoios.

Para atingir seus objetivos, Febvre tinha como procedimento, anexar formulações conceituais de outros domínios de conhecimento. Ele propôs relações de interdependência e intercâmbios metodológicos, mas, ao mesmo tempo, as separava quando tais relações ameaçam suas convicções fundadoras. Algumas dessas convicções só são percebidas quando temos conhecimento da totalidade da obra do autor.

Febvre preocupava-se em entender o “ilógico”, “*le coeur de l’homme*”. Abriu, dessa forma, uma nova visão sobre a obra humana, com suas ligações com a atmosfera que a alimentava – o clima intelectual –, e suas relações com a evolução socioeconômica. O “*coeur de l’homme*”, cuja compreensão não segue regras estabelecidas por ditames positivistas. Todo um aparato metodológico deveria então, ser elaborado. Os avanços

---

<sup>188</sup> BERR. Op. Cit., 1953, p.161.

<sup>189</sup> Idem, 1953, p. 291.

advindos de uma psicologia aplicada, esboçada por Febvre em *Métodos e soluções praticas – Henri Wallon e a Psicologia Aplicada*<sup>190</sup>, permitiu estabelecer que:

le sens de l'humain, le sentiment toujours présent de ce qu'est, de ce que représente dans sa réalité vivante et agissante une personnalité, une individualité humaine. Par là, le livre du Dr. Henri Wallon revêt toute sa signification. A côté d'un savant, on y saisit un homme.<sup>191</sup>

Em síntese, Febvre expressava a necessidade de manter relações estreitas entre os esclarecimentos provenientes da psicologia e do conhecimento científico da função social, isto é, a sociologia. Assim, haveria a possibilidade de explicar, entender e localizar o humano, o vivido, e de torná-lo reconhecível.

Em Mulhouse, no ano de 1924, Febvre professou quatro lições que foram editadas na *Revue bi-mensuelle des Cours et Conférences*, no ano seguinte. Por meio destas lições, na coletânea em estudo, intituladas, *Les Principeaux Aspects d'une Civilisation – La première Renaissance française: quatre prises de vue*, tem-se acesso ao arcabouço de um fazer metodológico preocupado em elucidar questões levantadas quanto às relações entre o “clima intelectual” e socio-econômico. Febvre partiu para uma investigação, um inventário das forças materiais, morais, intelectuais e religiosas que agem em um momento determinado, em uma dada sociedade, forjando a consciência dos homens. Não se tratava de reconstituir, na íntegra, a consciência humana de uma época, pois seria impraticável e inútil. Trata-se de compreendê-la e recompô-la em sua unidade real, evitando dar-lhe um caráter abstrato, sem ligações com uma base material.

Fazer uma história dos homens, localizar-se na consciência daqueles que viveram e fizeram a Renascença, o Humanismo e as Reformas, foi o objeto de estudo de Febvre. O ponto de partida foi o questionamento da alteridade entre a consciência dos homens do século XX e a do século XVI na França. Para tanto, as condições materiais de vida foram inventariadas: das disposições arquitetônicas das residências aos regimes alimentares, até mesmo os grandes contrastes das alternâncias entre o dia e a noite, inverno e verão. Houve também a percepção dos seus efeitos sobre o físico, bem como o temperamento

---

<sup>190</sup> WALLON, Henri. *Métodos e soluções praticas* - Henri Wallon e a Psicologia Aplicada. In: FEBVRE, Lucien. *Combats pour L'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.

<sup>191</sup> Tradução: “O sentido do humano, o sentimento sempre presente do que é, do que representa na sua realidade viva e ativa uma personalidade, uma individualidade humana. Por isso, o livro de Dr. Henri Wallon assume toda sua significação. A par de um cientista, apercebemo-nos, ai, de um homem.” (FEBVRE. Op. Cit., 1953, p.206)

psíquico dos indivíduos. As respostas somente apareceram depois de muito trabalho de prospecção para recompor, o mais fielmente possível, a vida material.

Assim, para Febvre, os primeiros sedentários, cidadãos, cercados por um aparato tecnológico, que amenizava os rigores do clima, permitiram uma produção de bens que lhes garantia uma existência livre dos ciclos de miséria e doenças que, tão comumente, se abatia sobre os habitantes dos séculos anteriores. O progresso tecnológico que permitiu uma contração do tempo e do espaço, a partir da velocidade dos meios de transporte, propiciou uma qualidade de vida inimaginável para a época contemporânea. Uma abundância de recursos que garante à sociedade uma existência protegida, da infância à velhice. O conforto material advindo do avanço tecnológico, em contrapartida, escraviza o homem a necessidades artificiais vorazes, tornando-o servo de suas próprias criações. Neste ponto, os homens do século XVI eram mais livres que os do século XX, pois suas necessidades se viam reduzidas à sobrevivência material, para a maioria dos homens. Portanto, estavam livres de um consumismo que os escravizasse.

Um ponto crucial para a psicologia histórica se apresentava. O estudo dos efeitos da tecnologia contemporânea sobre os homens, a sua ação sobre a constituição física dos humanos, moldando seu temperamento, influenciando em seu raciocínio, é área de estudo da psicologia coletiva. Seus tratados sobre as emoções, as decisões e os raciocínios são pertinentes para os homens do século XX, mas qual a validade desses estudos para os homens do século XVI? Uma via para a psicologia histórica concretizar seus estudos foi comparar estes homens, permitindo apreender suas diferenças. No caso, o fornecimento de dados, por parte do trabalho do historiador, foi indispensável. Febvre iniciou suas análises seguindo esta via. Apresentou, em seu artigo, alguns aspectos da vida no século XVI, em diferentes segmentos sociais.

A cidade do século XX, orgulho de seus habitantes, com suas magníficas infra estruturas de transporte, habitação e lazer, torna as cidades do século XVI acanhados povoados de província. No entanto, as cidades do século XVI também eram motivo de orgulho para seus habitantes. As cidades e suas muralhas, que as protegiam dos invasores e, ao mesmo tempo, as vitimavam nos dias de chuva, com enxurradas de resíduos e dejetos humanos. Nos dias de sol, o problema eram os odores de tais dejetos e resíduos sob a ação do calor. Nas suas estreitas entradas, ostentavam torres de vigilância. Ao lado das portas, encontravam-se, de um lado, símbolos cristãos e, de outro, um colossal

patíbulo, orgulho dos burgueses, com a exposição de membros humanos recém-decepadados pelo carrasco. Era a justiça de um tempo onde os nervos eram pouco sensíveis.

O campo invadia as cidades com seus produtos e, até mesmo, a sala das residências burguesas, os gabinetes dos procuradores e advogados. Basta ver as antigas iluminuras para constatar que os pagamentos pelos serviços eram feitos em espécie, principalmente com gado doméstico. Os homens do século XVI viviam nas cidades e nos campos. Além dos camponeses, moradores de miseráveis choupanas, havia os nobres, nos seus magníficos castelos. Todos, burgueses, nobres, gentis-homens, servos da gleba etc., tinham como hóspede indesejado o frio, pois, em todos esses lugares, congelava-se no inverno. A inexistência de um aquecedor central, como nas residências de hoje em dia, impunha uma proximidade física entre as pessoas, em torno de uma lareira gigantesca, caso morassem num palácio, o que era uma minoria. Para o gentil homem e os senhores burgueses, sem falar do camponês, cabia um fogão, em uma cozinha burguesa, ou em uma simples choupana. A cozinha era um local privilegiado para observar algumas características comportamentais presentes nos homens daquele século, que passavam três quartos do dia nesses ambientes, se refugiando de qualquer intempérie.

Conviviam, lado a lado, senhores, jovens, serviçais, animais e visitantes. Assim como os camponeses, eles detestavam a solidão e ignoravam as necessidades de isolamento. Na cozinha, realizavam quase todas as atividades sociais e, mesmo, algumas práticas particulares. Quanto aos pudores, como se entende na contemporaneidade, não os havia. A arquitetura ajudava a denunciar esta ausência. Nos palácios, a circulação, devido à inexistência de corredores, era feita através dos cômodos, por vezes, os mais íntimos. A idéia de quartos privados para seus habitantes não existia, pois a concepção de privado é moderna. As dimensões dos leitos comprovam a sua utilização por muitos ocupantes, sem obstáculos, nem escrúpulos.

Nas grandes refeições, feitas ao anoitecer, depois dos trabalhos diários nos campos ou nas oficinas das cidades, reuniam-se os senhores, as crianças, os jovens, os servos domésticos, o pároco da igreja, os hóspedes e convidados de última hora. Ambiente pesado, por causa dos odores provenientes do cozimento dos alimentos, pela presença dos animais domésticos, à cata das migalhas ao chão. Estas eram as condições ambientais em que os indivíduos expressavam seus comportamentos. Nestes locais se comia lentamente, e com respeito. Era uma alimentação grosseira, cuja disponibilidade

era decidida pelo regime sazonal, alternando períodos de relativa fartura com os de magras ofertas. Sem falar dos períodos em que se observavam as práticas religiosas com jejuns e abstinências. Tudo isto contribuía para a debilidade física. Os únicos abusos presentes nessas refeições eram por conta da presença das especiarias, únicos estimulantes a incendiarem os corpos. Nada comparável à alimentação contemporânea em que o vinho, o álcool, a carne vermelha, o café, o tabaco, provocam uma mobilização instantânea dos nervos.

A leitura nas cozinhas da época só acontecia em desespero de causa, quando havia os riscos provenientes da ação das intempéries (como tempestades de neve ou chuva intensa), impossibilitando a saída de casa para o trabalho nos campos, onde acontecia a verdadeira vida desses homens. Nesses dias, alguém lia em voz alta algum capítulo de um velho romance de cavalaria. Por vezes, nas madrugadas, o senhor tomava seu *livre de raison* e fazia suas anotações e sua contabilidade. Este senhor não passava de um camponês superior, que supervisionava os tratos agrícolas, tratava com os seus camponeses em sua língua, ia às feiras e mercados, nos domingos e dias festivos, saía com sua família para cumprir as obrigações religiosas e distrair-se nas quermesses.

Os *livres de raison* nos apresentam uma realidade vivida e sofrida naquele século. De três em três linhas, nesses livros, era comum a anotação de desaparecimento de uma criança, a mortalidade infantil era na proporção de uma morte a cada dois nascimentos, vítimas dos flagelos naturais. O registro de morte em uma família, fosse de uma criança ou de cinco, eram anotações de pouca expressão, eram nota seca no livro de contabilidade do pai. As mortes eram registradas ao lado de fatos mais notáveis, tais como: os dias de granizo, um terremoto, ou o começo de uma colheita. A realidade vivida se expressava também na viuvez de um dos cônjuges, que deveria ser imediatamente reparada, principalmente para a mulher. A demora de um novo matrimônio, ou a sua realização com a recusa da prole de sua companheira por parte do novo cônjuge, provocava a dispersão imediata dos filhos do antigo matrimônio. Eles iriam para o trabalho ou para a mendicância nas estradas.

Atravessar os primeiros dezesseis anos de vida era uma trajetória alcançada por poucos. Se alguém sobrevivesse às doenças ou vicissitudes, os riscos não diminuiriam depois. Havia as guerras e, se um jovem optasse pela vida militar, esta seria cem vezes mais arriscada. Havia também muitas viagens, pois os homens daquele século viajavam,

do ladrão ao mercador, do nobre ao estudante, rumavam em direção ao Oriente, para as cidades italianas, ou em peregrinações aos lugares sagrados da França. O homem do século XVI era, acima de tudo, um nômade, esse hábito, esta necessidade, mereceu uma atenção especial na obra de Febvre.

Fora da vida comum dos simples mortais, existia a vida na corte, que era muito diferente da imaginada pelos contemporâneos de Febvre. Havia luxo em grandes palácios tais como o Louvre, o Saint-Germain ou Fontainebleau, onde conviviam poderosos personagens, carregando verdadeiras fortunas em seus trajes. Entretanto, basta ir aos arquivos da corte de Francisco I, para conhecer o itinerário anual deste rei pelo reino e se surpreender que, já velho e cansado, passou três meses seguidos em Paris. A corte francesa do século XVI era uma corte itinerante, que percorria, por ano, milhares de quilômetros, em visitas aos lugares mais importantes do reino e aos mais remotos. Mobilizava, nessas excursões, milhares de soldados, cortesãos, mercadores, serviçais e outros prestadores de serviços diversos. Durante anos a fio, sob chuva, sol, poeira e neve, nesses deslocamentos constantes, os cortesãos diferiam, em muito, principalmente as grandes damas da corte, dos que são apresentados nas grandes telas e retratos presentes nos museus. O desgaste físico destes personagens era evidente.

Febvre procurou mostrar nas imagens uma humanidade em ação, no movimento constante da vida. Por meio de dados empíricos, capturou o homem de carne e osso, desviando-se das abstrações e direcionando-se à concretude da realidade vivida no século XVI. Ele buscava mostrar estes camponeses, estes nômades, estes rústicos que viviam em um eterno combate contra as estações, contra uma natureza hostil e mal civilizada. Traziam um semblante endurecido, curtido pelas intempéries, acidentes e desventuras. Mas o que havia sob esta aparência endurecida? Febvre comenta:

“Sous les apparences grossières, des sources profondes de sensibilité délicate jaillissaient-elles? Nous ignorons. Nous ignorerons toujours. Notre histoire rétrospective des sentiments doit se borner, sans plus, à enregistrer des apparences. Or, les apparences sont souvent sans grâce au XVI siècle, et sans douceur.”<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Tradução: “Sob as aparências grosseiras, surgiram as fontes profundas de sensibilidade delicada? Nós ignoramos. Nós ignoraremos sempre. Nossa história retrospectiva dos sentimentos deve se limitar, sem mais, em registrar as aparências. Ora, as aparências são sempre sem graça no século XVI, e sem doçura.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.546.)

Os fatos demonstraram o quanto aqueles homens diferiam dos do século XX. Pareciam considerar o lar, a família, a mulher e os filhos como bens transitórios, sempre prontos a renunciar aos mesmos. Um bom exemplo é o que se encontra no pequeno livro *Colloques d'Erasmus*, e que conta a história de três burgueses, bem casados e estabelecidos, que decidiram sair em viagem de peregrinação por cidades e lugares santos. Ao final, se não perderam a vida, retornaram arruinados. Trata-se de costumes que não são contemporâneos.

A afirmação de que o homem do século XVI era um nômade foi repetida, inúmeras vezes, por Febvre em seus artigos. Este adjetivo, em seu sentido mais restrito na atualidade, qualifica os homens que se deslocam continuamente em busca de recursos para sobreviverem; caracteriza, assim, uma condição oposta ao homem sedentário. Na obra de Febvre, o adjetivo empregado para o homem da Renascença francesa ganhou outro significado, forjado com os contributos dos avanços realizados pela psicologia aplicada<sup>193</sup> de Henri Wallon. O resultado dessas análises compôs o sentido do adjetivo. O sedentário do século XVI era um nômade. Isto se pode traduzir por uma espécie de inquietude perpétua diante da vida. Portanto, o adjetivo sai da órbita puramente material e aplica-se a um estado de espírito, que se pode dizer permanente, nos homens daquele século. Vê-se o adjetivo qualificando e explicando todo um conjunto de ações e reações, ou seja, de relações multiformes que o indivíduo mantém com o mundo exterior.

Febvre observou que as análises contidas nos estudos de Wallon sobre as relações que o homem mantém com o mundo exterior, promovem a medição sistemática das capacidades do sujeito. Isso levou Wallon a concluir que, mesmo estudadas separadamente, elas revelam a sujeição do indivíduo ao meio, mesmo nas atividades mais espontâneas. Também levaram a reconhecer que, em cada uma das manifestações de atividade que examinou, elas tinham de ser reintegradas, ou seja, deve-se procurar o nexo de cada uma dessas relações com a personalidade total. Assim, elas devem ter uma ligação com essa forma de existência do indivíduo, com suas inúmeras possibilidades. Sem correr o risco de serem deixadas em um segundo plano, como ocorre quando se tem

---

<sup>193</sup> Os avanços realizados na psicologia aplicada, por Henri Wallon, não mais se ateriam ao estudo de aptidões, determinando a posição de um indivíduo em uma determinada categoria, que permanecia totalmente abstrata. O fato psíquico não é mais visto como irredutível ao número, como era anteriormente, porque era essencialmente pessoal e subjetivo. Nas análises de Wallon, a medição das capacidades do sujeito é um método de escolha que permite, primeiramente, estabelecer a sujeição do indivíduo às leis do meio.

por base a medição de uma aptidão única, classificada em uma categoria abstrata. Wallon distanciava-se de uma psicologia aplicada que utilizava as potencialidades dos seus métodos para fins estritamente pragmáticos, como se via no taylorismo. O autor preocupava-se com a atividade realizadora do Homem, pois um ato pode existir em perspectiva ou ser realizado.

A metodologia presente na psicologia aplicada de Wallon seria posteriormente empregada por Febvre, pois reforçava uma das teses favoritas dos *Annales*: a importância do binômio indivíduo-sociedade. O historiador aplicava esse instrumental de conhecimento científico no estudo realizado em indivíduos que traziam em si, além de uma grande experiência de vida, um sentimento agudo do que seria o indivíduo, isto é, uma personalidade viva, causa e consequência de todas as reações.

O procedimento, influenciado pelos avanços realizados na psicologia aplicada, levou Febvre a concluir que o sedentário homem do século XVI era um nômade em suas relações. Essa característica foi observada tanto no nível individual quanto no coletivo. A conclusão desse pressuposto foi levada a cabo, como se viu, após um levantamento das condições existentes e vividas no espaço temporal pelos homens. Entretanto, o estudo do psicológico dos homens do passado enfrentou dificuldades, pois as análises realizadas pelos psicólogos se referiam às emoções, às decisões, aos raciocínios dos homens contemporâneos. Então, cabia ao historiador comparar, a fim de apreender as diferenças de mentalidade entre os primeiros e aqueles do século XVI, pois não é possível a existência de maneiras universais de sentir, pensar e agir.

Em suas análises sobre a Renascença e o Humanismo na França, Febvre não se guiava por teorias, discussões de princípios e controvérsias de escolas historiográficas. Passou a estudar o homem procurando em suas atitudes e ações as causas que promoveram as características de forma e conteúdo desses movimentos na França. O esforço e a ação dos homens do século XVI, em adquirir o conhecimento disponível naquele século, se deveram tanto às condições tecnológicas quanto à estabilidade política. Estas facilitaram o acesso à cultura superior, ou seja, às reflexões e conhecimentos presentes nas obras clássicas da antiguidade, em sua maioria.

No caso das condições tecnológicas, temos o exemplo do progresso da imprensa, subsidiária das condições políticas e econômicas da França, governada por Luís XII. Aquela época teve um período de paz e abundância, fazendo da burguesia sua principal

beneficiária. Afinal, ela detinha o saber e a instrução, que supririam, em grande parte, as necessidades de organização e funcionamento da máquina estatal, naquele período de fortalecimento do Estado. Entretanto, foi preciso perceber que a imprensa, desde seus primórdios, era capitalista, voltada para o mercado e não para a criação de uma clientela para determinado campo de conhecimento, como o das obras clássicas. Febvre analisou o burguês em seu *métier*:

Or ces patrons – ou ces commanditaires – ce ne sont, ni des surhommes en avance sur leur temps, ni des philanthropes désintéressés toujours. Ils impriment, simplement, ce qui se vend le mieux.<sup>194</sup>

A imprensa simplesmente atenderia à clientela renascentista quando ela estivesse formada. O Estado Nacional, que gerenciava o desenvolvimento econômico e a estabilidade política, se supriria de uma mão-de-obra especializada pelo seu próprio esforço. O Estado não promoveu uma ação direta para sua formação.

Ao avaliar a importância da imprensa para o Renascimento e Humanismo franceses, num texto de 1925, Febvre, começou a percorrer um novo campo de estudo. Juntamente com Henri-Jean Martin, publicou, em 1958, o livro *L'apparition du livre*. Essa nova área de estudo, nas décadas finais do século XX, receberia uma atenção especial dos historiadores ligados à história cultural, tais como Roger Chartier, Robert Darnton, Gustave Lanson, Daniel Mornet, Daniel Roche, etc.

Os destinatários da produção escrita tornaram-se uma preocupação nos estudos de Febvre sobre o aparato mental presente no século XVI. Isso porque ele se preocupava em inventariar a produção da imprensa da época e avaliá-la em seu conjunto. Em consequência, passou a ter acesso à vida cultural de um número maior de indivíduos. Este foi seu procedimento como historiador: partiu de um objeto preciso, tal como o livro, e adentrou a instância da instituição de sociabilidade. Assim, o conceito de *outillage* mental não negligencia as modalidades de sua transmissão e apropriação. Observar-se-á que, em sua constituição, essas modalidades de transmissão e apropriação fizeram parte do inventário que alicerçava o conceito.

---

<sup>194</sup> Tradução: “Ora estes patrões – ou estes comandantes – estes não são, nem os super-homens adiantados a seu tempo, nem os filantropos sempre desinteressados. Eles imprimem, simplesmente, o que se vende melhor.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p. 552.)

Por outra via, Febvre dirigiu seus estudos para o século XV, com o intuito de analisar as condições de aprendizagem e os esforços dos homens rumo ao conhecimento. Ele partiu do pressuposto de que as condições materiais (a tecnologia da imprensa e a política empreendedora do Estado) não eram, naquela época, fatores decisivos de interferência para avaliar o movimento humanista na França do século XVI. Este deslocamento temporal permitiu visualizar melhor as características psicológicas dos homens daquele século, forjadas ao longo dos anteriores. As características psicológicas daqueles homens, além de permitirem um conhecimento do homem daquele tempo, ajudaram a entender o processo de transmissão e apropriação da *ouillage* mental de uma época. Teve início um estudo atento ao binômio indivíduo-sociedade. Para Febvre:

Si, dans tout individu il y a lieu de distinguer d'abord une certaine personne caractérisée, plus ou moins nettement, par un ensemble de traits lui appartenant en propre et dont l'assemblage se fait suivant une formule et avec un dosage très particulier; si l'on doit saisir ensuite dans ce même individu, et un représentant de l'espèce humaine porteur des mêmes caractères distinctifs que les membres d'un certain groupe de cette espèce – et, surtout, un participant d'une société bien déterminée et datée: d'une part le contraste s'atténue singulièrement entre l'individu et la société qu'il n'y a plus lieu d'opposer schématiquement l'un à autre; d'autre part, la méthode d'investigation, lorsqu'il s'agit de l'individu, commence à se préciser nettement.<sup>195</sup>

Quando Febvre analisou a vida do autodidata Thomas Platter, tornou visível toda uma metodologia que evidenciasse as relações entre o indivíduo e a sociedade. Pôde ser identificado um arcabouço metodológico preocupado em atenuar o contraste entre o cientista social e a pesquisa, com base em uma psicologia retrospectiva, ou seja, uma psicologia histórica. Febvre destacou que o homem tem débito com o meio social: *psicologia coletiva*. Em seguida, ele questionou o que o homem deve ao seu organismo específico: *psicologia específica* ou *psico-fisiologia*. Por último, ele investigou as particularidades que o indivíduo deve à sua fisiologia, aos acasos de sua estrutura, aos

---

<sup>195</sup> Tradução: “Se, em todo o indivíduo há lugar de distinguir, em primeiro, uma determinada pessoa caracterizada, com mais ou menos nitidez, por um conjunto de traços que lhe são próprios e cuja reunião se faz segundo uma fórmula e com uma dosagem muito particular; se, em seguida, se deve aperceber, neste mesmo indivíduo, quer representante da espécie humana, portador dos mesmos caracteres distintivos que os membros de certo grupo dessa espécie, quer, sobretudo, alguém que participa de uma sociedade bem determinada e datada: por um lado, o contraste entre o indivíduo e a sociedade atenua-se extraordinariamente e deixa de haver um lugar para se opor esquematicamente um ao outro; por outro lado, o método de investigação, quando se trata de um indivíduo, começa a se precisar claramente.” (FEBVRE. Op. Cit., 1953. p. 212.)

acidentes de sua vida social: *psicologia diferencial*. Nesta última etapa, o cientista só deverá adentrar, segundo Febvre, após certos requisitos:

En bonne logique d'ailleurs, cette dernière ne devra intervenir qu'après approfondissement de deux précédentes. Et tant que celles-ci n'auront pas fait de progrès décisifs, tant que, au chaos des cas individuels, les psychologues ne seront point parvenus à substituer des "espèces psychologiques" bien caractérisées, comme, au chaos des symptômes, les médecins substituent des "espèces morbides" largement conçues; tant qu'il n'y aura pas eu création de "types" permettant, en face d'un individu, l'opération toujours délicate de "diagnostic" – qui consiste à relier le cas individuel à quelqu'une des espèces préalablement créées – la psychologie différentielle devra se résigner à beaucoup d'empirisme.<sup>196</sup>

A história de vida de Thomas Platter tornou-se um exemplo bem nítido da metodologia aplicada por Febvre. Nascido em uma vila miserável do Valais, Thomas Platter era o filho mais novo de camponeses e ficou órfão de pai nos primeiros anos de vida. Com o segundo casamento de sua mãe, ela foi obrigada a se desfazer de sua prole e todos os filhos caíram em desgraça. O pequeno Thomas foi recolhido, por piedade, pelas irmãs de seu pai. Aos seis anos, ele ganhava a vida como pastor, seguindo as cabras sobre os Alpes, sob o risco de perecer miseravelmente. Aos nove anos e meio, freqüentava a escola da vila, na casa do pároco, sob a promessa de um dia, talvez, vir a ser um cura, a depender de sua aplicação nos estudos. Naquela época, a escola não era menos rigorosa com os pequenos. Em uma região rude do interior europeu, os castigos físicos impostos aos estudantes menores transformavam a escola paroquial no pior dos mundos, a ponto de provocarem a intervenção dos rudes homens do Valais.

O pequeno Thomas abandonou sua vila, seguindo um primo, que era um desses estudantes nômades, *Bacchants*, que utilizavam crianças, os *béjaunes*, para mendigarem dinheiro e comida. Thomas mendigava, roubava e cantava pelas ruas e cidades, tal qual o jovem Lutero nas ruas de Eisenach. Numa interminável odisséia, foi de cidade em cidade: Lucerna, Zurique, Naumbourg, Halle, Nuremberg, Munique, retornando depois ao

---

<sup>196</sup> Tradução: "Aliás, em boa lógica, esta última não deverá intervir senão depois de aprofundadas as duas precedentes. E enquanto estas tiverem feito progressos decisivos, enquanto os psicólogos não tiverem conseguido substituir os caos dos casos individuais por 'espécies psicológicas' bem caracterizadas, como os médicos substituem o caos dos sintomas por 'espécies mórbidas' amplamente concebidas; enquanto não houver criação de 'tipos' que permitam, em face de um indivíduo, a operação sempre delicada de 'diagnósticos' – que consiste em relacionar o caso individual com uma das espécies previamente criadas – a psicologia diferencial deverá se resignar com muito empirismo." (FEBVRE, Op. Cit., 1953, p. 212.)

Valais. Em Selestat, aos dezoito anos, sabendo apenas ler, entrou na famosa escola de Joannes Sapidus.

Nesta primeira parte do estudo de Febvre sobre a vida de Thomas Pratter, relata-se a vida de um personagem sofrendo os efeitos da organização social. Com este recurso, é possível observar uma série de acidentes na vida do indivíduo e da coletividade. Com o desenvolvimento do estudo, será possível observar que a análise deixou de ser feita com ênfase no determinismo social sobre o indivíduo, ou sob a égide de um estudo positivista tradicional. Ela se deslocou para uma perspectiva que considerava as características psicológicas dos indivíduos, reveladas pelos comportamentos, atitudes e suas interações no meio social.

As características psicológicas coletivas, estudadas a partir da ação dos indivíduos, são patrimônio da coletividade, forjadas por sucessivas gerações de indivíduos, em sua luta constante pela vida e na sua vivência. Com esse entendimento, se vê afastada qualquer possibilidade de ver o indivíduo como herói, com qualidades que o colocam fora, ou acima, da sociedade. Portanto, indivíduo e sociedade não entram em contraposição. Temos, assim, um estudo em que a ação individual é respeitada, salvaguardando a própria individualidade, uma vez que o aproveitamento das possibilidades é único. O indivíduo transparece por trás de suas ações. Vê-se, com esta forma de investigação, o distanciamento da zona de contraste entre o indivíduo e a sociedade. Platter, Rabelais, Lutero são individualidades que pertenciam ao século XVI, assim como o século lhes pertenceu.

De posse de uma gramática latina, *Le Donat*, Platter iniciou um esforço enorme para dissipar de seu cérebro as espessas nuvens que o obscureciam. Empregou-se em uma casa burguesa, exercendo, paralelamente, a atividade de pedagogo de dois jovens e de pajem. Durante as noites, Platter lutava contra o sono, pois se dispunha a ler a Bíblia em hebraico. Como expediente para manter-se acordado, colocava água gelada e pequenos cascalhos na boca, de maneira a provocar incômodo nos dentes. Ele aprenderia, desta forma, o latim, o grego e um pouco de hebraico.

Com tenacidade e esforço para adquirir conhecimento, a luta de Platter contra a ignorância e o desconhecido foi feita em seu próprio corpo. O estudo de Febvre fez emergir os atributos espirituais de um homem do século XVI. Esse conjunto de traços está presente em sua função mental, ou seja, suas características psicológicas fazem parte,

também, dos indivíduos de seu meio social. Havia uma espécie de febre de saber, que levava os estudantes de uma cidade a outra, assim como os cortesãos acompanhavam o rei de província em província:

C'est un furieux appétit de voir du nouveau, de se déplacer, de conquérir l'espace, qui tient les hommes de ce temps. Faire reculer autour d'eux les bornes de l'ignorance; élargir le cercle brillant de la connaissance et la raison humaine.<sup>197</sup>

Mas essa perseverança e tenacidade do homem do século XVI eram próprias do camponês:

Il s'instruira avec cette espèce de fureur obstinée, d'acharnement muet qui est le fait du vigneron remontant por la millième fois, dans sa hotte, sous le soleil cuisant, sous la pluie implacable, la terre dégringolée du haut en bas de sa vigne – ou du faucheur encore, alignant dans son pré, méthodiquement, les andains, d'un geste rythmique, inlassable, éternel.<sup>198</sup>

Sua tenacidade na busca do conhecimento trouxe a Platter, já homem feito, a paciência e o gosto pelo trabalho manual. Ei-lo em Bâle, ganhando a vida como cordoeiro, na Praça de Saint-Pierre. À noite, entregava-se às traduções de obras latinas e dos textos de Homero. Poder-se-ia pensar como um caso único esse modo de vida. Porém, não distante no tempo, naquela mesma cidade, encontrava-se Sebastien Castellion que, antes mesmo de Calvino, proclamava a grande lei da tolerância. Ganhava a vida retirando da corrente do rio *Birse* grandes troncos de pinheiro. Inúmeros são os exemplos de homens dessa têmpera, tais como Jean Standonk<sup>199</sup>, Guillaume Postel<sup>200</sup> e Ramus<sup>201</sup>. Homens que, por tenaz esforço, se transformaram em grandes mestres autodidatas, ainda

---

<sup>197</sup> Tradução: “É um furioso apetite de ver o novo, de se deslocar, de conquistar o espaço que tomam os homens deste tempo. Fazer retrocedê-los dos limites de suas ignorâncias; expandir o círculo brilhante do conhecimento e da razão humana.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.562.)

<sup>198</sup> Tradução: “Ele se instruirá com esta espécie de furor obstinado, de ardor mudo, que faz o vinicultor revirar pela milionésima vez, com seu cesto, sob o sol escaldante, sob a chuva implacável, a terra revirada de alto a baixo de sua vinha – ou do ceifeiro ainda, podando seu campo, metodicamente, os golpes de foice, num gesto rítmico, incansável, eterno.” (Idem, 1962, p.548.)

<sup>199</sup> Augustin Jean Standonk, reformador católico antes da Reforma em Paris, dirigiu o *Collège de Montaigu*. Segundo o relato de Erasmo de Rotterdan, com excessiva disciplina.

<sup>200</sup> Guillaume Postel (1510-1581), filósofo e teólogo francês que atuou como professor de línguas orientais. Foi um representante característico da *Kabbale chrétienne*.

<sup>201</sup> Petrus Ramus (1515-1572), também conhecido por Pierre de Ramée. Filósofo francês que teve lugar importante na história das idéias e influenciou o currículo de muitas universidades européias.

que permanecessem rudes, ignorando a piedade e a brandura para com seus alunos. Eles exerciam o magistério de forma severa, sem clemência, sem humanidade, reproduzindo, nesse ofício, a dureza do esforço que haviam despendido. Porém, nem os castigos físicos, nem as privações afastavam das escolas os pequenos estudantes, principalmente os filhos dos burgueses, tão parecidos em tenacidade com seus mestres autodidatas.

A Praça de Saint-Pierre era onde, simbolicamente, se encontravam duas visões de mundo, personificadas em Platter. O antigo mundo camponês, rude e determinado, com seu respeito ao trabalho manual e à dignidade de um ofício, se encontrava com uma nova visão de mundo, o Renascimento. Naquele lugar, em pleno trabalho manual, Platter era interrogado pelo grande humanista Beatus Rhenanus, também um cândido e laborioso da primeira Renascença. Foi nessa mesma praça que Erasmo de Roterdã ofereceu seu apoio para que Platter ingressasse na carreira de pedagogo.

Em Platter e em seus contemporâneos, Febvre encontrou a resposta para uma questão feita pelos historiadores. Os homens estudantes do século XVI, ávidos pela ciência livresca, contida na literatura dos antigos, não estariam desgastando o tesouro de originalidade do gênio francês, tal qual formado no curso da Idade Média? A resposta dada por Febvre veio das suas análises sobre a natureza psíquica desses homens. Ele observou que a rusticidade e o nomadismo, presentes em suas personalidades, foram decisivos para se chegar a uma resposta negativa sobre a questão posta. O conhecimento possível sobre a personalidade desses homens foi de vital importância para compreender suas ações e suas construções espirituais, sem os riscos de anacronismos psicológicos.

Os homens do século XVI eram extremamente ligados à natureza. A presença da vida camponesa em seus espíritos era bastante forte. Eram homens rústicos, que prestavam à natureza uma atenção minuciosa e involuntária, um interesse apaixonado e contemplativo. Os sinais da natureza, tais como um tremor de terra e um pôr do sol atrás de nuvens púrpuras, tinham significados bem diferentes das explicações racionais do homem da atualidade. Essas explicações do século XVI se distanciaram de um determinismo natural, por associarem os fenômenos naturais a elementos sobrenaturais. Tais fenômenos eram signos e podem ter tido origens divinas ou diabólicas. Essa forma de entendimento estendia-se a todos os segmentos sociais e, com raríssimas exceções, ao nível individual. Um bom exemplo vem da conduta do médico Félix Platter, profissional de boa reputação, que presenciou e testemunhou um caso de justiça. A exumação de um

cadáver, com três anos de falecimento, que não sangrou diante do acusado de seu assassinato, levou o réu à absolvição. Segundo Febvre:

L'esprit de ces hommes! De quelles couches accumulées de superstition ne lui fallait-il point de laver, se débarbouiller virilement pour qu'il pût voir – car on voit avec son cerveau, et non avec ses yeux? Il y fallait au moins deux ou trois siècles encore.<sup>202</sup>

Os homens do século XVI não dilapidavam o seu patrimônio cultural. Eles procuravam tudo saber e entender. Serviam-se dos mestres antigos, pautados pelo racionalismo, mas seu apetite voraz pela cultura dos antigos os levava a acumular uma massa de erros e superstições sobre fatos não controlados e mal entendidos. Aceitaram as idéias desses mestres, como aceitavam com fervor as palavras do Evangelho. Esse procedimento era próprio dos homens daquele tempo, próprio de seu patrimônio cultural. A figura mitológica do gigante Gargântua expressa bem a particularidade com a qual os homens do século XVI se portavam diante da cultura dos anciãos. Gargântua, com seu apetite formidável, se colocava à mesa e se banqueteara copiosamente, a tudo devorava. Trata-se do mito, em sua versão milenar: Gargântua senta-se à mesa, faz o sinal da cruz e diz o *Benedicit du Chrétien* antes de comer, conforme a tradição cristã. Gargântua pode simbolizar esses homens do século XVI, que se punham apaixonadamente a tudo conhecer, como quem come num banquete. Mas é preciso digerir para assimilar. Dois séculos seriam necessários para tal empresa.

(...) Qu'est-ce que le XVII<sup>ème</sup> siècle, en son fond, sinon la digestion pendant près de cents ans, la lente assimilation de tout ce que le XVI siècle avait absorbé d'idées contradictoires et des faits hétéroclites?

Non, ce n'est pas à tort que Rabelais de son Gargantua, de son Pantagruel fait deux géants. Il rend justice à son siècle, simplement.<sup>203</sup>

Retomando a vida de Platter, ele só se tornaria pedagogo por meio de um estratagema do grande impressor Oporin. Ele exigiu que Platter lhe desse aulas de grego, durante uma hora por noite. No entanto, Platter encontrou no local uma vintena de

---

<sup>202</sup> Tradução: “O espírito desses homens! De quantas camadas de superstições acumuladas não precisava se limpar, se desembaraçar virilmente para poder ver – porque viam com seu cérebro e não com seus olhos? Precisava ao menos de dois ou três séculos ainda.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 561.)

<sup>203</sup> Tradução: “(...) No fundo o que é o século XVII, senão a digestão após cem anos, a lenta assimilação de todo o que o século XVI absorveu de idéias contraditórias e de fatos heterogêneos? Não, não foi sem propósito que Rabelais fez de seu Gargantua e Pantagruel dois gigantes. Ele faz justiça ao seu século, simplesmente. (Idem, 1962, p. 564.)

doutores e magistrados. Desde então, o trabalhador se retirava dos afazeres manuais de sua oficina e se dedicava a ensinar o que sabia, o idioma hebraico.

#### 4.1 O esforço na aquisição e produção estética

No artigo *L'Effort Vers La Beauté*, de 1925, Febvre esboçou procedimentos metodológicos que investigavam as forças que agem sobre a sociedade. Tais forças convergem, agem e interagem, sob a ação do homem. O autor se propôs a fazer um trabalho de “síntese”, sempre atento à simultaneidade e às ligações existentes entre as grandes correntes intelectuais, materiais. Também observou as transformações sociais que dominavam e atravessavam o século XVI. Para Febvre:

Synthèse, si l'on veut; mais à ce mot savant, j'en préfère un autre. C'est la vie. La vie qui est tout l'objet de l'histoire. La vie humaine qui n'est, elle aussi, que convergence, accord, enchaînement, synthèse; mobilité aussi, perpétuel échange de forces qui se hertent et s'affrontent, et du choc desquelles jaillissent, parfois, d'étranges flammes. Pour la sentir, pour la comprendre pleinement, il ne faut pas s'asseoir chez soi, inerte, et pensif sans vaste horizon ni pensées lointaines<sup>204</sup>

A Renascença francesa foi estudada pelas relações existentes entre o movimento intelectual e o movimento estético. Atenta-se para as temporalidades presentes nos dois movimentos, nas particularidades que o movimento estético apresentava na França dos séculos XV e XVI, cujo território não correspondia ao atual. No estudo, manteve-se a centralidade vinda das análises sobre características psicológicas dos homens do século XVI. Elas assumiram também, nesse estudo, um papel aferidor das possibilidades de realizações, em uma sociedade e em uma época.

As características psicológicas do homem do século XVI, analisadas no artigo já mencionado, permaneceram, neste estudo, como uma destas forças que possibilitam entender as particularidades do movimento estético francês, nas décadas iniciais do século XVI. Os traços psicológicos que caracterizaram os homens da época, aos serem conhecidos, permitiram entender a maneira particular de se mobilizarem para adquirir e

---

<sup>204</sup> Tradução: “Síntese, se se quer, entretanto, para esta palavra sábia, prefere-se outra. É a vida. A vida que é todo o objeto da História. A vida humana, que é também convergência, acordo, encadeamento, síntese; mobilidade, também [é] troca permanente de forças, que se erguem, que se afrontam, e do choque dos quais brotam, por vezes, estranhas chamas. Para senti-la, para compreende-la completamente, não se deve assentar sobre si mesmo, inerte, pensativo, sem [um] vasto horizonte, nem pensamentos longínquos”. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 585.)

desenvolver o conhecimento estético, assim como todo o cabedal de conhecimentos provenientes do movimento intelectual. Vê-se emergir, sem os perigos de anacronismos, as construções humanas no mundo material e também no das representações.

Contra as possibilidades de anacronismos nos resultados de suas análises, Febvre empreendeu um levantamento das condições existentes na época estudada, que delinearão as características do objeto:

1. As variações do território francês nos séculos XV e no século XVI, e a localização dos principais centros de produção artística na França, Itália e Países do Norte, assim como as relações políticas entre os dois primeiros;
2. As concepções de arte presentes naquele período e as particularidades das manifestações artísticas nacionais e, também, as questões de influências e empréstimos entre os estilos artísticos dos diversos países;
3. As características psicológicas e os posicionamentos sociais dos homens produtores, incentivadores ou consumidores de artes, e as materializações das idéias provenientes do movimento intelectual atuante na época, que alicerçam os motivos estéticos nas artes.

As correlações, entre estes diversos elementos, possibilitaram uma análise livre de anacronismos. No estudo das manifestações culturais na França, o autor analisou as trocas entre os grupos, as sociedades e entre as diferentes regiões “francesas”. Ele atentou para as temporalidades apresentadas nos processos de materializações das idéias, proveniente das aquisições intelectuais. Portanto, para o autor, as manifestações culturais deveriam ser entendidas e compreendidas por constantes interrogações ao social, às condições materiais e às possibilidades intelectuais presentes. Com essas preocupações metodológicas foi possível distanciar-se das análises que detectaram rupturas nos modelos de manifestações culturais. Estas supostas rupturas poderiam ser consideradas autônomas, independentes das estruturas políticas e sociais. A crítica de Febvre se direcionava aos profissionais que estudavam as manifestações estéticas sem uma análise do conjunto de forças que operam em uma sociedade. Para Febvre:

Or, que les techniciens disent ce qu'ils voudront. Qu'ils deroulent devant nous, tant qu'ils voudront, l'espèce de mécanique abstraite des genres engendrant les genres, et des formes engendrant les formes – je m'inclinerai avec beaucoup de respect devant leur science, j'admirerai la documentation précise de leurs enquêtes – mais je dirai toujours ceci: quand une société ne change pas, ou change guère; quand une société ne connaît pas de brusques

mutations, mais seulement une lente évolution – il n’y a pas de mode qui tienne, ni de prestige, ni d’engouement. Ou n’impose pas à cette société, si puissant, si en crédit soit-on, un art qui ne répond pas pleinement à ses besoins.<sup>205</sup>

A questão inicial levantada por Febvre, para analisar o esforço dos homens na aquisição, desenvolvimento e produção dos modelos estéticos, foi a possibilidade de ter havido uma arte estritamente nacional, no final do século XV e início do século XVI, às vésperas do Renascimento. Num primeiro plano, as considerações feitas pelo autor ofereceram a dimensão da complexidade apresentada para se obter uma resposta. Febvre observa que: “*L’esprit même qui règne dans l’art du temps n’a rien de national*”<sup>206</sup>, pois a arte européia foi dominada por um pensamento profundamente internacional nos séculos XIII e XIV. Tal situação persistiria nos dois séculos seguintes, apesar da formação das grandes nacionalidades. A Europa Ocidental estava recoberta pela face da *civilização* cristã, caracterizada, tanto no nível do pensamento quanto no nível da manifestação artística, por um profundo internacionalismo e por uma língua comum, o latim. Concomitante a essa situação, havia as características psicológicas dos indivíduos ou grupos, direta ou indiretamente ligados à atividade artística. Essas características psicológicas, o internacionalismo e o latim, auxiliaram na explicação das particularidades que definiram a produção artística no fim do século XV e começo do seguinte. Por exemplo, o nomadismo, presente nos espíritos dos mestres, impulsionava um processo de trocas e empréstimos estéticos na Europa ocidental e na França dos séculos XV e XVI.

Em outro plano, foram analisados os seguintes fatores: situação territorial francesa e as modificações na estrutura social e as diferenças de temporalidades presentes no movimento humanista nas várias regiões da Europa. Os estudos desses fatores em conjunto ofereceram uma nova visão sobre o processo de desenvolvimento da estética na França.

---

<sup>205</sup> Tradução: “Ora, que os técnicos digam o que quiserem. Que eles expliquem diante de nós, tanto quanto queiram, a espécie de mecanismo abstrato dos gêneros produzindo gêneros, e as formas produzindo as formas – eu me inclinarei com muito respeito diante de sua ciência, admirarei a documentação precisa de suas pesquisas – no entanto, eu direi sempre isto: quando uma sociedade não muda, ou muda pouco, quando uma sociedade não conhece bruscas mutações, mas somente uma lenta evolução – não existe maneira de ter, nem prestígio, nem encantamento. Ou não se impõe a esta sociedade o poder se não tiver de seu uma arte que não responda plenamente às suas necessidades.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p. 574.)

<sup>206</sup> Tradução: “O espírito mesmo, que reina na arte do tempo, não tem nada de nacional.” (Idem, 1962, p. 568.)

A situação geográfica da França, no início do século XVI, não correspondia à configuração atual de seu território. Cidades e regiões, como Lorena, Borgonha, Franco-Condado, Savoia, viviam fora dos domínios do rei da França. Febvre analisou as características da arte cosmopolita que era produzida no espaço francês entre dois grandes centros produtores de artes: Flandres e as cidades italianas.

Os centros de arte que se localizavam no atual território da França, eram formados por artistas que se deslocavam constantemente pelas diversas regiões da Europa. Exemplo disso são as escolas de escultura de Dijon, fundada pelo holandês Claus Sluter, e a de pintura *colonaise*, que parecia homogênea e coerente, mas não contava em seus quadros com artistas da *Cologne*.

Quando Febvre estudou as grandes coleções de artes, reunidas principalmente em Chantilly, pelo duque d'Aumale, ele analisou a coleção *Les Très Riches Heures*, de Jean, Duque de Berry, príncipe francês, e muito francês nos seus gostos. A curiosidade do Duque estendia-se, indistintamente, sobre tudo que fosse belo. Na riqueza de detalhes das miniaturas dessa coleção, detecta-se a influência das escolas de arte flamengas e italianas, além de empréstimos feitos à Antigüidade clássica e ao Oriente. Mas também havia um incontestável sentido de vida, de intimidade, próprio da zona rural francesa, retratado nessa produção artística dos séculos XV e XVI. Esta atmosfera presente na composição das obras, segundo Febvre, em parte se deveu ao gosto dos mecenas franceses, pois eles tinham suas idéias próprias, seus gostos bem arraigados, que se impunham sem muita discussão.

Nas obras produzidas nos centros de arte da França durante o século XV, nota-se a presença preponderante dos padrões estéticos da arte portátil produzida nos países do Norte, Holanda e Alemanha. Na Itália quatrocentista, dominada pelos afrescos, essa influência do Norte também se fez sentir, principalmente nas pinturas a óleo sobre tela.

A produção artística do final do século XIV e início do seguinte, abandonando os padrões impassíveis da arte cristã clássica, apresentados no século XIII, marcou uma revolução na estética, fazendo surgir uma nova iconografia. Ela apresentava características incomuns, passando a entrar em suas composições, o pitoresco, o patético, o humano. Havia naquela época, o domínio das pinturas burguesas de Flandres na nova iconografia, traduzindo as tendências pitorescas, patéticas e humanas. Febvre questionou essa nova realidade vivenciada na arte. Qual era seu espírito? A quais necessidades

satisfazia? Quais sentimentos refletia? Qual concepção de vida, de religião, de sociedade traduzia? Para Febvre, havia uma única explicação:

Une seule explication se présente, une explication d'ordre social, (...) c'est qu'à cette époque précisément, dans la société, une classe originale, active, curieuse profondément réaliste de goûts et de tendances, se fait une place, se taille une part de plus en plus large et enviable; une classe d'hommes que l'art du XIII<sup>e</sup> siècle, fait par d'autres hommes, ne contentait plus. C'est la bourgeoisie<sup>207</sup>.

O século XV marcou a preponderância dos padrões estéticos da arte flamenga. Como desenvolvimento do segmento social burguês, no final do século anterior até o início do século XV, proporcionava-se a difusão de uma arte realista pela Europa, particularmente, na França. Uma nova revolução nos padrões artísticos se estabeleceu naquele país, da segunda metade do século XV até o fim do primeiro quartel do século XVI. A arte se tornara pouco sensível às intimidades, ao recolhimento, à emoção profunda, tão ao gosto dos artistas do Norte e dos burgueses franceses. A nova expressão artística apresentava o sentido incontestável do teatral, do patético, do dramático, em que o sagrado e o humano se encontravam lado a lado.

A arte do *quattrocento* italiano invadiu a França, se fez presente, embora fosse conhecida há várias décadas. Mas a arte produzida pelos italianos no século XV havia ficado, por assim dizer, restrita à península. A aceitação dos padrões artísticos italianos, ainda que de forma súbita, passou a predominar, mesmo nos países do Norte – países alemães<sup>208</sup> e Países-Baixos. Desse modo, atendia às necessidades de expressão de um segmento social, que, há pouco, se satisfazia com os padrões flamengos de expressão. Febvre colocou a questão nos seguintes termos: “*J'en vois, quant à moi, une cause générale. Le monde devient savant à la fin du XV siècle, au début du XVI siècle.*”<sup>209</sup>

Portanto, a análise se encaminhava para o avanço do movimento intelectual na Europa. A ciência se instrua na escola dos gregos e latinos. Destacavam-se as materializações das idéias e conceitos presentes no movimento estético italiano, sem

---

<sup>207</sup> Tradução: “Uma só explicação se apresenta, uma explicação de ordem social, (...) é que nesta época precisamente, em uma sociedade, uma classe original, ativa, curiosa, profundamente realista de gostos e tendências, se coloca, se molda de mais a mais em grandeza e é invejada; uma classe de homens que a arte do século XIII, feita por outros homens, não contentava mais. É a burguesia.” (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.573.)

<sup>208</sup> Ainda não existia, naquela época, uma Alemanha unificada.

<sup>209</sup> FEBVRE, Op. Cit., 1962, p. 581.

paralelo com Flandres, França e países alemães. Na Itália, a arte se tornava uma ciência ou, mais exatamente, apoiava-se em uma ciência. Conquistou uma teoria científica da perspectiva e um conhecimento anatômico perfeito do corpo humano. Mas foi preciso aguardar o desenvolvimento da cultura intelectual na França e nos países do Norte, para se concretizar a vitória do movimento das artes vindas da Itália. Para Febvre, foi por meio desse duplo progresso que se pôde entender o movimento artístico na França do século XVI.

## 4.2 O esforço em direção ao divino

No capítulo intitulado *L'Effort Vers Le Divin*, 1925, a análise de Febvre sobre o movimento reformista religioso na França do século XVI, se fez, mantendo os mesmos procedimentos metodológicos presentes no capítulo *L'Effort Vers La Beauté*, estudado anteriormente. As condições de ordem psicológica e as condições sociais centralizaram o estudo. Febvre atentou para as diferenciações, tanto materiais quanto espirituais, que foram traduzidas como aspirações, representações e entendimentos na vida desses grandes segmentos sociais, os camponeses, o clero, a burguesia. Ele analisou a grande massa de crentes e de clérigos franceses quanto à apreensão e ao professar religioso.

Quando iniciou o estudo anterior, *L'Effort Vers Le Divin*, Febvre percebeu a necessidade de se conhecer as dimensões reais do território francês, do que se entendia por França. Nesse novo estudo, a questão inicial se pautou por uma nova pergunta: qual o entendimento da religião cristã na França do século XVI? Segundo o autor, ela se apresentava, para a maioria do povo francês, como uma vasta rede de usos, de práticas, de observações e de cerimônias, que condicionavam toda sua existência. Não cabia, naquele século, a característica “ensinamento” religioso como é entendida atualmente, ou seja, conhecimentos de ordem metafísica, administrados por um pároco, munido de um catecismo, ensinando aos jovens ou a iniciantes, de forma sistemática e metódica.

A organização clerical contava com dois segmentos: um clero secular e, abaixo desses beneficiários, uma massa miserável de servidores da cúria, os *desservants*. Ainda não havia seminários para a preparação dos novos prelados. Estes eram, em sua grande maioria, camponeses, praticamente analfabetos, que exerciam os ofícios religiosos em suas aldeias. A função de ensinar a doutrina ficava a cargo unicamente dos monges, que a exerciam nas cidades, principalmente nos períodos comemorativos, tais como a

Quaresma e outros dias festivos. A visita desses clérigos aos pequenos burgos e à zona rural era esporádica, muitas vezes, com intervalos de anos entre uma e outra. Os ensinamentos doutrinários perdiam-se ou eram esquecidos. O que permanecia, era uma tessitura de práticas e de ritos.

A religião, para a grande maioria dos franceses, era assistir à missa, se possível, todos os dias, guardar os dias santos, jejuar, dizer as preces e, se possível ainda, peregrinar nos lugares santos próximos. Havendo possibilidades, iriam à Terra Santa, apesar dos imensos perigos. Esses deslocamentos não eram esporádicos, uma vez que o nomadismo se inscrevia nas condições de ordem psicológica. Entretanto, Febvre notou que a religião não era só isso, pois essas práticas, usos e atos regulavam a vidas dos homens, do nascimento à morte, incluindo o trabalho, o repouso, a nutrição, os modos de vida. Condicionando, assim, toda a sua existência e reunindo, a cada domingo, a cada feriado, uma comunidade ordenada, segundo sua hierarquia, na sede da paróquia, sob a anuência da Igreja. Pode-se afirmar que as práticas religiosas teciam a própria vida da sociedade.

O historiador analisou as diferenciações presentes nos diversos segmentos sociais, quanto à apreensão religiosa da maioria dos crentes franceses, por meio do relato de um homem médio da sociedade francesa, presente no *Le manuscrit de Jacques Cordelier de Clairvaux*, um modesto burguês do *Franche-Comté*. Trata-se de um homem de igreja, que descreveu as preces e os hábitos religiosos de seu cotidiano. Tal descrição tornou-se um documento, que permitiu avaliar o papel da religião nas extremidades dos segmentos da sociedade francesa do século XVI.

Nos segmentos sociais de baixo, havia a massa de pobres camponeses, os vilões, homens mais habituados a conviver e a lidar com seus animais domésticos do que a receber a fraternidade e o respeito dos homens. Mas estavam presentes na igreja, na casa de Deus, onde todo mundo vai, e lá sentiam-se iguais. Nesse ambiente, encontravam-se máximas como: “*Nous sommes hommes, comme ils sont*”<sup>210</sup> e “*Quand Adam bêchait, quand Eve filait, ou était le Seigneur? Devant Dieu sinon devant le monde, un homme en vaut un autre*”...<sup>211</sup>, essas máximas ajudaram a entender o velho espírito do igualitarismo

---

<sup>210</sup> Tradução: “Nós somos homens, como eles o são.”

<sup>211</sup> Tradução: “Quando Adão carpia e Eva fiava, onde estava o Senhor? Diante de Deus e do mundo, um homem vale outro.”

cristão, que se desprendia do velho espírito das marselhesas camponesas<sup>212</sup>, de todos os tempos. Frequentemente, o velho fundo comunista rural emergia dessa massa marginal, em luta contra uma *civilização* que a rejeitava e a menosprezava. Mas o que pensavam esses homens durante o ritual nas igrejas? O que preenchia o vazio de suas reflexões? São perguntas para as quais Febvre procurava obter uma resposta, pois os ofícios nas igrejas eram em latim. As preces não eram mais que fórmulas e encantamentos que os camponeses não compreendiam. Entretanto, eles acompanhavam maquinalmente todo o ritual e faziam o sinal da cruz sobre si, porque se deveria fazê-lo. Tudo isso lhes foi ensinado, desde a mais tenra idade, mas seus olhos estavam perdidos.

Segundo Febvre, as respostas poderiam ser encontradas na obra de Michelet, *Histoire de France: introduction à la Renaissance*, volume 12. Para o autor, os pensamentos dos camponeses estavam nos campos, nas florestas, nas fontes frias sob a claridade da lua, aonde dragões fabulosos vinham beber à noite. Estes homens guardavam no fundo do coração a tradição dos cultos pagãos. Não se pode esquecer que havia uma grande corrente de naturalismo popular e de panteísmo instintivo, durante toda a Idade Média e toda a Renascença.

No outro extremo social, no mundo sábio, ou considerado como tal, o mundo fechado das escolas, daqueles que sabiam (e tinham) o que ler, a fé se alimentava de razões dogmáticas e teológicas. Onde estariam eles, às vésperas da Reforma? Sabe-se que uma doutrina os seduzia, o ockamismo<sup>213</sup>. Tratava-se da construção de um espírito crítico e vigoroso, que reagia contra o intelectualismo de um Santo Tomás de Aquino e a todas as tentativas de conciliação entre a razão e a fé. Esta doutrina, por uma parte, reduzia a vida cristã à observância das práticas e à realização das obras. Por outro lado, apreendia o Cristianismo como um conjunto de afirmações, em que se deveria crer sem reflexões e sem amor: o espírito era escravo da letra e o indivíduo escravo do clero. Segundo Febvre, essa doutrina, em outros tempos, poderia ser fecunda, pois as críticas de Ockam não

---

<sup>212</sup> A expressão refere-se às cantigas e provérbios, cujas palavras de ordem eram a luta contra os opressores.

<sup>213</sup> Para o ockanismo, o universal, entendido pela mente, só existe nesta mente. Nem existe como realidade separada (platonismo), nem como realidade nas coisas singulares, de onde seria abstraído (aristotelismo). Ele existe, mas apenas como conceito da mente, portanto, como nome mental do termo que significa. Os universais constituem-se apenas uma ciência de sinais e símbolos. Havendo surgido nos círculos agostinianos, o nominalismo reage contra as idéias universais do platonismo, e também contra o racionalismo, a imaginar idéias surgindo sem a fonte da experiência. Aquelas idéias universais eram interpretadas como representando uma realidade. Agora, passam a ser apenas conceitos vazios.

interditavam ao homem o estudo experimental e positivo dos fenômenos. Mas a idéia de ciência experimental era estranha no século XIV, e dela não possuíam nem os métodos, nem os instrumentos necessários para empreendê-la. Fechados no domínio da metafísica por Ockam, o clero sábio e os teólogos da época foram incapazes de organizar seu mundo terrestre. Negligenciaram até mesmo a realidade psicológica em sua volta, fechando-se em estudos estéreis da lógica formal e da razão silogística. Constituíram uma ciência de palavras vazias e vãs, uma mateologia<sup>214</sup> contra a qual os humanistas e parte dos fiéis se insurgiram.

Os fiéis insurgentes eram, em grande parte, provenientes da burguesia. Segundo Febvre:

Ceux-ci, c'étaient des bourgeois, en grande partie. Gens d'esprit net, logique et précis. Gens capables d'initiative, de hardisse, de libre audace. Gens instruits, et sachant tout le prix de l'instruction, toute la valeur libératrice du savoir humain. Gens confiants en eux, j'ajoute, fiers d'eux, et qui, solidement assis sur terres, leurs maisons, leurs coffres pleins d'or et d'argent, brûlaient nécessairement de substituer aux vieilles autorités leur jeune autorité – et de se proclamer, à la face du monde, ce qu'ils étaient en fait: les bénéficiaires et les maîtres du siècle<sup>215</sup>.

Febvre afirmou que uma classe entra em desacordo com o sentimento religioso e com a doutrina teológica reinante e triunfante da época. Ele próprio sentiu a necessidade de provar esta afirmação. Na ausência de textos que comprovassem a realidade vivida naquela época, o autor mostrou que bastava olhar as obras de arte, os conventos e os monastérios, para que se pudesse certificar essa realidade. As clausuras dessas instituições religiosas, em declínio às vésperas da Reforma, estavam repletas de cristãos da elite, que se recolheram, procurando, distante das igrejas sem doutrina e das escolas sem efusão, o alimento para seu espírito e coração.

Misticismo e ascetismo: a revanche necessária contra a dura e estéril doutrina pregada pelo ockamismo arrebatava as almas da elite. Entretanto, podemos ver nessa

---

<sup>214</sup> - Estudo inútil de assuntos superiores ao alcance do entendimento humano.

<sup>215</sup> Tradução : “Estes, em grande parte, eram burgueses. Pessoas de espírito claro, lógico e preciso. Pessoas capazes de iniciativa, de intrepidez, de livre audácia. Pessoas instruídas e sabedoras de todo o preço da instrução, todo o valor libertador do saber humano. Pessoas confiantes nelas mesmas, eu acrescento, orgulhosos deles mesmos, assentados sobre a terra, suas casas, seus cofres cheios de ouro e de prata, tensionavam, necessariamente, substituir as velhas autoridades por sua jovem autoridade – e se proclamar, diante do mundo, o que eram de fato: os beneficiários e os mestres do século.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 595.)

atitude de isolamento, as causas provenientes da não adequação ao mundo secular, que, ao olhar dos adeptos, se mostrava cruel e em que era impossível de se viver. Essa situação permaneceu mesmo depois da Reforma religiosa. As causas dessa prática de isolamento indicaram, além de uma não adequação ao mundo, a inadequação desses espíritos à doutrina religiosa dominante na época. Isto esclareceu, sobremaneira, o espírito religioso, nesse segmento social.

A prática do misticismo, apesar de ser muito eloqüente, por um lado, pode revelar um dos aspectos do espírito reinante em uma época. Por outro, era prática de um reduzido número de pessoas, de um determinado segmento social. A arte, entretanto, era um bem de todos, e apresentava características que demonstravam o quanto a teologia no século XVI se encontrava atrasada em relação ao segmento social em estudo e ao novo século. A arte religiosa apresentava-se pitoresca, patética e humana, tão bem descrita, de acordo com Febvre, no livro: *L'art religieux en France du Moyen Âge*, de Émile Mâle. Para Febvre, esses novos padrões estéticos, tão apreciados pelo gosto do segmento social burguês, revelaram o quanto ele se distanciava dos padrões impostos pela teologia religiosa, no que diz respeito à compreensão e às práticas. Diante de tais evidências, não se podia estranhar a rápida difusão da Reforma entre os sábios, de maneira geral, e entre a burguesia esclarecida. Eles buscavam uma religião mais próxima de suas necessidades, mais eloqüente ao seu coração. Os novos padrões estéticos testemunhavam os anseios e concepção de religião que este segmento social se propunha a vivenciar.

No primeiro quartel do século XVI, a burguesia na França, já bem segura e consciente de seu saber e de sua força econômica nas decisões políticas, fez, pelas mãos dos Függer, um imperador, (Carlos V), e um papa, (Leão X). Contribuindo para o avanço intelectual da burguesia, a imprensa começava a servir a seus gostos, instintos e interesses profissionais. A burguesia colocava-se em luta diante de um clero enfraquecido. Febvre analisou as fraquezas intelectuais da doutrina religiosa nominalista<sup>216</sup>, recorrendo à atuação de um homem simples, sem vínculo com instituições religiosas ou laicas, como

---

<sup>216</sup> Uma das principais tendências filosóficas da Idade Média, o nominalismo, contrário ao realismo e ao conceitualismo, rejeitou o pensamento alcançado por abstrações e abriu caminho para o espírito de observação e a vulgarização da pesquisa indutiva.

Guillaume Farel.<sup>217</sup> Ele protestou contra o sermão de um padre que lia, mas não interpretava as Escrituras. Para Febvre, dever-se-ia observar que o interlocutor era simplesmente um homem enérgico e resoluto, insatisfeito com a doutrina, levada aos crentes pelos monges. Estávamos diante de um protestantismo francês, antes de Calvino. Entretanto, atrás de Guillaume Farel, tem-se todo um segmento social, tanto quanto ele, interditando a leitura das Escrituras sem uma interpretação racional.

Na crescente onda reformista burguesa, entre 1520 e 1530, no território francês, Febvre analisou a reação de dois grupos distintos, atingidos. De um lado, os teólogos da Sorbonne e, do outro, a massa muda dos camponeses. Os primeiros, os teólogos, a exemplo de Janotus de Braghardo, Thubal Holopherfenes e seus companheiros, organizaram um catolicismo renovado e combativo. Eles encarnaram a resistência e impuseram aos reformistas a demarcação de seus limites, a definição de suas fronteiras, ou seja, que se tornassem Igreja. Essa Igreja surgiu com Lutero, mas, sobretudo, com Calvino. Os últimos, isto é, a massa de camponeses, diante do grito de “liberdade” de Lutero, exaltou seu velho comunismo rústico. As revoluções sociais se propagaram impetuosas e turbulentas, mas com vida curta. Foram massacrados pela resistência dos senhores. Lutero, no entanto, aplaudiu-os.

Os Reformadores podiam, diante das investidas de seus opositores católicos, se resguardarem atrás de dogmas estritos ou de uma ortodoxia que não deixasse muita liberdade interpretativa. Entretanto, não era a livre interpretação da Bíblia a máxima da Reforma? Havia então, a soberania do povo, como havia sido na filosofia. Estávamos diante de uma questão cujo entendimento se fez, de maneira tópica, no Capítulo III, mais precisamente no estudo de Febvre sobre a obra de Borkenau que versa, entre outras questões, sobre o histórico da superestrutura filosófica.

Ao analisar as questões relativas ao entendimento da religião cristã na França do século XVI, Febvre teve como propósito avaliar as causas que foram impostas ao acontecimento da Reforma religiosa daquele século, para tanto, segundo o historiador:

Or, ouvrons les livres, les manuels qui, s'enorgueillissant d'un millésime récent, racontent toute cette histoire de la grande révolution religieuse du XVI siècle à l'usage du public éclairé – nous n'y trouverons rien d'autre. La

---

<sup>217</sup> - O documento encontra-se presente na obra Documents inédits sur La Réformation dans le Pays de Neuchâtel. PIAGET, Arthur. In: FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962.

Réforme, disent ces livres? Elle est née directement d'une décadence profonde de L'Église. Le clergé, á la fin du XV<sup>ème</sup>, au début du XVI<sup>ème</sup> siècle, était tombé dans un état misérable. Son instruction religieuse était nulle. Sa piété, extérieure et formelle. Sa moralité, inférieure. C'est d'un effort violent pour remédier à cette situation lamentable qu'est née, glorieusement, la Réforme ....

(...) .Je n'ai pas le temps de reprendre une à une, comme il faudrait, les biographies psychologiques des grands protagonistes de la Réforme, et de montrer combien la notion des "abus" a été étrangère à l'élaboration de leur pensée profonde<sup>218</sup>.

No capítulo V, no artigo de Febvre, *Une question mal posée: Les origines de la réforme française et le problème des causes de la réforme*, desenvolve-se um estudo já mencionado no capítulo II. Entretanto, nele encontram-se as primeiras preocupações sobre o tema.

As quatro lições deste capítulo nos deram a dimensão do esforço de Febvre para empreender um estudo, cujas preocupações são de explicar, entender e localizar o humano e torná-lo reconhecido. Dessa forma, seria possível desvendar as descontinuidades das *mentalidades* dos homens de outrora e os do século XX. A história do mental na obra do historiador perdeu seu caráter abstrato, pois manteve suas ligações com a base material, tornando os homens do século XVI inteligíveis em relação aos seus próprios contemporâneos.

O estudo desses artigos assumiu uma postura conclusiva. Pois, ao mesmo tempo em que esboçava o fazer metodológico, reforçava a defesa que Febvre pensava sobre os instrumentos sensíveis e intelectuais dentro dos seus usos sociais. São objetos e ele não negligenciou, em particular, as modalidades de sua transmissão e de sua apropriação. Haja vista as constantes interrogações feitas ao social, as atenções às particularidades, às permanências e às descontinuidades analisadas pelo arcabouço metodológico da história psicológica, nos segmentos sociais. Sem deixar de esboçar os fundamentos intelectuais e materiais em que estes se realizavam. Para assegurar essas afirmativas, podemos nos espelhar nas ponderações de Roger Chartier:

---

<sup>218</sup> Tradução: "Ora, abramos os livros, os manuais, que se orgulham de um período recente, de contarem toda a grande história da grande revolução religiosa do século XVI para o uso do público esclarecido – nelas não encontramos outra história. A Reforma, dizem estes livros? Ela nasceu diretamente de uma decadência profunda da Igreja. O clero, no fim do século XV, no início do XVI, caíra num estado miserável. Sua instrução religiosa era nula. Sua piedade, exterior, e formal. Sua moralidade, inferior. É de um esforço violento para remediar a esta situação lamentável que nasceu, gloriamente, a Reforma... Eu não tenho tempo de retomar uma a uma, como se deveria, as biografias psicológicas dos grandes protagonistas da Reforma, e de mostrar como a noção dos 'abusos' foi estranha à elaboração de seu pensamento profundo." (FEBVRE. Op. Cit., 1962, p.586-587.)

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são descarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas<sup>219</sup>.

---

<sup>219</sup> CHARTIER, R. Op. Cit., 1988, p. 27.

## CAPÍTULO V

### **SENSIBILIDADE: UM ESPAÇO DE ÚLTIMA ANÁLISE DO CAMPO DO CONHECIMENTO SOBRE O MENTAL**

Propõe-se, neste capítulo, o estudo de artigos que permitam ter uma visão tópica do arcabouço metodológico e dos pressupostos teóricos que possibilitaram os estudos sobre as sensibilidades, presentes na obra de Lucien Febvre. A história das sensibilidades promove um corolário, que permite entender a afirmação de que a noção de mentalidades se esboça na intersecção de diferentes planos de estudo. Ela foi sendo construída conforme o desenvolvimento dos campos de conhecimento investigados anteriormente.

A especificidade do objeto de estudo deste campo de conhecimento foi apresentado por Febvre em seu artigo “*Como reconstituir a vida afetiva de outrora*<sup>220</sup>?”. Este novo domínio de conhecimento emergiu instrumentalizado pelos avanços provenientes do campo da psicologia, realizados por Henri Wallon. Em seu artigo sobre as emoções, Wallon formulou as principais idéias-diretrizes a serem seguidas. Para Febvre, o historiador que queira aventurar-se neste complexo campo de conhecimento, pode contar com essas reflexões, questões que relacionam psicologia coletiva e história intelectual.

Trata-se de um novo campo de conhecimento sobre a história dos sentimentos. Novo, não só por ter sido inaugurado na historiografia por Febvre, mas também pela abordagem que objetos, tais como o Amor, a Alegria e os sentimentos provocados pela morte, pelo medo, etc., recebem em termos historiográficos. Estas se distanciaram das formas de exposição diacrônicas sobre um sentimento, ou um grupo deles. Segundo Mann<sup>221</sup>, Febvre se interessava pelo conjunto de enredamentos presentes nas situações em que os sentimentos se encontram com os sentidos, as ações e as atividades intelectuais.

---

<sup>220</sup> FEBVRE, Lucien. Como reconstituir a vida afetiva de outrora? In: FEBVRE, Lucien., *Combats pour L'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.

<sup>221</sup> MANN, HANS-DIETER. Op. Cit., 1971.

Quand je dis: nous n'avons pas d'histoire d'Amour, ni de la Joie – entendez bien que je ne réclame pas une étude sur l'Amour ou la Joie, à travers tous les temps, tous les âges, et toutes les civilisations. J'indique une direction de recherche. Et je ne l'indique pas à des isolés. A des physiologistes purs. À des moralistes purs. A des psychologues purs, au sens mondain et traditionnel du mot. Non. Je demande l'ouverture d'une vaste enquête collective sur les sentiments fondamentaux des hommes et leurs modalités. Que de surprises à prévoir!<sup>222</sup>

A proposição, neste quinto capítulo de estudo sobre as sensibilidades, se deve ao entendimento de que esta área de estudo somente se tornou viável, para Febvre, após ter empreendido análises nas áreas de conhecimento sobre a história intelectual. Ele procurava compreender a dinâmica e materializações das idéias nas sociedades. Na área de estudo da psicologia coletiva histórica, o historiador estava atento às formas particulares de apreensão das idéias e dos comportamentos individuais e coletivos, ambos tributários das condições de ordem psicológica e das condições materiais presentes nas sociedades. Os estudos desses campos são básicos, pois promovem um conhecimento do complexo enredamento de sentidos, nos quais a sociedade fundamenta e expressa suas ações e sentimentos. Portanto, a prospecção dos sentidos que os sentimentos e comportamentos evocam em determinadas circunstâncias, segundo Febvre, somente se realiza, a partir do conhecimento das vivências sociais.

As formas de sentir presentes em uma sociedade são reveladoras e balizadoras das relações sociais. Elas são moldadas em concordância com as transformações das bases materiais, modificadas pelas disposições psicológicas da sociedade, alteradas pelas materializações das idéias. Existem, entre essas prescrições, correspondências, inter-relações e influências mútuas. Portanto, não é possível, por meio de uma aproximação única, revelar as características e graus das sensibilidades reinantes em uma época, segundo Febvre.

O procedimento encontra-se em seus livros e artigos. No artigo *Les Principaux Aspects D'une Civilisation – La première Renaissance française: quatre prises de vue*, Febvre comparou duas sociedades distantes no tempo, procurando avaliar as diferenças nas formas de sentir. O historiador examinou as condições materiais e seus efeitos sobre

---

<sup>222</sup> Tradução: “Quando eu digo: nós não temos a história do Amor, nem da Alegria – entendam bem que eu não reclamo uma história sobre o Amor ou a Alegria, através de todos os tempos, todas as idades e todas as civilizações. Eu indico uma direção de pesquisa. E não a indico para isolá-las. Para os psicologistas puros. Para os moralistas puros, para os psicólogos no sentido mundano e tradicional da palavra. Não. Eu peço a abertura de uma vasta enquete coletiva sobre os sentimentos fundamentais dos homens e suas maneiras. Quantas surpresas a prever!” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p. 236)

as estruturas físicas e psicológicas dos homens do século XVI e XX. Tinha o intuito de realizar aproximações para constatar as diferenças no modo de sentir das sociedades, em suas vivências em determinadas condições materiais. Procurou as correspondências entre estas e aquelas. Em suas análises sobre o procedimento de Febvre, o crítico Mann pondera:

Ainsi lorsqu'il décrit les conditions matérielles de la vie au XVI<sup>ème</sup> siècle, c'est pour suggérer ou pour désigner les sentiments qui auraient correspondu à ces conditions. Certainement les différences de vie matérielle entre le passé et le présent laissent supposer que des différences peut-être aussi considérables ont existé dans le domaine des sentiments. Mais l'approche unique ne saurait indiquer quelles étaient ces différences, quels étaient les sentiments correspondants à ces conditions. Il faut des informations et des contrôles complémentaires<sup>223</sup>.

Para Febvre, os sentimentos deixados pelos homens podem nos induzir a erros. Afinal, expressões sentimentais, tais como angústia, medo, que podemos ligar, regularmente, a um determinado sentimento conhecido em nossa época, em uma outra, pode ter tido outro sentido.

## 5.1 Questões metodológicas

O objeto de estudo é a *sensibilidade*, mas, diante da multiplicidade de sentidos concernentes ao termo, fica entendido que, para o historiador que se proponha a estudar o tema, ele evocará a vida afetiva e suas manifestações, no direito, na religiosidade, na cultura etc. No entanto, surgem as primeiras objeções, pois, na base da vida afetiva, estão as emoções. Elas são o que existe de mais rigorosamente pessoal. Entretanto, não devem ser confundidas com simples reações automáticas do organismo às solicitações do mundo exterior. Para Febvre, *as emoções* deveriam ser entendidas com base nos avanços da psicologia coletiva do início do século:

---

<sup>223</sup> Tradução: “Assim, enquanto ele descreve as condições materiais no século XVI é para sugerir, ou para designar os sentimentos que teriam correspondido a estas condições. Certamente, as diferenças de vida material entre o passado e o presente deixam supor que diferenças, talvez também consideráveis, existiram no domínio dos sentimentos. Entretanto, uma única aproximação não saberia indicar quais eram essas diferenças, quais eram os sentimentos correspondentes a essas condições. É preciso informações e verificações complementares.” (MANN, HANS-DIETER. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971, p.115.)

Les émotions sont contagieuses. Elles impliquent des rapports d'homme à homme, des relations collectives (...) Et ainsi, petit à petit, les émotions, associant plusieurs participants tour à tour initiateurs et suiveurs – en sont arrivées à constituer un système d'incitations interindividuelles qui s'est diversifié suivant les situations et les circonstances, en diversifiant du même coup les réactions et la sensibilité de chacun. Ceci, d'autant plus que l'accord ainsi établi, que la simultanéité ainsi réglée des réactions émotives se montrant de nature à conférer au groupe une plus grande sécurité, ou une plus grande puissance – L'utilité s'est trouvée bientôt justifier la constitution d'un véritable système d'émotions. Elles sont devenues comme une institution. Elles ont été réglées à la façon d'un rituel.<sup>224</sup>

Nestas atividades sociais, cuja evolução se processou por milênios, encontra-se a gênese da atividade intelectual, cujo principal instrumento é a linguagem, que tem por função operar os relacionamentos entre os participantes de um meio social. Na vida de relacionamentos, se evidenciam os antagonismos entre emoções e as representações intelectuais, porque alteram o funcionamento da vida intelectual nas sociedades. Compreendeu-se, desde logo, que o melhor meio de reprimir uma emoção era representar, com precisão, os seus motivos ou objeto. As relações interpessoais nos meios sociais passaram a se encontrar, cada vez mais, reguladas por *instituições*<sup>225</sup> ou *técnicas*.

O objeto de estudo desse campo de conhecimento pode ser visto como um ponto de tensão entre dois campos. As emoções e as representações intelectuais são reguladas pelos mecanismos produzidos pelas *instituições* ou *técnicas* em seu controle sobre as condutas sociais. Os vestígios deixados pelos mecanismos de controle provenientes das diversas áreas da atividade social permitem a prospecção histórica das sensibilidades dos homens, em suas vivências sociais, em uma época em particular.

Febvre diagnosticou a complexidade da empresa e analisou a problemática a partir do geral. Estava atento a determinadas particularidades e condutas quando propôs a apreensão do estudo. Pois todo sentimento humano é, ao mesmo tempo, ele mesmo e o

---

<sup>224</sup> Tradução: “As emoções são contagiosas. Elas implicam relações de homem a homem, relações coletivas (...). E, assim, pouco a pouco, as emoções associando muitos participantes, iniciadores e continuadores, sucessivamente – para constituir um sistema de incitações inter-individuais que se diversificam continuamente, segundo as situações e circunstâncias, ao mesmo tempo diversificando as reações e a sensibilidade de cada um. E isso, tanto mais quanto o acordo assim estabelecido, quanto à simultaneidade, assim regulada das reações emotivas, se mostrando de natureza a conferir ao grupo uma maior segurança ou um maior poder, fez com que, bem depressa, a *utilidade* é encontrada logo para *justificar* a constituição de um verdadeiro sistema de emoções. Tornaram-se como uma *instituição*. Elas foram reguladas à maneira de um ritual.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p. 224.)

<sup>225</sup> - O papel das *instituições* ou *técnicas* é o de regular as representações, afastando-as dos efeitos negativos que as emoções lhes impõem. A importância e o desenvolvimento delas se dão paralelamente ao crescimento do “comércio” intelectual nas sociedades.

seu contrário. Em algumas circunstâncias, nos jogos de nossas representações, é possível explicar a predominância de um desses pólos nos nossos estados afetivos. Entretanto, a sua presença é uma constante, uma ambivalência e não uma justaposição. Os sentimentos são uma resultante. Diante de tais constatações, não haveria a legitimidade de procurar, em determinadas épocas da história das sociedades humanas, predominância de uma maior carga emocional negativa. Isto é, mais crueldade que piedade, mais ódio que amor, de modo que pudesse caracterizar a vida afetiva. O mesmo se pode dizer sobre períodos em que houvesse a predominância de vida intelectual e, em contrapartida, períodos em que prevaleceria a ordem oposta.

Diante das questões apresentadas acima, Febvre considerava que, na análise de determinadas questões, principalmente, quanto ao estudo de individualidades, não se deveria utilizar uma psicologia barata, empregada por historiadores em suas histórias romanceadas sobre alguns personagens ilustres. Tais historiadores partilham a idéia de que o instrumental teórico da psicologia não pode operar no nível de instituições. Para Febvre, alguns deles não admitem que a “imaginação intuitiva” não poderia desempenhar nenhum papel na prospecção desse tipo de estudo. Portanto, a análise psicológica estaria fadada a estudos de individualidades. Tal procedimento tira o enfoque da proposta de estudo. O historiador deve utilizar os instrumentos heurísticos da psicologia e adentrar no âmbito das instituições que regulam as representações de uma sociedade em determinada época. Segundo Febvre:

Mais, par contre, ce domaine d’où on prétend exclure toute imagination intuitive, le domaine de l’histoire des idées, le domaine de l’histoire des institutions: quel beau champ de recherches, et de reconstitutions, et d’interprétation pour histoire psychologue! Son champ d’investigation par excellence. Car, bien au contraire, le mécanisme des institutions d’une époque; les idées de cette époque ou d’une autre: voilà ce que l’historien ne peut comprendre et faire comprendre sans ce souci primordial, que j’appelle, moi, psychologique: le souci de relier, de rattacher à tout l’ensemble des conditions d’existence de leur époque le sens donné à leurs idées par les hommes de cette époque. Car ces conditions, elles colorent les idées, comme toutes choses, d’une couleur très nette d’époque et de société. Car ces conditions, elles mettent leur griffe sur ces idées, comme sur les institutions et leur jeu. Et pour l’historien, idées, institutions, ce ne sont jamais données de l’Éternel; ce sont des manifestations historiques du génie humain à une certaine époque et sous la pression de circonstances qui ne se reproduisent jamais plus.<sup>226</sup>

---

<sup>226</sup> Tradução: “Mas, em contrapartida, esse domínio de onde se pretende excluir toda a imaginação intuitiva, o domínio da história das idéias, o domínio da história das instituições: que belo campo de pesquisas, e de reconstituição e de interpretação para a história psicológica! Seu campo de investigação por excelência. Porque, muito ao contrário, o mecanismo das instituições de uma época; as idéias dessa época

As características apresentadas pelas atitudes, normas, condutas, em todas as instâncias da vida social, permitem sondar e conhecer as sensibilidades, ou seja, a vida afetiva de uma sociedade. Este foi o objeto que o autor se propôs a estudar. É possível partir tanto do coletivo para o individual, quanto o contrário. Um exemplo dado por Febvre, está em seu artigo *Como reconstituir a vida afetiva de outrora?*, em que analisou a atitude de um indivíduo e a comparou com as características da sensibilidade social.

Neste estudo, apresenta-se um exemplo dado por Febvre, mas inverte-se a sua ordem. Assim, ele tentou provar a validade da afirmação que, no campo de conhecimento das sensibilidades, é possível ir do individual ao coletivo ou vice-versa, sem anacronismos e sem a crença em uma justaposição de emoções humanas em suas atitudes. Febvre analisou as características da aplicação da justiça no início dos tempos modernos, que oscilava entre o perdão total e a morte, não havia gradação. Ela dizia Tudo ou Nada. Se o Rei interviesse, não era para graduar, pois ele dava, livremente, não sua justiça, mas sua caridade. A Caridade real recaía, indiscriminadamente, sobre o justo ou o injusto, o criminoso ou o miserável, pois o que contava era a Piedade como tal. O povo, tal como o Rei, não se colocava em questão. Em uma conferência sobre as origens da Reforma francesa, Febvre propôs a seus ouvintes uma análise sobre a seguinte questão: a insistência de João Calvino em sua teologia com o caráter de dom, totalmente gratuito e incondicional, que reveste a concessão da graça aos eleitos, por um lado. Por outro, o testemunho da repugnância à contabilidade dupla das obras e dos pecados feita por contabilistas celestes, seguida por uma avaliação final. Estaria Calvino, que sempre comparava Deus a um Rei, espontaneamente, de acordo com a vida afetiva vivida pelos franceses daquela época?

Quanto aos objetos eleitos para a prospecção das sensibilidades, que são raros e de difícil manejo, havia os vocábulos e os dicionários, ofertados pelos estudos dos lingüistas, mais exatamente pelos filólogos. Objetos de onde, segundo Febvre, se poderiam retirar poucas coisas. Se se tratava de sentimentos, atingia-se, às vezes, certas

---

ou de outra: eis que o historiador não pode compreender, nem fazer compreender, sem esta preocupação primordial a que eu chamo de psicologia: a preocupação de relacionar, de ligar a todo o conjunto das condições de existência de sua época, o sentido dado às suas idéias pelos homens dessa época. Por que essas condições coloreem as idéias, como todas as coisas, com uma cor bem própria da época e da sociedade. Porque essas condições põem a sua marca sobre estas idéias do mesmo modo que sobre as instituições e ao seu jogo. E, para cada historiador, idéias, instituições não são dados do eterno; são manifestações históricas do gênio humano em uma determinada época e sob a pressão de circunstâncias que não mais se reproduzem.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1953, p. 230.)

condições da existência humana que criaram esse vocábulo, como no caso das palavras de origem latina camponesa. Entretanto, nenhum estudo de vocábulo permite reconstituir a evolução de um conjunto de todo um sistema de sentimentos.

Se se quiser, o papel de um corte geológico através de uma grande quantidade de terrenos cuja massa se tem tempo de prospectar. (...) Não poderiam constituir um elemento estatístico para o estudo de um conjunto.<sup>227</sup>

## 5.2 A iconografia revela a sensibilidade religiosa

No artigo escrito em 1914 para a *Revue des cours et conférences*, a iconografia religiosa foi eleita como objeto para a prospecção das sensibilidades de uma época. Este recurso permitiu reconstituir os modos sucessivos e contrastantes da sentimentalidade religiosa. O pioneiro nesse estudo foi Émile Mâle, que trabalhou a expressão artística dando-lhe historicidade, compondo capítulos encadeados de uma história artística do sentimento religioso na França, do século XII até o começo do século XVII.

Os estudos se voltavam para os primeiros séculos da Idade Média, mais precisamente o século IV, quando se iniciava a evangelização da Gália. Uma empresa marcada de dificuldades, de avanços, retrocessos e recomeços. Não existia um plano diretor neste embate entre duas ideologias religiosas: a primeira, uma herança dos ancestrais “*ligures*”, do panteão Celta e dos empréstimos feitos ao panteísmo greco-romano. A segunda, a ideologia cristã em expansão conquistadora, cujo principal veículo de propaganda era a expressão artística iconográfica, que materializa um sistema de regras que regulava a vida religiosa das sociedades ocidentais no mundo europeu.

Pendant tout le Moyen Âge, l'art n'a pas été maître de ses créations. L'iconographie lui a dicté ses lois. Qu''était-elle donc? En quoi consistaient ses prescriptions? Pourquoi ces règles fixes, immuables, universelles? Faut-il dire dont les monuments nous offrent tant d'applications toutes semblables? Faut-il dire simplement: “conventions artistiques” – et puis passer outre? Non, car il s'agit d'un système de règles, de prescriptions largement développé, et que la vieille notion de “convention” se trouve bien impuissante à justifier.<sup>228</sup>

---

<sup>227</sup> FEBVRE. Op. Cit., 1953, p. 226.

<sup>228</sup> Tradução: “Durante toda a Idade Média, a arte não foi mestra de suas criações. A iconografia lhe ditou suas leis. Quem era ela, então? Em que consistiam suas prescrições? Porque estas regras fixas, imutáveis, universais? É preciso, então, dizer de onde os monumentos nos oferecem tantas aplicações análogas? É preciso dizer simplesmente: ‘convenções artísticas’ – e disposições excessivas? Não, porque se trata de um sistema de regras, de prescrições largamente desenvolvidas, e que a velha noção de ‘convenção’ se encontra bem impotente para justificar. (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1912, p. 795.)

Para que a evolução artística da iconografia seja bem entendida, são necessários aportes dados pela história da evangelização na Europa ocidental. Depara-se com dois problemas: um cronológico, resolvido pela concordância dos estudos desenvolvidos por arqueólogos e historiadores, que concluíram datas tardias para a evangelização no interior das províncias gaulesas. O episcopado se organizou primeiro nas cidades gaulesas no século III, salvo a cidade de Lyon, que havia se organizado no século II. A história da evangelização foi tratada por Febvre de maneira costumeira, ou seja, o historiador analisou dirigindo-se ao social, atento às questões de ordem intelectual, moral e às de ordem material. Como entender os motivos que levariam os segmentos citadinos e camponeses a serem levados ao Cristianismo? Dentre os motivos, havia os mais desprezíveis, tais como: a curiosidade, o desejo por entendimento de novos pensamentos, a caridade tão ardentemente pregada pela nova religião. Havia, também, a influência e exemplo das mulheres, que naqueles tempos, eram poderosas propagandistas, e a ação da literatura cristã que começava a se expandir no século IV. Motivos menos nobres, mas não menos eficazes, também contavam, principalmente para os segmentos superiores. O imperador tornara-se cristão e, neste caso, era razão suficiente para que os membros das famílias senatoriais, altos funcionários, se convertessem à nova religião. Entretanto, as conversões não se faziam bruscamente. A conversão de Paulin de Nole, no final do século IV, não deixou de ser vista como um escândalo.

E nos campos distantes dos grandes centros urbanos da época, o que levaria alguém a se converter ao cristianismo? Em primeiro lugar, não se sabe com precisão em que grau essas populações foram atingidas pela romanização, embora seja evidente a presença de elementos da religião romana enxertados com o antigo e predominante culto ancestral.

Ce n'est pas une mythologie savante qui a persisté en Gaule, mais un polythéisme antérieur à la constitution du panthéon celtique – ou du moins, du rudiment de panthéon dont parle César.<sup>229</sup>

Os camponeses necessitavam de uma religião tutelar e rústica, uma religião agrícola que lhes assegurasse uma colheita, que os protegesse das intempéries, que cuidasse de sua sobrevivência e da sua coletividade. Os empréstimos tomados à religião

---

<sup>229</sup> Tradução: “Esta não é uma mitologia douta que persistiu na Gália, mas um politeísmo anterior à constituição do panteão céltico – ou ao mesmo, do rudimento básicos de Panteão do qual César fala.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1912, p. 798.)

greco-romana se fizeram sem grandes percalços, pois esta religião atendia às mesmas necessidades de proteção diante de uma vida essencialmente agrícola. Havia então, festas comemorativas com datas fixas, o ciclo regular dos trabalhos e dos dias, as mesmas funções de divertimento que a religião grego-romana. É importante constatar que a religião grego-romana, ela própria, foi construída sobre o antigo culto das fontes, das florestas, das águas vivas, etc.

Febvre analisou o fenômeno sincrético religioso entre os cultos ancestrais e a religião grego-romana, em que as adaptações, os enxertos e os empréstimos ocorreram de forma lenta e progressiva. Entretanto, o historiador recuou diante da possibilidade de ver o processo de cristianização acontecer da mesma maneira, tal qual aconteceu com as religiões semíticas, diante das exigências greco-latinas. As invasões bárbaras trouxeram conseqüências em todos os níveis da vida dessas sociedades. No plano religioso, elas não foram totalmente desastrosas. Por um lado, interromperam, momentaneamente, a cristianização, ou tornaram-na mais vagarosa, devido às conseqüências políticas e sociais, a exemplo de membros do clero. Principalmente os bispos, que se tornaram chefes militares ou serviam como diplomatas entre o Império e os bárbaros. A presença de novos idiomas e o reforço da religião pagã, com a presença de novos pagãos, tornou a empresa mais difícil, pois ela não estava unicamente voltada para os bárbaros pagãos. Existiam, entre eles, cristãos arianos, que precisavam ser catequizados. Por outro lado, as invasões e o terror que elas acarretavam, promoveram conversões em massa. Era a oportunidade de testar o poder de proteção do novo Deus. A destruição material dos templos se fez indistintamente, poupando a igreja do trabalho de demolir os templos pagãos e cabendo aos cristãos a reconstrução dos seus. Sobre a questão moral, o que se pode entender por conversão? Febvre procurou respostas interrogando os missionários que realizaram trabalhos de evangelização, semeando os germes de sua fé nas almas pagãs. A análise se processou em face da realidade social histórica da Gália.

Os homens de alta classe social nas cidades da província se dispuseram, desde os primeiros anos da conquista romana, a absorver a cultura latina. A língua do vencedor foi absorvida em sua plenitude. Nomes gauleses figuravam na história das Letras latinas. Ao entrar em contato com os relatos de Cícero, podemos notar a presença do druida Diviciac na Cúria romana em defesa de seu povo, a partir das impressões do gaulês sobre as altas questões religiosas e filosóficas. Na arquitetura, os elementos estilísticos são provas

incontestáveis da penetração da cultura do vencedor. Entretanto, séculos mais tarde, uma nova vaga de idéias, no campo religioso, chegou à Gália. Uma religião proveniente do Oriente e nutrida com idéias sutis da Grécia: o cristianismo. Havia conversões, indecisões, resistências e lutas; umas por convicções, outras por lassidão e por contágio.

Porém, as velhas idéias da religião gaulesa não foram abandonadas pelos convertidos, nem nos séculos subseqüentes da cristianização da Gália. Um caso mencionado por Febvre, ocorrido na elite intelectual da Igreja Católica da Gália, no século VI, diz respeito ao bispo Grégoire de Tours. Filho da alta nobreza gaulesa, o bispo acreditava nas adivinhações pelos astros, pelo vôo dos pássaros, e nos presságios indicados pelos cometas. Para avaliar a presença das idéias pagãs nas práticas religiosas desse personagem, Febvre se deteve na prática de colocar sob o altar dois bilhetes marcados com *Sim* e *Não*. O bispo dizia uma prece e escolhia um dos bilhetes para obter a resposta do Deus cristão. A avaliação desse comportamento, que não era restrito a este personagem, perpassava por todo um segmento social ligado às atividades religiosas ou intelectuais.

Febvre pesquisou sobre o segmento social da campanha gaulesa, para quem o latim era uma língua incompreensível. Entretanto, as pregações e as celebrações da jovem religião eram em latim. Não por desconhecimento da realidade lingüística do interior da Gália, onde a latinização das línguas se processou lentamente, mas para afastar as tradições religiosas célticas que conservavam a língua dos druidas. Nos séculos V e VI, a Igreja triunfou na Gália, cristianizando pouco a pouco os camponeses. Eles se dirigiam à igreja em massa (ainda permanecia na concepção dos camponeses o Templo) nos dias festivos. Estas festas coincidiam com as datas e estações em que havia as grandes festas pagãs, permanecendo o mesmo ponto do ciclo eterno das culturas. Nada de recolhimento e preces nas comemorações dos aniversários dos mártires, mas orgias nos pátios, danças sem pudor e bebedeiras.

Febvre comentou os estudos de M. Marignan sobre a postura da Igreja diante das práticas pagãs nas celebrações festivas. A Igreja aceitou, pois, segundo o autor, a falta não foi desse povo inculto, mas das práticas religiosas pagãs, que precisavam ser extintas. Para tanto, a Igreja católica despendeu, durante séculos, seus maiores esforços, tornando-se hegemônica. Entretanto, o comportamento dos camponeses traduzia o que se podia chamar de vícios profundos do tempo. De acordo com Febvre, isso levou a uma espécie

de desencorajamento e cansaço por parte dos melhores recrutas da Igreja. As provas desse estado de coisas aparecem nos textos escritos por Paulin de Nôle, *les Natalia* ou *Natalitia*, que compõem sua obra.

Paulin de Nôle descreveu os festejos de seu santo preferido, São Félix de Nôle. A velha basílica recebeu os camponeses da Calábria, trabalhadores do distante Lácio, etc., para os dois dias de festejos. Porém eles não vieram sós, traziam seus familiares, animais domésticos, alguns escolhidos para oferecer e louvar o santo padroeiro, como outrora faziam para Marte ou para o grande Júpiter. Os camponeses entraram na velha catedral durante a madrugada da véspera, no badalar dos sinos, pois a igreja os recebia conforme a velha tradição da *pervigia*, que precedia a antiga tradição das festas pagãs. Os festejos contavam com louvores, danças, bebedeiras, orgias e escândalos excessivos. A repressão a tais abusos chegavam de Santo Ambrósio, de Santo Agostinho, segundo Boissier, procurando refrear a violência dos jovens camponeses, todos pagãos e materialistas.

Paulin de Nôle mandava pintar sobre os muros dos pórticos, onde os camponeses passavam suas noites de orgias, frases em latim, tiradas das Escrituras. Febvre analisou este procedimento e o impacto que causou nos camponeses ao se depararem com estas silhuetas coloridas e misteriosas, levando-os a abrir os olhos e a boca, só de admiração. Embora se soubesse que a idéia de manifestação artística para fins pedagógicos não fora criação de Paulin de Nôle, as catacumbas eram decoradas com afrescos e frases com objetivos pedagógicos. Por um lado, se estava diante do lugar de nascimento da evangelização e da constituição da iconografia cristã no interior da Gália, antes de uma progressiva dissociação que viria com os séculos seguintes. Por outro lado, Febvre pôde analisar a arte produzida pelos artesãos religiosos, que não desenvolveram sua arte para satisfação pessoal, ou para qualquer contemporâneo seu. A arte era unicamente utilitária, um meio de propaganda, de moralização, de evangelização.

Segundo Febvre, nada mais natural que a Igreja utilizasse a arte para cumprir suas determinações. Fosse esta uma arte oratória, plástica, o canto, ou a cena dramática. Entretanto, nada era natural ou totalmente natural, em se tratando de história das idéias, para um historiador. Explica o historiador:

(...) un mot peut-être vous a frappé par sa répétition: *pictura* – C'est de peintures que parle saint Paulin; de peintures, qu'écrit saint Grégoire; de peintures, qu'il s'agit dans le vieux diction: "*picturae quae libri laicorum*".

*Picturae* toujours; *sculpturae* jamais. Or, notons-le, au XIII siècle par exemple, l'anomalie est forte. Comment? La sculpture s'installe au portail de

toutes les églises, de toutes les cathédrales; à Chartres, elle compose, docile aux ordres des clercs, une admirable Bible de pierre, précise, complète, orthodoxe; elle est vraiment, là et en cent lieux, le liber laicorum par excellence; et les textes cependant ne parlent que de peintures?<sup>230</sup>

Febvre investigou as causas da inexistência, entre os séculos V e X, de esculturas do Deus cristão. Mais precisamente, o pudor dos cristãos diante daquela expressão. Como entender os traços que caracterizavam, nos países cristãos, na Alta Idade Média, o culto familiar e popular das estátuas e das relíquias dos santos? E mais, quando os cristãos reencontraram a arte da escultura e se viram talhando imagens divinas, ou as figuras dos santos? O histórico das idéias presentes naqueles séculos pode ajudar a iluminar essas questões.

Sabe-se da querela dos iconoclastas desde os primórdios da Igreja, e ela revelou o estado de espírito dos cristãos naquela época. Febvre analisou o que era a imagem do deus para os gregos e romanos, sendo este o deus em pessoa. O historiador citou as constatações do historiador medievalista Ch. Picard: “ *Le xoanon, écrit Picard, est le dieu en personne, agissant et vivante, tourmenté des mêmes besoins que l’homme*”<sup>231</sup>.

O deus era servido, alimentado e protegido do eventual roubo dos habitantes das cidades vizinhas, embora soubessem que os deuses puniriam qualquer toque impuro em suas imagens. Porém, era uma forma de se apropriarem de sua proteção ou punirem seus inimigos. A prática de roubo de imagens e relíquias de santos não era incomum por parte dos clérigos em toda Alta Idade Média. Faziam isso porque procuravam trazer prestígio para suas dioceses. Febvre deu como exemplo o caso de um religioso de uma abadia, nas vizinhanças de Conques, em Rouergue, que se disfarçou, durante dez longos anos, na diocese de Agen, esperando a oportunidade de roubar os restos mortais de Santa Fé, mártir do Agenais. Roubo efetuado, foi confeccionada uma estátua, que recebeu o nome

---

<sup>230</sup> Tradução: “(...) uma palavra talvez os chocou por sua repetição: pintura. É de pinturas que fala São Paulo; de pinturas que fala escreve São Gregório; de pinturas que se trata no velho adágio: ‘*picturae quae libri laicorum.*’ Pinturas sempre; esculturas jamais. Ora, notamos, no século XIII, por exemplo, a anormalidade é grande. Como? A escultura se instala no portal de todas as igrejas, de todas as catedrais; em Chartres, ela compõe docilmente às ordens dos clérigos, uma admirável Bíblia de pedra tem sua composição sob ordens escritas do clero, precisa, completa, ortodoxa; verdadeiramente, aí e em cem lugares, o livro dos leigos, por excelência; e os textos, no entanto, só falam de pinturas? (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 810-811)

<sup>231</sup> Tradução: “ *O Xoanon , escreve Picard, o deus em pessoa, ativo, vivendo atormentado pelas mesmas necessidades dos homens*”. Idem, 1962, p.811.

de Santa Fé de Conques, cuja peregrinação rivalizava com a de Saint-Jacques de Compostelle.

Em um segundo plano, a análise se voltava para as declarações dos controversistas: Tertuliano, em seu livro *De Idolatria*, com seu ardoroso discurso, imaginando um Cristo desgracioso, “*Si inglorius, si ignobilis, si inhonestus, meus erit Chistus*”.<sup>232</sup> Se, para os pagãos, o ídolo era a residência oficial do deus, para os cristãos era a residência do demônio. Em *De Consensu Evangelistarum*, Santo Agostinho citou as passagens presentes no Antigo Testamento, reforçando os argumentos contra os idólatras.

Na Alta Idade Média, era intolerável a construção da imagem do Deus cristão, mesmo para um idólatra. Febvre mencionou o título de um capítulo de Bernard d’Angers<sup>233</sup>, aluno das escolas capitulares de Chartres: “*Quod sanctorum atatuæ, propter invicibilem ingenitamque idiotarum consuetudinem fieri permittantur, presertim cum nihil ob id de religione depereat, et de celesti vindicta*”<sup>234</sup>. O texto foi prudente quanto às imagens dos santos, toleradas sob certas condições, mas não admitidas com entusiasmo. O capítulo versa sobre um milagre, não do santo, (no caso, Santa-Fé de Conques), mas da imagem do santo.

Febvre explicou, a partir do relato de Bernard, que a crença num milagre operado pela representação de um santo teve sua origem, em parte, no hábito de confeccionar as estátuas dos santos em ouro, ou em qualquer metal, e introduzir a cabeça ou um fragmento do corpo do mártir. Esta prática estava presente nas regiões de Auvergne, de Rodez e de Toulouse e nas vizinhanças. Bernard não constatou o fato, simplesmente, ele o julgou, esclarecendo as origens da “sensibilidade” existentes nesta crença. “*Cette pratique paraît à bon droit superstitieuse aux gens raisonnables; il leur semble que c’est là un rite conservé de l’ancien paganisme.*”<sup>235</sup> À primeira vista, o autor considerava o

---

<sup>232</sup> Tradução: “Sem gloria, ignóbil, será o meu Cristo.”

<sup>233</sup> - Reproduzido na obra do Abade Bouillet, *Liber Miraculorum Sanctae Fidis*. Paris, 1897. Presente na obra de Picard, *Textes pour l’enseignement de l’histoire*, Capítulo III.

<sup>234</sup> Tradução: “O que as estátuas dos santos permitem ‘acontecer’, do costume universal e do costume ‘hereditário’.” (BERNAUD, apud, FEBVRE. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L’École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p. p.814)

<sup>235</sup> Tradução: “Esta prática parece, verdadeiramente, supersticiosa às pessoas racionais; Ela lhes parece ser um rito conservado do antigo paganismo.” (Idem, 1962, p.815.)

fato condenável (*videur enim quase priscoe culturoe deorum, vel potius demoniorum servari ritus*)<sup>236</sup>. Entretanto, o autor relatava no texto um diálogo com outro idólatra, seu amigo Bernier, ambos diante da estátua de Saint Géraud, em Aurillac.

No diálogo, Bernard comentou que nem Júpiter, nem Marte se sentiriam indignos diante de tal representação. Mas colocou uma distinção bem singular quanto às imagens:

De Dieu lui-meme, il est absurd, il est criminel de faire une image, une statue de pierre, de bois ou de metal; une seule exception est tolérée celle du Crucifix. C'est qu'elle a son utilité ' ad celebrandam Dominicæ passionis memoriam'<sup>237</sup>,

Em seguida, Bernier comentou:

C'est uniquement par les récits véridiques des livres ou par des silhoues colorées peintes sur les parois des édifices qu'il convient de les manifester aux yeux des hommes.<sup>238</sup>

Os argumentos, a princípio, não legitimaram o uso de estátuas de santos. Contudo, a declaração seguinte, de Bernie, modificou todo o conjunto por um detalhe: "*nam sanctorum statuas nisi ob antiquam absionem atque invincibilem ingenitamque idiotarum consuetudinem, nulla ratione patimur*"<sup>239</sup>

Para Febvre, este texto apresenta a distinção fundamental feita entre as imagens de Deus e dos santos, o costume na Idade Média, entre a França do norte e do sul, assim como da pintura, lícita e útil e a escultura, proibida e maldosa. Mas, sobretudo, podemos visualizar no texto a sensibilidade existente nesta época, que emergia do conflito secular vivido pelos homens quanto às formas de expressão religiosa. O historiador interpretou as questões expostas no texto analisado e concluiu que tratava de um fundo muito velho de

---

<sup>236</sup> Tradução: *Parece que se conserva um ritual, como que preso a cultura dos deuses ou, melhor, de demônios.* (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p. 815.)

<sup>237</sup> Tradução: "De Deus próprio, é um absurdo, é criminoso fazer uma imagem, uma estátua de pedra, de madeira ou de metal; uma só exceção é tolerada, esta do crucifixo. É que esta tem sua utilidade ' celebrar a memória da paixão do senhor'." (Idem, 1962, p. 815.)

<sup>238</sup> Tradução: "É unicamente pelas escrituras verdadeiras dos livros, ou pelas silhuetas coloridas das pinturas sobre as paredes dos edifícios que convem de se manifestarem aos olhos dos homens." (Idem, Ibidem)

<sup>239</sup> Tradução: "*Pois por nenhuma razão suportamos estátuas de santos, se não por antigo, invencível, endêmico nos costumes das pessoas*". (Idem, 1962, p. 815.)

idéias imersas em um passado longínquo. Elas foram pensadas na magia, velha como o homem, materializada na representação das imagens, mais ou menos feitas à sua semelhança. A compreensão do autor se alicerçou nos estudos sobre os ritos de magia “simpática” do livro *Golden Bough*,<sup>240</sup> de Frazer<sup>241</sup>, que demonstra o quanto era universalmente conhecida, difundida, esta ação de representar.

Entretanto, para Febvre, o cristão nada tinha a ver com a magia, ele acreditava em sua realidade e a proclamava pelas reflexões de Tertuliano, de Santo Augustino e de Eusébio de Cesaréia, dentre outros, que relegaram essas manifestações mágicas ao culto pagão. Que os ídolos tenham dado os signos, isso é verdadeiro e conhecido. Mas foram as materializações dessas idéias que permaneceram mágicas (desconhecidas), em suas implicações. Mas existiria, por um longo tempo, a crença na identidade entre o personagem e a figura que o representava. Persistirá, ainda, por longo tempo, sob formas obscuras, o sentimento antigo que animava o *xoanon*, o deus em pessoa que vivia nas estátuas. Um exemplo: as estátuas de deuses dos povos vencidos eram levadas a Roma, em cortejo, em plena época imperial. Elas eram trancafiadas em prisões, com o intuito de vingança pelo fato de esses deuses terem feito a guerra contra o Império.

A pintura permanecia afastada do conjunto de idéias materializadas nas estátuas dos deuses e santos. Atenção para o exemplo do texto<sup>242</sup>, escrito em “francês” arcaico:

*Femme je suis, pourette et ancienne,  
Ne riens ne sçay; oncques letters ne leuz;  
Au moustier voy, dont suis parroissienne  
Paradis painct, où sont harpes et luz  
Et ung enfer où damnez sont boulluz:  
L'ung me faic paour, l'autre joye et liesse.  
La joye avoir fais-moy, haulte Déesse...*<sup>243</sup>

---

<sup>240</sup> Traduzido na França com o nome de *Le Ramon d'or, Étude sur la magie et de la Religion*.

<sup>241</sup> James Frazer (1854-1941), antropólogo social, influenciou os estudos modernos sobre mitologia e religião. Suas fontes principais de dados eram provenientes da História Antiga, dos questionários enviados pelos missionários e oficiais ingleses de todas as partes do império.

<sup>242</sup> Composição francesa La Ballade, que Villon fez para sua mãe orar a Nossa Senhora. A oração encontra-se num francês ainda em formação, daí a presença de vernáculos latinos.

<sup>243</sup> Tradução. Mulher eu sou, pobrezinha e anciã / Nada sei; nem de letras e nem de luzes/ No mosteiro vou, sou paroquiana/ Paraíso pintado, onde estão harpas e luzes/ E um inferno onde condenados penam:/ Um me faz pavor, o outro alegria e êxtase./ Faça-me ter alegria, alta Deusa... In: FEBVRE, Lucien. *Pour*

Para Febvre, o Paraíso e o Inferno pintados eram dois auxiliares preciosos para a predicação cristã. Versos medievais que traduzem a simplicidade, a humildade e a cândida piedade dos pobres velhos descendentes dos camponeses de Nole. Os estudos de Febvre sobre as sensibilidades em épocas anteriores a um acontecimento, intelectual ou material nos possibilitaram um entendimento mais próximo da realidade vivida (acontecida), das causas que realmente propiciaram seu aparecimento. Isso permitiu que os estudiosos sobre o assunto pudessem se desviar de determinadas características impostas aos acontecimentos que lhes eram impróprias ou indevidas<sup>244</sup>. Ao abordar as análises de Febvre sobre a história das sensibilidades, não nos deteremos mais nos estudos que partem de um objeto para aferir a sensibilidade de uma época, mas para estudos historiográficos sobre a contribuição desse objeto.

Febvre escreveu um artigo, *Une Gigantesque Fausse Nouvelle: la grande peur de juillet 89*,<sup>245</sup> sobre o estudo de Georges Lefebvre, intitulado *Grande peur de 1789*, a respeito da história revolucionária francesa. Neste estudo, destaca-se a experiência humana da realidade camponesa, às vésperas da eclosão do grande processo histórico, e não um estudo dos deslocamentos causados por este “Grande medo”. Segundo Febvre, o estudo de M. Lefebvre é de interesse histórico, metodológico ou, se quiser, psicológico. A onda de pânico que varreu o território francês e as regiões limítrofes do reino nas vésperas da Revolução, era diferente das “*jacqueries*” camponesas e das ondas de pânico nascidas nos meios mais pobres e marginais da sociedade. Causadas pela possibilidade de catástrofes físicas ou, por vezes, místicas. A onda de pânico não teve origem nas regiões onde, tradicionalmente, se originavam no território francês, como no caso de Franche-Comté, Alsace, Mâconnais, etc.

Para Lefebvre entender o fenômeno, foi preciso renunciar à idéia mítica e simplista de uma grande vaga atingindo Paris, dirigindo-se e transpondo as extremidades

---

*une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, p.819.

<sup>244</sup> Alguns exemplos quanto à Reforma Religiosa e ao Romantismo na França podem ser vistos no Capítulo 2 deste trabalho, no sub-Capítulo 2.7 - *Os aprofundamentos analíticos sobre os empreendimentos intelectuais de uma civilização*.

<sup>245</sup> FEBVRE, Lucien. *Une Gigantesque Fausse Nouvelle: la grande peur de juillet 89*. Revue de Synthèse, 1933.

do Reino. Segundo Febvre, o autor apresentou um expressivo mapeamento das muitas regiões onde eclodiu o pânico. A cronologia desses eventos, com base em uma documentação expressiva, dava atenção à situação das regiões agrárias, sua demografia, suas questões fundiárias. Lefebvre contemplou também os efeitos desastrosos na economia francesa, como o tratado assinado com a Inglaterra, em 1786. Essas condições sócio-materiais apresentadas afastaram o grande pânico de 1789 das tradicionais causas e circunstâncias das “*jacqueries*”. E, também, das lendas que alimentaram as grandes falsas notícias que promoviam as correntes de pânico. Entretanto, esses movimentos foram analisados em seu teor psicológico com o propósito de dar subsídios e diferenciar o movimento camponês em estudo.

O grande pânico de 1789, segundo Lefebvre, orquestrava-se, ganhava força, organizava-se, conscientizava-se nas ameaças e nos alarmes, em sua luta contra o Antigo Regime, em muitas regiões da França, independente dos eventos parisienses. Este foi o centro objetivado das correntes de ansiedade, que não seguiam as grandes rotas reais em direção à capital. Traçavam uma estranha geografia.

Febvre comentou sobre as possibilidades, vistas por Lefebvre, de uma explicação “racional”, que poderia advir de um “complot” da burguesia, suscitando a revolta camponesa ou de uma aristocracia. Situação que o autor do livro rebateu de maneira convincente, porque as provas de tais “complots” são inexistentes na gênese dos movimentos. Portanto, as explicações de Lefebvre ganharam força nas explicações de ordem psicológica.

Lefebvre analisou as condições materiais e espirituais dos grupos humanos do período estudado, que eram bastante fechados e distantes uns dos outros. A capacidade de comunicação era dificultada pelas condições geográficas e tecnológicas. Cabia aos itinerantes a comunicação das notícias vindas de longe, que eram sempre bem recebidas, creditadas por homens cujas condições de existência física e emocional foram descritas, com detalhes, no Capítulo IV. Portanto, eram homens rudes, sem cultura intelectual, mas imaginosos sobre temas simples, comuns a todas as comunidades rurais. A eclosão de lendas jogou seu papel histórico normal. Para Lefebvre, o grande medo se espalhava nos corações nebulosos dos camponeses, no fundo de suas memórias onde guardavam os restos semi-legendários. Velhas lembranças envoltas em trajes, com falsas histórias sem prestígios. Sobre o papel dos errantes na propagação das catástrofes terríveis, o autor,

segundo Febvre, mostrou a riqueza de detalhes sobre as citações utilizadas em sua obra. Para Febvre, a contribuição de Lefebvre para a história é:

(...) une contribution de premier ordre à l'histoire de la Révolution, de la Révolution, d'une Révolution pourvue de son image de chair, dirais-je volontiers, en songeant à tant de représentations désincarnées d'un mouvement qui, dans uns pays où la terre était à peu près tout, fut de toute évidence marqué puissamment à l'empreinte des masses paysannes. Il apporte par surcroît, la connaissance nécessaire du labeur déformant des imaginations, ce que l'on peut nommer le résultat d'une belle expérience : une de ces expériences spontanées de psychologie du témoignage dont l'histoire si souvent nous ménage la surprise, mais que plus souvent encore, nous laissons se perdre sans profit. Ainsi parfait son oeuvre l'historien qui, dernièrement encore, à l'une des Semaines du Centre international de Synthèse, savait dégager si puissamment les traits caractéristiques, les aspects réellement historiques de la foule révolutionnaire<sup>246</sup>.

O estudo das sensibilidades de uma época promoveu na obra de Febvre um dos aspectos mais revolucionários da historiografia do século XX, no mundo ocidental, sobre as *mentalidades* de outrora. Isso, sem falar de sua importância na elucidação de questões de ordem historiográfica, que durante séculos ficaram obscuras. Para ilustrar esta afirmação, recorreremos ao artigo *Une question mal posée: Les origines de la réforme française et le problème des causes de la réforme*<sup>247</sup>, já mencionado no Capítulo II. Este artigo visualiza a importância, para a historiografia, quando a sensibilidade de uma época é analisada, operando em conjunto com os planos esboçados nos Capítulos III e IV e no início deste.

Aqui, o objeto de estudo é a Reforma religiosa francesa do século XVI. Inicialmente, foi desenvolvido nos moldes que correspondem a uma história intelectual, proposta por Febvre, presente no Capítulo III. Mais precisamente, sobre a produção

---

<sup>246</sup> Tradução : “(...) uma contribuição de primeira ordem para a história da Revolução, da Revolução, de uma Revolução provida de sua imagem de carne, direi voluntariamente, refletindo sobre tantas representações desencarnadas de um movimento que, em um país onde a terra era, há pouco quase tudo, feita de toda evidência, marcada poderosamente, de sua presença pelas massas camponesas. Traz para o crescimento do conhecimento necessário os deformantes trabalhos das imaginações, o que pode-se nomear de resultado de uma bela experiência: uma dessas experiências espontâneas de psicologia do testemunho, do qual a história tão frequentemente ainda, nós deixamos perder, sem proveito. Assim, perfeita sua obra, o historiador que, anteriormente, em uma das Semaines du Centre International de Synthèse, sabia desvendar tao poderosamente os traços característicos, os aspectos realmente históricos da massa revolucionária.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1962, p.828.)

<sup>247</sup> FEBVRE, Lucien. Une question mal posée: Les origines de la réforme française et le problème des causes la réforme<sup>247</sup>. In: \_\_\_\_\_. *Au coeur religieux du XVI<sup>ème</sup> siècle*. 1968, p. 4 – 70.

intelectual, que inaugurou, fundamentou e foi contra-prova dos estudos desenvolvidos em outros campos, tais como a psicologia histórica e a história das sensibilidades. Nas análises sobre a temática, as questões de especificidade, prioridade e nacionalidade, deixaram de ser a preocupação que direcionava o estudo para compreender a Reforma religiosa. Para o autor, tais questões, por um lado, tornaram-se um entrave ao entendimento da existência, ou não, de um movimento tipicamente francês, dentro de um movimento reformista maior. Tal movimento contemplava todo o cristianismo do século XVI no mundo ocidental. Ao distorcer e alimentar controvérsias que atravessaram séculos na produção dos estudos sobre o movimento reformista europeu, estas mesmas questões tornaram-se, no estudo de Febvre, instrumentos de esclarecimento. Pois elas fizeram emergir os interesses e prioridades sócio-religiosos que guiaram os estudos sobre a Reforma em épocas passadas. Tais interesses provocaram conclusões errôneas no resultado de seus estudos, seja por desconhecimento, ou ignorância, do papel que a sensibilidade existente, antes da eclosão da Reforma, desempenhou. Isso proporcionou uma revolução no nível sentimental. Os estudos sobre a Reforma religiosa foram justificados por diversos aspectos dos segmentos sociais intelectuais ligados às suas instituições de caráter religioso ou laico. Elas distorceram o entendimento do movimento religioso, imputando-lhe causas que não resistiriam a uma análise mais apurada dos fatos no começo do processo reformista.

### *5.2.1 A reforma religiosa: uma análise da produção intelectual sobre o tema*

Para Febvre, a existência ou não de um movimento reformista, genuinamente francês, encontrava respostas em uma vasta literatura, produzida por três gerações de historiadores e teólogos. As afirmações e as negações se sucederam sobre a existência do particular no movimento reformista. Nesta literatura, encontram-se autores presos a argumentos inúmeras vezes repassados, sempre marcando passo no lugar comum. Segundo Febvre, o caso Lefévre é típico desta situação. Em 1897, Doumergue, decano de Montauban, sustentava em sua obra *Jean Calvin* a tese de que Levêfre foi o primeiro criador, em data, do protestantismo. Em contrapartida, em 1917, John Viénot escreveu

um artigo para a obra *Bulletin*<sup>248</sup>, refutando a tese de Doumergue. Para ele, não haveria uma reforma religiosa francesa independente da Reforma alemã. O dito e o contradito, para Febvre não tinha mais nada de original, pois tal situação se repetia constantemente dentro da literatura específica. Encontra-se, antes do contradito de John Viénot, a obra de Louis Reynaud, *Histoire général de l'influence française em Allemagne*, de 1914. O autor afirmou que o luteranismo teve seu lugar primitivo não em Wittenberg, mas em Saint-Germain-des-Prés, e que, possivelmente, Lefèvre tenha ensinado o luteranismo a Lutero, assim como o ensinou aos parisienses.

Neste artigo Febvre expôs, exaustivamente, as controvérsias entre os autores e concluiu que as suas causas, a respeito do movimento reformista, não poderiam ser explicadas, simplesmente, por paixões temporais entre teólogos eclesiásticos e historiadores. Elas também não poderiam ser entendidas por idéias gerais, sobre um assunto tão relevante. Portanto, como explicar as divergências de opiniões entre historiadores e teólogos sobre a posição de um Lefèvre em face de um Lutero, e mesmo, diante dos homens de seu país, que, mais tarde, seguiriam Jean Calvino? O velho hábito da controvérsia permanecia e a origem da Reforma continuava sem solução.

Diante das constatações, Febvre direcionou sua análise para a sondagem das velhas posições entre os adversários desde as origens da Reforma. Ele estava atento às justificativas simplistas que, durante os séculos XVI e XVII conspiraram para assegurar concepções, também simplistas, sobre os espíritos, quanto às origens da Reforma. O historiador observa a necessidade de um estudo que colocasse o movimento no quadro político-social de uma Europa sacudida por guerras meio-política e meio-confessionais. Preocupação já presente, em 1551, no historiador Sleidan, em sua obra *De Statu Religionis et Republicae*.

O autor analisou características funcionais dos primeiros intelectuais produtores, homens da Igreja e historiadores, para compreender as respostas dadas sobre as causas do movimento reformista. Os primeiros, párocos ou ministros não se preocupavam em procurar a origem do novo estado de espírito religioso do século XVI. Erguiam-se contra as velhas formas de piedade dos milhares de fiéis ávidos de certezas espirituais. Para os homens da Igreja, eles estavam imbuídos do espírito de obrigações confessionais e de

---

<sup>248</sup> Obra coletiva sobre a História do protestantismo francês, produzida pela *Société d'Histoire du Protestantisme français*.

combate contra seus opositores das Igrejas particulares. Eles não viam a Reforma como um fato religioso, mas, como um fato eclesiástico e político. Tinha-se, para eles, na origem da ruptura com Roma, as conseqüências dos abusos do clero católico. Para esses homens, a história era vista como um arsenal a ser utilizado contra os inimigos. Nas constatações de Febvre, os fatos não obedeciam a uma cronologia fina, pois foram ordenados imperfeitamente, à mercê dos interesses das políticas eclesiásticas. Os últimos, modestos auxiliares dos poderosos senhores das Igrejas, por sua vez, não se dispuseram a se aventurar, segundo Febvre, nas profundezas obscuras de uma história nutrida de psicologia, da qual não se suspeitava, nem de suas possibilidades, nem de sua fecundidade. Os estudos sobre as origens da Reforma permaneceram fora de seu quadro histórico durante três séculos. Dois pontos foram marcantes naqueles séculos de produção: um pela presença e o outro pela ausência.

No primeiro, estava a Reforma nascida dos abusos do clero católico. Esta afirmação teve o aval tanto dos católicos quanto dos protestantes. Contudo, uma questão ficara à margem dos estudos: os Princípios. Para se convencer de tais afirmações, basta abrir a obra de Bossuet, *L'histoire des variations*, de 1688, e a de Jurie, *Du Calvinisme et du papisme em parallèle*, de 1683. Febvre analisou a solidariedade existente entre católicos e luteranos diante da aceitação de Lutero, autor universal e comum da Reforma, assim como das implicações político-religiosas que se depreenderam daí.

No segundo, estavam as questões sobre a prioridade no movimento reformista Luterano, que foram postas de lado durante muito tempo, tanto por alemães, quanto por franceses. Embora a história eclesiástica mantivesse certo debate sobre a posição de Ulrich Zwingli, era Lutero quem tinha certa primazia. Entretanto, colocavam Zwingli no mesmo plano. Eram dois heróis reformistas. No século XVII, os calvinistas reivindicavam total autonomia, frente a Lutero e aos luteranos. Nas obras de Basnage<sup>249</sup>, *Historie de l'Église*, impressa em 1699, e também na de Jurie, Zwingli foi apontado como o primeiro reformador. A querela da primazia, no entanto, não alcançava um Lefèvre, pois os calvinistas não o reivindicavam como um dos seus, assim como um Farel. Embora este último fosse um homem de ação, era considerado um teólogo sem autoridade, que eles conheciam pouco.

---

<sup>249</sup> Jacques Basnage De Beauval (1653-1723). Pastor e teólogo francês da Igreja reformada. Imigrou para os Países-Baixos onde assumiu a Igreja francesa de Haia após a revogação do Edito de Nantes.

Quanto aos estudos históricos aplicados às questões religiosas, nos séculos XIX e XX, Febvre atentava para as hesitações e os comprometimentos dos historiadores diante das possibilidades teóricas e metodológicas da época, correspondente às suas produções. Em uma primeira via teórica e metodológica, há um exemplo bem marcante. Quanto às hesitações entre os historiadores, encontra-se na obra de Ranke, *Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation*. O autor hesitou em deixar o terreno político, e não estava propenso a se aventurar nos problemas de origens do movimento reformista. Muito embora a questão das origens do movimento já tivesse sido levantada pelo historiador Jurieu em 1683<sup>250</sup>. Ele escreveu que o jesuíta Maimbourg, em seus estudos, não sabia como dar conta da atuação de Guillaume de Briçonnet, bispo de Meaux, que se servia das doutrinas de Lefèvre para lançar os fundamentos da reforma dentro de sua Diocese. Para Febvre, Jurie não examinou quais as doutrinas de Lefèvre foram utilizadas pelo bispo de Meaux. Para o historiador, era legítima a relutância do Jesuíta Maimbourg, pois, somente em 1555 as Igrejas reformadas da França seguiram o modelo das Igrejas reformadas de Genève. E, quatro anos mais tarde, haveria o primeiro sínodo das Igrejas reformadas da França.

Febvre prosseguiu sua análise sobre a produção historiográfica do século XIX por uma segunda via. Naquela época, havia, dentre várias características, a presença do espírito moderno na análise historiográfica, e o domínio das análises predominantemente religiosas, sobre o tema, se viram ultrapassadas. Entretanto, os historiadores românticos, de uma maneira geral, retardaram uma análise que se direcionasse para as questões das origens, embora novos acentos fossem colocados sobre o tema.

L'heure en fut retardée par l'intérêt à peu près exclusif qu'en France les historiens romantiques manifestèrent dès l'abord pour la Réforme allemande en général, et pour Luther en particulier: entendons, pour la figure romantique d'un Luther vaguement apparenté au Dr. Faust. N'oublions pas que la quatrième partie du livre De l'Allemagne s'intitule: La Religion et l'enthousiasme, et que d'ailleurs, au chapitre second, Du Protestantisme, Mm. de Staël consacre à Luther quelques phrases d'accent nouveau. Qualifier la Réforme de " Révolution opérée par les idées" comme elle fait, c'était malgré

---

<sup>250</sup> O livro em questão é *Histoire du calvinisme et du papisme*, publicado em 1683.

tout voir plus profond et mieux que tant d'hommes qui s'abstinaient à la définir : une revolte contre des abus<sup>251</sup>.

Assim, houve toda uma renovação dos estudos históricos aplicados aos problemas religiosos nos artigos publicados na *Revue de Deux Mondes*, de 1830 a 1840. Lá, encontram-se os artigos de Michelet, Mignet, Nisard<sup>252</sup>, Lerminier<sup>253</sup>, que estudaram Lutero e Mélanchton *na* Reforma, e não mais *em uma* Reforma alemã, independente das Reformas suíça, inglesa ou francesa.

No fim do século XIX, havia estudos realizados pela *Faculté de théologie protestante de Strasbourg*, que colocaram em destaque o nome e a obra de Lefèvre d'Étapes. Esse foi um personagem que não se separou da Igreja católica, cujas obras promoveram a reforma da Igreja católica na França. Cercou-se de discípulos que se ergueram contra Lutero, ou simpatizaram com ele, mas em grande parte, permaneceram dignitários da Igreja católica. Febvre analisou, após a década de 50, as obras dos historiadores Ferdinand Buisson, E. Doumergue, Orntin Douen e Michelet, atento às suas ponderações, relutâncias e conclusões sobre Lefévre. Para o historiador, a Reforma francesa encontrava-se, a partir de 1870, nacionalizada.

### 5.2. 2 Uma análise dos sentimentos: os estados de espírito nas décadas anteriores à Reforma

A questão de prioridade do movimento reformista estava quebrada, no fim do século XIX. Porém, outra peça do sistema que alicerçava os estudos, permanecia: a tese

---

<sup>251</sup> Tradução: “A hora foi retardada pelo interesse quase unânime que França os historiadores românticos manifestaram desde o início pela Reforma alemã em geral, e para Lutero em particular: entendemos pela figura romântica de Lutero vagamente aparentado ao Dr. Faust. Não esqueçamos que a quarta parte do livro De *L'Allemagne* se intitula: *A Religião e o entusiasmo*, e que, aliás, no segundo capítulo, *Do Protestantismo*, Mm. Staël consagra a Lutero algumas frases de sotaque novo. Qualificar a Reforma de ‘Revolução operada pelas idéias’, como ela o faz, era, apesar de tudo, mais profundo e melhor que muitos homens que se obstinaram a defini-la: uma revolta contra os abusos.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1968, p. 14.)

<sup>252</sup> Charles Nisard (1808-1890), filósofo francês, editor e Tradutor de textos latinos e de História da Literatura. Foi membro da *Académie de Inscriptions e Belles-lettres*.

<sup>253</sup> Eugène Lerminier (1803-1857), professor de Filosofia do Direito no *Collège de France*.

secular dos abusos disciplinares do clero engendrando a Reforma. Uma Reforma que permanecia, não tendo como causa a renovação de idéias e sentimentos.

Febvre empreendeu um estudo que demonstrava, por meio da literatura, os contrapontos às justificativas tradicionais que, durante séculos, os historiadores insistiram em empreender, a exemplo de Ferdinand Buisson. O historiador analisou os livretos de propaganda reformista do início do século XVI, como a *Summe de l'Écriture sainte*, as pregações de Guillaume Farel, a ação reformista de Lefèvre. Eles não se reportavam aos abusos do clero, eram mais voltados para as questões de fé, de justificação. A permanência das causas (caducas) que justificavam a gênese das idéias, ou dos sentimentos, e que levaram ao movimento reformista persistia. Ainda que estivessem diante dos avanços alcançados pelos estudos desenvolvidos na Alemanha no século XX, concernente às questões religiosas. Essas permanências levaram Febvre a citar um pensamento de Marcel Proust:

Les faits ne pénètrent pas dans le monde où vivent nos croyances. Ils n'ont pas fait naître celles-ci; ils ne les détruisent pas; ils peuvent leur infliger les plus constants démentis sans les affaiblir<sup>254</sup>.

Febvre não mais procurava o papel exato que os abusos disciplinares tiveram na gênese do movimento. Não se tratava de contestar, ou não, a existência dos abusos e excessos praticados pelo clero, mas de saber o que aqueles homens *consideravam* abuso naquele tempo. Seriam mais de ordem pessoal que institucional? Sabe-se que o sistema benéfico da Igreja dotava cada função eclesiástica de uma propriedade, que aos olhos dos usufrutuários terminava por premiar a própria função. De acordo com Febvre, havia a necessidade de se perguntar aos participantes deste movimento reformista: *“tout ce était en eux, leurs besoins de foi comme leurs aspirations politiques, leurs esperances sociales comme leurs désirs de certitude morale”*<sup>255</sup> Entretanto, não se perguntavam como os abusos podiam, por eles mesmos, engendrar um movimento religioso positivo e

---

<sup>254</sup> Tradução: “Os fatos não penetram no mundo onde vivem nossas crenças. Eles não as fizeram nascer; eles não os avariam; eles podem lhes infligir os mais constantes desmentidos sem os enfraquecer.” (PROUST apud FEBVRE. Une question mal posée: Les origines de la réforme française et le problème des causes de la réforme. In : \_\_\_\_\_. *Au coeur religieux du XVI<sup>ème</sup> siècle*. 1968, p.23.

<sup>255</sup> Tradução: “Tudo isso se encontrava neles, suas necessidades de fé como suas aspirações políticas, suas esperanças sociais como seus desejos de certeza moral.” (FEBVRE, Lucien. Op. Cit., 1912, p. 20.)

complexo como a Reforma religiosa. A análise de Febvre se voltava para a compreensão das aspirações nos segmentos sociais, a partir das obras e dos sistemas de idéias presentes naquela época. Esta postura, segundo o historiador:

Se placer, pour les examiner et les comprendre, non plus au dehors, mais au dedans des personnes et des oeuvres humaines; sous le système d'idées claires et de concepts ajustés dont nous nous servons pour traduire en langue intellectuelle les sentiments des hommes, restituer des désirs, des vouloirs, des appétits parfois confus, mais violents. Tout ce flot de tendances variées et d'aspirations qui peuvent n'être exprimées rarement avec précision: elles n'en commandent pas moins les actions et les oeuvres; dénoncer enfin la vanité et la malfaisance de ces "périodes" entre les limites artificielles, prisonniers volontaires, les historiens s'enferment eux-mêmes comme si les effrayait la spontanéité vivante, la richesse intérieure d'êtres humains de chair, de coeur et de cerveau.<sup>256</sup>

Febvre desenvolveu sua análise sobre as manifestações dos sentimentos religiosos no fim do século XV e início do século seguinte. Os objetos de estudo que compuseram a análise, foram: as manifestações religiosas, a iconografia, a arquitetura, a produção da imprensa e as condições sociais presentes no século XVI. Eles contribuíram para um entendimento da Reforma em uma óptica nova e dinâmica, pois os estudos proporcionaram um conjunto de conclusões fundadas nos domínios objetivos dos fatos. O autor agenciou deslocamentos constantes nas considerações dos estudos de épocas posteriores à eclosão do movimento reformista. Elas se apresentavam, em sua maioria, presos a sistemas de noções sumárias, como vimos acima, propensos à contestação.

No campo de estudos sobre os sentimentos, houve todo um procedimento metodológico, exposto anteriormente, que permitiu ir ao âmago do sentimento religioso do século XVI. Primeiro: Febvre concluiu que não havia um sentimento de cisão para com a Igreja oficial. O que havia era o sentimento de renovação, mais precisamente, de

---

<sup>256</sup> Tradução: "Se colocar para examiná-los e os compreender, não mais do exterior, mas no interior das pessoas e das atividades humanas; sob o sistema de idéias claras e de conceitos ajustados dos quais nos servimos para traduzir em língua intelectual os sentimentos dos homens, restituir os desejos, as vontades, os apetites, por vezes confusos, mas violentos. Toda essa vaga de tendências variadas e de aspirações que podem não ser exprimidas raramente com precisão: elas não estão comandando menos as ações e as obras; denuncia no fim, o orgulho e a maldade desses 'períodos' entre os limites artificiais, prisioneiros voluntários, os historiadores se encerram em si mesmos como se os apavorava a espontaneidade viva, a riqueza interior do ser humano de carne, coração e cérebro." (FEBVRE. Op. Cit., 1968, p. 25-26)

**novação**, tendo como padrão a Igreja primitiva. Ela seduzia as imaginações e alimentava as aspirações dos homens do século XVI, em sua busca por uma religião mais de acordo com as novas condições sociais. Segundo: o sentimento religioso; no período estudado, encontrava-se em contraposição na França e nos países alemães, com a crença de uma possível onda de incredulidade promovida pelas críticas de origem humanista, ou pelos desatinos materiais e morais promovidos pelo clero. Febvre constatou que o sentimento religioso expresso pelas formas de devoção permanecia fiel às velhas crenças e se manifestava com um fervor todo especial.

Febvre encontrou provas inquestionáveis nas manifestações religiosas do período reformista, da conquista de um número crescente de adeptos, pois elas se apoiavam sobre uma série de práticas, idéias e sentimentos que favoreciam seu progresso. A título de exemplo, o percurso das estações da Via Dolorosa, o culto ao Santo Sudário de Chambéry, a devoção do Rosário, que ganhavam ímpeto sem precedentes. Entretanto, duas manifestações foram mais significativas para a grande massa de cristãos. O culto à Virgem da Consolação, ou de Misericórdia, e o culto do Cristo da Paixão. Estes personagens santos eram pólos que ligavam a dor à ternura, evidenciando as cores de uma piedade que emocionara uma época. Fartamente retratados em obras pitorescas, patéticas e humanas (analisadas por Febvre no artigo *L'Effort Vers La Beauté*, de 1925), com suas características psicológicas e estéticas, que refletiam as necessidades e os sentimentos do novo segmento social, a burguesia.

Outros objetos de estudo foram os testemunhos, como por exemplo, a arquitetura que, por sua vez, materializava o sentimento religioso nas edificações religiosas com seus elementos arquitetônicos. Alguns exemplos são: capelas laterais, oratórios isolados, que foram edificadas nos campos e nas cidades, em grande número, dando testemunhos do prestígio, ainda presente, do estilo *flamboyant*<sup>257</sup>. Isso sem falar da efervescência religiosa da época, que também pode ser percebida na produção da imprensa que, no período estudado, estava voltada para a produção de títulos religiosos. A imprensa atendia somente o clero em suas necessidades de missais, livros de instruções, sermões e obras litúrgicas usuais, mas também produzia para os segmentos sociais capazes de ler,

---

<sup>257</sup> Estilo flamboyant ou flamejante é a fase final da arquitetura gótica francesa, assim chamada porque seu aspecto mais característico eram os ornamentos florais que lembram a forma de flamas (do francês *flamboyant*, 'flamejante'). O estilo originou-se por volta de 1370, e praticamente tomou conta da França até meados do século XV, cedendo, aos poucos, espaço ao estilo renascentista, no início do século XVI.

principalmente, a média burguesia. Houve, naquele período, uma proliferação de livretos de piedade ou de peregrinação, orações de todas as espécies, para todas as circunstâncias e perigos, milagres da Virgem, dos santos, dos mistérios de Nossa-Senhora etc., atestando uma vitalidade das formas sentimentais religiosas ligadas à Igreja tradicional.

Após inventariar grande parte das obras significativas sobre o período reformista, tal como as obras de Émile Male, Louis Gougaud, U. Chevalier, etc., que alicerçam sua exposição sobre as manifestações religiosas, Febvre voltou sua análise para as aspirações e necessidades espirituais dos segmentos sociais. Entre eles, estavam a burguesia, o segmento intelectual religioso ligado à doutrina *ockamista* e o reformista, assim como, os segmentos mais populares - analisados por Febvre, no artigo *L'Effort Vers Le Divin*, de 1925. Febvre investigou as aspirações religiosas e as condições de ordem psicológica vivenciadas pelos segmentos sociais. O autor ponderou que as hostilidades, os desencantamentos cavaram um imenso fosso entre as suas aspirações e a postura religiosa oficial. Para o autor, a Reforma Religiosa nasceu e teve causa no abismo cavado pelas diferenças de aspirações religiosas, alicerçada, em grande parte, pelas vivências socioeconômicas. Houve, então, a ruptura com a Igreja tradicional.

### **5.3 A Reforma e sua contribuição: uma concordância com as aspirações sociais**

A análise de Febvre voltava-se para as duas ofertas que fizeram do processo reformista um movimento de sucesso: **a Bíblia em vulgar e a justificação pela fé**. É importante entender as implicações que essas ofertas representaram para os contemporâneos de Lutero. Embora não se pudesse dizer que fossem invenção da Reforma, e nem que ela foi pioneira em pregar seu uso por todos. Estas questões foram averiguadas por Febvre ao constatar a existência de dezenas de obras de intelectuais entre 1510 e 1530, nas quais milhares cristãos pautaram sua vida espiritual, principalmente as obras de Lefèvre e Erasmo de Rotterdan.

A Bíblia (toda a palavra, e não só o Novo Testamento, em linguagem familiar) poderia ser compreendida sem a interferência de um corpo de tradutores ou censores

patenteados pela divindade. Revela um Deus que o próprio Jesus se prostrava, sem conseguir decifrar os desejos insondáveis. Tratava-se de uma “explosão de idéia de infinito”, segundo Faguet<sup>258</sup>. Os contemporâneos dos reformadores encontravam um Deus vivo, humano e fraterno à suas fraquezas. Em seguida, se não houve a supressão, houve a transformação dos pregadores e sacerdotes. Por outro caminho, Febvre se deteve sobre a difícil questão teológica que depreendia da não necessidade de se concentrar em Jesus-Deus, redescoberto pelos Reformadores (ressalva de Faguet). Entretanto, para a maioria dos crentes, o Deus era o próprio Cristo. Jesus era o Deus encarnado. Febvre promoveu um levantamento das edições da época em questão, que versavam sobre a vida mundana do Cristo. O diálogo direto com a divindade, o crente e o redentor, teriam forte repercussão nas aspirações e nas necessidades sociais, políticas e religiosas da burguesia, assim como nas gentes simples, rústicas e trabalhadoras.

Febvre investigou as características psicológicas, o estado de espírito, as posições políticas do segmento social burguês no século XVI. Tinha como objetivo promover um estudo que observasse uma conformação entre os preceitos e as doutrinas defendidas pelos reformadores e as implicações políticas e sociais. Destaco um estudo que também é uma contraprova para os estudos sobre o movimento reformista e suas profundas raízes sociais. Foi uma total revolução de hábitos e concepções que marcaram os séculos XVI e XVII. Como exemplo, podemos mencionar um Cristo suserano, a quem se deveria obedecer e servir, sem intermediários. No mundo, esperava-se que obedecessem a um Rei, com zelo e paixão, sem se subjugar a uma nobreza de nascimento. Cristo era um suserano e, como tal, um senhor da guerra. Calvino nomeou Jesus *Coelestis dux*, o general do céu, por causa da criação do mundo em seis dias de trabalho, e no sétimo, o repouso da Divindade. No mundo, havia a glorificação do trabalho e a intolerância a um clero e um monarquismo parasitas. Havia uma religião renovada, que não mais atendia às necessidades individuais diante de um altar, mas as de uma comunidade que se reunia em dias e horas marcadas e se manifestava diretamente em louvor. Eram as características de um tempo em plena evolução social e moral.

---

<sup>258</sup> Émile Faguet (1847-1916), crítico e professor francês de literatura, estudou os escritores franceses do século XVI ao XIX, notadamente Rousseau. Lecionou na Sorbonne e escreveu “*La tragédie française au XVI<sup>ème</sup> siècle*”.

A fé justificadora, o segundo aporte da Reforma, abalou as bases seculares que apoiaram a vida espiritual da grande maioria dos cristãos que eram ancestrais dos reformados. As novas tendências religiosas ganharam uma nova e poderosa satisfação. O historiador se distanciou de uma análise dos engendramentos reflexivos que as equipes de teólogos elaborou, tomando por base os ensinamentos dos novos profetas, que se ergueram, no começo do século XVI, contra a velha cristandade. Este procedimento não daria conta das resistências às perseguições sofridas por milhares de fiéis, durante todo um século. Mesmo porque as reflexões apresentadas no período distanciavam-se do credo e da letra de Lutero e de uma grande lista de precursores, a exemplo de Lefèvre. Febvre direcionou a análise para as idéias e sentimentos que se encontravam por trás dessa etiqueta: a **Justificação**.

O exame sobre as noções teológicas que compunham a justificação pela fé, demonstraram uma análise que caracterizava bem as possibilidades de investigação empreendidas por Febvre. Para tanto, o autor lançou mão de uma análise psicológica pautada em estudos próprios do *métier* de historiadores. Deu apreço a textos que foram desdenhados por dogmáticos da época e, também, a muitos desses, adiantados em data. Febvre procurava compreender o que realmente se entendia por justificação pela fé no século XVI, e quais eram as idéias e sentimentos nela existentes. Este esforço de Febvre também contemplava as considerações sobre as características desse entendimento nos segmentos sociais por ocasião da Reforma.

O historiador estudou a compreensão do que seria a Fé para um católico contemporâneo, bem como sua adesão à mensagem divina da Revelação, tal qual a Igreja apresenta e a interpreta. A ele cabe crer e confiar. Esta conduta é a mesma de um católico do século XVI. Isso nos foi revelado pelas expressões presentes nas artes plásticas. Um exemplo é a representação da Virgem portando, à mão, um livro, e sobre sua cabeça, uma igreja. A fé que justifica, ensinada pelos doutores da Igreja, foi embasada na doutrina de Paulo, distante de um credo calcado em retalhos de textos bíblicos. Portanto, distante do pregado por todos os reformadores. Febvre analisou as disposições da Igreja e de Calvino em sua obra *L'Institution*, de 1560, sobre as formas da confissão libertadora dos pecados cometidos e as formas práticas de alcançar uma segurança diante da morte. Investigou, também, as disposições e as recusas dos reformados diante das mesmas questões. Febvre concluiu que, para compreender as recusas à doutrina católica em algumas de suas

práticas (as obras pias, as práticas salutares e as indulgências válidas no purgatório), era preciso considerar as disposições presentes na ordem social.

Febvre concluiu que a revolução de idéias era acompanhada de uma revolução de sentimentos. Para um entendimento dessa revolução, devem-se considerar as disposições presentes na ordem social, como pudemos avaliar no Capítulo IV. Segundo o autor:

Car les hommes de ce temps, c'est vers la vie qu'ils se tournent, d'un appétit et d'une passion avide. S'ils savent que la mort est terme fatal des existences humaines, ils n'entendent pas qu'elle projette sur l'existence entière une ombre sinistre et glacée.<sup>259</sup>

Por um lado, para os reformados, por razões de ordem histórica e crítica, estava a inexistência de textos que validassem o purgatório católico. Por outro, havia o questionamento da autoridade eclesial, com estas preposições:

La vie cessait de chercher dans la mort son point de perspective; et les vivants, impatientes d'user des joies et des ressources du monde, se réjouissaient de trouver dans l'enseignement du temple une raison décisive de secouer le poids des morts<sup>260</sup>.

## **5.4 História e Teologia no estudo da Reforma: esboço de um estudo pioneiro**

Neste estudo, é possível comprovar, mais uma vez, a afirmação, presente no Capítulo II, de que o fazer teórico-metodológico de Febvre manteve-se fiel a um projeto: a configuração de uma nova perspectiva sobre a história intelectual. O historiador dotou essa área do conhecimento histórico de novas abordagens sobre seus objetos, dando-lhe

---

<sup>259</sup> Tradução: “Porque os homens desse tempo é para a vida que, com apetite e paixão ávida. Se eles sabem que a morte é termo fatal das existências humanas, não entendem que ela projete sobre a existência inteira uma sombra sinistra e gelada.” (FEBVRE. Op. Cit., 1968, p.57).

<sup>260</sup> Tradução: “A vida cessava de procurar na morte seu ponto de perspectiva; e os vivos, impacientes para usufruir as alegrias e os recursos do mundo, se contentavam de encontrar no ensinamento do templo uma razão decisiva de se esquivarem do peso dos mortos.” (Idem, 1968, p. 58)

novos tratamentos teóricos e metodológicos, bem como uma elucidação da conclusão, um tanto poética, de estar diante de um lago que aumenta sua superfície constantemente, em busca de novas fronteiras.

Para Febvre, mesmo no corpo denso de seu estudo, em que promoveu uma análise voltada para a História na Teologia, e não a ordem inversa, houve muitos retoques e retificações. E, para tanto, foi preciso um maior volume de monografias que viessem alicerçar, dar possibilidade de correções desejáveis a este empreendimento. Mas que não levassem a uma fragmentação, permitindo uma maior inteireza conclusiva sobre o estudo. Entretanto, implica em apreender as realidades psicológicas existentes sob as fórmulas teológicas e entender suas significações para os homens do século XVI. Tem-se, deste modo, uma empresa de estudo pioneira, que poderia levar a novas conclusões, lançar luzes sobre diversos aspectos da história da Reforma. Segundo Febvre:

(...) l'histoire dans la théologie; cesser de ne voir en celle-ci qu'une collection de concepts et de raisonnements s'agglomérant comme des cristaux dans une solution en vase clos; la rapprocher au contraire de cent autres manifestations de pensée et de sentiment ses contemporaines, et chercher quels rapports nécessaires l'unissent à celles-ci et celles-ci à elle-même; essayer en un mot d'appréhender les réalités psychologiques qui se cachent sous les formules d'école et marquer la signification de celles-ci pour les Français du XVI<sup>ème</sup> siècle: c'est là sans doute une méthode d'avenir et qui, systématiquement appliquée, saura conduire à des conclusions neuves?<sup>261</sup>

Com a nova contribuição metodológica, Febvre observou que as antigas questões, como a de especificidade, de prioridade e de nacionalidade da Reforma e, particularmente da francesa, somente se tornaram um estudo inteligível quando se pretendeu distribuir o movimento reformista em um quadro de nações, atento às realidades psicológicas que as caracterizavam. Pois, na época histórica estudada, as nações européias eram diferentes, dadas suas tradições históricas, organizações

---

<sup>261</sup> Tradução: "(...) a história na teologia; deixar de somente vê-la como uma coleção de conceitos e de raciocínios que se aglomeram como cristais em uma solução em recipiente fechado; ao contrário, aproxima-la do contrário de cem manifestações do pensamento e sentimentos seus contemporâneos, e procurar quais relações necessárias a estas e estas a ela mesma; ensaiar a apreensão das realidades psicológicas que existem sob as fórmulas de escola e assinalar sua significação para os franceses do século XVI: Encontra-se aí, sem dúvida, um método de futuro e que, sistematicamente aplicado, conduz a conclusões novas?" (FEBVRE. Op. Cit., 1968, p.58).

particulares e, mesmo, pela existência que ofereciam a seus nacionais. Por conseguinte, também as questões que envolviam o papado, no que se refere aos seus poderes e **predicações**, não eram vistas da mesma forma por um súdito de Francisco I, ou de Henrique VIII, assim como por eles próprios. Portanto, as necessidades de renovação das formas de piedade, do papel litúrgico e social do clero, das relações dos poderes políticos e da hierarquia eclesiástica não apareciam, nestas nações, da mesma forma. Estas condições nacionais tiveram um papel importante no desenvolvimento da Reforma, levando cada nação a não reagir da mesma forma que sua vizinhança, na excitação dos fatos. Ao mesmo tempo em que levaram à compreensão do seu sucesso, às vezes, mostravam suas fraquezas no movimento. Mas levaram as Igrejas reformadas a apresentarem-se diferentemente de país em país.

Os homens do século XV e início do XVI, que inspiraram e comandaram a renovação das fontes da vida religiosa, só acordaram pelo eco das massas, no momento em que elas estavam confusamente excitadas e com as mesmas necessidades espirituais que eles. Estes homens foram levados, sob um jogo de forças de convergências múltiplas, a se interessarem, bruscamente, pelos ensinamentos de seus precursores. Para Febvre, por qual via arbitrária de uma história, também internacional, que foram das concepções religiosas, filosóficas e morais em uma Europa dotada, pelos séculos de uma mesma cultura espiritual? Diante dessas realidades, segundo o historiador, é um erro pensar que estes homens se encontravam isolados em suas pátrias e se nutrissem de conhecimentos produzidos em seus países destinados a seus compatriotas.

Para Febvre, a análise das sensibilidades presentes em determinada época e lugar, promoveu um entendimento diferente do processo histórico multifacetado que foi o da Reforma religiosa, assim como da produção historiográfica a respeito, ao longo dos séculos. As condições intelectuais, psicológicas e espirituais de cada etapa devem ser estudadas e, se possível, entendidas sob a luz das sensibilidades reinantes. Elas traduzem os complexos e variados estados de espírito de determinadas épocas que, por sua vez, demonstram as verdadeiras necessidades que atendem às produções sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da reflexão sobre a história do mental se materializa nas posturas, nas noções, nos engendramentos metodológicos utilizados na prospecção do mental na obra de Febvre. O seu objetivo foi de acentuar a percepção sobre as alterações nas idéias ocorridas em uma sociedade em um dado período. O espaço de análise para esta compreensão foram os textos escolhidos, que possibilitaram visualizar a construção e o desenvolvimento da noção de *mentalidades*, que se circunscreve a partir dos estudos desenvolvidos nos campos de saberes, desenvolvidos pelo autor rumo a apreensão do mental em época determinada.

As noções e as posturas teóricas de Febvre podem ser vistas em suas obras e em coletâneas de artigos. Neles, estão contidas as formulações de caráter geral sobre seus pressupostos teórico-metodológicos. Nas obras teóricas, a produção historiográfica e sobre a escola historiográfica a que pertenceu, são esboçadas as influências das correntes de conhecimento que o influenciaram no início do século XX, bem como no período entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Poucos trabalhos acadêmicos se dispuseram a estudar seus ensaios, direcionados aos estudos sobre a história intelectual.

O objeto de pesquisa na obra de Febvre são os fatos culturais, levados a interagir com outras instâncias da vida social, ou seja, colocados no quadro histórico em que tiveram origem. Temos, também, todo um arcabouço metodológico, elaborado entre diversas áreas de conhecimento, bem como a interdisciplinaridade entre História e outras Ciências Sociais. Desse modo, conectam-se seus métodos com a finalidade de permitir um maior entendimento sobre as questões colocadas. Resulta desse procedimento a inauguração de um novo campo de conhecimento, com novos campos de pesquisa, em que os objetos pesquisados ganham validade e têm seu valor heurístico aferido.

O autor ao explorar a relação entre o conteúdo de uma “experiência”, a da prática humana, e sua expressão, tanto no nível individual, quanto no coletivo, ou seja, na multiplicidade de sentidos que podem ser construídos. Temos a demonstração prática desse procedimento na sua produção historiográfica. A própria postura metodológica do autor adverte para a inexistência de um acabamento, um término, em se tratando de pesquisa. Ele se direcionou a relação entre o homem e o sistema cultural em que está

imerso. Febvre empenhou-se na totalização da experiência humana em uma determinada época e na forma lacunar e provisória dessa visão de mundo. À medida que se conhece o sistema cultural em que o homem está imerso, escrutina-se suas possíveis respostas, assim como os desafios impostos e as respostas realmente dadas em sua época.

O homem é visto como um elemento que se modifica ao absorver valores, práticas e costumes e, ao reproduzi-los em suas atividades sociais, transforma a sociedade. Estes movimentos revelam as múltiplas esferas de atividades humanas, em constante reelaboração, nas suas complexas interações com o meio cultural e material. As atividades humanas, em uma determinada sociedade, são avaliadas e estudadas em seu conjunto. Com este procedimento, as análises sobre os homens de uma época são feitas considerando as relações existentes no conjunto das atividades sociais.

A exposição se ordenou de forma a permitir visualizar e situar a progressão dos avanços nos campos de conhecimento, guiados pelas constantes interrogações feitas sobre as condições materiais e espirituais nas sociedades em estudo. Pela mesma via, buscou-se atender ao imperativo de responder aos questionamentos que a obra recebeu de vários autores, feitos após a década de 1960. Desse modo, foi possível elucidar críticas imprecisas e atestar, por meio da análise, os engendramentos metodológicos dos campos de estudo presentes na produção historiográfica ligada aos estudos sobre a cultura nas décadas finais do século XX e na atualidade.

O discurso historiográfico de Febvre foi elaborado a partir das concepções clássicas que alicerçavam os estudos historiográficos e do diálogo com as novas perspectivas que se abriam nas ciências do homem no início do século XX. Disso, resultaram diretrizes rumo a uma nova positividade na História. O procedimento do autor provocou campos de tensão permanente, promovidos, em grande parte, por seus estudos se localizarem em um campo de investigação entre dois domínios: o domínio objetivo da Natureza e o domínio subjetivo do Espírito. Entretanto, em sua postura, encontra-se uma coerência metodológica desenvolvida em um projeto guiado por experimentação científica conduzida, forma pela qual o autor entendia o estudo da História.

No primeiro capítulo, apontamos a estrutura metodológica que alicerça os campos de estudo desenvolvidos pelo autor para construir a noção de *mentalidades*, que é um dos instrumentos de aferição do mental. Construída e alicerçada nas preocupações em compreender a realidade total, fundada na idéia de interdependência dos diferentes níveis

do real e no estudo prospectivo e introspectivo das condições de produção que o homem opera em seu meio social, para construir suas obras no plano físico ou imaterial. Posturas possíveis devido ao desenvolvimento de uma técnica de interpretação, cujo objeto é o passado humano suscetível de uma objetivação científica. Assim, temos uma história das idéias feitas a partir das obras imersas em seu meio intelectual e espiritual e interpretadas em função dos hábitos e aversões de seus autores. Isso foi possível por ela, munida dos novos instrumentos de análises: a psicologia coletiva, a análise sincrônica e a análise antro-po-histórica.

Na análise da coletânea desenvolvida no Capítulo II, tivemos a preocupação de nos orientarmos pelo mapeamento traçado pelo autor, que organizou os artigos de forma peculiar. Com este propósito, foi possível entender como se construíram os saberes, identificar os propósitos, as estratégias, as buscas para elucidar questões de cunho metodológico para alcançar seus objetivos. Assim, foi possível adentrar em suas reflexões sobre a dinâmica que os sistemas de idéias adquirem ao se inscreverem nas sociedades. Além disso, pode-se demonstrar como as contribuições vindas dos campos de estudo auxiliaram a compreensão das idéias materializadas no meio social e suas características.

Ao analisar a natureza das idéias que se materializaram na *civilização* ocidental, no artigo intitulado *L'effort scientifique de la Renaissance*, de 1937, Febvre analisou as condições em que o saber se processou, de forma revolucionária, na Renascença francesa. Sua base foram as considerações de Henri Berr sobre as relações entre o gênio científico e a evolução humana tornando oportuna uma possível elucidação dos questionamentos feitos à sua reflexão de que, para cada época, existe uma “*ouillage* mental”, que estrutura tanto a experiência individual quanto a coletiva. Tal reflexão permitia questionar sobre a razão de obras sensíveis e culturais, produzidas em uma mesma época, serem tão diferentes entre si. Não havia uma resposta satisfatória para este fato que, de certa forma, punha em xeque todo o conjunto de reflexões do autor sobre a apreensão do mental em determinada época. O historiador esclarece no artigo que as idéias que se materializam na *civilização* européia, não se apresentaram de forma única e trouxeram, em seu âmago, uma multiplicidade de interpretações. Elas, por sua vez, produzem as diferenciações quando são apreendidas e materializadas. Assim, deve-se considerar as características psicológicas presentes na coletividade e observar que elas se manifestam de forma

gradual nos autores. Para tanto, em seu fazer historiográfico, Febvre se dispôs a analisar as obras, considerando os hábitos mentais, as preferências e aversões de seus autores.

Em um primeiro momento, as reflexões do historiador contidas no artigo trazem para a compreensão de sua obra sobre a história do mental, uma resposta à questão incômoda, de maneira coerente com seus postulados. Evidenciando, assim, as causas das diferenças nas expressões culturais de uma época. Por outro lado, nos leva à necessidade de se adentrar, profundamente, em sua obra e, por meio de revisitações, retirar proventos que permitam elucidar interrogações debatidas em comum por historiadores de todas as gerações sobre os fatos culturais.

Ao prospectar o universo mental de uma época, Febvre avaliou as possibilidades existentes de produção cultural. A partir desta, reconstituiu as condições materiais e espirituais vividas pelos homens. Trata-se de uma metodologia que se aperfeiçou e não primou pela estática e que possui uma dinâmica intrínseca, visível em seus engendramentos metodológicos. Principalmente, se a análise de sua produção não se detiver unicamente a uma obra, ou a poucos artigos. O fazer metodológico de Febvre inviabiliza a afirmação contundente de que, sesu estudos, observa-se a existência de uma postura analítica em que prevaleça o aspecto individual ou o coletivo. Ou ainda, uma supremacia do universo mental de uma época sobre um desses dois pólos. Este fato pode ser comprovado pela organização dos textos feita pelo próprio autor na coletânea em estudo, cujo propósito era demonstrar a progressão dos saberes que os campos de conhecimento adquiriram. A partir destes fatos, podemos afirmar que grande parte dos questionamentos dirigidos à obra de Febvre provinha de análises sobre uma determinada obra. Algo que é legítimo, entretanto, o ilegítimo é transportá-las para uma obra nas proporções da do autor, elaborada, pelo menos, durante quatro décadas, cujas características investigativas promoveram um constante alargamento de conhecimento sobre as *mentalidades* de uma época, guiadas por uma metodologia que se aperfeiçoa a cada novo estudo. Noção que se esboça na interseção de diferentes planos de estudo em constantes acréscimos cognitivos, portanto, não pode ser vista como um instrumento justificador dos acontecimentos materiais e espirituais de uma sociedade e de uma época. Nem mesmo, ser confundida com a *ouillage* mental, que é um inventário necessário dos instrumentos disponíveis aos homens em uma época. Aquela é o resultado de diversos estudos empreendidos sobre o mental de uma época e de suas alterações.

Nos estudos realizados no campo de conhecimento, por meio dos textos selecionados sobre a história intelectual, esboçam-se as etapas percorridas no processo de sua produção. Estes campos de conhecimento não se limitam à história das idéias materializadas no meio social. Há um esforço, por parte do historiador, em compreender as elucubrações e as decisões dos indivíduos e dos grupos sociais, em suas apreensões e práticas das idéias. Esta postura metodológica estava alicerçada pelos conhecimentos e reflexões advindas do campo de conhecimento da psicologia coletiva. Tais conhecimentos nos permitem, além de desvendar as descontinuidades nas *mentalidades* entre o século XVI e o nosso, no âmbito das condições sócio-materiais, delinear o espaço de atuação dos homens em suas interpretações e adequações das idéias a suas necessidades. Dessa forma, vemos as possibilidades do universo mental de uma época ter a preponderância, nos moldes de um marxismo ao inverso. Nestes campos de conhecimento, em que o historiador analisa a dinâmica apresentada pelas idéias em suas materializações nos meios sociais, vemos que os avanços estão presentes na produção de vários historiadores. Dentre os quais estão aqueles que abordam objetos como biografias, história dos intelectuais, história cultural e das *mentalidades*, em sua fase pós-segunda guerra mundial. Um exemplo é o historiador George Duby, que utiliza reflexões e esforços cujas origens estão nos estudos de Febvre.

O campo de estudo da psicologia histórica é um dos pilares sobre o qual a história intelectual de Lucien Febvre se alicerçou. Fruto de um diálogo interdisciplinar que se concretizou no afrancesamento da universidade de Estrasburgo. As linhas de pensamento presentes na *Revue de Synthèse* delinearão posturas do fazer teórico-metodológico de Febvre. Esta área de conhecimento apresenta-se como um veículo que desvenda, no âmbito da história econômica e social, as descontinuidades entre o século XVI e o XX. Pois é por meio das características psicológicas presentes nos homens de determinada sociedade que é possível entender suas ações e condutas sociais, as quais medeiam as condições materiais vividas e as formas de utilização das idéias no universo social da época. Febvre partiu para uma investigação, um inventário das forças materiais, morais, intelectuais e religiosas que agem em um momento determinado, em uma dada sociedade, forjando a consciência dos homens. Não se tratava de reconstituir, na íntegra, a consciência humana de uma época, pois seria impraticável e inútil. Trata-se de

compreendê-la e recompô-la em sua unidade real, evitando dar-lhe um caráter abstrato, sem ligações com uma base material.

Atualmente, esta área de conhecimento não tem muita importância nas reflexões dos historiadores. Entretanto, foi importante para seus antecessores do início do século passado. Podemos ver a obra de Lucien Febvre também como instrumento de elucidação das modalidades de transmissão e apropriação dos “instrumentos sensíveis” pelos agentes sociais. Ainda que se corra o risco de estes termos não terem sido usados com frequência no início do século XX. Vale salientar que o próprio estudo desenvolvido no campo de conhecimento da psicologia histórica não se realizaria sem que essas modalidades, mesmo que subjacentes ao estudo, não estivessem presentes. Os artigos estudados comprovam, de maneira inequívoca, a importância desses engendramentos e reflexões.

A produção historiográfica do autor, sem as preocupações com estas modalidades, figuraria como uma história das idéias sem ligação com as condições sócio-materiais. Seria impossível o historiador explicar, entender e localizar o humano, o vivido e torná-lo reconhecível sem o estudo de objetos que permitissem identificar a sociabilidade de uma época.

Os estudos sobre as sociabilidades de determinada época ocorrem, principalmente, sobre as obras escritas. Podemos comprovar esta afirmação ao atestar que o autor foi um dos precursores da história dos livros e dos seus usos. Avaliar a produção literária – prática recorrente na obra de Febvre – é saber o que se escrevia, produzia e consumia, procurando ter em vista um conjunto. Descarta-se, dessa maneira, a idéia de que uma obra tivesse uma vida abstrata e isolada de outras do mesmo período. Podemos afirmar que a metodologia aplicada está sob a égide: investigação, livro e a sociedade.

O corolário da obra de Febvre sobre a história do mental encontra-se no campo de conhecimento das sensibilidades, não foi ao acaso que o quinto capítulo recebeu o título “*Sensibilidade: um espaço de última análise do campo do conhecimento sobre o mental*”. Este campo de conhecimento encontra-se desde os primórdios de seus estudos, revela-se em suas preocupações com o conjunto de enredamentos presentes nas situações em que os sentimentos se encontram com os sentidos, as ações e as atividades intelectuais. A prospecção dos sentidos que os sentimentos e comportamentos evocam em determinadas circunstâncias, e somente pode se realizar a partir do conhecimento das vivências sociais.

O estudo da sensibilidade de uma determinada época contém a dinâmica e a materialização das idéias em uma sociedade, permitindo responder as questões de ordem historiográfica, a exemplo da Reforma religiosa no século XVI e da Revolução romântica na Europa. Este estudo promove um entendimento diferente desses processos históricos multifacetados, assim como da produção historiográfica a respeito, ao longo dos séculos. Conclui-se, com base no entendimento das reflexões de Febvre, que as condições intelectuais, psicológicas e espirituais de cada etapa devem ser estudadas e, se possível, entendidas sob a luz das sensibilidades reinantes. Elas traduzem os complexos e variados estados de espírito de determinadas épocas que, por sua vez, demonstram as verdadeiras necessidades que atendem às produções sociais.

A história do mental de Lucien Febvre, mesmo não permite aporias em suas reflexões de ordem historiográfica, pois seu propósito foi de produzir uma História com características totalizadoras, que interagisse os fatos culturais com a complexidade móvel dos fatos sociais. Porém, suas reflexões de ordem metodológicas marcam presença nas obras de inúmeros historiadores ligados à história das *mentalidades*; da segunda metade do século XX. Na última década do século, e na atualidade, vemos revisitarem-se as reflexões do historiador quanto às suas reflexões de ordem historiográficas. Para tanto, basta abrir a coletânea organizada por Jean-François Sirinelli e Jean Pierre Rioux intitulada “*Para Uma História Cultural*”. Ela poderá ser um marco de mais uma reviravolta na história dos objetos ligados ao campo cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *L'Enfance et La vie familiale sous l'ancien régime*. Paris : Plon, 1960.
- BACHELARD, Gaston. *A Formação do espírito científico: contribuição para a psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- BERR, Henri. *A síntese em História*. São Paulo: Renascença, 1946.
- \_\_\_\_\_. *La synthèse en histoire: sans rapport avec La synthèse générale*. Paris: Albin Michel, 1953.
- BLOCH, Marc. *La société féodale*. Paris: A. Michel, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Os Reis Taumaturgos*. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à história*. Lisboa: Europa, América, 1965.
- BLONDEL, Charles. *Mentalidade Primitiva*. Paris: Stock, 1926.
- BORKENAU, M. F. *De La représentation féodale à la représentation bourgeoise du monde*. Paris : Ed. Alcan, 1934.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Portugal: Europa-América, 1983.
- BRAUDEL, Fernand. *Annales: Histoire, sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 12<sup>a</sup> année, avril-juin, 1957, n<sup>o</sup> 2, p.180.
- \_\_\_\_\_. *Écrits sur L'histoire*. Paris: Flammarion, 1969.
- \_\_\_\_\_. Lucien Febvre et l'histoire. Paris: 1956. In: *L'éducation nationale*, 13 dez. 1956; Larousse mensuel, jan. 1957.
- BURGUIÈRE, André. *Histoire d'une Histoire: la naissance des Annales*. Paris: Colin, 1979.
- \_\_\_\_\_. (org). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, 1993.
- BURKE, Peter. *Escola dos Annales*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHAUNU, Pierre. *Séville et l'Amérique aux XVI<sup>ème</sup> e et XVIII<sup>ème</sup> siècles*. Paris: Flammarion, 1977, p.11.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_. O Passado composto. Relações entre Filosofia e História. In: \_\_\_\_\_. *A História Cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 69-89.

COLLINGWOOD, R.G. *A idéia de História*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Presença, 1972.

DANTAS, Aldo Aloísio & GALENO. (orgs). *Geografia: Ciência do complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DILTHEY, Wilhelm. A Natureza do conhecimento Histórico. In: GARDINER, Patric. *Teorias da História*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. *A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Unesp, 2001.

DUBY, Georges. História de las mentalidades. In: *Obras selectas de Georges Duby*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 44-66.

\_\_\_\_\_. *Senhores e Camponeses*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

\_\_\_\_\_. *Le Moyen Age: histoire sociale et histoire des mentalités*. Paris: Édition, 1970.

\_\_\_\_\_. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

DUBY, Georges & LARDREAU, Guy. *Dialogos sobre a Nova História*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

DUBY, Georges. O Prazer do Historiador. In : CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre et al. *Ensaio de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1987.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ÉTIENNE, François. Historiadores alemães. In: BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro, 1993.

- FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FURET, François. *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva, s/d.
- GARDINER, Patric. *Teorias da História*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GUARIBA, Ulysses Neto. *Leitura da obra de Lucien Febvre e Marc Boch nos Annales: introdução à análise do conhecimento*. Trabalho de Conclusão (Doutorado)- Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1973. Assis.
- HARTOG, François. A Arte da Narrativa Histórica. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). *Passados Reconstituídos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ FGV, 1998.p.193-201.
- HUIZINGA, J. *O Outono da Idade média*. Editora Erasmus, 1924.
- HUSSER, Edmund. *Psicologia fenomenológica*. Paris: Vrin, 2001.
- JAMMER, M. *The conceptual development of Quantum Mechanics*. New York: Mc Graw-Hill Book Co., 1966.
- LEFEBVRE, Georges. *La Grande peur de 1789*. Paris: 1933.
- LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF (org.). *História. Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 68-83.
- \_\_\_\_\_. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Imaginário Medieval*. Portugal: Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques; LADURIE, E. Le Roy; DUBY, Georges e Outros. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris: Gallimard, 1910.
- LLOYD, Christopher. *As Estruturas da História*. Rio de Janeiro. Zahar, 1995.
- MANDROU, Robert. *Magistrats et sorciers en France au XVII<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Plon, 1968.

- MANN, HANS-DIETER. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Paris: Armand Colin, 1971.
- NOIREL, G. *Pour une approche subjectiviste du social*. Annales ESG, n° 6. Paris: A. Colin, Nov/dez. 1989.
- ODÁLIA, Nilo. *O Saber e a História*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História & Teoria – historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Nouvelle Histoire - e o tempo histórico*. São Paulo: Editora Àtica, 1994.
- RÉMOND, René. *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1993.3v.
- \_\_\_\_\_. *À l' école de La phenomenologie*. Paris: Vrin, 1986.
- RUSSEL, Bertrand. *História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François & RIOUX, Jean Pierre. (orgs). *Para Uma História Cultural*. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editora Estampa, 1998.
- VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Brasília: EDUNB, 1982.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WALLON, Henri. *La mentalité primitive et l'enfant*. Paris: Flammarion, de 1928.

## **FONTES**

- FEBVRE, Lucien. *Philippe II et la Franche-Comté. Étude d'Histoire Politique, Religieuse et Sociale*. Paris : Flammarion, 1912.

\_\_\_\_\_. *La Terre et l'évolution humaine*. Introduction géographique à l'histoire. Paris, Éditions Albin Michel, 1922.

FEBVRE, Lucien. *L'homme du Temps – Le Français de la Renaissance*. *Revue bimensuelle des Cours et Conférences*, 1925, n° 11, 15 mai, p. 193-210 ; n° 12, 1 juin, p. 326-340 ; n° 13, 15 juin, p. 398-417 ; n° 15, 15 juillet p. 578-593.

\_\_\_\_\_. *Un destin, Martin Luther*. Paris: 1929.

\_\_\_\_\_. Une Gigantesque Fausse Nouvelle: la grande peur de juillet 89. *Revue de Synthèse*, 1933.

\_\_\_\_\_. *Le progrès: puissance et déclin d'une croyance*. *Annales d'histoire économique et social*. Paris, 1937. FEBVRE, Lucien. Fondations Économique et sociale de Paris, 1934, p. 369-374.

\_\_\_\_\_. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>ème</sup> siècle – La religion de Rabelais*: Paris, 1942.

FEBVRE, Lucien. *Lettres, sciences et arts*. Agence Économique et financière, 37<sup>ème</sup> année, n° 81, mercredi, 21 mai, 1947.

\_\_\_\_\_. *Combats pour L'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.

\_\_\_\_\_. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962.

\_\_\_\_\_. Les Principaux Aspects d'une Civilisation: la première Renaissance Française (Quatre Prise de Vue). In : \_\_\_\_\_. *Pour une histoire a part entière*. S.E.V.P.E.N., 1962, p. 529-586.

\_\_\_\_\_. Une question mal posée: Les origines de la réforme française et le problème des causes la réforme. In : \_\_\_\_\_. *Au coeur religieux du XVI<sup>ème</sup> siècle*. 1968, p. 4 – 70.

\_\_\_\_\_. *Au Cœur Religieux du XVI<sup>ème</sup> Siècle*. Paris, Bibliothèque Général de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales. Le Livre de Poche. Biblio Essais. Deuxième édition, 1983.

\_\_\_\_\_. *Amour Sacré Amour Profane*. Autour de l'Heptaméron. Paris, Gallimard. [Collection Idées/NRF], 1971.

\_\_\_\_\_. *A Terra e a Evolução Humana*. Introdução geográfica à história. 1991.